prefácio por

Reza Safa

DON RIGHARDSON

0

ÃuírJCA L a HNA

Cdpyright © 2003 - Don Richardson

Do original em inglês: “Secrets of the Koran"

Copyright © 2007 - Todos os direitos reservados em português por:
Horizontes América Latina

Segredos do Alcorão / Don Richardson

Todas as citações bíblicas» salvo quando indicado» foram extraídas da Versão Interna cional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Todas as citações do Alcorão foram extraídas da Versão Samir El Hayek, Marsam Editora Jornalística, São Paulo. 1994.

Design / Capa

Adilson Proc

Projeto Gráfico / Diagramação

Adilson Proc

Tradução

César Marques

Revisão

Chrisrina Domenc / Dcborah Balestrini / Mareia Martins

Impressão e Acabamento

Imprensa da Fé

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
RICHARDSON, Don.

Segredos do Alcorão / Don Richardson; [Tradução de: César Marques] - Minas Gerais : Don Richardson, 2007.

Título original: Secrets of the Koran.

256p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-85-89195-67-6

1. Religião. 2. Cristianismo. 3. Islamismo. 4. Alcorão.

I. Título.

Edição em português - 2007

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada;

ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, elétrico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outra maneira, sem a prévia permissão da editora.

Pedidos e distribuição:

Caixa Postal 420 - Monte Verde - Camanducaia - MG

CEP 37.653-000 - Tclefex: (35) 3438-1546

matcriais@mhorizontes.org.br - www.mhorizontes.org.br

9ndice

Prefácio..... 5

Apresentação..... 9

Introdução..... 11

1. Um livro de paz?..... 19

2. Um lobo disfarçado..... 27

3. Versos violentos, atos violentos..... 47

4. Criticando o Alcorão..... 59

5. A poligamia e o profeta do Islã..... 69

6. Como os muçulmanos tentam defender o Alcorão..... 33

7. Tentativas não-muçulmanas de defender o Alcorão /.//

3. A moral do Antigo Testamento e o Alcorão..... 127

9. A moral do Novo Testamento e o Alcorão..... 131

10. O profeta e o seu legado de guerras..... 145

11. Os planos do Islã para a dominação mundial..... Z5J

12. A infiltração do Islã na cultura ocidental..... 171

13. Uma praga de gafanhotos no século XXI?..... 183

14. Europa: um continente auto-genocida..... 189

15. Louis Farrakhan, o Islã e a escravidão..... 193

16. Uma leitura indispensável..... 207

17. O que devemos fazer?..... 215

Apêndice A — A antiga controvérsia cristã sobre exclusivismo e inclusivismo..... 229

Apêndice B — Os 109 versos de guerra do Alcorão..... 243

J^refácio

SOO?

Em 11 de setembro de 2001, o mundo sofreu uma grande re viravolta. Na esfera espiritual, uma força demoníaca apresentou uma nova declaração de sua existência, propósito e determinação. Na es fera natural, o mundo livre presenciou um novo desafio que ameaça sua própria sobrevivência. Este inimigo que parece não ter face não é uma filosofia, à semelhança do comunismo, mas tem uma ideologia teológica aterrorizante, que já penetrou, em maior ou menor grau, os corações de 1,3 bilhão de pessoas ao redor do mundo.

Na arena política, sempre existem arranjos, devido à natureza do sistema em si. A verdade pode ser uma questão relativa, depen dendo de quem será beneficiado. Por exemplo, depois de 11 de se tembro, políticos e repórteres dos noticiários declararam que o Islã é uma religião pacífica e que grupos como o al-Qaeda são apenas um tipo de fanáticos anormais que não representam o verdadeiro Islã. Poucos se perguntam a partir de que bases tais afirmações são feitas. Os repórteres estão falando tendo como base os ensinamentos e tra dições de Maomé, o mais santo profeta do Islã? Ou estão partindo da mensagem do livro mais sagrado do Islã, o Alcorão? Ou da história

de 1.400 anos do Islã? Em nosso país, o sistema judicial está baseado em fatos, e não em boatos, emoções, sentimentos ou impressões! Em outras palavras, nós, como membros do júri no tribunal da opinião pública, não podemos avaliar as intenções de uma religião com a qual não estamos familiarizados a partir dos analistas políticos. Devemos encarar os fatos, porque as vidas de milhões de pessoas dependem desta avaliação.

Se o Islã é uma religião pacífica, por que Maomé se envolveu em 47 batalhas? Por que, em cada campanha que os exércitos muçul manos conduziram ao longo da história, eles massacraram homens, mulheres e crianças que não dobraram seus joelhos ao senhorio do Islã? Os reinos de terror de homens como Saddam, Khomeini, Kadafi, Idi Amin e muitos outros ditadores muçulmanos são exemplos modernos. Se o Islã é pacífico, por que existem tantos versos no Alcorão sobre matar os infiéis e os que resistem ao Islã? Se o Islã é pacífico, por que não existe um único país muçulmano que permita a liberdade de religião ou de expressão? Nenhum! Se o Islã é pacífico, quem está espalhando uma violência tão terrível como esta que afeta centenas de grupos islâmicos ao redor do mundo, os quais assassinam pessoas inocentes em nome de Alá?

A verdade inegável está registrada na história do que Maomé fez em sua vida e o que, como foi registrado no Alcorão, o deus do Islã requer de seus seguidores. O Islã que Maomé proclamou no séti mo século é algo que todos devemos observar mais de perto, porque esta versão do Islã é mais violenta e tem mais determinação do que muitos possam pensar.

O despotismo islâmico do sétimo século continuou até a que da do Império Otomano, quando se manteve adormecido por um tempo. No entanto, desde que o estado de Israel foi estabelecido em 1948, o Islã do Maomé do sétimo século entrou em ascensão. Mos trou sua capacidade e natureza com a revolução do Aiatolá Khomei- ni, em 1978, no Irã. E desde então, homens como Kadafi e Osama bin Laden têm sacudido a poeira da espada de uma poderosa religião invasora de mundos, e este verdadeiro Islã continua em ascensão. A questão é: como vamos lidar com ele?

Devemos conhecer a verdade, ainda que ela possa ser ofensi va. Nosso único remédio é sustentar a liberdade e a paz. Se a nossa investigação a respeito da verdade do Islã fizer com que mais muçul manos fiquem aborrecidos conosco, nossa atitude será de comprome ter a verdade e nos afastarmos dela para que não sejamos ofensivos, ou de continuar? Devemos, em minha opinião, continuar, porque a mentira é mais prejudicial. Você deixaria de impedir seu filho ou filha de beber um líquido venenoso, mesmo que, ao fazê-lo, ferisse os sentimentos dele ou dela? Obviamente, não! Então, por que não podemos olhar para a história do Islã, o ensino do Alcorão e a vida de Maomé para descobrir se esta religião é o que os políticos e repórteres declaram, ou se está mais inclinada para o que Bin Laden pratica? Se a versão de Bin Laden for o verdadeiro Islã, e se ela está em ascensão, creio que o povo americano e o mundo ocidental têm o direito de saber e aprender a lidar com isso.

O desafio é falar esta verdade em amor. Nosso objetivo não é ser destrutivo, mas instrutivo. Não devemos hostilizar a escuridão ou as pessoas presas por ela, mas abrir uma porta e deixar a luz entrar. Don Richardson fez exatamente isso neste livro, Segredos do Alcorão. Oro para que o Senhor possa levantar mais vozes como a de Don, capaz de falar a verdade em amor. Devemos conhecer a verdade. A verdade é o nosso único caminho para a liberdade. Milhões de mu çulmanos ao redor do mundo anseiam por liberdade e não poderão ser libertos, a menos que mais e mais vozes declarem a verdade e ex ponham a natureza de uma religião que tem mantido seus seguidores amedrontados e cativos por séculos,.

E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará. (Jo 8:32)

Um servo de Jesus Cristo e ex-muçulmano radical xiita,

Reza E Safa

1

(N. do T.) Em português, existem duas traduções aceitas: Mansour Challita (Rio de Janeiro: Associação Cultural Calil Gibran, s.d) e Samir El Hayek

(São Paulo: MarsaM Editora Jornalística, 1994). Exceto quando houver indicação contrária, a versão utilizada será a segunda.

Apresentarão

Cada citação que usei do Alcorão foi comparada com oito versões em inglês para que nenhum erro do tradutor fizesse com que eu entendesse mal o intento de Maomé. Ao longo deste livro, apre sento citações diretas do Alcorão em negrito e citações da Bíblia Sa grada em itálico, de modo que é fácil identificar qual é qual. Escolhi utilizar a tradução de N. J. Dawood do Alcorão para o inglês como meu texto primário, mas também citei outras, sempre indicando a fonte.

Várias traduções do Alcorão diferem ligeiramente em como nomeiam os capítulos e numeram os versos. Assim, é melhor observar os números dos capítulos ao invés dos nomes designados de maneira aparentemente arbitrária. A numeração dos versos em certas tradu ções tem, às vezes, uma diferença de um a três pontos. Se o número que ofereço de um verso em particular não corresponde ao que você encontrar, olhe um pouco à frente ou atrás e poderá encontrá-lo. A fim de captar o sentido original pleno do texto corânico, em determi nados lugares coloquei esclarecimentos entre colchetes. Essa informa ção adicional não modifica o significado ou intento do Alcorão, mas

provê esclarecimentos e o contexto. Como a informação se encontra entre colchetes e não está em negrito, você poderá dizer facilmente a diferença entre o texto corânico e os esclarecimentos.

As sete versões em inglês do Alcorão estudadas para esta crítica,

identificadas pelos nomes de seus tradutores:

• Maulana Muhammad Ali (Columbus, OH: Lahore, Inc., USA, 1998); M. M. Ali acrescenta comentários numerados de 1 a 2.822.

• Ahmed Ali (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001).

• Muhammad Zafulla Khan (New York: Olive Branch Press, 1997).

• N. J. Dawood (New York: Penguin Putnam, 1999).

• M. H. Shakir (Elmhurst, NY: Tahrike Tarsile Qufab, Inc., 2001).

• J. M. Rodwell (New York: Random House, 1993).

• A. J. Arberry (New York: Simon and Schuster, 1996).

introdução

D e O totem da paz até

S egredos do A lcorão

Aqueles que conhecem meus trabalhos anteriores — O Totem da Paz, Senhores da Terra e O fator Melquisedeque — poderão se lem brar de que eu amo encontrar e documentar uma característica fasci nante das culturas humanas.

Eu a chamo de “analogia redentiva ”. Trabalhando com pes quisa lingüística, saúde e educação entre tribos da Idade da Pedra em Irian Jaya, Indonésia, minha esposa, Carol, e eu encontramos costu mes, lendas e tradições nativas que correspondem, por exemplo, a re latos bíblicos da vida e ensinamento de Jesus. Um mediador sensível pode usar estes elementos culturais fortuitos como pontes para persu adir povos minoritários ameaçados a abandonar coisas como guerras tribais, decapitações e canibalismo, antes que o exército nacional e suas Ak-47 s façam a escolha por eles de forma muito traumática.

M inha busca por analogias redentivas

Em O Totem dá Paz, contei como Carol e eu nos aproxima mos de uma tribo de 3.000 decapitadores canibais: os sawi. Descobri mo-los vivendo remotamente num dos vastos pântanos de Irian Jaya. Vivemos entre eles e aprendemos sua língua. Os sawi eram assolados pela malária e outras doenças tropicais. E ainda mais tragicamente, dizimavam sua própria população pela luta numa guerra quase cons tante contra outras tribos.

Como alternativa para uma violência que possivelmente al cançaria o nível de um genocídio, desafiei os sawi a buscar sua paz com Deus e uns com os outros através de aceitação da mensagem cristã.

Deparamo-nos com uma enorme barreira.

Quando lhes contei como Judas, um dos discípulos de Jesus, traiu o Mestre com um beijo, todos exaltaram Judas como o herói da história! E até o homenagearam com o título de taray duran (um mestre da traição). Um dos sawi me disse: “Nunca pensamos em bei jar as vítimas de nossas traições no momento da verdade. Este Judas nos superou! É o tipo de pessoa para quem qualquer homem poderia ficar orgulhoso de prometer sua filha em casamento ”.

Meu coração bateu em falso. Naquele momento, percebi que a traição era o “passatempo nacional ” dos sawi, O que eu poderia dizer para persuadi-los de que Jesus não era uma vítima magistral mente enganada? Como poderia demonstrar que ele, e não Judas, era o herói?

Quando a guerra irrompeu entre duas aldeias sawi próximas, repetidamente eu implorava para que estabelecessem a paz, mas qua se não vi nenhum progresso até que Kaiyo, um pai que morava numa daquelas aldeias, decidiu honrar meu clamor.

Para estabelecer a paz, Kaiyo fez um sacrifício que eu, como

pai, nunca poderia me imaginar disposto a fazer. Ele ofereceu o seu filho, Biakadon, seu único filho, para um de seus inimigos, um ho

mem chamado Mahor. Profundamente emocionado, Mahor recebeu o pequeno Biakadon como uma “criança da paz ”. Então, ele convi dou cada homem, mulher e criança da aldeia dos inimigos de Kaiyo a impor suas mãos sobre o garoto, assumindo assim o compromisso de que nenhuma violência seria perpetrada contra a aldeia de Kaiyo enquanto a sua criança da paz permanecesse viva na casa de Mahor. Fiquei totalmente pasmo ao perceber que Deus plantara na cultura do povo sawi algo análogo à sua provisão redentiva para a humanida de, através do sacrifício de seu filho, Jesus Cristo.

Comecei a proclamar que Jesus era o Tarop Tim Kodon (“a Grande Criança da Paz ”) oferecido por Navo Kodon (“o grande Pai, Deus e Criador de todas as coisas ”).

Esta analogia provou ser mais do que apenas algo que abria os olhos; tornou-se algo que conquistava os seus corações. “Se você tivesse nos dito que a vítima de Judas era uma criança da paz, ” eles me garantiam, “nunca teríamos aclamado este homem. Fazer o mal a uma criança da paz é o crime mais hediondo que se pode conceber. ” Pela fé, eles começaram a impor suas mãos em Jesus, declarando as sim a sua submissão a Deus, o pai que ofereceu a maior de todas as crianças da paz. As decapitações cessaram. Igrejas se espalharam por todas as aldeias. Os sawi aprenderam a resolver seus mal-entendidos através de conversas ao invés de conflitos.

Agora eles são mais saudáveis e felizes, enquanto sua popula ção aumenta a cada dia.

Lugares de refugio

Outra tribo, os yali, tema de meu segundo livro, Senhores da Terra tinha lugares de refugio. Para eles, Jesus se tornou osawa ovelum (“o refugio perfeito ”). Em O fator Melquisedeque, registrei outras 25 analogias redentivas de vários lugares do mundo. Nem todas vieram de tribos animistas como os sawi ou os yali. Por exemplo, na escrita pictográfica chinesa de 4.000 anos de idade, a figura de um cordeiro acima do pronome da primeira pessoa do singular significa “justo ”.

De feto, a leitura literal é “eu, sob o cordeiro - justo! ” Isto serve como um tipo de compasso cultural direcionando o povo chinês a Jesus, ó cordeiro pascal sacrificado para garantir a justiça.

A árvore de cabeça para baixo

Até hoje posso encontrar outros exemplos em quase todos os lugares para os quais olho. Um texto antigo nos Vedas da índia des creve uma árvore de cabeça para baixo, não porque esteja desenraiza da, mas porque suas raízes estão no céu, e seus galhos se espalham por sobre a Terra, provendo frutos para a humanidade.

E ainda por cima, o tronco da árvore de cabeça para baixo tem uma abertura, e pode-se ver que a seiva que flui através dele é como sangue e serve para curar a humanidade.

I slã - a grande exceção

Perto do final da nossa caminhada de 15 anos com os sawi,

imigrantes muçulmanos de outras ilhas mais populosas da Indonésia começaram a trazer o Islã para as tribos de Irian Jaya. Hoje em dia, na Indonésia, o Islã conta com aproximadamente 175 milhões de seguidores.

Gradativamente, minha atenção migrou do estudo das cultu

ras animistas para o do Islã. Cheguei até a viajar para outras nações muçulmanas: Malásia, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita. Também encontrei muçulmanos em quase todos os lugares por onde passei. Então, chegou o dia 11 de setembro de 2001. Enquanto lia e assistia à cobertura dos ataques terroristas islâmicos contra as Torres Gêmeas e o Pentágono, percebi qual seria minha próxima missão na vida: deveria pesquisar as próprias raízes do Islã, começando por seu fundador e seus fundamentos no Alcorão.

Será que eu, alguém que encontrara analogia redentivas na

índia, China e entre tribos selvagens da Indonésia, poderia encon

trar paralelos também no Alcorão ou em outros textos sagrados? Será qúe, da mesma forma que uma analogia redentiva sawi serviu para afastar aquele povo da guerra tribal, uma analogia redentiva corânica, identificada de maneira bem clara, serviria para afastar muçulmanos radicais do terrorismo?

Eu já reunira um conhecimento considerável do mundo mu çulmano antes do 11 de setembro. Agora, teria que examinar os pró prios recursos literários do Islã. Li várias traduções do Alcorão. Tam bém me debrucei sobre outros escritos sagrados do Islã, chamados haãiths, e li muitos livros para pesquisar os achados de pesquisadores anteriores a mim. O que descobri me chocou.

Percebi que o Islã é singular diante das religiões não-cristãs. Ele se coloca como o único sistema de crenças que, devido à sua pró pria estrutura, frustra qualquer pessoa que procure usar a abordagem das analogias redentivas. Eis o que acontece: apesar de Maomé afir mar que o Antigo e o Novo Testamentos vieram de Deus, descobri mos que, 1.400 anos atrás, o "profeta " islâmico redefiniu de maneira um pouco dramática os alicerces fundamentais, incluindo o próprio conceito de Deus. Por exemplo:

• O Deus judaico-cristão mantém suas promessas. Por outro lado, é bem freqüente que o Deus do Islã ab-roga (cancela) as promessas feitas anteriormente. Ele pode até contradizer suas próprias ordens, deixando qualquer coisa que já tenha dito aberta ao questionamento.

• Os cristãos falam de um Jesus que, através de sua morte, sacrificou-se pelos pecados do mundo promovendo a re denção. No entanto, os escritos islâmicos declaram que Je sus não passou pela morte nem ressurreição. O conceito de Deus requerendo um sacrifício como sua base legal para a absolvição da culpa não é simplesmente mal compreendido no Islã, é totalmente negado!

• Os escritos muçulmanos acusam os cristãos de adorar a três deuses e ensinar que Deus teve um intercurso com Maria, fazendo com que ela concebesse Jesus.

• Os textos islâmicos redefinem o céu judaico-cristão de uma maneira surpreendentemente vergonhosa, como explicarei mais tarde.

• A diretiva de Jesus no Novo Testamento de “dar a César o que éde César, e a Deus o que éde Deus ” (Mt 22:21) endossa a separação entre a religião e o governo civil. O Islã, em contraste, liga a religião e o estado com correntes de ferro.

Quanto mais escavava o Alcorão, mais intensamente eu per cebia que diante do Islã, a abordagem por analogia redentiva não fun cionaria. Desta maneira, deveria observar a religião — o seu fundador e seus ensinamentos - através de uma ótica diferente, de certa forma antitética às analogias redentivas.

Considerei cuidadosamente o espectro de possibilidades que

ia desde uma generalização inofensiva e politicamente correta, até uma refutação em grande escala e mais severa. Sentindo-me, de certa forma, como um advogado que pressiona uma testemunha que não quer cooperar, optei por abordar esta pesquisa pelas lentes de um interrogador. Ela também poderia ser chamada de um jornalismo investigativo, aliado a um comentário apaixonado baseado em fatos. Partindo do que os muçulmanos consideram como sua fonte mais confiável, o próprio Alcorão, tenho procurado a verdade acerca dele mesmo e de Maomé. Neste livro, apresento o que creio ser uma ques tão esclarecedora e necessária. Vocês, os leitores cristãos, muçulmanos e outros, são um júri de facto, avaliando as evidências que apresento. E, é claro, Deus é o juiz definitivo de todas as coisas. Conforme você lê, tente abandonar quaisquer pressuposições que possa ter a respeito do Islã, de Maomé e do Alcorão. Observe as palavras do Alcorão e as ações do fundador do Islã, conforme descritas nas fontes islâmicas. Abra seus olhos para os segredos guardados dentro do texto árabe do Islã e a verdade que a história revela. Pergunte a respeito do que significam hoje para os muçulmanos e para o mundo todo.

Leitores cristãos podem estar se perguntando por que não dou uma ênfase maior em como o amor de Deus supera todo mal

e injustiça. Esteja certo de que o fundamento implícito deste livro descansa em minha mais profunda convicção de que Deus ama a todos, incluindo os muçulmanos, e em minha sincera esperança de que o amor de Deus irromperá com a revelação de um conhecimento factual.

Faço uso de um tom agressivo, investigativo e interpretativo, não para atacar ninguém, mas para revelar, compreender e destacar plenamente os fatos. Não pretendo lançar um ataque hostil que po deria ser interpretado como uma afronta pessoal aos muçulmanos. A maioria dos muçulmanos não é formada por pessoas más.

Na verdade, ao examinar o Alcorão, a vida de Maomé, os ensinos muçulmanos e os escritos de muitos apologistas do Islã, não estou querendo dizer que cada muçulmano concorda e nem mesmo compreende os problemas enfronhados no seio do Islã. Nem afirmo que cada muçulmano defende cegamente todas as ações e ensina mentos de Maomé. Além do mais, sei que muitos muçulmanos não lêem o Alcorão ou apenas lêem em árabe, mesmo sem compreender a língua. Infelizmente, muitos guardiões do Islã têm escondido ou dis torcido muito do que está no coração e nos fundamentos da religião. Na verdade, certamente, leitores muçulmanos honestos e pacíficos precisarão reexaminar sua própria fé, uma vez que tenham os fatos em suas mãos. Esta é uma assustadora realidade; no entanto, se que remos desfrutar de uma paz, é algo que devemos encarar nesta era pós 11 de setembro.

Com isso em mente, vamos abrir os nossos olhos e começar a examinar os segredos do Alcorão.

1

“Islam Today. ” Disponível on-line em http://www.pbs.org/empires/islam/faithtoday . html (acessado em 9 de agosto de 2002).

1

JOQ8

Qlm íiuro cJa pai?

Desde 11 de setembro de 2001, o Alcorão, algumas vezes chamado Corão ou Quran, tem sido um campeão de vendas, e não somente no mundo árabe, mas também nas nações ocidentais. Por que, repentinamente, os leitores ocidentais se interessaram tanto por um livro que é a carta fundamental da religião chamada Islã? Alguns muçulmanos, os seguidores do Islã, esperam que este au mento em vendas nas nações ocidentais possa resultar em mais convertidos para sua religião.

Na verdade, muitos compradores ocidentais do Alcorão es tão simplesmente incomodados com algumas questões críticas: o que há neste Alcorão, que para o al-Qaeda e outros muçulmanos revolucionários, prontos para pegar em armas, autoriza o terroris mo? O Alcorão apóia o seu radicalismo de alguma forma, ou é, na verdade, como muitos muçulmanos veementemente afirmam, um livro de paz?

Em geral, comentaristas da mídia ocidental descartam os terroristas islâmicos como fanáticos que citam o Alcorão distorcida- mente para avalizar seus objetivos políticos anti-americanos e anti- israelitas. Não muito tempo depois dos ataques em Nova Iorque e Washington, o presidente George W. Bush declarou que Osama bin Laden e seus seguidores “sequestraram ” uma grande religião em nome

dos seus objetivos insanos.

1

Ao mesmo tempo, no entanto, outros repórteres da mídia nos informavam que membros da al-Qaeda de Osama bin Laden não apenas liam o Alcorão, mas, na verdade, memorizavam grandes porções dele! Alguns, como John Walker Lindh, cidadão americano treinado pelo al-Qaeda, chegaram a memorizar todos os seus 6.151 versos! Será que o seu conhecimento íntimo do Alcorão é parte do que inspira estas pessoas a buscar a guerra? Se os terroristas do al-Qa eda estão explorando o Alcorão apenas como uma fachada para seus objetivos políticos primários, é certo que a memorização de apenas alguns versos seria suficiente.

A mesma mídia relata inconsistentemente que embaixadas ocidentais em nações muçulmanas emitem boletins regulares estimu lando os não-muçulmanos a fazer compras e turismo em quaisquer dias, exceto às sextas-feiras. Não porque as lojas muçulmanas estejam fechadas às sextas, nem porque o Islã tenha regras contra os passeios no dia de descanso. O Islã não tem dia de descanso! Então, por que? A sexta-feira é o dia em que os muçulmanos se reúnem nas mesqui tas, durante as primeiras horas da manhã, ou, nos países tropicais, durante a sesta para rezar e ouvir sermões do Alcorão. As embaixadas ocidentais sabem que os muçulmanos que vêm das mesquitas, se in citados por ter ouvido um sermão particularmente hostil, podem, às vezes, atacar os ocidentais. Se o Alcorão ensina os muçulmanos a co existir pacificamente com não-muçulmanos, como tantas vozes nos asseguram, a sexta-feira seria o dia mais seguro para um não-muçul mano encontrar multidões de muçulmanos nas ruas de Islamabad, Karachi ou Jacarta.

A penas anti - ocidental e anti - isrelita ?

Ou ANTICRISTÃOS TAMBÉM?

Os ataques aos EUA e os bombardeios suicidas em Israel são amplamente divulgados, mas raramente outras evidências crescentes de ódio radical islâmico alcançam as telas das nossas televisões. Em raras ocasiões, e nunca acompanhadas de comentários, vemos cenas de aprendizes do al-Qaeda com suas AK-47 s engatilhadas, invadin do um grande salão com uma cruz à mostra na parede. Obviamente, os aprendizes estão praticando assassinato de cristãos durante um culto.

Será que isso significa ódio contra os americanos, mas não contra os cristãos de outras nações? Receio que não! Atiradores radi cais muçulmanos, em 29 de outubro de 2001, invadiram uma igreja em Bahalwapur, no Paquistão, e assassinaram 16 cristãos paquista neses, não americanos, a sangue frio, durante um culto. O governo muçulmano do Sudão está cometendo um genocídio contra cristãos núbios na região sul da nação. Também existem relatos vindos das Ilhas Molucas a respeito da Laskar Jihad, um movimento que tem um parentesco filosófico com a al-Qaeda de Osama bin Laden, usan do a força para compelir centenas de católicos indonésios a se con verter ao Islã ou morrer.

O que os católicos indonésios aterrorizados têm que fazer para se converter ao Islã? Tanto homens quanto mulheres devem ser circuncidados. Tesouras não-esterilizadas servem como instrumentos. A morte é a única opção para aqueles que resistem. Mas será que eles não poderiam fingir a conversão ao Islã, mesmo a custa desta muti lação dolorosa e humilhante, e depois voltar ao catolicismo? E claro que poderiam, mas sob a mesma ameaça de morte! A lei do Islã, a

sharia

y

rigorosamente aplicada pela Laskar Jihad, tem uma armadilha

implícita.

Os que abandonam a fé islâmica são rotulados de apóstatas, e a penalidade para a apostasia sob a sharia é a morte.

Crescem exponencialmente os casos de violência contra ame ricanos, israelitas e cristãos em muitas partes do mundo muçulmano. Na verdade, não temos escolha. Devemos parar de fugir da questão que preferimos não formular. Já que praticamente todos os que estão perpe trando tais agressões atribuem sua lealdade e inspiração ao Alcorão de Maomé, não seria verdadeiro que parte do Alcorão foi realmente escrita para inspirar violência, cuja forma moderna poderia ser interpretada como um chamado para jogar aeronaves transportando centenas de passageiros contra edifícios ocupados por milhares de pessoas?

Se isso não for verdadeiro, então nós, os não-muçulmanos, devemos fazer mais do que enviar tropas para locais como o Afega nistão. Devemos ajudar os muçulmanos moderados, que consideram o Alcorão um livro que inspira a paz, em sua missão de persuadir os muçulmanos radicais a cessar sua má-interpretação tão danosa deste livro pacífico!

Mas e se, pelo contrário, o Alcorão realmente defende a paz, mas apenas nos termos firmados pelo Islã? E se, na verdade, o Al corão, em qualquer outra circunstância, conclama para uma guerra contra os não-muçulmanos? Neste caso, o que entendemos inocen temente que os apologistas muçulmanos, tidos como moderados, querem dizer quando falam de paz a partir do Alcorão não é o que realmente pensamos! O que chamam de paz, então, é apenas uma cenoura pendurada numa vara. As sociedades não-muçulmanas se riam os jumentos que devem se arrastar atrás da “cenoura da paz ” que nunca será alcançada.

Apologistas moderados do Islã, dentro de nossas fronteiras, e terroristas muçulmanos que atacam de fora aparecem, talvez até inconscientemente, como conspiradores numa estratégia de bom po- licial/mau policial.

Neste cenário, o Islã é uma força hostil em busca de supre macia, que tenta agarrar a civilização ocidental entre as hastes opostas de uma grande pinça islâmica. Somos vistos como criminosos a ser pressionados até que confessemos “a verdade ” do Islã.

Constantemente, a mídia reconhece os objetivos dos terroris

tas muçulmanos do al-Qaeda como tendo duas faces: politicamente anti-americanos e anti-israelitas. Devemos despertar para o fato de que seus objetivos são muito mais amplos. Evidências abundantes re velam que seus objetivos se mostram igualmente anticristãos. E como o cristianismo é maior que o judaísmo e maior que os EUA, este é definitivamente o maior alvo na mira dos planos de longo prazo dos radicais do Islã.

E ainda tem mais! O Islã radical afirma ter autorização do Al corão para se opor não somente a judeus e cristãos, mas também a qualquer um que não aceite Maomé como profeta, o Alcorão como divinamente inspirado, o Islã como a religião definitiva e zjihadcomc) o dever sagrado de cada muçulmano. Desta maneira, hindus, budistas, taoístas, adeptos da nova era, ateus, agnósticos, materialistas, huma nistas seculares e até os muçulmanos verdadeiramente moderados en contram-se dentro da lista de execução deste Islã radical. Dificilmente haverá uma preocupação mais importante para o mundo de hoje.

Se a visão que os muçulmanos radicais têm do Alcorão está correta, sempre haverá muçulmanos respondendo ao seu chamado para a violência. O público de todas as nações deve ter informações mais amplas do que as meras preocupações da contenção de danos e do expediente político. Algumas vozes parecem se preocupar apenas em ajudar o Islã a recuperar sua reputação, em virtude das tragédias perpetradas em 11 de setembro de 2001. Será que evitar a perda de vítimas futuras não é uma preocupação mais importante?

E xaminando o A lcorão

Os capítulos que vêm a seguir, direcionados por oito dife rentes traduções do Alcorão para o inglês, examinam o que os mu çulmanos entendem como as palavras que Deus ordenou que o anjo Gabriel ditasse em árabe através de Maomé, o árabe fundador do Islã, para vários escribas no início dos anos 600. Os últimos capítulos

examinam como os ensinos do Alcorão influenciaram as relações en tre muçulmanos e não-muçulmanos durante os 1.300 a 1.400 anos, desde que as várias recitações do Alcorão fossem compiladas em um só livro nos desertos da Arábia.

Será que Maomé, que também é chamado Mohammad, Muhammad ou Mohammed, realmente pretendia inspirar a paz e a boa vontade entre as pessoas, como é ensinado no Novo Testamento, ou a questão é totalmente oposta? O que o próprio Alcorão e sua in fluência sobre a história revelam? Muçulmanos radicais como Osama bin Laden estão levando a sério o que a maioria dos muçulmanos simplesmente ignora, ou eles simplesmente não entendem o Alcorão? Se Maomé voltasse hoje, ele elogiaria Osama bin Laden ou ficaria ao lado dos muçulmanos moderados?

O mero fato de que mais de 1 bilhão de pessoas consideram o Alcorão divinamente inspirado faz dele um livro extremamente im portante. O Alcorão fica em segundo lugar, atrás apenas da Bíblia, honrada por 1,6 bilhão de pessoas, em seu potencial de influenciar as questões humanas a partir de uma perspectiva religiosa.

E ainda existe o fato de que milhões de muçulmanos credi tam ao Alcorão a inspiração divina sem ter nem ao menos folheado este livro, assim como milhões dos que se dizem judeus ou cristãos raramente lêem o Tanach ou a Bíblia. Um amigo meu perguntou a uma muçulmana iraniana chamada Peri se ela já tinha lido o Alcorão. Sua resposta foi: “Bem, não li, mas todos sabem o que está escrito ali. ” Será que sabem mesmo?

Devotos que conferem a um livro algo tão importante quan to a inspiração divina, sem realmente conhecer os seus conteúdos, ficam vulneráveis aos impostores. Mestres inescrupulosos, deturpan do o que Deus exige no livro reverenciado, que não é lido, podem induzir pessoas sinceras a cometer, em nome de Deus, crimes que normalmente abominariam. Por outro lado, se um livro reverenciado realmente faz exigências criminosas em nome de Deus, será que tais devotos não deveriam abençoar a si mesmos e ao resto da humanida de anulando sua devoção?

Devemos nos perguntar: estamos falando de um livro de paz ou do Mein Kampfde Maomé? As citações do Alcorão que se seguem e o resumo de como elas influenciaram a política muçulmana desde os anos 600 até hoje servem para pessoas secularizadas e também para as religiosos: cristãos, judeus, hindus, budistas e, sim, até para mu çulmanos. Muçulmanos e muçulmanas que, como a iraniana Peri, nunca leram o Alcorão, mas pensam saber o que está escrito nele, devem mais informações a si mesmos. Este é o dilema muito sério para milhões de muçulmanos amantes da paz.

Apologistas muçulmanos - entre eles os que prefeririam que o mundo fosse deixado ignorante sobre certas partes do Alcorão — muito provavelmente me acusarão de interpretá-lo mal. Respondo antecipadamente: qualquer pessoa com um computador pode con firmar facilmente a exatidão das minhas citações em suas próprias telas. Simplesmente acesse um mecanismo de busca, como o google. com, por exemplo, e digite “Alcorão ”. Você poderá escolher entre inúmeros sites de acesso imediato a cada palavra do Alcorão.

OS VERSOS DE GUERRA

Cenamente, o leitor terá ouvido apologistas do Alcorão re conhecendo que existem versos de guerra no livro, sim, mas poucos. Cada apologista muçulmano se apressa em acrescentar que uma pe quena quantidade destes versos se relaciona a algumas crises milita res inevitáveis na história primitiva do Islã. Eles nos garantem que nenhum verso de guerra tem a intenção de servir como um modelo, incitando muçulmanos à hostilidade contra não-muçulmanos resis tentes. Qual é a verdade sobre esta questão?

Na verdade, existem pelo menos 109 versos de guerra identi ficáveis no Alcorão. Em cada 55 versos do Alcorão, um é de guerra. Eles estão espalhados pelos capítulos de Maomé assim como os res pingos de sangue numa cena de crime. Demonstrarei, a partir das suas próprias palavras, que ele não deixa seus leitores em dúvida — sua

intenção era, obviamente, que os versos de guerra fizessem com que os muçulmanos se levantassem para forçar a conversão dos não-mu çulmanos ao Islã, até pela violência, se necessário. Maomé ordenou que se os não-muçulmanos não se convertessem, fossem mortos, es cravizados ou, caso o Islã tenha o pleno controle político, paguem impostos pesados para que o Islã possa avançar perpetuamente.

E ainda assim hesito. Por quê? Se eu simplesmente ficar ci tando versos de guerra, após versos de guerra, após versos de guerra, dentre as 109 amostras, muitos leitores, vendo apenas palavras no papel, podem pensar que elas são apenas isto: palavras que soam vin gativas e que foram registradas em papel, mas permanecem inocentes porque não levam a atos reais de violência. Até mesmo o Mein Kampf de Hider, se não fosse pela Segunda Guerra Mundial, poderia ser justificado por alguns apenas como a forma de Hitler expressar as suas frustrações. Assim, sou obrigado a citar os versos de guerra de Maomé no contexto da violência real que eles descreviam ou inspira vam. Palavras violentas que provocam feitos violentos não podem ser desprezadas como divagações inocentes.

Os eventos trágicos que descrevo nas páginas que se seguem são todos confirmados por fontes muçulmanas. O leitor pode achar estranho que os perpetradores de crimes tão repugnantes possam con fessá-los desta maneira audaciosa. Na verdade, a violência à qual Ma omé inspirou seus seguidores era tão penetrante que tanto o primeiro quanto os segundos parecem ter perdido o senso de quão desprezíveis os relatos dos seus feitos soariam aos leitores nao-muçulmanos nas eras que viriam. Como o próximo capítulo mostra, eles praticamente se gabam de assassinar inocentes.

Steven Waldman, “A Great Moment for Muslims ”. Disponível on-line em www.belief- nec.com/story/90/story_ 9015.html . Acessado em 29 de julho de 2002.

Um lobo disfarçado

2

Para compreender os segredos do Alcorão, devemos começar aprendendo algo sobre a vida do homem que, de acordo com a his tória islâmica, deu origem a ele. Seu nome era Maomé. O ano mais aceito para o nascimento de Maomé é 571 d.C. Ele nasceu em Meca, um grande centro numa rota de caravanas que ia de norte a sul, mais ou menos paralela ao Mar Vermelho, no oeste da Arábia. Meca tam bém abrigava a Caaba, um templo com 360 ídolos representando os 360 deuses que várias tribos pagas da Arábia adoravam.

Órfão desde criança e criado por um tio, Maomé nunca aprendeu a ler. Ainda assim, conseguiu trilhar uma trajetória e alcan çou o status de administrador de uma companhia de caravanas, cuja proprietária era uma viúva rica chamada Khadija. Eles se casaram. Khadija era muitos anos mais velha que ele, mas mesmo assim deu- lhe quatro filhas.

No início dos anos 600, Maomé começou a seguir o caminho dos videntes árabes que buscavam a luz espiritual. Retirou-se para

uma caverna no Monte Hira, próximo a Meca. Pouco tempo depois, afirmou tem recebido visitas de Gabriel, um arcanjo mencionado por judeus e cristãos. Ele dizia que Gabriel lhe aparecera em nome do mesmo Deus que judeus e cristãos adoravam. Maomé chamou este Deus de Alá.

A entidade identificada como Gabriel começou a explicar o que Maomé deveria fazer como servo de Alá. Deveria se opor à ido latria a ídolos pagãos onde quer que estes fossem encontrados, espe cialmente a dos ídolos na Caaba de Meca. Para o enorme desprazer dos ricos mantenedores da Caaba, Maomé se proclamou profeta e começou a pregar veementemente contra a idolatria pagã. E a hostili dade das pessoas de Meca a este ardente monoteísmo chegou a forçar Maomé a fugir para Medina, uma outra parada de caravanas localiza da a pouco mais de 300 quilômetros ao norte de Meca, juntamente com alguns poucos seguidores, em 622 d.C.

Os poucos que fugiram com Maomé foram aqueles que acei taram a afirmação de que o Deus dos judeus e cristãos o consagrara profeta para os árabes apenas pela sua palavra. Alguns árabes não cre ram na mensagem de Maomé porque preferiam adorar seus ídolos. Outros simplesmente ficaram em dúvida, dizendo: “Você afirma ser um profeta como os profetas nos quais os judeus e cristãos crêem, mas nós, os árabes, nunca tivemos profetas assim, portanto não sabe mos como determinar quem é ou não [enviado de Deus] para ser este tipo de profeta... Mas os judeus sabem como reconhecer este tipo de profeta. Então, se eles validarem a sua reivindicação, acreditaremos

em você. Se não, manteremos nossas próprias crenças ”.

1

Esperando ganhar seguidores em Medina mais rapidamente do que era possível em Meca, o centro da idolatria árabe, Maomé se viu envolvido com a necessidade urgente, na esfera das relações públi cas, de ter judeus afirmando sua reivindicação de profetismo bíblico.

Aparentemente, os poucos judeus que moravam em Meca, menos instruídos do que seus compatriotas mais letrados de Medina, preferiram deixar o

julgamento das reivindicações de Maomé para os últimos. Os judeus de Meca, uma pequenina minoria naquela ci

dade, compreensivelmente, preferiram não se enredar na venenosa “situação Maomé ”. Os de Medina, no entanto, e para seu grande arrependimento posterior, viram-se cada vez mais pressionados pelos árabes curiosos daquela cidade para que manifestassem suas opiniões a respeito do auto-intitulado profeta de Meca.

O PROBLEMA DE ENCONTRAR APOIO PARA AS REIVINDICAÇÕES DE MAOMÉ

Em Medina, Maomé ofereceu os seus serviços à cidade para ser árbitro nas disputas. Naquele papel, constantemente, ele buscava se entrosar com os colegas árabes e, pelo menos no começo, com a considerável população judaica.

Observando-o arbitrar as disputas, os judeus também pude ram olhar Maomé mais de perto, buscando quaisquer sinais de que ele tivesse recebido algum dom profético de Deus. Sua habilidade para operar milagres teria sido uma boa evidência, mas Maomé não era ca paz de oferecer um único milagre físico como prova de seu profetismo. Na verdade, algumas passagens no Alcorão expressam sua consternação com o povo que sempre pedia milagres como apoio para suas reivindi cações. Sem os milagres, o que mais Maomé poderia oferecer?

A demonstração de perícia em oferecer revelações, confirman do o Antigo Testamento, era mesmo a única maneira que Maomé en controu para impressionar os judeus de Medina. No entanto, o próprio Alcorão mostra que o seu conhecimento dos livros sagrados judeus era absurdamente deficiente. Mesmo o que ele afirmava ser inspiração di vina não podia compensar a falta de conhecimento das Escrituras.

Uma omissão flagrante

Apesar de os primeiros 89 capítulos do Alcorão, compila dos anos depois, não trazerem nenhuma pista sobre o conteúdo das primeiras revelações de Maomé, ele ofereceu aos judeus em Medina

uma narração que certamente os fascinaria: a história do Êxodo! Posteriormente, o Alcorão traria as suas interpretações dos confrontos de Moisés com o faraó, o governador do Egito antigo, 27 vezes em seus primeiros 89 capítulos. Em outras palavras, Maomé repetiu a mesma.história uma vez a cada 3,3 capítulos! Certamente, essa era uma de suas histórias de púlpito favoritas. E triste, mas em nenhuma vez sequer das 27 em que a saga do Êxodo foi contada, Maomé incluiu um componente fundamental da história: a Páscoa! Como os judeus poderiam aceitar como profeta um homem que não tinha a menor idéia da importância da Páscoa, se é que ele sabia alguma coisa a respeito dela?

Outras lacunas no conhecimento de Maomé

Omitir a Páscoa na história do Êxodo não foi o único lapso de Maomé. O Alcorão revelaria mais tarde que ele pensava que Adão e Eva tinham pecado no paraíso, e não num jardim terre no, e entendia que o casal pecaminoso fora mandado para a Terra somente depois de ter pecado (veja o Alcorão 7:19-24). Alguns tradutores muçulmanos tentam dissimular esse erro usando a pa lavra “jardim ” ao invés de “paraíso ”, mesmo que revelem a verdade alguns versos depois, quando Deus, depois do teste, diz a Adão e Eva: “Descei!... Tereis, na terra, residência e gozo transitórios ” (Alcorão 7:24).

Maomé ensinou mais tarde que Hamã, um persa no livro bíblico de Ester, fora um ministro do faraó no Egito 900 anos antes, nos dias de Moisés (veja Alcorão 28:5-6,8). É claro que, para aceitar, este fato, os muçulmanos devem assumir que o nome persa Hamã era coincidentemente um nome masculino no Egito de séculos antes.

Maomé também confundiu o Rei Saul, mencionado no An tigo Testamento no Primeiro Livro de Samuel, com Gideão que, em Juízes 7:1-7, escolheu 300 guerreiros dentre 10.000 homens ao ob servar como eles bebiam água (veja Alcorão 2:249).

Uma lenda pitoresca é canonizada

Em algum lugar, Maomé deve ter ouvido uma curiosa lenda judaica. Quem quer que a tenha forjado afirmava que quando Deus entregou a Lei a Israel no Monte Sinai, inicialmente, o povo se re cusou a recebê-la. E como Deus os compeliu a obedecer e abrir os olhos? Ele levantou toda a massa do Monte Sinai da terra e a segurou no céu sobre o acampamento de Israel. Pensando que Deus estava prestes a derrubar toda a montanha em suas cabeças, Israel rapida mente cedeu!

Como os judeus de Medina devem ter ficado espantados ao ver Maomé falando de uma de suas lendas como uma parte válida das Escrituras do Antigo Testamento ! Como Maomé poderia esperar que os judeus aceitassem que suas ‘revelações ”, comprometidas com este e outros erros absolutos, confirmavam o Antigo Testamento? É ainda mais: como podia continuar oferecendo duas interpretações equivocadas das histórias do Antigo Testamento numa cidade em que os judeus instruídos estariam sempre corrigindo os seus erros, e,

provavelmente, rindo dele publicamente

3

?

Como Maomé respondeu à ridicularização judaica? Ele tinha três opções: confessar que não era um profeta, mudar-se para uma cidade sem judeus ou eliminar todos os judeus resistentes de Medina. Para sua vergonha, Maomé antecipou a escolha catastrófica que outro líder mundial faria séculos mais tarde: escolheu eliminar os judeus.

Tropas de apologistas muçulmanos modernos, com tinta e pincel na mão, espremem os cérebros tentando justificar o mini-ge- nocídio original que Maomé estava prestes a lançar sobre os judeus em Medina. Tentam também desconectar os assassinatos das várias atrocidades que seus seguidores, imitando e honrando o seu exemplo, perpetrariam ao longo dos séculos subsequentes da história islâmica.

Chamo estas pessoas de apologistas muçulmanos modernos porque, durante a maioria dos 1.400 anos desde o tempo de Maomé, os muçulmanos desfrutaram de um controle tão absoluto sobre o Norte da África e o Oriente Médio, que poucas pessoas se atreveram

a pedir que justificassem alguma coisa. Os tempos agora sao diferen tes, e os muçulmanos tentam desenvolver habilidades apologéticas. Mas ainda precisam enfrentar todo o peso da investigação crítica da qual as mentes ocidentais livres são capazes. Em outras palavras, o óleo debaixo dos pés do Islã está fervendo.

Alguns apologistas classificam os horrores que estavam pres tes a ocorrer em Medina apenas como uma guerra defensiva contra os judeus. Será que era o caso? Repetidamente no Alcorão, Maomé criticava alguns judeus por desprezar suas alegações; outros, por ven der porções de suas Escrituras por um “vil preço ” (Alcorão 2:41) ou escondê-las dos árabes. Ainda assim, em nenhum lugar do Alcorão Maomé acusa os judeus de um único ato de agressão física. Na verda de, uma grande coletânea de literatura islâmica — os hadiths - revelam que os judeus em Medina escarneceram, criticaram e se opuseram a Maomé e seus seguidores apenas no plano intelectual, mas não há menção de algum judeu ameaçando-o fisicamente.

Os árabes em Medina pediam aos judeus sua avaliação ho nesta a respeito de Maomé. E estes davam suas opiniões abertamen te. Mal sabiam que seu exercício de liberdade de expressão, da qual sempre desfrutaram antes da chegada de Maomé, selaria o destino de muitos deles.

E ainda mais: antes que Maomé pudesse lançar sua retalia ção contra os judeus de Medina que causaram sua humilhação, ele foi obrigado, a conquistar o apoio dos pagãos da cidade que, em sua maioria, respeitavam os judeus. Para acalmar a suspeita e ganhar al gum tempo para sua conspiração, Maomé e seus poucos seguidores que fugiram de Meca ratificaram um tratado aparentemente benigno com pagãos e judeus em Medina. Era a chamada Constituição de Medina. Ela garantia a Maomé o direito exclusivo de arbitrar dispu tas. Também unia todas as partes envolvidas, muçulmanos, pagãos e judeus, numa coexistência pacífica.

Qualquer pessoa racional sabia que alguém - muçulmano, pagão ou judeu - por acidente, descuido, estupidez, embriaguez ou

um temperamento explosivo, acabaria fazendo algo que violasse o tratado. Quando um problema finalmente aparecesse, todos espera vam que Maomé, o árbitro, entrasse em cena, condenasse o infrator e preservasse a paz. Ninguém imaginava que Maomé se manteria dis creto, esperando pelo dia em que um judeu finalmente fosse conside rado culpado de quebrar o tratado. Quando o dia fatídico chegasse, estranhamente, Maomé não manifestaria interesse em arbitrar o caso. Pelo contrário. Imediatamente, ele declararia a constituição horrivel mente violada e aproveitaria a ofensa de um judeu como um casus belli contra toda a comunidade judaica. Além disso, sua designação como mantenedor de pacto da constituição, pacto este aparentemen te benigno, acabaria dando a Maomé a influência necessária numa oportunidade posterior para se vingar dos judeus com uma aparência de legalidade.

O fato de que os judeus de Medina assinaram o tratado con firma o seu desejo de confiar em Maomé como árbitro, pelo menos naquele estágio. Talvez tenham até esperado que mantê-lo ocupado com a política poderia ser bom para ele. Encorajar uma pequena am bição política poderia distraí-lo de sua outra carreira, aquela para a qual os judeus sabiam que não era talhado: o profetismo bíblico.

Mas Maomé não devotaria mais do que uma pequena porção do seu tempo à política de Medina. Sem desfrutar das vantagens de relações públicas que o apoio dos judeus à sua reivindicação poderia trazer, Maomé se voltou para outras atividades das quais estava certo que muitos árabes pagãos participariam com prazer: operações mili tares, pilhagens e sexo.

Tomando suas espadas, Maomé e seu bando começaram a se aventurar, mantendo Medina como base. Saqueavam caravanas que viajavam entre Meca e a Síria. Para o autor Ibn Warraq, um ex-mu çulmano, durante esse período, Maomé era “nada mais que o cabeça

de um bando de ladrões, sem desejo de viver uma vida honesta ”

4

.

Maomé seria apenas um Jesse James árabe? Ou era algo mui to mais sinistro? Como as citações do próximo capítulo evidenciam,

Maomé distribuía as mulheres e moças que capturava nas incursões para que fossem escravas sexuais dos homens que o seguiam. Ele

manteve algumas para si mesmo, é claro

5

. Assim, pagãos hesitantes

eram estimulados a se tornar muçulmanos.

É claro que alguns dos seguidores de Maomé reclamariam que, se fossem mortos durante um saque, não poderiam desfrutar da promessa de muito sexo. Sem relutar, Maomé estava pronto para oferecer a sua réplica mordaz e vergonhosa que ainda é levada a sério por centenas de milhões de homens muçulmanos, mesmo no mundo de hoje.

No Alcorão, repetidamente, ele redefine o paraíso judaico- cristão como um enorme bordel que Deus mantém no céu. Neste bordel celestial, os homens muçulmanos, especialmente os que pa gam o preço do martírio, encontrariam uma hoste de virgens, cha madas huris, que satisfariam para sempre seus desejos sexuais (veja Alcorão 38:51; 44:54; 55:55-74; 56:22,34-36). Na verdade, o sexo com as belíssimas huris no céu seria, garantidamente, muito melhor do que qualquer relação sexual que os homens muçulmanos pode riam perder se fossem mortos servindo a Deus, ou se tentassem des frutar de sexo promíscuo aqui na Terra.

Se um seguidor reclamasse sarcasticamente que os primeiros mártires deflorariam todas as huris virginais, deixando para os que viriam depois apenas os bens já utilizados, Maomé também teria uma resposta. A tradução de Challita afirma que Deus criou as huris “fa zendo-as sempre virgens ” (Alcorão 56:34-36).

Estudiosos muçulmanos tendem a encontrar significados profundos por trás destas palavras. Mas uma interpretação é que as huris celestiais são um tipo raro, incomparável e especial de virgens, precisamente porque, uma vez defloradas, tornam-se fisicamente vir gens para o próximo ato sexual.

Isso deu aos judeus e cristãos que viviam em Medina ain da mais razões para se sentirem aterrorizados diante da afirmação de Maomé de que era um profeta bíblico. Para um homem judeu, ca-

sar-se com uma esposa é o ideal. O conceito de sexo promíscuo é abominável, nesta ou em outra vida. Como um princípio para os cristãos, Jesus ensinou que as pessoas recebidas na santa presença de Deus “quando os mortos ressuscitam, não se casam nem são dados em casamento, mas são como os anjos nos céus ” (Mc 12:25).

O que acontece com o senso de santidade do matrimônio de um casal se pensamentos como o sexo com as huris íuturas atrapa lham o marido a tratar sua esposa com carinho, e a esposa a desfrutar do seu marido por saber que, provavelmente, ele está pensando nelas? Para alguém que leve o Alcorão a sério, é difícil haver algo mais preju dicial à felicidade marital do que esta brincadeira de mau gosto.

É interessante, mas não pude encontrar nada no Alcorão nem nos hadiths, que dê a idéia de que os anjos sejam seres sexuados. No entanto, os anjos caídos, ou seja, os demônios (chamados de jinn ou djim, em árabe), são claramente descritos como tendo a capaci dade de ter sexo com as huris. Por exemplo, a tradução de Mansour Challita do Alcorão descreve as huris como mulheres “que nenhum homem ou djim jamais tocou ” (55:74).

É estranho que Maomé coloque os homens muçulmanos no céu abaixo da condição dos anjos. Ao invés de adorar a Deus numa alegria sem fim, depositando suas coroas aos pés dele, aparentemente, os homens muçulmanos passam a eternidade fazendo algo que os próprios demônios fariam se tivessem a chance: copulando com uma huris após a outra eternamente.

Os estímulos implacáveis do impulso sexual masculino, com binados com a perspectiva de pilhagens terrenas abundantes logo trouxeram a maioria dos homens pagãos de Medina para o lado de Maomé. Na verdade, o encanto da promessa de Maomé de um eter no prazer sexual no paraíso podia exercer um estranho efeito em seus seguidores. A historiadora Maxime Rodinson relata que um árabe chamado Umayr Ibn al-Humam, ouvindo a promessa de Maomé de um acesso imediato ao paraíso para os que fossem martirizados nas ferozes batalhas daquela época, falou aos gritos: “Muito bom! Muito

bom! Tudo o que tenho que fazer para entrar no paraíso é ser morto por estes homens? ’ ’ E, agarrando sua espada, lançou-se na parte mais

sangrenta da batalha, e logo foi morto.

6

Talvez, Umayr Ibn al-Humam tenha sido o primeiro dentre os incontáveis mártires muçulmanos fascinados pela morte que, ao longo dos séculos, e ainda hoje, fundamentam equivocadamente sua fé na fantasia perniciosa de Maomé. Desta maneira, desperdiçam o precioso dom da vida deles e de outros até em bombardeios suicidas.

E feitos colaterais de longo prazo do

uso de M aomé da atração por meio do sexo

A forte tendência cultural do Islã é manter mulheres e moças muçulmanas tao completamente cobertas que nada de sua feminili dade fica evidente, quando se aventuram a sair de casa.

Na Arábia Saudita, mesmo a face e os olhos de uma mulher devem estar cobertos. A revista Newsweek ofereceu ao mundo um exemplo chocante de quão rígidas tais obsessões podem ser. Para a reportagem completa, veja a edição de 22 de julho de 2002 desta revista. Aqui está o meu breve resumo:

Em Meca, o fogo irrompeu num colégio em que havia

cerca de 750 moças. Cada janela estava fechada por bar

ras de ferro que garantiam que nenhum ladrão ou garoto

apaixonado pudesse entrar. Todas as portas estavam tran

cadas. Quando as moças correram em direção às escadas

que davam para a única porta usada para entrar e sair, 15

foram esmagadas até a morte, e 40 outras se feriram. É que

a porta estava trancada. O policial religioso muçulmano

que deveria estar ali para destrancar a porta em caso de emergência estava fora, realizando alguma tarefa.

Finalmente, algumas conseguiram abrir a porta, e centenas

de moças aterrorizadas correram para a rua, fugindo' da

fumaça sufocante e das labaredas agressivas. Em sua pressa

para fugir, no entanto, não tiveram tempo de ir até seus quartos para pegar suas coberturas obrigatórias, das quais precisavam para estar ao ar livre. Um grupo da polícia re ligiosa muçulmana (chamada mutawa) ficou ultrajado ao ver aquelas moças com a cabeça exposta circulando numa via pública, e entrou em cena com uma única intenção: zelar pela decência da comunidade, forçando as moças a voltar para o prédio em chamas!

Afortunadamente, a polícia civil teve bom senso. Mas ti veram que bater na mutawa. alucinada para afastá-la de sua tarefa fanática de empurrar as moças de volta para o prédio em chamas apenas porque, talvez, alguns homens na rua

pudessem vê-las com suas faces descobertas.

7

Considerando que algumas outras culturas permitem uma exposição pública excessiva do corpo feminino, alguma coisa no iní cio do processo estimulou a essência do Islã a desenvolver uma forte insistência na cobertura total. O que pode ter sido?

Imagine como teve ter sido o efeito social da insistência de Maomé acerca da promessa de mais sexo com as novas esposas e es cravas nesta vida, além do sexo ainda melhor e mais freqüente com as hostes de virgens no paraíso. Compreensivelmente, os pagãos árabes se lançaram ao Islã por sua quase irresistível atração sexual, e tinham em suas mentes ainda mais sexo do que antes de suas “conversões ”.

Isso se constituiu num dilema: nenhum muçulmano queria que suas próprias esposas ou filhas se tornassem objeto desse dese jo sexual masculino exacerbado na comunidade em geral. Assim, os muçulmanos se sentiram obrigados a cobrir suas esposas e filhas da vista de outros homens ainda mais do que a cultura pagã árabe reque ria originalmente. O que começou como uma salvaguarda prática, logo se tornou um poderoso imperativo cultural.

O problema da mutilação da genitália feminina

A prática amplamente utilizada pelo Islã de amputar o clitóris e, às vezes, parte ou toda a vulva da genitália das muçulmanas, afir

mada num hadith pelo próprio Maomé, muito provavelmente tem sua origem no mesmo abuso deliberado que o fundador fazia do sexo

para atrair os pagãos a sua seita.

8

Quanto mais o impulso sexual mas

culino era propositadamente estimulado, maior era a necessidade de que a sexualidade feminina fosse proporcionalmente reprimida, para que um inferno orgiástico não tomasse conta da comunidade.

Pense, então, no que acontece freqüentemente quando uma jovem ocidental, mesmo que discretamente vestida, ande sozinha à luz do dia numa rua, por exemplo, de uma cidade não-ocidentali- zada do Paquistão. Os homens muçulmanos ao redor dela podem ver seu rosto, cabelo e pescoço, e, talvez, até seus joelhos. Alguns deles entendem que uma exposição tão grande como esta tem a in tenção de provocá-los. O fato de que ela não está acompanhada por um homem confirma suas suspeitas. Sabendo que ela, uma mulher ocidental, não foi sujeita àquela cruel amputação a que são forçadas milhões de muçulmanas, alguns homens podem até imaginar que ela deve sentir desejo sexual por eles.

E eles têm a tendência de não perceber a si mesmos como responsáveis por manter a decência da moderação social. Pelo con trário, ela é responsável por não tentá-los! Qualquer que seja a coisa promíscua que um muçulmano perto dela diga, faça ou sinta será considerada como uma falta exclusivamente dela.

Não é difícil entender porque milhares de mulheres ociden tais numa situação assim reclamam de ter sido tocadas, olhadas com lascívia e insultadas.

Em grandes cidades da Malásia ou Indonésia, onde existe uma mistura de culturas, tais problemas são menos freqüentes. Mas, quando um tumulto se

inicia na Indonésia, a nação mais populosa com predominância de muçulmanos, tudo pode acontecer, mesmo numa grande cidade.

Durante um grande distúrbio acontecido ali no final dos anos 1990, muçulmanos alucinados por sexo começaram a estuprar em grupos mulheres chinesas que estavam nas lojas, casas e até mesmo

nas ruas, gritando em árabe: “Allahu Akbar! ” (Deus é grande!).

Price of Honor, de Jan Goodwin, supera até mesmo o livro de Betty Mahmoody, Nunca sem minha filha, ao documentar os horro res pelos quais freqüentemente as mulheres passam no Oriente Mé dio. Goodwin relata centenas de casos de muçulmanas espancadas, molestadas em suas casas e até mesmo sujeitas a moles tação pública. Por exemplo:

Há muito, mulheres que trabalham no Cairo reclamam de

ser sexualmente atacadas em ônibus por homens que tiram

vantagem da oportunidade de uma rara proximidade com

o sexo oposto para boliná-las, roçar nelas e acariciá-las...

Como ter um homem estranho pondo as mãos em seu

corpo é algo extremamente vergonhoso [para ser reporta

do], mulheres decentes sofrem em silêncio para que não

sejam acusadas de encorajá-los.

10

Goodwin ainda escreve sobre Shahinaz, uma jovem estuprada num ônibus no Egito. “Os fundamentalistas disseram que era culpa dela. Ela usava uma saia, e não o hijab. A mídia também colocou a culpa nela... Até as mulheres a acusavam... Ela estava trabalhando ao

invés de ficar em casa ”

11

. Mesmo assim, ainda falta a Goodwin a cora

gem necessária para colocar a culpa de tais horrores no lugar correto: em Maomé, no Alcorão e no Islã. As pessoas na mídia moderna são como

médicos que descrevem sintomas terríveis, mas não conseguem identificar o vírus.

Pense a respeito de outro sintoma que pode ser atribuído ao mesmo vírus. O Los Angeles Times de 4 de julho de 2002, na página A4, relata o estranho exemplo de percepção da justiça numa área muçulmana tribal no Paquistão. Eis o resumo da história: um jovem andava ao lado de uma moça de outra tribo. Um conselho tribal local determinou que aquele ultraje deveria ser punido, mas ninguém en tregou o rapaz para a polícia civil paquistanesa para que fosse punido pela lei civil. Não, aquele “crime ” foi considerado uma ofensa à lei muçulmana da sharia e à dignidade dos ofendidos. Um conselho de anciãos deliberou que o jovem fosse punido estabelecendo que sua

irmã de 18 anos fosse estuprada por um grupo de homens. Aparente mente, a sentença foi executada. Falou-se que a polícia civil paquista nesa estava à procura dos estupradores. Mas parece não haver menção a prender os anciãos que decretaram a punição do rapaz.

Nos últimos capítulos me detenho mais aos efeitos nefastos que os ensinamentos de Maomé tiveram sobre as mulheres. Agora, voltemos à paciente preparação de Maomé do seu dia de vingança contra os judeus em Meca.

A B atalha de B adr

Quanto maior se tornava a força de Maomé em Medina, mais audacioso ele se tornava na perturbação da paz, ao atacar caravanas que iam e vinham de Meca. Num certo dia, a caminho de um desses ataques, Maomé foi interceptado por uma força armada vinda de Meca perto de um poço chamado Badr.

Os 330 guerreiros de Maomé derrotaram o pessoal mais nu meroso de Meca, matando 49 pessoas. Sir William Muir e Rodinson entendem que os interceptadores, reconhecendo alguns homens de seu próprio clã, perderam a batalha porque não tiveram a determi

nação necessária para matar seus parentes.

12

Por outro lado, Mao

mé ensinava constantemente aos seus seguidores que a lealdade ao Islã superava todos os outros laços humanos (veja Alcorão 9:23-24; 58:22-23). Assim, seus homens não hesitaram na batalha, mesmo quando suas espadas golpeavam pessoas que reconheciam como pa rentes.

Uma nuvem negra pairava sobre todos naquele dia. Alguém pegou uma cabeça arrancada de um mequense assassinado que estava próxima aos pés

de Maomé. Ibn Warraq descreve a sua resposta: “Isso [a cabeça arrancada] é mais valioso para mim do que o camelo mais

caro de toda a Arábia ”.

13

Os pesquisadores concordam de maneira impressionante: a vitória de Maomé em Badr aumentou a sua crença (alguns até insi-

nuam que era uma crença fingida) em seu próprio profetismo. Tam bém o encorajou a pensar que seu plano de lançar a guerra contra o número considerável de judeus em Medina estava próximo de se concretizar.

Tendo abalado a paz entre Meca e Medina, Maomé pôs-se a caminho de destruir a belíssima harmonia que existiu entre árabes e judeus em Medina durante séculos.

O lobo estava disfarçado.

Maomé sabia que não poderia atacar os judeus de Medina sem a cumplicidade dos árabes que, por tanto tempo, tinham-nos como vizinhos. Aproveitando uma onda de crescente prestígio de pois de sua vitória em Badr, ele ainda necessitava de uma maneira de testar assassinar os judeus sem disparar uma reação de horror entre os árabes da cidade. A consciência pública árabe, mesmo sendo pagã, ainda tinha um senso de moralidade muito grande para ser aliada de Maomé. Esse era um inimigo que ele deveria desagregar.

Maomé encontrou uma forma de medir quão intenso era o controle que exercia sobre as mentes dos árabes pagãos de Medina. Depois da Batalha de Badr, ele começou a ordenar uma série de as sassinatos hediondos de árabes. Se eles conseguissem aceitar alguns dentre o seu próprio povo que pudessem ser assassinados por ofendê- lo, certamente não estariam longe de consentir na matança indiscri minada de judeus pela mesma razão.

A primeira vítima do auto-proclamado profeta foi um me- quense infeliz chamado al-Nader, assassinado porque “zombar de

Maomé... E contou histórias melhores que as do próprio profeta ”.

14

Sua presa seguinte seria Ocba, um homem que fora levado cativo em Badr. Prestes a ser assassinado, Ocba perguntou:

“E a minha filhinha? Quem cuidará dela? ”

“O fogo do inferno! ”, exclamou o profeta. E naquele ins

tante a vítima caiu inerte no chão.

“Miserável homem que foste! ”, [Maomé] continuou, “e perseguidor! Incrédulo em Deus, em seu Profeta e em seu

Livro! ”

15

Al-Nader e Ocba eram árabes de Meca, não de Medina. Para verificar se poderia ordenar o assassinato de um cidadão de Medina sem provocar repercussões, Maomé usou de uma malícia letal ao nao condenar um homem, mas uma mulher.

Uma poetisa árabe chamada Asma bint Marwan escrevera rimas repreendendo os homens de Medina por se reunirem como uma mulher seduzida ao redor do traiçoeiro estrangeiro de Meca. Ela os comparou a “homens ávidos por um prato de sopa que está sendo cozida ” , talvez, fazendo referência à expectativa de saques e de conseguir escravas sexuais através dos contínuos ataques de Maomé. Quando o poema foi lido diante dele, Maomé disse em alta voz:

“Haverá alguém para me livrar desta filha de Marwan? ”

Havia um homem presente que pertencia ao clã da poe

tisa: Umayr ibn Adi... Naquela mesma noite, ele foi até a

casa da poetisa. Ela dormia com os filhos ao seu redor. O

mais novo, ainda no seio, repousava adormecido em seus braços. [Umayr] atravessou-a com sua espada e, na manhã seguinte, foi até Maomé. “Mensageiro de Deus ”, ele disse, “eu a matei! ”

“Você prestou um serviço a Allah e seu Mensageiro,

Umayr. ” — foi a resposta.

17

As fontes de Rodinson e Warraq mostram o assassino pergun tando se deveria temer retaliações. Aparentemente, sabendo Maomé que o pequeno clã de Asma não se arriscaria a um longo derrama mento de sangue entre famílias, garantiu a Umayr que nem mesmo

dois bodes dariam cabeçadas pela morte de Asma.

18

Pequenos e aparentemente aterrorizados até a submissão des prezível, todo o clã de Asma, o Banu Khatma, converteu-se ao Islã.

Na história do Islã, os professores muçulmanos tendem a in terpretar tal resultado como justificativa para o crime que levou a ele.

É uma das racionalizações radicais do Islã para o terrorismo: assassine alguns; colha a conversão de muitos.

Um mês depois de Asma ser assassinada, outros cúmplices de Maomé assassinaram um poeta árabe que ousou criticar seu líder: Abu

Afak, de 100 anos de idade.

19

A indesculpável ausência de protestos

públicos dos árabes a todos esses ultrajes persuadiu Maomé de que finalmente poderia começar os seus movimentos contra os judeus de Medina. O sábio criticismo que apresentavam o atormentava muito mais insistentemente do que as farpas intuitivas dos poetas árabes. Como mantenedor da constituição mencionada anteriormente, Ma omé precisava de um descuido por parte dos judeus, um descuido que pudesse utilizar para justificar a retaliação.

Um tolo ourives judeu, do clã Banu, Qaynuqa deu a Ma omé exatamente a desculpa de que necessitava. O ourives pertur bou publicamente a esposa de um muçulmano. Outro muçulmano teve uma reação exaltada e matou o ourives. Os judeus mataram o muçulmano que matou o ourives. O que o árbitro Maomé fez para restaurar a paz?

Nada.

O homem que até então servira Medina como árbitro deci diu agir arbitrariamente em traição à confiança depositada. Violando o seu dever, ele declarou que a Constituição de Medina não era mais válida e atacou os judeus do Banu Qaynuqa. Por que o árbitro não arbitrou ao invés de montar um cerco?

Equipes de apologistas muçulmanos, e alguns ingênuos estu diosos não-muçulmanos que aceitam a palavra deles em quase tudo, afirmam que os judeus de Medina eram culpados de agressão contra Maomé e precisavam

ser enfrentados. Mas não oferecem exemplos, além da confrontação intelectual totalmente justificável que os ju deus exerciam.

Outros estudiosos afirmam que os judeus estavam prestes a atacar Maomé fisicamente. Dois fatores chamam a nossa atenção e negam veementemente tal idéia: primeiro, os outros dois clãs judeus

de Medina não se apressaram em tomar partido junto ao clã que Maomé escolheu atacar. O bom senso diz que deveriam se opor a ele todos juntos, se era verdade que planejavam oposição física a Maomé. Segundo, quando um batalhão de Meca respondeu aos ataques às caravanas e à derrota em Badr, atacando a própria cidade de Medina, alguns milhares de judeus que se revoltassem na cidade certamen- te dariam a vitória a Meca. Aquela ocasião, chamada de Batalha do Fosso, era um dia de oportunidades de ouro para os judeus, se eles realmente tramassem contra Maomé. Por que não as exploraram? Claramente, porque não tinham planos militares. Eram apenas mer cadores que queriam a paz.

Quinze dias depois, com o corte no suprimento de comidas, o Banu Qaynuqa se rendeu. Maomé planejava assassinar cada ho mem judeu, mas uma quantidade suficiente de árabes da cidade se opôs a um plano tão cruel. Assim, Maomé arranjou a desapropriação de todas as famílias Banu Qaynuqa, tirando-as de suas casas e até mesmo de sua cidade natal.

Levando apenas o que podiam carregar, os judeus Qaynuqa fugiram em camelos ou a pé, rumo à Síria cristã. Espoliadores mu çulmanos saquearam os bens que foram deixados e reivindicaram as

casas e terras. O próprio Maomé ficou com um quinto de tudo.

20

O assassinato seguinte foi de outro poeta, Kab ibn al-Ashraf.

21

Depois, Maomé ordenou: “Matem qualquer judeu que puderem. ”

22

Muhayyisa, um muçulmano, respondeu matando um homem cha mado Ibn Sunayna.

A vitória sobre o Banu Qaynuqa levou Maomé à segunda fase do seu plano para extinguir a liberdade de pensamento e expressão dos judeus em

Medina. Ele atacou, derrotou e baniu os ricos Nadir. Suas propriedades, casas e terras deixaram Maomé ainda mais seguro financeiramente. Dois anos mais tarde, em outra localidade, Maomé acabou massacrando os Nadir.

Finalmente, Maomé sitiou a última grande tribo judaica em Medina, o Banu Qurayza. Conscientes de que daquela vez Maomé

queria sangue, e não apenas o banimento, os judeus ofereceram a rendição com a condição de que o seu destino fosse decidido pelo único grupo de árabes da cidade que Maomé ainda não tinha seduzi do totalmente - o Banu Aws. Os judeus devem ter pensado que, na pior das hipóteses, seriam banidos de suas casas, como os dois outros clãs judeus. Mas não aconteceria assim.

Como o Banu Qurayza deve ter se arrependido pelo fato de que eles e o segundo clã que fora expulso não se alinharam ao Banu Qaynuqa quando Maomé lançou seu primeiro ataque! Aparente mente, não havia um líder como Winston Churchill para avisar aos três clãs judeus: “Se não resistirmos juntos, morreremos separados ”.

Recusando os Banu Aws como mediadores, Maomé fingiu um acordo ao designar Sa'd, um árabe que era seu cúmplice secre tamente, para decidir o destino do terceiro clã judeu. Sa'd esperou até que todos os homens entregassem suas armas. Então, como sabia que era o desejo de Maomé, ordenou que todo homem judeu fosse decapitado.

Múltiplas fontes descrevem, com algumas variações, o pró

prio Maomé presidindo a decapitação de pelo menos 500 judeus,

cinco de cada vez.

23

Seus corpos foram enterrados num grande fosso.

Outras fontes muçulmanas calculam que o número de judeus as sassinados chegou a 900. Suas esposas e filhas se tornaram escravas sexuais dos muçulmanos. Garotos judeus que não eram necessários para nenhum trabalho e velhos que não pudessem aspirar uma futura vingança pelo destino dos filhos foram vendidos. Maomé capturou Rayhana, viúva de um dos homens que assassinara e a obrigou a ser

uma de suas concubinas.

24

Com tudo isso, Maomé acabou validando

a recusa dos judeus a aceitá-lo como profeta naquele tempo e para sempre!

Estes são apenas alguns dos atos violentos que formam o con

texto dos 109 versos de guerra no Alcorão. O historiador Bat Ye ’or garante: “Durante o período de Medina, Maomé promoveu não me

nos que 38 incursões ”.

25

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

Maxime Rodinson, Muhammad York: Pantheon Books, 1971), p 161.

Fico me perguntando se a defesa subseqüenre de Maomé do uso da força para forçar a conversão ao Islã, em Alcorão 2:257, por exemplo, pode ser rascreada até essa sua má compreensão de tal lenda como uma acurada descrição do comportamento divino.

Rodinson, Muhammad, p. 185.

Ibn Warraq, Why I Am Not a Muslim (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), p. 92. Rodinson, Muhammad, p. 196; Warraq, Why IAm Not a Muslim, p. 96.

Rodinson, Muhammad, p. 167.

Paraphrase, Newsiveek (Julho 22/2002).

Jean Sasson, Daughters ofArabia (London: Bantam Books, 1994), p. 207.

Chinese Woman Forced to Watch Gang Rape and Buming Death ofHer Sisters, junho de 1998, Colorq. Disponível on-line em http://www.colorq.org/humanrights/indonesia/ Jakarta.htm (acessado em 25 de agosto de 2002).

Jan Goodwin, Price of Honor: Muslim Women Lift the Veil of Silence on the Islamic World (London: Warner Books, 1998), p. 339-

Ibid.

Rodinson, Muhammad, p. 167.

Warraq, Why IAm Not a Muslim, p. 93.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Ibid, p. 94.

Rodinson, Muhammad, p. 174; Warraq, Why IAm Not a Muslim, p. 94.

Warraq, W7;y I Am Not a Muslim, p. 94.

Rodinson, Muhammad, p. 174; Warraq, Why I Am Not a Muslim, p. 94.

Warraq, Why I Am Not a Muslim, p. 94.

Ibid., p. 95.

Rodinson, Muhammad, p. 213; Warraq, Why IAm Not a Muslim, p. 96.

Rodinson, Muhammad, p. 213.

Bat Yeor, Islam and Dhimmitude: Where Civilizations Collide (Cranbury, NJ: Associated University Presses, 2002), pp. 36-37.

3

Uersos uioíentos,

aios uiolenios

Enquanto alavancava os níveis de violência, Maomé audacio samente continuava colocando Deus como seu cúmplice.

Estáveis acampados na rampa, do vale, mais próxima

(a Medina), e eles na mais afastada, e sua caravana se

encontrava mais abaixo — se tivésseis marcado um en

contro com o inimigo, ter-vos-íeis desencontrado — e os

enfrentastes para que Deus cumprisse Sua decisão pres

crita. (Alcorão 8:42)

Apologistas muçulmanos insistem que Maomé incitava seus seguidores a perpetrar violências apenas em defesa própria (o que, na visão muçulmana, inclui retaliação). Esta afirmação é falsa. Agressões muçulmanas a não-muçulmanos (chamados de infiéis) são autoriza das em dúzias de versos. Tudo o que é necessário para ser chamado

de infiel, provocando o grito imediato de Maomé: “Guerra! ”, era re- cusar-se a reconhecer que ele era o profeta ou que seu Alcorão era inspirado por Deus.

Versos nos quais Maomé promove a violência como justificá vel para a defesa própria são muito menos numerosos, mas existem vários:

(2:178)

ó fiéis, está-vos preceituado o talião para o homicídio.

Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos comba

tem; porém, não pratiqueis agressão... Matai-os onde

quer se vos encontreis e expulsai-os de onde vos expul

saram. (2:190-191)

Não há evidências de que os três clãs judeus que Maomé expurgou de Medina tenham expulsado muçulmanos de suas casas ou atacado algum deles fisicamente. Na verdade, muitos judeus até lutaram ao lado de muçulmanos para defender Medina na Batalha do Fosso. Como era fácil para o profeta do Islã se esquecer da deter minação feita por ele mesmo de lutar apenas em defesa própria! Ele continua dizendo:

E combatei-os até terminar a perseguição e prevalecer a religião de Deus. Porém, se desistirem, não haverá mais hostilidades, senão contra os iníquos. (2:193)

O que começa como uma retaliação, acaba com o Islã entro nizado como a única religião, e o Deus muçulmano como o único digno de adoração. Surpreendentemente, M. M. Ali parece esperar que pensemos que Maomé, na citação acima, realmente defende a liberdade total de religião. Ali escreve que:

Quando cessa a perseguição, e os homens não são forçados

a aceitar nem renunciar uma religião, tendo a liberdade de professar qualquer religião, de cuja verdade estejam con victos, então não deve mais haver lutas.

O Sr. Ali deve saber que Maomé queria dizer exatamente o oposto: as lutas deveriam continuar até que o Islã fosse a única re ligião que restasse na Península Arábica. A liberdade de religião é uma das vítimas que acabaram mortas na areia. Como muitos outros apologistas muçulmanos, Ali não é mais que um propagandista, cor rendo atrás de Maomé com um esfregão e uma escova. Sua intenção é fazer com que mesmo as mais fanáticas declarações de Maomé soem tolerantes.

Na verdade, freqüentemente, Maomé defendeu a conversão forçada sob o disfarce do que se desenvolveria como a compreensão islâmica de defesa própria.

A lógica distorcida se desenvolve mais ou menos assim: tanto o Alcorão quanto os hadiths dividem toda a humanidade em dois campos. Comentaristas muçulmanos as chamam de a “Casa do Islã ”

e a “Casa da Guerra ”.

2

Tradução: qualquer um que não seja muçul

mano é considerado alguém que rejeita o Islã. Rejeitar o Islã equivale a atacar o Islã, Maomé e até mesmo Deus. Quem ataca o Islã se torna seu inimigo. Assim, a guerra contra qualquer não-muçulmano, sob qualquer circunstância, é desculpada tanto pelo Alcorão quanto pelos hadiths. Isso explica como o Islã, apesar dos 109 versos de guerra do Alcorão, escritos para incitar muçulmanos para cometer violências contra não-muçulmanos (veja o Apêndice B), ainda pode ser chama do de “religião de paz ”. E mesmo uma religião de paz, mas apenas a partir destes termos capciosos assentados pelo Alcorão. Aí está o grande problema.

Em outras palavras, a afirmação islâmica de que “lutamos apenas em defesa própria ”, mesmo que verdadeira em suas próprias mentes, não oferece nenhuma segurança para não-muçulmanos. Osama bin Laden realmente tem um mentor para a sua violência; e seu nome é Maomé.

Em outras passagens, Maomé se lança à guerra sem se preo cupar em mencionar a defesa própria como pré-requisito. A guerra para dizimar populações infiéis pelo genocídio ou escravização é des-

culpada. Por exemplo, os muçulmanos turcos poderiam ter citado o seguinte verso para justificar a dizimação de um milhão de cristãos armênios no oeste da Turquia, no começo da década de 1900: “de capitai-os e decepai-lhes os dedos! (...) porque contrariaram Deus e o Seu Mensageiro ” (Alcorão 8:12-13). Lembre-se de que esta con vocação para decapitar infiéis foi acompanhada pelo ato concreto, realizado contra os judeus de Medina. E eles fizeram uso da força física para se opor a Deus? Não. Apenas rejeitaram a mensagem de Maomé, como tinham direito de fazer.

Alguns tradutores muçulmanos, inclusive M. M. Ali, tentam amenizar a selvageria de Maomé usando palavras como “golpear ”, “seus pescoços ” e “as pontas dos dedos ”. Como a espada era o ins trumento mais usado para “golpear ”, o que é que devemos imaginar? Uma decapitação parcial? As pontas dos dedos cortadas, mais ainda balançando, presas por um fio? Ah, que alívio!

Apologistas muçulmanos insistem evasivamente que a ordem de Maomé para perpetrar violências, dada no Alcorão 8:12-13, rela- cionava-se apenas a uma batalha: a Batalha de Badr. Mas isso repre senta um problema: esta parte do Alcorão foi escrita depois dela. Que estranho, um líder oferecendo às suas tropas instruções sobre o que fazer numa batalha que já acabou!

Admitir que Maomé tenha ditado 8:12-13 profeticamente em antecipação à Batalha de Badr também não funciona! O testemu nho contemporâneo de Kab bin Malik, registrado no hadith Sahih al Bukhari, no livro 5, volume 59, número 287, e repetido no livro 5, volume 59, número 702, afirma que: “o profeta de Alá saiu [com apenas 300 homens armados] para encontrar [ou seja, pilhar] as ca ravanas [que viajavam desarmadas. Portanto, 300 homens poderiam facilmente rendê-las e saqueá-las]... mas Alá fez com que eles [ou seja, os muçulmanos] encontrassem o seu inimigo [uma grande força inter-

ceptadora vinda de Meca] inesperadamente' (ênfases acrescentadas).

Kab, no contexto desta citação, está construindo um argu mento:
Normalmente, muçulmanos que não iam à batalha com seu

profeta eram culpados por sua ausência. Mas ninguém, incluindo o próprio Kab, foi culpado por não estar em Badr, porque todos, in cluindo o profeta, foram pegos de surpresa! Aquela deveria ser mais uma incursão tranqüila.

M. M. Ali, em seu comentário número 980, nega que Mao- mé pretendesse interceptar uma caravana desarmada. Ali gostaria de nos fazer acreditar que ele a deixou passar e esperou vários dias, pre ferindo atacar o grupo de Meca, que era muito maior. O testemunho contemporâneo de Kab faz o comentário de Ali parecer uma outra tentativa de faxina.

As próprias palavras de Maomé não deixam dúvida. Ele explo rava particularidades da situação de Badr para incitar os muçulmanos a uma extrema beligerância. E qual era a justificativa de Maomé para induzir seus seguidores a decapitar e desmembrar não-muçulmanos? “Porque contrariaram Deus e o Seu Mensageiro ” (Alcorão 8:13).

Na verdade, os mequenses, percebendo o plano de Maomé, vieram apenas para proteger aquela caravana desarmada. Mas isso, é claro, significava que eles “contrariaram Deus e Seu Mensageiro ”! Radicais como Osama bin Laden sabem que os oponentes de Ma omé em Badr não eram os únicos culpados de “contrariar a Deus e Seu Mensageiro ”, pela definição do fundador.

O complemento deste verso afirma que, para com aqueles que o contrariam, “Deus [ou seja, Maomé] é Severíssimo no casti go ” (Alcorão 8:13, ênfase acrescentada). Perceba que Maomé faz uma generalização. Ele não oferece nenhuma garantia de que a oposição filosófica deva ser tolerada, nem que apenas a oposição física ao Islã provoque a ira de Deus.

Isso não é defesa própria, como o mundo civilizado a com

preende. Isso é decapitar pessoas porque se recusam a acreditar que Deus enviaria uma pessoa como Maomé para representá-lo. Uma vez mais, em 8:40, aparece o mandamento recorrente de Maomé: “Combatei-os [os infiéis] até terminar a intriga, e prevalecer total mente a religião de Deus ” (veja também 2:193, onde este verso é

repetido palavra por palavra). Uma vez mais, Maomé extrapola as particularidades de uma batalha literal para uma igualmente literal, mas para ser combatida para sempre e por todo o mundo. E não ofe rece a menor indicação de que pretendesse que suas ordens brutais sugerissem algo análogo a uma batalha espiritual.

Temos aqui outro verso que mostra Maomé antecipando an siosamente uma série de batalhas futuras:

Ó Profeta, estimula os fiéis ao combate. Se entre vós

houvesse vinte perseverantes, venceriam duzentos, e se

houvessem cem, venceriam mil dos incrédulos... Não é

dado a profeta nenhum fazer cativos, antes de lhes haver subjugado inteiramente a região. (Alcorão 8:65, 67)

Challita traduz assim esta última parte: “até que semeie a morte na terra ” (Alcorão 8:66, 68). Outro verso notável na mesma tradução:

“Não tomeis amigos dentre eles [os hipócritas] até que emigrem para Deus ”. (Alcorão 4:89)

Em outras palavras: “Não façam amizade com os hipócritas até que você, que luta pela causa de Deus, os tenha expulsado de suas casas, como os muçulmanos fizeram com a maioria dos judeus de Medina ”. É claro que isso evoca uma questão curiosa: por que os hi pócritas iriam querer muçulmanos como amigos, depois de que estes os expulsaram de suas casas? O próximo verso diz aos muçulmanos o que fazer se algum desses hipócritas fizessem meia volta, retornando ostensivamente para suas casas:

“Capturai-os e matai-os onde quer que os acheis ”. (Alcorão 4:89)

Os vizinhos mais próximos dos muçulmanos estavam segu ros? Absolutamente, não!

“O fiéis, combatei os vossos vizinhos incrédulos ”. (Alcorão 9:123).

Esta era a política de boa vizinhança de Maomé com relação aos não-muçulmanos. Outro verso incita:

“E quando enfrentardes os incrédulos, (em batalha),

gol peai'lhes os pescoços, até que os tenhais dominado,

e tomai (os sobreviventes) como prisioneiros ”. (Alcorão

47:4)

Maomé está estimulando seus seguidores a fazer com os incré dulos em geral o que ele fazia com os judeus em Medina. “Está-vos prescrita a luta (pela causa de Deus), embora o repudieis ” (Alcorão 2:216) é mais uma generalização.

Relatos freqüentes da mídia falam de muçulmanos forçando

não-muçulmanos a se converter ao Islã sob a mira de uma AK-47.

4

Apologistas muçulmanos são rápidos em dizer que tais relatos devem ser falsos, porque o próprio Maomé falou: “Não há imposição quanto à religião ” (Alcorão 2:256). Com certeza, este seria um verso sobre paz no Alcorão.

Na verdade, não. Muçulmanos que citam 2:257 também sa bem que ele foi ab-rogado (ou seja, anulado, cancelado, substituído) em pelo menos 109 outros versos pelo próprio Deus muçulmano que o entregara. Lembre-se, a doutrina muçulmana permite que Deus (na verdade, Maomé) afirme algo positivo para depois ab-rogá-lo com algo negativo. Por isso é difícil, na verdade, impossível, confiarmos em qualquer bom versículo que um apologista muçulmano cite do Alcorão.

Na verdade, Maomé não permitia imposição em sua religião. Na verdade, não permitia que a ele fosse imposto cumprir o seu pró prio decreto contra a imposição! Perceba quão livremente ele descarta va sua própria garantia

insincera de não imposição na citação seguinte, que ameaça os idólatras de morte, a nao ser que se convertam:

Mas quanto os meses sagrados [o mês chamado Ramadã,

ano após ano] houverem transcorrido, matai os idólatras,

onde quer que os acheis; capturai-os, acossai-os e esprei

tai-os; porém, caso se arrependam [ou se “convertam ”],

observem a oração e paguem o zakat, abri-lhes o cami

nho. (Alcorão 9:5)

Maomé ordenou a conversão forçada dos idólatras. Mas ele também ordenou o mesmo para judeus e cristãos? Um verso pare ce indicar que ele nunca imaginou algo assim. “Porém, se estás em dúvida sobre o que te temos revelado, consulta aqueles [judeus e cristãos] que leram o Livro [a Bíblia] antes de ti ” (Alcorão 10:94).

Inicialmente, Maomé supunha que judeus e cristãos iriam

recebê-lo como o profeta que afirmava ser. Quando, quase unanime mente, eles rejeitaram sua afirmação, ele voltou-se numa ira absoluta contra os que o refutaram. Dizendo citar as palavras de Deus, Mao mé ameaçou os judeus e cristãos recalcitrantes a se converter, se não:

Ó adeptos do Livro, crede no que vos revelamos, coisa

que bem corrobora o que tendes, antes que obliteremos

as feições de alguns, fazendo com que suas cabeças se

virem para trás.

5

(Alcorão 4:47)

Apenas dois dos sete tradutores para o inglês se sentiram en cabulados o bastante para tentar refinar a descrição que Maomé faz de Deus como um desfigurador e um torcedor de pescoços, tentando forçar judeus e cristãos a se converter ao Islã. Em suas palavras, Deus ameaça destruir apenas seus líderes, e não a extremidade superior do corpo de cada judeu e cristão. Que alívio!

Uma vez mais, no capítulo 9, Maomé vocifera, na tradução de Challita:

“Dos adeptos do Livro [judeus e cristãos], combatei os

que não crêem em Deus... E não proíbem o que Deus e

Seu Mensageiro proibiram [por exemplo, Maomé proibiu

a proclamação da deidade de Jesus como Filho de Deus;

veja 5:17] e nao seguem a verdadeira religião — até que [quaisquer pessoas que tenham sobrevivido à guerra men cionada no começo do verso] paguem, humilhados, o tri buto ” (Alcorão 9:29).

Realmente não há imposição na religião de Maomé!

O Alcorão afirma que é propósito de Deus “purificar os fiéis e aniquilar os incrédulos ” (Alcorão 3:141) e que “não desfaleçais na perseguição ao inimigo ” (Alcorão 4:104). A expressão “combatam pela causa de Deus ” (Alcorão 4:74) é repetida várias vezes quase que palavra por palavra. Tudo isso é apenas uma amostra dos pelo menos 109 versos que defendem a guerra religiosa entre os capítulos 2 e 73!

Muitos outros versos no Alcorão mencionam as pilhagens que Maomé e seus companheiros de crime acumulavam com a total cumplicidade de Deus. Temos aqui dois exemplos:

Deus vos prometeu muitos ganhos, que obtereis... E ou

tros ganhos que não pudestes conseguir, Deus os conse

guiu. (Alcorão 48:20-21)

O que poderia ser melhor para uma gangue do que ter um líder onipotente? Eis o segundo:

Os espólios pertencem a Deus e ao Mensageiro. (Alcorão

8:1)

Quarenta e um versos depois, o Deus do Islã decidiu que ficar com todo o espólio para si mesmo e para Maomé seria muita ganân cia. Por isso, seu coração mudou:

A quinta parte pertencerá a Deus [e] ao Mensageiro. (Alcorão 8:41)

Infelizmente para os seguidores de Maomé, quanto mais o tema das pilhagens reaparece no Alcorão, algumas vezes, a limita ção de 20 por cento tomados para Deus e Maomé não se aplicava. Por exemplo: “Tudo... (tomado) dos moradores das cidades, corres ponde a Deus, ao Seu Mensageiro... Aceitai, pois, o que vos der o Mensageiro, e abstende-vos de tudo quanto ele vos proíba ” (Alco rão 59:7).

Maomé ordenou que “Quanto ao ladrão e à ladra, decepai- lhes a mão, como castigo de tudo quanto tenham cometido ” (Al corão 5:38). Sua ordem, que, evidentemente, nunca se aplicou a ele mesmo, ainda é um componente da sharia hoje. Ainda assim, Mao mé autorizou a entrada de seus próprios seguidores nas casas vazias de outras pessoas e talvez até a roubá-las discretamente. Na tradução inglesa de Rodwell: “Não há prejuízo se entrardes em casas [desocupa das]... para o suprimento de vossas necessidades ” (Alcorão 24:29).

Aversão inglesa de M. Z. Khan e em português de M. Challi- ta buscam acobertar Maomé com a expressão “onde haja objetos que vos pertençam ”. Em inglês, Dawood se sai com “para buscar abrigo ”, enquanto que as versões de M. M. Ali e M. H. Sakhir são ambíguas: “onde tenhais necessidade ”. Arberry é muito vago ao dizer “onde há alegria para vós ”. Ahmed Ali em inglês e El Hayek em português ficam próximos a Rodwell: “que tenham alguma utilidade para vós ”. Quanto mais controversa a passagem, mais diversas são as versões!

Outra questão era como os muçulmanos deveriam tratar os

apóstatas, os que aderissem ao Islã e depois voltassem para o juda ísmo, para o cristianismo ou à idolatria. M. M. Ali escreve em seu comentário em inglês: “Eles eram citados pelo nome e pedia-se que se

retirassem da mesquita ”. Somente isso.

6

No entanto, várias passagens

dos hadiths discordam.

Sahi al-Bukhari escreve que Ali, um contemporâneo de Ma omé, fazia com que os muçulmanos que se tornavam ateístas fossem “queimados vivos ”. Ibn Abbas objetou, escrevendo que Maomé dizia que a punição pelo fogo estava reservada para Alá, mas mesmo assim ele “teria matado todos eles de acordo com a ordem de Alá ao seu mensageiro: ‘Se alguém sair da religião

islâmica, então, mate-o ’ ”<?. Ainda assim, referindo-se aos que “blasfemaram e descreram, depois de se terem islamizado ” (Alcorão 9:74), Maomé entendia que Deus lhe ordenava que os “combatesse ” (cf. Alcorão 9:73).

Em Bukhari, livro 9, volume 84, número 58, você pode ler sobre um muçulmano chamado Muadh que escravizou um judeu

que apostatou do Islã. Neste mesmo livro e volume, no número 64, recompensas sao prometidas a todos os que escravizam os apóstatas.

Maomé chegava a apedrejar até a morte muçulmanos que confessavam pecados ocultos. Em Bukhari, livro 8, volume 82, leia os números 805, 806, 809, 813, 814, 815, 821 e 842 e trema!

1

Maulana Muhammad Ali, Quran (Columbus, OH: Lahore, Inc., USA, 1998), comen tário 244.

2

Ibn Warraq, WhylAm NotaMuslim (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), p. 218.

3

Sahih al-Bukhari (The Book of Knowleãge), traduzido para o inglês por Mohammed Muhsin Khan, livro 5, vol. 59, n° 287 e livro 5, vol. 59, n° 702, University ofSouthem Califomia. Disponível online em http://www.usc.edu/dept/MSA/fundamentals/hadith-sunnah/bukhari/059.sbt.html . Acessado em 25 de outubro de 2002.

4

“Forced Conversions to Islam Continue in Indonésia, ” Worthy News. Disponível on line em http://www.worthynews.com/news-features/indonesia-ethnic-cleansing-8.html . Acessado em 13 de Janeiro de 2001.

5

(N. do T.) Utilizamos aqui a tradução para o português que Samir El Hayek aponta, em sua nota n° 262 (p. 98), como a mais literal.

6

Ali, Quran, comentários 1067 e 1080.

7

Al-Bukhari, Sahih Bukhari, livro 9, vol. 84, n° 57.

8

Ibid.

4

Griticando o G^ícorão

Alguns leitores podem protestar dizendo que um livro reve renciado como sagrado por mais de um bilhão de pessoas não deveria ser criticado, a menos que as conclusões fossem inteiramente positi vas. É o antigo ditado que afirma: “se não puder dizer nada de bom, então, não diga nada ”. Este pode ser um bom aviso para o tête-à-tête social. Mas é um péssimo conselho quando se trata em lidar com um livro que é uma ameaça potencial para a paz mundial quando nas mãos de centenas de milhões de muçulmanos que o honram hoje em dia.

Infelizmente, com os ataques de 11 de setembro de 2001, com inúmeros eventos relacionados ao redor do mundo, as luvas fi nas literárias devem ser retiradas. O Alcorão já recebeu muitas críticas ao longo dos séculos, mas poucas foram acadêmicas.

E xames esclarecedores

Uma das primeiras obras a examinar o Alcorão em profun didade foi Muhammady de Sir William Muir, cuja última edição foi lançada em 1923. Também houve o MuhammacL, de Máxíme Rodin- son, em 1961. Então, veio uma série de autores de perspectiva liberal (W. Montgomery Watt e Karen Armstrong entre eles) que deram ou vidos muito inocentes aos recém-surgidos apologistas muçulmanos. Persuadidos de que Maomé havia sido abusivamente demonizado, pretendiam corrigir esta pretensa injustiça. O fato é que, em suas bus cas, todos foram incapazes de refutar o relato de perfídias históricas registrado por próprias fontes islâmicas. Outros também professaram o desejo de refutar uma demonização injusta de Maomé, mas sem pre confirmavam que ninguém precisava demonizá-lo: ele era muito bom em fazê-lo consigo mesmo.

Agora, quando análises objetivas do Alcorão são tão necessá

rias, as obras de Muir e Rodinson há muito se esgotaram e ficaram esquecidas.

Maomé, segundo os historiadores

Algumas críticas mais breves do passado mencionam os atos assassinos de Maomé apenas de passagem, preferindo manter o foco principalmente na questão secundária de seu estilo literário notavel mente irrecomendável. Por exemplo, Edward Gibbon escreveu:

[O Alcorão é uma] rapsódia incoerente de fabulas, precei

tos e declamaçoes que raramente desperta um sentimen

to ou idéia, que em certas ocasiões rasteja na areia, e, em

outras, fica perdida nas nuvens... Os usos da fraude e da perfídia, da crueldade e da injustiça são instrumentos da propagação da fé... Maomé ordenou e aprovou o assassina to de judeus e idólatras... Maomé entregou-se aos prazeres dos homens e abusou de suas vindicações de profeta. Uma

revelação especial o dispensava das leis que impunha sobre sua nação. O sexo feminino foi abandonado sem reservas

aos seus desejos.

1

Um capítulo posterior detalhará o que Gibbon descreve na última frase.

Thomas Carlyle caracterizou o Alcorão como:

Uma desordem exaustiva, bruta, incoerente [com] intera-

ções sem fim e enfadonhas... Nada além de um forte senso

de dever pode prender a atenção de um europeu ao Alco

rão.

2

O filósofo David Hume, em sua Investigação sobre o entendi mento humano, comentou:

[Maomé] confere louvores a instâncias como traição, de

sumanidade, crueldade, vingança e intolerância de manei

ra absolutamente incompatível com a sociedade civilizada.

Não existe nenhuma regra fixa de direito a ser seguida, e

cada ação é rejeitada ou elogiada apenas por ser benéfica

ou prejudicial aos verdadeiros fiéis.

3

Avaliações recentes

Nos últimos anos, alguns intelectuais livre-pensadores mu çulmanos criticaram abertamente o Alcorão. Versos satânicos, de Salman Rushdie, não é o único, ainda que um comentário como este seja difícil de ser encontrado em toda a história muçulmana. O iraniano Ali Dashti avaliou os 23 anos da assim chamada carreira profética de Maomé e descobriu que não

apenas o conteúdo, mas também o estilo literário do árabe original de Maomé era muito de ficiente. Dashti reclama que:

O Alcorão contém sentenças [no original árabe] incomple

tas e ininteligíveis sem (...) o uso de comentários. Palavras

estrangeiras (...) e palavras usadas com sentido diferente

do normal, [palavras] flexionadas sem concordância de gê

nero e número, pronomes aplicados ilogicamente ou com

péssima gramática, e que, às vezes, não têm referente, além

de predicados que, em passagens rimadas, esrão frequente mente longe de seus sujeitos... Mais de 100 aberrações co-

rânicas das regras normais [do árabe] foram percebidas.

4

Toby Lester, avaliando a crítica acadêmica ao Alcorão para a revista Atlantic Monthly, cita a opinião de um estudioso alemão tão conhecedor do árabe, que o Iêmen confiou-lhe a análise de cópias extremamente antigas do Alcorão, achadas numa mesquita daquele país. Seu nome é Gerd R. Puin, e ele comenta:

O Alcorão afirma ser mubeen, ou claro. Mas, se alguém olhar de perto [no árabe original, como ele o faz], poderá perceber que aproximadamente um em cada cinco versos não tem sentido. Muitos muçulmanos e orientalistas vão dizer outra coisa, é claro, mas o fato é que um quinto do Alcorão é simplesmente incompreensível. Isso causou a tradicional ansiedade a respeito da tradução. Se o Alcorão não é compreensível, se ele não pode ser entendido nem em árabe, então, não é traduzível. As pessoas temem este fato. E como o Alcorão afirma repetidamente que é claro, mas obviamente não é, como as pessoas que falam árabe podem relatar, existe uma contradição. Algo está aconte

cendo.

5

Outro livro que faz uma crítica rigorosa foi escrito por um ex- muçulmano chamado Ibn Warraq, e apareceu em 1995. Com uma edição em capa dura e custando por volta de 30 dólares nos Estados Unidos, a obra não alcançou um público amplo.

Ela também tem um grande erro. Obviamente desequilibra do pela religião que conhece bem, o Islã, Warraq exagera ao dizer que

“todas as religiões são sonhos de homens doentes ”.

Foi publicada em 2002 a tradução para o inglês da obra da autora Bat Ye or. As suas mais de 500 páginas desmontam magistral mente séculos de esforço dos muçulmanos para dignificar os 1.400 anos de abusos contra judeus, cristãos e zoroastristas no Oriente Médio. Ye ’or encontra as raízes destes abusos intensos e prolongados

incrustadas no próprio Alcorão. Portanto, Maomé não pode alegar inocência, colocando a culpa nas más interpretações por seus segui dores!

R azões para este livro

Nesta obra, tento condensar tão sucintamente quanto pos

sível as grandes contribuições de Muir, Rodinson, Warraq e Yc or. Acrescento também outras verdades a respeito do Alcorão que nem mesmo eles perceberam. O dia 11 de setembro de 2001 fez surgir, como prioridade absoluta, a necessidade mundial de uma crítica ob jetiva e concisa do Alcorão.

Tive que me munir de uma grande convicção para me lançar nesta pesquisa.

Tenho amigos muçulmanos. Que eles e outros saibam que escrevi com cuidado, que tenho sete diferentes traduções do Alcorão em minha mesa e uma oitava em meu computador. Seis delas são trabalho de estudiosos muçulmanos. Como já observei no prefácio, cada citação que uso do Alcorão foi comparada em todas as oito ver sões, para que nenhum erro de tradução me fizesse entender errone amente a intenção de Maomé.

O PERIGO VINDO DAS MADRASAS

O mundo precisa ser avisado. Os pelo menos 40 milhões de jovens nas escolas religiosas do mundo muçulmano, chamadas madrasas, estão memorizando avidamente todo o Alcorão, como faz também um corpo de extremistas em geral, de tradições relacionadas: os hadiths. Nas mãos de extremistas, sejam eles os wahabistas saudi tas, os seguidores de Osama bin Laden, ou os mulás indonésios, tais escolas se tornam solo fértil para terroristas em potencial.

Logo no início do treinamento, os professores muçulmanos concentram as jovens mentes maleáveis em dezenas de versos de guerra extremamente bélicos do Alcorão, e também em textos que asseguram o paraíso para os mártires muçulmanos. O ódio aos judeus e cristãos, em grande parte sinônimos de Israel e Estados Unidos, e o desdém generalizado por todos os não-muçulmanos, definidos pelos instrutores muçulmanos como A Casa da Guerra, são instilados pro

fundamente.

8

A Bíblia é descrita como corrupta. A separação entre o

Islã e o controle político é desprezado.

Quando os estudantes, isolados de suas famílias e amigos, sozinhos nas madrasas, chegam à puberdade, e seus hormônios fi cam ativos, não existem garotas a quem namorar. Ao invés disso, facilmente, os clérigos muçulmanos mudam o foco da atenção dos garotos para os versos do Alcorão que prometem sexo no céu com as huris de olhos negros (veja o capítulo 2). Os estudantes só conseguem fantasiar a respeito do martírio seguido da libertação sexual prometi da por Maomé. Esta é uma técnica de lavagem cerebral incrivelmente cruel, e o Alcorão é o livro-texto perfeito. Incontáveis multidões de estudantes das madrasas estão usando camisetas de Osama bin La- den. Clérigos radicais fizeram dele um herói.

Colocando em termos simples, 40 milhões de estudantes muçulmanos em madrasas são uma bomba atômica social, e os versos de guerra e sexo do Alcorão são o urânio-235 por dentro dela. Pense a respeito do seguinte aviso publicado na edição americana da revista Seleções, a Readefs Digesta por Jeffrey Goldberg:

A poucas horas de viagem, a leste do Desfiladeiro Khyber,

na província fronteiriça a noroeste do Paquistão, junto à

Grande Rodovia Principal, fica uma escola chamada madrasa Haqqania. (...) A escola tem mais de 2.800 alunos matriculados. Não cobra mensalidades, dá cama e comida de graça; os estudantes são em sua maioria recrutados entre os mais pobres, e a madrasa recebe seus fundos de paquistaneses ricos, bem como de muçulmanos devotos

e interessados em política, nos países do Golfo Pérsico. A idade dos alunos varia entre 8 ou 9 e 30 anos, chegando às vezes a 35.

Numa classe típica, os professores se sentam no piso com os meninos, lêem em árabe para eles, e os alunos repetem o que os professores dizem. Isto pode durar de quatro a oito horas por dia. A quem os ocidentais considerariam es tudantes de colegial e de faculdade, na madrasa Haqqania, estão matriculados num curso de oito anos que se concen tra na interpretação do Alcorão e dos hadiths, os ditados do profeta Maomé.

Bem poucos alunos da madrasa Haqqania estudam algo além de matérias islâmicas. Ali não há cursos de história, nem de matemática, nem salas de computação, nem labo ratórios para o estudo de ciências. Na prática, a madrasa Haqqania é uma fábrica àejihad (guerra santa) (...). Então, perguntei [numa das salas de aula]: “Quem quer

ver Osama bin Laden munido de armas nucleares? ” To das as mãos se ergueram. “E o que vocês fariam se (...) a CIA (...) capturasse bin Laden e o levasse para os Estados Unidos? ” Um estudante chamado Muhammed se levan tou: “Sacrificaríamos nossas vidas por Osama. Mataríamos

americanos ”.

9

Goldberg escreve que um milhão de muçulmanos lotam cerca de 10.000 madrasas apenas no Paquistão. Ele conclui que “esses garo tos são pobres e impressionáveis, mantidos inteiramente ignorantes ao que acontece no mundo e, por isso mesmo, ignorando completa mente todas as outras interpretações do Islã. São máquinas perfeitas

dejzAfcZ ’.

10

Uma miríade de outras madrasas que utilizam o Alcorão

como livro-texto podem ser encontradas desde o Senegal até o sul das Filipinas. Agora, algumas estão sendo abertas nos Estados Unidos e em outras nações ocidentais.

O professor Mochtar Buchori, membro do Parlamento da In donésia, apresentou, em 1 de julho de 2002, através do site indonésio

laksamana.net , um relatório a respeito da situação das madrasas em

seu país, uma nação com mais de 200 milhões de muçulmanos.

1 11

Para compreender os números de Buchori, pense no seguin

te: ao somarmos todas as universidades, faculdades, colégios e escolas nos Estados Unidos, chegamos a um total de 24.000 instituições. A contagem de Buchori chega a 37.362 madrasas muçulmanas ape nas na Indonésia! Destas, apenas 8% sofrem alguma influência do governo indonésio. Em 92% delas, o programa de estudos é contro lado pelos clérigos muçulmanos. Buchori avisa que 4,6 milhões de estudantes indonésios estão matriculados em madrasas particulares. E ainda alerta que as propostas do governo de oferecer aulas de ma temática, inglês e ciências são veementemente rejeitadas pela maioria delas. Sua conclusão é que o potencial que a maioria dessas escolas têm de treinar terroristas é muito grande.

Um sinal muito claro

Uma crise mundial está se formando. Os holofotes devem ser virados. Certamente, a presente crítica é apenas uma parte de uma massiça investigação mais profunda do Alcorão que os eventos recen tes requerem. O Alcorão não é a correspondência privada de alguém. É um livro publicado e oferecido para o mundo como inspirado por Deus. O mundo tem o direito de examiná-lo detalhadamente. Faça mos exatamente isso.

O próprio Maomé declarou: “Haverá alguém mais iníquo do que (...) quem diz: Sou inspirado!, quando nada lhe foi inspi rado? ” (Alcorão 6:93). Chegou o tempo de todo o mundo saber a quem Maomé estava descrevendo.

1

Edward Gibbon, The Decline and Fali of the Roman Empire, vol. 5 (New York: Random House, 1994), n.p.

2

Thomas Carlyle, Sartor Resartus: On Heroes andHero Worship (London: J. M. Dent and Sons, Ltd., 1967), n.p.

3

David Hume, An Enquiry Conceming Human Understanding, ed. Tom L. Beauchamp

(Oxford, England: Oxford University Press, 1999), n.p.

4

Ali Dashti, Twenty-Three Years: A Study ofthe Prophetic Career ofMohammad, trad. F. R. C. Bagley (Costa Mesa, CA: Mazda Publishers,d-994), n.p.

5

Toby Lester, “What Is the Koran? For People Who Understand, ” Janeiro de 1999, The

ko-

Atlantic Monthly. Disponível online em http://www/theadantic.com/issues/99jan/ ran3.chm. Acessado em 29 de setembro de 2002. Utilizado com permissão.

6

Ibn Warraq, Why 1 Am Not a Miislmi (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), p. xiii.

7

Ye ’or, Bat. Islam and Dhimmitude: Where Civilizations Collide. Cranbury, NJ: Associated University Presses, 2002.

8

Ibid., p. 218.

9

Jeffrey Goldberg, "The Making ofa Terrorist, ” Readers Digest, Janeiro de 2002, pp. 70-75. A edição condensada da revista Netv York Times Magazine está disponível em português

no site

http://www.nuclear.radiologia.nom.br/politica/setemb01/16090I.htm . Acessado

em 15 de outubro de 2005.

10

Ibid.

11

Mochtar Buchori, Laksamana.net . Acessado em 24 de agosto de 2002.

dfl. poíigamia

e o

profeta do 9síã

Além dos despojos e do dinheiro roubado que Maomé e seus seguidores acumularam, havia as mulheres cativas. Que regras ele dei xou para dirigir o comportamento dos captores em relação às suas cativas?

Maomé sabia que os homens deixados como responsáveis por meninas órfãs, sem falar nas escravas, poderiam ficar tentados a violá- las sexualmente. Então, aconselhou os homens tentados a se casarem com “duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres ” (Alcorão 4:3) para ajudá-los a manter seus pensamentos distraídos das adotadas e graciosas jovens. Perceba que dois é o número mínimo que Maomé sugeriu. Aparentemente, a monogamia nem era consi

derada. E como Maomé mencionou quatro, em todos os lugares em que a sharia sobrepuja as outras leis, os muçulmanos têm a permissão de possuir quatro esposas.

M. M. Ali, ansioso por desculpar a falha de Maomé em não recomendar o autocontrole ou a monogamia, e sim a poligamia, como uma solução para a tentação masculina, assegura aos seus leito res ocidentais monógamos: “Esta passagem permite a poligamia sob certas circunstâncias, mas não a prescreve ” . Se isso é verdade, então, porque não poderia ser listada pelo menos a opção de uma esposa em 4:3? E ainda, apesar de Maomé nem mesmo mencionar a monoga mia em 4:3 como aceitável, Ali espera que acreditemos que o Alcorão favorece o clamor das sociedades humanas pelo fim da poligamia. Será mesmo?

Mais uma vez Maomé, afirmando falar segundo a voz de Deus, desviou-se dos esforços do seu defensor em melhorar sua ima gem, instruindo: “se temerdes não poder ser eqüitativos para com elas, casai, então, com uma só, ou conformai-vos com o que tendes à mão ” (Alcorão 4:3). Então, finalmente, mas apenas como um pen samento posterior, Maomé realmente recomenda a monogamia, mas apenas se um homem muçulmano em particular tem algum tipo de problema de personalidade que o impeça de tratar mais de uma mu lher “de maneira eqüitativa ”. Poligamia para os fortes, monogamia para os fracos; eis a política de Maomé!

As versões para o inglês de Dawood e para o português de Challita traduzem assim a última frase: “ou limitai-vos às cativas que por direito possuis ”. Ainda em inglês, M. M. Ali, Shakir e Arberry traduzem: “ou o que suas mãos direitas possuem ”. Estes últimos sabiam que muitos leitores ocidentais não reconheceriam esta frase como um eufemismo árabe para “escravas ”.

Que tipo de desestimulo à poligamia é este? E que tipo de desestimulo para a escravidão é este?

M aomé , casamento e escravas

É provável que Maomé tenha vivido uma vida discreta como jovem. Aos 25, casou-se com uma mulher 15 anos mais velha e se manteve monogamicamente casado com ela por 25 anos. Ela morreu três anos depois de sua fuga de Meca para Medina. Aos olhos de seus seguidores, Maomé vivia a evidência de que o autocontrole mascu lino poderia coexistir com a monogamia. Por que ele não fez de seu autocontrole monogâmico inicial um exemplo para seiis seguidores? Algo dentro de Maomé deve ter se soltado.

Em Meca, Maomé não era violento, nem ladrão, nem polí- gamo. Em Medina, por sua própria escolha, tornou-se todos os três e ainda mais. Um homem conhecido por seu autocontrole é ain da mais desprezível se o abandona, do que alguém que tenha vivido como libertino e patife desde a juventude.

Quais foram as razões para a mudança de Maomé? Cada in dicação que se segue à sua chegada em Medina aponta para a sua decisão de edificar uma força de combate que poderia não só saquear as caravanas de Meca e expulsar os judeus da cidade, mas também ser, ao final das contas, grande o bastante para derrotar os árabes hostis que o expulsaram de sua própria cidade natal, Meca.

Evidentemente, prescrever sua monogamia original como um padrão para os pagãos acabaria afastando muitos dos que Mao mé queria para uma rápida estruturação desta força. Ou será que ele pensava que 25 anos de monogamia em Meca davam a ele o direito de curtir a vida em Medina?

Como ocorreu a transição de Maomé da monogamia para a poligamia?

Não muito tempo depois de Maomé ser expulso de Meca, um admirador trouxe sua filha de seis anos, Aisha, e a ofereceu em casamento para Maomé. E ele aceitou. Pode-se pensar, antes de qual quer coisa, que tipo de lógica estranha, ou falta de qualquer lógica, motivaria um pai a truncar a infância de sua filha tão dramaticamen te. A segunda questão é igualmente importante: como um homem

que afirmava ser um profeta de Deus pode ter falhado tâo grossei ramente em demonstrar a sã moderação que o impediria de aceitar uma oferta tão excêntrica de um pai obviamente confuso, desorien tado ou delinqüente? Não serve como desculpa para Maomé dizer que “este tipo de coisa era um costume árabe ”. Certamente Deus não mandaria seus profetas para confirmar a tolice humana, mas para substituí-la por sabedoria.

A tradição muçulmana afirma, por uma razão óbvia, que ele não consumou este seu segundo casamento até que Aisha tivesse nove anos de idade. A dúvida ainda permanece: quantas vezes ele tentou consumar seu casamento com uma mera criança durante os três pri meiros anos? Maomé deixou-se aberto à suspeita de pedofilia.

Uma mudança de coração

Talvez tenha sido os três anos de incapacidade de ter sexo com Aisha que levaram Maomé a tomar outra esposa. A partir deste momento, ele se tornara polígamo, e não havia volta. Ele continuou acrescentando esposa após esposa ao seu harém, tudo com o pleno consentimento de Alá. O Deus de Maomé era totalmente compla cente. Qualquer coisa que o novo Maomé não-monogâmico quises se, o seu Deus estava ansioso por conceder. Perceba a seguinte carta branca de aprovação divina que o Alcorão de Maomé lhe deu:

Ó Profeta, em verdade, tomamos [“nós ” significa “Deus ”]

lícitas, para ti as esposas que tenhas dotado, assim como

as que a tua mão direita possui (cativas), que Deus te

nha feito cair em tuas mãos, as filhas de teus tios e tias

paternas, as filhas de teus tios e tias maternas (...) toda a

mulher fiel que se dedicar ao Profeta, por gosto, e uma

vez que o Profeta queira desposá-la; este é um privilégio

exclusivo teu, vedado aos demais fiéis (...) Podes (...) to

mar as que te agradarem (...) não terás culpa nenhuma. (Alcorão 33:50-51)

Então, como que se sentido embaraçado por tal demonstra ção impulsiva de indulgência apaixonada, o Deus muçulmano avisa:

Além dessas, não te será permitido casares com outras,

nem trocá-las por outras mulheres, ainda que suas bele

zas te encantarem. (Alcorão 33:52)

Por que um santo profeta necessita ser publicamente admo estado a evitar a troca de esposas? Mas espere. Ainda tem mais! Para que Maomé não se sentisse ofendido por ser obrigado a observar até mesmo a limitação mínima mencionada acima, o seu Deus já se mos tra indulgente de novo, fazendo um acréscimo muito generoso: “com exceção das escravas que possuir ” (Alcorão 33:52, Challita).

Em qualquer momento que Maomé desejasse acrescentar al gum tempero à sua vida sexual, tudo o que tinha a fazer era uma incursão contra uma cidade ou caravana para obter algumas escravas, ou então, comprar mais algumas, e seu Deus aprovaria. Portanto, na verdade, não havia realmente um limite para ele.

De maneira interessante, o verso 33:50 admite a necessidade de proteger Maomé da vergonha de ter relações sexuais com tantas mulheres. E óbvio que alguém deve ter percebido que um pouco de consciência comum, a menos que estivesse anestesiada de alguma maneira, iria condenar tais excessos como errados, talvez até mes mo entre seus seguidores. Portanto, se os padrões morais devem ser abaixados para fazer com que a anormalidade do líder pareça corre ta, quem seria melhor do que Deus, o inventor da moralidade, para baixar os padrões?

Pensando a respeito de “Deus ” e Maomé, podemos nos per guntar quem era o servo e quem era o mestre. Maomé reduziu virtu almente o seu Deus ao nível de procurador, um mero auxiliar.

Regras para transformar uma escrava numa “mulher honesta ”
Ocasionalmente, um muçulmano decidiria que uma cativa

que Maomé lhe oferecera para utilizar como escrava sexual deveria, ao invés disso, ser sua esposa. O capítulo 4 do Alcorão de Maomé

estabelece três condições que deveriam ser cumpridas para que uma escrava pudesse ser a esposa de um muçulmano. M. M. Ali faz a listagem delas:

1. A escrava deve ser fiel (veja Alcorão 4:25);

2. O homem deve convencer a comunidade que não é capaz

de pagar o dote de uma mulher livre (veja Alcorão 4:25);

3. O homem estar receoso de cair em pecado se não se casar

com sua bela escrava.

2

Tudo o que o muçulmano precisa fazer é admitir uma pe quena fraqueza. Poderia ser esta a razão pela qual Deus supria tão subservientemente o desejo de Maomé por sexo?

No capítulo 70 do Alcorão, Maomé convidou os homens muçulmanos a descer até o mesmo baixo padrão marital ao qual Deus lhe havia autorizado. Primeiramente, contudo, posando como o guarda da moralidade, Maomé elogiou os homens que “controlam seus desejos ” (Alcorão 70:29, tradução para o inglês de Rodwell). A seguir, acrescentou de maneira indulgente: “exceto para com as espo sas ou (as cativas) que suas destras possuem — nisso não serão repro vados ” (Alcorão 70:30, veja também 23:5). As escravas mencionadas nestes dois versos não estão incluídas na categoria de esposas.

M. M. Ali escreve: “Não encontro nenhum verso [no Alco rão] sancionando o que é chamado de concubinato ”.3 No entanto, acabei de mencionar dois deles.

O que Maomé está realmente dizendo? Controle os seus de sejos sexuais porque Deus lhe oferecerá uma oportunidade melhor de satisfazê-los? Mais uma vez, essa absolvição da “culpa ” (veja Alcorão 33:52) revela a consciência de Maomé a respeito de um padrão moral mais elevado e sua intenção deliberada de baixá-lo.

Evidentemente, a maioria dos muçulmanos não tem o desejo de ferir os não-muçulmanos. Diferentemente do seu assim chamado profeta, eles nunca pilharam as casas de outras pessoas nem explora-

ram mulheres cativas como escravas sexuais. Que Deus não permita que nenhum leitor desta crítica ao Alcorão pense que os muçulmanos devam ser punidos por serem enganados por um mau profeta e seu mau livro. Que Deus defenda as pessoas de cada nação dos justi ceiros, incluindo os muçulmanos nas nações ocidentais e cristãos e outras minorias em nações muçulmanas!

Na verdade, os muçulmanos moderados podem ser elogiados por viverem num plano ético muito mais elevado do que o seu auto- intitulado profeta, ao qual foram ensinados a honrar. Mas, antes de mais nada, por que alguém deveria ser ensinado a honrar como pro feta um homem que qualquer pessoa com discernimento desprezaria, se tivesse o grande azar de conhecê-lo?

Poligamia na Bíblia?

Vários personagens do Antigo Testamento, Davi e Salomão, por exemplo, eram poligâmicos. Exceto em 2 Samuel 12:8, quando diz a Davi, através do profeta Nata, que dera ao primeiro as suas es posas, Deus ficou em silêncio a respeito do assunto, permitindo talvez que os poligâmicos do Antigo Testamento exercessem, em seu tempo de imaturidade social, o que Jesus, ao falar do divórcio, chamaria mais tarde de dureza de coração (Mc 10:5). Por outro lado, Jesus tinha mui to a dizer. Em Mateus 19:4-9, ele disse que "os dois se tomarão uma só czznzT (ênfase acrescentada), e não os três, quatro ou cinco, afirmando que um homem deveria ter uma só esposa. O Deus judaico-cristão tirou uma costela do lado de Adão. O Deus do Islã, um Deus ansioso por acalmar cada fiel muçulmano com dezenas de huris no paraíso, tiraria três ou quatro, ou talvez deixasse o pobre Adão sem costelas.

Certamente não há uma afirmação da igualdade entre o mas culino e o feminino mais convincente do que a monogamia! O após tolo Paulo reforça profundamente a primazia da monogamia em 1 Coríntios 7 e 1 Timóteo 3:2. Por que o Deus de Maomé, alardeado por ele como alguém que confirma o Novo Testamento, autoriza tão efusivamente a poligamia, deixando de lado tanto Jesus quanto Paulo?

Rute 3:12 revela que mesmo a lei do resgate de parentes enun ciada em Deuteronômio 25:5 não exigia um homem já casado para desposar a viúva sem filhos de seu irmão falecido. Boaz, apesar de segundo na fila, casou-se com Rute, a viúva sem filhos do seu irmão, porque, se ela se unisse ao homem casado que era a primeira opção, o casamento "ameaçaria o estado " de seus próprios filhos. Como não existe menção de que Boaz já tivesse uma esposa, podemos presumir que ele era um solteiro ou viúvo.

Como os muçulmanos justificam a poligamia de Maomé

Como os apologistas muçulmanos justificam a poligamia de Maomé? As citações anteriores mostram que, para o próprio Maomé, "Deus permitiu " era uma defesa suficiente. M. M. Ali, sempre pron to para fortalecer o que Maomé deixou enfraquecido, acrescenta uma razão que tanto Maomé quanto o seu Deus se esqueceram de dar há 1.400 anos no Alcorão. Ali afirma que as mortes de homens muçul manos nas batalhas deixavam muitas mulheres viúvas. Maomé pres crevera a poligamia, sugere Ali, porque aquelas viúvas necessitavam de cuidado, e não havia homens solteiros para casar com elas. Mesmo assim, Maomé proibiu qualquer um de se casar com as numerosas viúvas que ele mesmo deixaria quando morresse (Alcorão 33:53b). E o que fazer quanto às escravas com as quais Maomé tinha relações? Elas não eram viúvas. Que tipo de cuidado especial elas necessitavam, que impeliam Maomé a ter relações com elas? Em Alcorão 4:3, ou foi o cuidado ou a falta de controle próprio, e não o excesso de viúvas, que proporcionou a autorização da poligamia.

Em discussões acerca da poligamia no Islã, ocasionalmen te alguém se sai com a expressão: "os homens gostam; as mulheres odeiam ". Mas a poligamia, quando avaliada realisticamente, é uma maldição para ambos os sexos. Eis o porquê: em culturas poligâmi- cas, homens casados que têm filhas caem na tentação de montar ver dadeiros clubes de troca de filhas. Os poligâmicos dizem um para o outro: "Eu lhe ofereço a minha filha para ser sua terceira esposa desde

que você me ofereça a sua filha como quarta esposa ”. E como isso dei xa os homens solteiros? Veementemente ressentidos com a ganância e cobiça dos homens já casados. Os solteiros quase não têm opções, além de seduzir ou roubar uma noiva e fugir para se casar, o que gera rancores sem fim, rixas entre famílias e derramamento de sangue. Os sofismas relativistas caem por terra. A poligamia é uma maldição tanto para homens quanto para mulheres!

Além disso, ao longo da história, tantas culturas tiveram um excesso de viúvas depois de guerras, mas nao acharam aconselhável voltar-se para a poligamia para cuidar delas.

C omo M aomé ainda tomou mais uma esposa

Jesus ressuscitou um morto; Maomé assassinou os vivos. Je sus curava os doentes; Maomé feria os saudáveis. Jesus libertou os oprimidos; Maomé escravizou os livres. Jesus santificou a terra com as coisas celestiais; Maomé manchou a compreensão humana de céu com o conceito mundano.

Na verdade, Maomé não conseguia alcançar a parte inferior dos padrões morais de um vagabundo.

A nora de Maomé

Pense a respeito desta história que parafraseio a partir de diver sas fontes: quando Maomé já possuía várias esposas e sabe-se lá quantas escravas, seu próprio filho adotado, que era o seu braço direito, Zaid ibn Haritha, casou-se com a adorável Zaynab. Ela era sua única esposa. Estava em seus 30 anos, sendo um pouco mais velha que Zaid.

Um dia, o assim chamado mensageiro de Alá veio lhes fazer uma visita. Zaid não estava em casa. Zaynab veio à porta com poucas roupas. Ficando modestamente atrás de uma cortina para se vestir mais apropriadamente, ela convidou Maomé a entrar. Fontes mu çulmanas nos hadiths quase se deleitam em descrever como o vento

levantou um pouquinho a cortina e como Maomé se entusiasmou, se é que ele já não estava assim, com a beleza de Zaynab. Ela o ouviu exclamar: “Louvado seja Alá, o Altíssimo! Louvado seja Alá, aquele que muda o coração dos homens! ”

Quem era a pessoa cujo coração Maomé já sabia estar muda do? Será que Zaid fez uso de Zaynab ou propôs algum tipo estranho de acordo com o seu padrasto? E Maomé foi para lá a fim de avaliar se a barganha seria feita?

Maomé saiu dali empolgado. Quando Zaid ficou sabendo da reação emocional de seu padrasto durante o encontro momentâneo, já parecia saber exatamente o que fazer. Ou já estava tudo planejado? Sabia ele que seria muito bem recompensado através de bens ou de outras mulheres?

Uma oferta tentadora e uma recusa

Zaid foi diretamente até Maomé e ofereceu divórcio a Zay nab para que ela pudesse ser acrescentada ao já bem servido harém de Maomé. Evidentemente, a oferta deveria ser iniciada por Zaid. Maomé não poderia aparecer como alguém que estivesse roubando a única esposa de seu filho adotado. O grande Maomé não poderia ser visto como imoral.

Maomé, é claro, protestou dizendo que Zaid deveria man ter sua esposa. Naquele momento, toda a comunidade muçulmana estava observando. Todos devem ter entendido que a questão estava resolvida. Maomé dera a Zaid uma ordem. Ele deveria manter sua

esposa. Ninguém poderia contradizer uma ordem do profeta.

4

Mas, espere! Sim, é claro que havia alguém que poderia fazê-

lo: Deus!

A intervenção de Deus

Aproveitando a deixa, o Deus do Islã, reduzido novamente à mais abjeta perfídia, repreendeu severamente Maomé por resistir à vontade dele: “Recorda-te de quando disseste àquele que Deus agra-

ciou, e tu favoreceste: Permanece com tua esposa e teme a Deus!, ocultando em teu coração o que Deus ia revelar; temais, acaso, mais as pessoas [a opinião pública]? (...) Fica sabendo que o mandamento

de Deus deve ser cumprido ” (Alcorão 33:37).

5

Rapidamente, o inocente Maomé se casou com Zaynab. Ro- dinson ainda critica alguns autores muçulmanos, e um sofista oci dental chamado Montgomery Watt, o predecessor de Haren Arms- trong, em minha opinião, por tentar argumentar que Maomé não tinha interesse sexual em Zaynab. Era, como Watt e outros como ele insistiram, apenas um casamento com propósitos políticos. Não é surpresa que o restante do capítulo 33 do Alcorão revise sete avisos contra a censura, insolência, maledicência e fomentação de escânda los contra o profeta muçulmano.

Era fácil de prever! Neste ambiente, quem ousaria falar livre mente?

As palavras de uma esposa ciumenta

Contudo, havia uma espectadora deste triste evento que tor nou público o que poderia ser visto como um estratagema de Mao mé. Essa pessoa corajosa era sua enciumada segunda esposa, Aisha. Um hadith credita a ela uma coragem suficiente para ser ouvida di zendo que, na verdade: “a parte dessa "revelação ’ que deveria ser guar

dada em segredo é exatamente a tornada conhecida [por Deus] ”.

6

Todos podiam ver claramente que o Deus de Maomé estava pronto para ordenar o que Maomé quisesse. As más escolhas precisavam da cobertura divina adequada.

M ulheres como objetos sexuais ?

Finalmente, numa citação chocante até para o mais fanático promotor do “santo ” Alcorão, Maomé ordenou:

E, na vossa ânsia por bens desse mundo, não constranjais escravas à prostituição. (Alcorão 24:33, Challita)

M. M. Ali declara solenemente: “A prostituiçao(...) é con denada aqui ” . Sr. Ali, como você está errado! Como outras ordens aparentemente moralistas de Maomé, que vêm com uma cláusula “a não ser que ” ou ‘exceto em caso de ” (expondo-as como pseudo- moralistas), também esta é seguida por um “se ” que tem o mesmo efeito. Maomé acrescenta: “se preferem a castidade ” (Alcorão 24:33, Challita, ênfase acrescentada).

O que ele queria dizer? Se uma escrava não está preocupa da com a sua castidade, o seu proprietário poderia lucrar com a sua prostituição. Pense como seria fácil que um proprietário ambicioso pressionasse uma escrava a dizer que não tinha tal preferência, quan do na verdade estava relutante a respeito do que seu dono queria que ela fizesse. Mas, espere! Ainda tem mais. Maomé continua o verso:

Se forem compelidas [ou seja, pelos donos de escravos],

Deus lhes perdoará. (Alcorão 24:33, Challita)

Escravas que eram compelidas não tinham opção, então, não poderiam ser o “lhes ” que precisa de perdão. Maomé estava ostensi vamente comprometendo o seu Deus a absolver os muçulmanos que forçavam suas escravas à prostituição.

Ainda assim, M. M. Ali chama Maomé de “a maior fonte de

justiça que o mundo já testemunhou ”.

8

Um exemplo ainda mais vulgar da visão de Maomé sobre as mulheres cativas como objetos sexuais pode ser encontrado nos ha- diths. Bukhari, considerado um coletor confiável de hadiths^ cita um dos primeiros muçulmanos, chamado Abu Said al-Khudri, que des creveu o que acontecera quando alguns seguidores de Maomé vieram a ele com o que

parecia, à primeira vista, uma confissão, mas era na verdade apenas uma consulta. Os homens disseram:

Tomamos algumas mulheres cativas e copulamos com elas,

praticando o coito interrompido para que não tivéssemos

descendentes delas. O que fizemos ofendeu Alá?

9

A maioria das pessoas, é claro, esperaria que Maomé repreen desse seus acólitos, dizendo algo como: “A questão não é se o coito interrompido ofende Alá. O que o ofende é o seqüestro e o estupro! ” Infelizmente, Maomé assegurou displicentemente aos seus protegi dos que o coito interrompido não é um problema, porque alguém que Alá pretende que exista acabará existindo de qualquer maneira. A idéia de encarar o seqüestro e o estupro como atos criminosos nem estava à vista dele! Evidentemente, tais crimes eram tão comuns sob a influência de Maomé, que as definições de moralidade pública foram alteradas para desculpá-los.

Enfim, este capítulo, juntamente com os anteriores, revela o conteúdo extremamente questionável do Alcorão, mas será que não há nenhum verso bom nele? Na verdade, várias passagens descrevem a natureza de maneira magnífica. Bons conselhos aparecem aqui e ali, tais como: “Não cerres a tua mão excessivamente, nem a abras com pletamente, porque te verás censurado, arruinado ” (Alcorão 17:29). Cerca de 117 versos admoestam contra a tentação da idolatria. No entanto, os bons versos do Alcorão se parecem com a comida que o assassino junta ao veneno para disfarçar o seu sabor mortal. E melhor encontrar a mesma comida, sem o veneno, na Bíblia ou mesmo em provérbios como “sabendo usar não vai faltar ” ou “de tostão em tos tão faz-se o milhão ”.

O Islã insiste em que os muçulmanos aceitem o Alcorão intei ramente, portanto, a aceitação dos bons versos leva inexoravelmente à aceitação dos maus, aqueles que advogam a violência, a escravidão, o sexo com escravas e até mesmo a prostituição.

1

Maulana Muhammad AH, Quran (Columbus, OH: Lahore, Inc., USA, 1998), comentá rio 535.

2

Ibid., comentário 561.

3

Ibid.

4

Maxime Rodínson, Muhammaã (New York: Pantheon Books, 1971), pp-204-208.

5

Sahih al-Bukhari, Tradução para o inglês de-Sahih Bukhari (The Book ofKnowkdgè}, por Mohammed Muhsin Khan, livro 93, vol. 9, n°. 516, University of Southern Califór nia, disponível online em http://www.usc.edu/dept/MSA/fiindamentals/hadithsLLnnah/bukhari/O59.sbt.html (Acessado em 25 de outubro de 2002).

6

Rodinson, Muhammad, p. 206.

7

Ali, Qurarty comentário 1.756.

8

Ibid., comentário 1.998.

9

Sahih al-Bukhari, op. cit.

6

Gomo

os muçulmanos leniam

defender o ddcorão

JOO3

Nos capítulos anteriores, respondi algumas das tentativas do apologista muçulmano M. M. Ali de defender vários versos corânicos que tendem a criar dificuldades para o Islã. A refutação de dezenas de suas outras defesas encheria facilmente outro livro. Ao invés disso, volto-me agora para argumentos mais gerais que apologistas muçulmanos normalmente usam para tentar justificar as reivindicações do Alcorão.

DEFESA 1

O Alcorão se confirma como inspirado por Deus

a todos os que se aproximam dele com reverência

Os muçulmanos pedem que todos os que decidam investigar o Alcorão sintam respeito reverente pelo livro, mesmo antes de lê-lo. M. Z. Khan, numa introdução de 52 páginas à sua tradução inglesa do Alcorão, avisa:

“Um estudante do Alcorão deve trazer certas qualidades ao

seu estudo... As duas mais importantes são reverência e hu

mildade. O Alcorão afirma ser a Palavra de Deus. Um lei

tor não-muçulmano pode não aceitar esta afirmação, mas

deve mantê-la em mente e respeitá-la... O Alcorão reage

para com aqueles que o estudam a partir da atitude com a

qual o abordam. Se uma pessoa começa com a pressupo

sição de que ele é fabricado, o seu estudo (...) confirmará

sua inclinação preconcebida. Um estudante deve libertar

sua mente de todo o preconceito... O Alcorão espera uma

mente aberta ”.

1

A história está cheia de livros que se destacam por convencer os não-convencidos de perspectivas previamente questionadas. Um livro cujo autor é Deus não deveria estar no topo desta categoria? Mas não, “se o Alcorão não nos impressiona, e até mesmo se encontramos falhas de lógica e

indiscrições morais nele não é culpa do livro ”, afir ma Khan. Nós devemos ser os culpados.

Creio que não. A leitura de um livro que se autodenomina Palavra de Deus, dentre todos os livros, necessita ser feita com uma dúvida honesta. Khan não deixa espaço para isso. Tudo o que não é re verência recebe dele o rótulo de “irreverência ”, “orgulho ”, “inclinação preconcebida ” ou “preconceito ”. Esta é uma maquinação que tenta desarmar, confundir e subverter o intelecto de um convertido em po tencial. A idéia de Khan de uma mente aberta, na verdade, é a de uma mente vazia. É uma mente tão aberta que não faz.uso da lógica.

DEFESA 2

A forma como o Alcorão soa tão maravilhosamente em árabe

é uma evidência da inspiração divina

Ligada ao fraquíssimo argumento do “leia com reverência ”

está a defesa igualmente fracassada que afirma que “ele [o Alcorão] soa de maneira maravilhosa em árabe ”. Os apologistas muçulmanos falam com enorme entusiasmo, quase em uníssono, sobre quão poé tico e inspirador o mero som do árabe do Alcorão é para os ouvidos. Devemos tomar este argumento, mesmo se verdadeiro, como evi dência para a afirmação da divina inspiração do Alcorão? Toda essa retórica tem apenas um objetivo: distrair os leitores conscientes da re alidade da violência, repetitividade e pseudo-moralidade do Alcorão.

Por mais cadenciada que seja a leitura de Alice no Pais das Ma ravilhas, a obra continuará sendo uma ficção. Da mesma forma, por mais grandiloqüente que seja a entonação do Alcorão em árabe, quan do o seu significado é conhecido, ele continua sendo um tedioso ma nifesto tentando justificar uma série de crimes contra a humanidade.

DEFESA 3

As aparentes debilidades do Alcorão são devidas à incapacidade das outras línguas em transmitir o que ele expressa em árabe

Muitos apologistas muçulmanos frequentemente saem numa defesa monotônica: “Outras línguas ”, eles afirmam, “não conseguem expressar apropriadamente o que o Alcorão diz em árabe ”. Se nós, ocidentais, pudéssemos ler em árabe, provavelmente as repetições não seriam repetitivas, a falta de substantivos (veja a Defesa 4 logo abaixo) não causaria confusão sobre os lapsos morais de Maomé, e a violência não pareceria questionável.

E eles são obrigados a dizer “não conseguem expressar ” ao in vés de “não podem expressar ”, porque as muitas traduções do Alcorão apresentam as numerosas passagens questionáveis de uma maneira

idêntica ou muito semelhante, o que é embaraçoso, sem dúvida al guma. Como é que esses muitos tradutores poderiam estar todos er rados?

Evidentemente, alguém poderia selecionar um verso pro blemático e perguntar a um apologista muçulmano: “Se nenhuma tradução realmente expressa o significado do árabe do Alcorão, diga- me, o que deveria ser acrescentado para fazer com que ele não fosse tão problemático? ” O apologista ofereceria, então, numa linguagem bem simples, o que afirmaria ter sido perdido na tradução, refutando involuntariamente o seu próprio argumento. E ficaria resmungando se lhe perguntassem: “E por que nenhum desses muitos tradutores não trazem o verso da maneira como você acabou de afirmar, que é uma boa expressão do que se diz em árabe? ”

Como alguém que fala três línguas, posso atestar que, com exceção de algumas expressões sutis ou jogos de palavras, não há nada que não possa ser traduzido de qualquer língua para qualquer outra língua! A afirmação muçulmana de que a riqueza do significado em árabe é perdida pela tradução simplesmente não tem sentido (veja as citações de Puin e Dashti no capítulo 2).

Se o Alcorão faz sentido apenas em árabe, ele não é uma reve lação para toda a humanidade, a não ser que Alá (a palavra árabe para Deus) quisesse que todos os seres humanos aprendessem tal língua. Na verdade, professores espalhados por milhares de madrasas muçul manas exigem que milhões de estudantes não-árabes memorizem o Alcorão inteiro em árabe, uma língua que não conhecem nem com preendem!

Isso poderia ser uma cobertura? Mentes sagazes que se abor

receriam ou se impressionariam com uma pseudo-revelação, se pu dessem entendê-la, sao mantidas no escuro, sabendo apenas o que o mulá, o equivalente a um pastor no Islã, decide explicar na língua local.

DEFESA 4

Sem a inspiração divina, uma obra de arte como essa não po

deria vir de um homem iletrado

Milhões de pessoas que nunca abriram um Alcorão ouvem de muçulmanos que este é um livro maravilhoso. Até mesmo estudiosos seculares o exaltam. No entanto, seja mais insistente nas perguntas, e a maioria admitirá que apenas folheou algumas páginas. Nos Estados Unidos, alguns professores universitários se mostram reticentes em dizer qualquer coisa que possa fazer com que os alunos muçulmanos boicotem suas aulas.

Com tanta propaganda elogiando o Alcorão, um novo leitor espera ficar inspirado logo ao começar sua leitura. Mas o aborreci mento é um balde de água fria sobre a empolgação. Maomé, o líder religioso analfabeto árabe que ditou o Alcorão a vários escribas no começo dos anos 600, reconheceu a si mesmo como “iletrado ” (Al corão 7:157). Em 7:183, ele descreve o seu papel como o de “um admoestador apenas ” (Alcorão, Challita).

Um iletrado com horizontes intelectuais limitados, a fim de encher centenas de peças de pergaminho com ensinamentos, real mente precisa da ajuda de uma mente mais bem informada que a sua. Ou, então, poderia confiar obstinadamente na repetição para preencher o espaço. Mas aí havia um problema. Como ele poderia repetir, repetir e repetir sem aborrecer seus leitores?

Este era o dilema de Maomé.

O primeiro capítulo do Alcorão tem apenas oito versos. Por tanto, o texto principal se inicia com os 286 versos do capítulo 2. Os leitores podem encontrar repetições banais imediatamente. No verso 7, Maomé adverte os não-muçulmanos a respeito de um “severo castigo ”, ou seja, do castigo do inferno. Três versos mais tarde, no verso 10, ele avisa novamente sobre um “castigo doloroso ”. Catorze versos abaixo ele escreve sobre “o fogo infernal cujo combustível serão os idólatras e os ídolos; fogo que está sendo preparado para os incrédulos ” (v. 24).

Por sua vez, essa idéia é ecoada pelo verso 39, no qual os infi

éis são descritos como “condenados ao inferno, onde permanecerão etemamente ”. E outro aviso sobre a danação acontece no verso 48. O verso 81 avisa novamente que os malfeitores serão “condenados ao inferno, no qual permanecerão etemamente ”. Quatro versos adiante está escrito que “no Dia da Ressurreição, serão condenados ao mais severo dos castigos ” (v. 85) e a seguir, no verso 86, que “a esses não lhes será atenuado o castigo ” e se fala, no verso 89, de uma horrível “maldição de Deus ” caindo sobre os infiéis!

O verso 90 inclui a frase “abominação após abominação ” re sultando num “castigo afrontoso ” para os infiéis. O aviso do verso 96 sobre o “castigo ” de Deus é seguido, dois versos depois, pela ameaça de que “Deus é adversário dos incrédulos ” (v. 98).

Um leitor razoável esperaria que Maomé passasse a aliviar essa exploração tão ávida do tema do inferno. Mas, pelo contrário, ele continua falando disso. Dos 286 versos do capítulo 2, um a cada 9,5 ameaça tanto os não-muçulmanos quanto os muçulmanos desobe dientes com a danação eterna.

Mesmo nos capítulos subsequentes, Maomé raramente abor da qualquer outro tópico sem se interromper constantemente para avisar os seus leitores a respeito do inferno. O capítulo 3, com 200 versos, fala sobre o fogo do inferno em 1 a cada 7,4 versos. Os 176 versos do capítulo 4 seguem o mesmo curso: 1 a cada 7,2 versos re passa a questão do inferno. O capítulo 5, com 120 versos, tem uma média de 1 ameaça incandescente a cada 8 versos.

Em algum momento, Maomé deixa a questão do inferno por tempo suficiente para desenvolver 100 versos sem nenhuma ameaça infernal? Não, ele não consegue.

A tradução de Rodwell para o inglês conta com 6.151 versos em seus 114 capítulos. Ao longo dela, Maomé lança 783 ameaças de inferno, ira, julgamento eterno e perdição contra a mente já bem cha muscada de qualquer leitor que continue lendo o seu Alcorão até o fim. Isso significa

uma ameaça a cada 7,9 versos! (Versos maiores que contenham duas ou três ameaças são contados apenas uma vez.).

Certamente, a Bíblia também admoesta a respeito do infer no, mas não numa freqüência que evidencie a obsessão do escritor pelo assunto. De acordo com a New Strongs Exhaustive Concordance of the Bible [Nova Concordância Exaustiva da Bíblia de Strong], o “inferno ” é mencionado 31 vezes no Antigo Testamento: uma vez a cada 774 versos? Dos 7.992 versos do Novo Testamento, “inferno ” e os substantivos “perdição ” e “fogo ” (quando “fogo ” significa “infer no ”, e não “zelo ” ou “avivamento ”) ocorrem 74 vezes? Isso significa uma vez a cada 120 versos.

Algumas das ameaças de Maomé sobre o inferno se destinam apenas àqueles que desobedecem a Deus. Lendo um pouco mais, percebemos que a amplitude da danação aumenta. Qualquer pessoa que rejeite a sua afirmação de ser profeta ou questione a inspiração di vina do Alcorão também é destinada ao fogo eterno. Quem se recusar a batalhar pelo Islã ou fizer uma retirada em meio a uma batalha por este motivo recebe a mesma ameaça (veja Alcorão 8:16 e 9:49).

E fácil para nós, como não-muçulmanos, sugerir que os mu çulmanos deveriam ignorar as ameaças de Maomé sobre o inferno, e seus 109 versos de guerra também, e apenas contemplar os versos mais edificantes do Alcorão. Para eles, isso não é tão simples. O Islã não aprova que se aceite parte do Alcorão e se deixe o resto de lado. As autoridades islâmicas insistem que todo o Acorão é palavra de Deus estabelecida no céu desde um passado eterno, inclusive as ab-rogações, ameaças sobre o inferno e versos de guerra. Portanto, o próprio Aco rão é um pé-de-cabra que os radicais muçulmanos podem usar para alavancar os moderados para longe desta posição e em direção ao radi calismo. E por isso que o mundo não-muçulmano, em sua própria de fesa, realmente deve assumir a tarefa de relutar o Acorão. Ele sempre mereceu refutações. Agora é o momento de assumirmos esta tarefa, não importa o quanto gostaríamos de estar fazendo outra coisa.

Se um autor moderno submetesse alguma coisa como o A- corão a uma editora, teria seu material rejeitado como um manual ciíltico radical, planejado para manipular seguidores e intimidar de-

tratores com o terror. A inclinação de Maomé em agir com mão-de- ferro e ameaçar quase todo o mundo com o fogo do inferno pode explicar porque muitos muçulmanos moderados simplesmente não leem o Alcorão. É melhor ser culpado de não ler o livro fundamental da sua fé, do que fazer sua leitura e ficar aterrorizado por suas amea ças incessantes sobre o inferno, e ser convencido a aceitar essa arenga radical como normativa!

Pior ainda, um muçulmano devoto que leia o Alcorão e fique

desapontado, e até mesmo revoltado, com as muitas falhas morais e estilísticas que o perfuram, mergulha numa terrível crise espiritual. Duvidar do Alcorão é um ato punível com a apostasia nesta vida e o sofrimento eterno no inferno (veja Alcorão 2:39; 2:85 e 3:106).

Tenha em mente que as centenas de repetições de Maomé a respeito do inferno se entrelaçam também com as repetições de ou tros dos seus temas prediletos.

Mesmo leitores que reconheçam a priori a inspiração divina do Alcorão, se acostumados com estilos literários menos repetitivos, acham difícil continuar lendo e relendo o que já leram e releram. Muitos leitores do Alcorão me disseram que tiveram que lutar até para completar os primeiros dois capítulos.

Quantos leitores sensíveis, muçulmanos ou não, simplesmen

te tiveram que parar de ler porque ficaram amedrontados? Descrições recorrentes de pessoas obrigadas a tomar água fervendo e se contor cendo no fogo do inferno até que suas peles se cobrissem de bolhas, vendo suas peles sendo curadas somente para que fossem queimadas de novo, num processo que se repete para sempre, realmente podem causar pesadelos.

Outros temas que Maomé repete ad nauseum incluem:

Maomé cita aproximadamente 100 vezes o seu Deus confir mando que enviou “este livro [o Alcorão] ” (Alcorão 16:46; 21:10) para direção e alerta. Vez após outra, ele admoesta os escarnecedores (e eles são muitos)

que suas zombarias fazem eco ao que dezenas de profetas já suportaram no passado. Eis a lógica de Maomé: os profe

tas denunciaram e foram escarnecidos. Eu denuncio e sou escarneci do. Logo, devo ser um profeta. Um homem inspirado por Deus pode mesmo usar uma lógica tão simplista?

Nos primeiros dias, Maomé deve ter passado um bom tempo ouvindo os judeus em Meca (e talvez em Medina, pelo menos até que sua hostilidade irrompeu contra eles) narrando histórias do An tigo Testamento em árabe. De vez em quando, contudo, os judeus contadores de histórias passavam da Escritura do Antigo Testamento para as fábulas, tradições e lendas judaicas. Como já demonstrei no capítulo 2, aparentemente, Maomé não sabia a diferença.

Ansioso por demonstrar que Deus estava confirmando o An tigo Testamento através do seu Alcorão, Maomé narrava as histórias judaicas que ouvira, Infelizmente, ao fazê-lo, involuntariamente, ele misturou fábulas e tradições com Escritura. Como tradicionalmente o povo judeu se baseava com insistência nos escritos de seus rabis, na prática, eles delineavam cuidadosamente uma fronteira entre os ditos humanos e as palavras dadas por Deus.

Além da lenda de Deus-levantando-o-Sinai-para-esmagar-Is- rael, outra fábula judaica propunha que Deus, quando criou Adão, ordenou que cada anjo no céu se prostrasse diante daquele mero ho mem. Todos os anjos o fizeram, exceto Satanás. Um ouvinte cons ciente poderia pensar: “A-há! Deus estava testando os anjos e Satanás, já que isso deveria ter acontecido antes de sua queda, foi o único anjo que passou no teste ao dizer Adoro apenas a Deus! ’ ”

Mas não. Na mente de Maomé, a recusa de Satanás em se prostrar diante de Adão foi a razão pela qual Deus o expulsou do céu. Pensando que estivesse confirmando um trecho da revelação ins pirada do Antigo Testamento, Maomé decidiu canonizar esta tolice nao-inspirada em sete capítulos diferentes do Alcorão.

Isso é o equivalente a um autor afirmar em sete capítulos de um livro moderno que o Papai Noel, seus duendes e suas renas são descritos na Bíblia!

Em outra tradição judaica, Abraão repreende seu pai, Terá (Maomé o chamava de Ezra), por adorar a ídolos. Colocando essa an tiga história tradicional judaica no mesmo nível da Escritura, Maomé recitou-a monotonamente não apenas no capítulo 6, versos 74-87, mas de novo nos capítulos 9, 19, 21, 37 e 43!

É fato que algumas narrativas bíblicas são repetidas nos livros do Antigo Testamento de 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis e 1 e 2 Crônicas, e também nos quatro Evangelhos do Novo Testamento, mas apenas quando diferentes narradores apresentam suas versões para que haja a confirmação de fatos por múltiplas testemunhas. Qual é a lógica de ter o mesmo narrador - Maomé - recitando a mesma história seis vezes?

Aparentemente, alguém queria preencher mais espaço para dar ao Alcorão um tamanho mais respeitável. A repetição de conte údos foi a única forma de inchar o Alcorão, diante da dificuldade de Maomé de supri-lo de material variado suficiente.

Na verdade, Maomé repete aspectos da história de Abraão, com os conteúdos bíblico e fictício entremeados, em 24 dos primei ros 87 capítulos do Alcorão. Isso significa que há uma repetição da história em cada 3,6 capítulos.

Como já observei no capítulo 2, entre os tapa-buracos pre diletos de Maomé está a saga de Moisés e Faraó. Nos primeiros 89 capítulos do Alcorão, Maomé relata elementos da confrontação de Moisés com o Faraó 27 vezes. Isso significa uma repetição a cada 3,3 capítulos. Sete das 27 repetições contêm versões bem detalhadas do épico Moisés-e-Faraó.

É estranho, como já mencionamos, que a história do cordeiro da Páscoa tenha sido omitida em todos os 27 relatos. Ela está ausente, apesar da maioria das pessoas que habitavam Meca e Medina, incluin do os pagãos, saberem que os judeus de todos os lugares celebravam a Páscoa a cada ano. Talvez também fosse conhecido de muitos em Meca que os cristãos identificavam o cordeiro da Páscoa do judaísmo como uma prefiguração de Jesus. Além disso, Maomé tinha conheci dos cristãos, como o primo de sua primeira esposa, Wareka.

Por que Maomé apagaria um componente tão importante quanto este em 27 relatos da mesma história? Poderia ser que Maomé, determinado a negar que Jesus morrera como o redentor "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo? ” (Jo 1:29), deliberadamente te nha evitado mesmo uma prefiguração veterotestamentária de Cristo como redentor? Qualquer que fosse a razão, Maomé ainda afirmou, pelo menos uma dúzia de vezes, que estava confirmando o evangelho cristão, assim como as escrituras judaicas (veja Alcorão 2:97, 101).

Especialista em confundir detalhes, Maomé era igualmente

adepto a reunir desordenada e confusamente trechos e aspectos de várias histórias bíblicas. Em 28:38 e depois em 40:36-37, o faraó de Maomé da época de Moisés no Egito dá ordens a Hamã (um persa do livro de Ester) para que construísse uma torre de tijolos como meio de chegar ao céu, uma idéia retirada da queima de tijolos pelos sumérios para a construção da Torre de Babel, como mencionada em Gênesis 11:4.

Novamente, todas as sete traduções do Alcorão para o inglês que examinei concordam que Maomé descreve Deus afogando no mar o Faraó e os “os que com ele estavam ” (Alcorão 17:103; 26:66). E mesmo assim, em 10:90 a 92, os sete tradutores apresentam Deus, falando através de Maomé, afirmando que o Faraó não se afogou. Como ele se arrependeu e clamou por misericórdia enquanto se afo gava, Deus poupou sua vida no último momento. Em português, El Hayek apresenta Deus dizendo: “Salvar-te-emos hoje com teu corpo ” (Alcorão 10:90).

Três tradutores para o inglês falam “Salvaremos hoje o teu corpo ”, tentando evitar a contradição flagrante. Certamente, Deus, se ele inspirou mesmo o Alcorão, faria melhor do que se contradizer a respeito do destino do faraó.

Maomé continuou reciclando outras histórias apocalípticas também. Ele faz referência a Noé, o herói do relato do dilúvio bí blico, em 28 dos primeiros 71 capítulos do Alcorão, o que significa uma vez a cada 2,5 capítulos. A história de Ló e a destruição do “seu

povo ”, apesar de Ló não ser nativo, mas estrangeiro em Sodoma e Gomorra, aparece em 14 capítulos. Histórias das cidades e heróis árabes legendários, como Ad, Tamud, Shu aib e Salih, são repetidas cerca de seis vezes cada.

As recitações apocalípticas de Maomé reforçam um ponto: Deus destrói as pessoas que rejeitam os avisos divinos enunciados pelos profetas. Atribuindo a si mesmo a honra de profeta, Maomé avisava que, da mesma forma, Deus amaldiçoaria cada contempo râneo que rejeitasse suas admoestações. E ainda mais: em 15 versos do Alcorão, Maomé acrescenta algo a seus avisos anteriores. A alguns versos que originalmente apenas convocavam o povo a obedecer a Deus. Maomé começou a acrescentar: “Obedecei a Deus e ao Men sageiro! ” (Alcorão 3:32).

Dez das histórias apocalípticas de Maomé terminam com a mesma ordem: “Percorrei a terra e reparai qual foi a sorte dos pecadores [que rejeitaram os avisos do profeta] ” (Alcorão 37:69 e outros).

Em seus 79 primeiros capítulos, por 28 vezes Maomé des creveu sua missão divinamente atribuída como limitada a uma única tarefa: ser “tão-somente um admoestador ” (Alcorão 11:12; 13:7 e outros). Mesmo assim, uma vez após a outra, Maomé foi além desta limitação, supostamente dada por Deus. A cada vez que ele orde nou um assassinato ou tomou as armas contra infiéis em Meca ou judeus em Medina, Maomé violou a condição de “tão somente um admoestador ”. Será possível que ele realmente pensou que ninguém notaria?

Se cada declaração ou história repetida no Alcorão fosse regis trada apenas uma vez, o Alcorão inteiro teria aproximadamente 40% do seu volume.

Um excesso de pronomes, uma carência de substantivos

Uma outra idiossincrasia do estilo literário de Maomé devasta qualquer esperança de que o seu Alcorão pudesse ser considerado um

clássico literário: Maomé substitui centenas de substantivos absoluta mente necessários por pronomes ambíguos.

Qualquer contador de histórias sabe que, em primeiro lugar, os leitores precisam de substantivos e, em segundo, de pronomes, para diferenciar pessoas, objetos e lugares. Isso é verdade em todas as culturas, mesmo nas do Oriente Médio. Por exemplo, a Bíblia mes mo quando não traz explicitamente o nome da pessoa, invariavel mente, revela pelo menos seus títulos, ofícios ou relacionamentos. Os leitores da Bíblia sempre sabem se os indivíduos ou os grupos numa história são judeus, sírios, egípcios, cananeus, moabitas, babilônios ou qualquer outra coisa.

Por outro lado, o Alcorão omite substantivos importantes centenas de vezes. Até mesmo N. J. Dawood, tradutor de uma das versões do Alcorão em inglês, que consultei para preparar este livro, exatamente, a versão que cito com mais freqüência, reconhece que "o Alcorão contém muitas declarações que, se não forem reconhecidas como obscuras, permitem mais de uma interpretação. Sofri muito para reproduzir tais ambigüidades sempre que ocorriam, e ofereci no tas de rodapé explicativas, a fim de evitar transformar o texto numa interpretação, ao invés de uma tradução "?

Aparentemente, o Alá do Islã não tinha um revisor celestial para editar tais ambigüidades de seu Alcorão, eternamente pré-exis- tente, antes de entregá-lo a Gabriel, para que o entregasse a Maomé, para que, por fim, este entregasse o livro à humanidade.

Como um exemplo, em 8:19 da tradução para o inglês de Dawood, Maomé ditou, e um escriba registrou: "Se buscásseis um julgamento, eis o julgamento que vos foi dado; se desistirdes, será melhor para vós " (Alcorão).

Maomé usou, clara ou elipticamente, pronomes da segunda pessoa do plural quatro vezes nestas duas sentenças. A quem ele es tava se dirigindo? Sobre o quê era o tal julgamento? Quem deveria desistir do quê? Maomé não especifica respostas para nenhuma destas questões em lugar nenhum, nem mesmo no contexto do verso.

Alguns tradutores do Alcorão substituem pelo menos alguns dos excessos de pronomes que Maomé por substantivos que eles pen sam que encontraríamos, se pudéssemos ler a mente de um homem que morreu aproximadamente 1.400 anos atrás. Outros tradutores nos deixam à mercê de um envenenamento por excesso de pronomes.

Alguns, como Dawood, colocam notas de rodapé em alguns dos numerosos pronomes ambíguos de Maomé, explicando a quem ou a quê se fazia referência na opinião deles. Maomé fez com que incontáveis estudiosos passassem milhares de horas pesquisando mi lhares de tradições hadíticas, em busca de pistas que oferecessem uma idéia do que ele estava falando.

Na verdade, a tempestade de pronomes no Alcorão arranca suspiros de desalento até mesmo de alguns muçulmanos. Sua prosa errante e repetitiva também afeta alguns deles, como clorofórmio. A escassez de substantivos no Alcorão é o principal fator que tornou os hadiths tão importantes, cheios de testemunhos ricos em substanti vos registrados por contemporâneos de Maomé. Os hadiths explicam centenas de versos cheios de pronomes do Alcorão, e até num estilo muito melhor. Mas é o Alcorão, e nao os hadiths, que deveria ser inspirado!

Perceba como Challita, em português, audaciosamente, adi vinha os substantivos ausentes de Maomé em 8:19 (citado acima) ao acrescentar as palavras em itálico: “Quanto a vós, descrentes, se era uma vitória que procuráveis, sois bem servidos! Se desistirdes de combater, será melhor para vós. ” Realmente fica mais claro!

DEFESA 5

A violência contra judeus e outros não-muçulmanos

era justificável nos primeiros dias do Islã, mas ninguém precisa temer a violência muçulmana agora

Freqüentemente, apologistas muçulmanos asseguram que as batalhas que Maomé e seus sucessores imediatos travaram con-

tra judeus e outros grupos eram atos legítimos em defesa própria. Esta afirmação engana muitos que não estão familiarizados com o Alcorão ou a história de sua origem. Nenhum César Augusto ou Rei

George

6

estava taxando os árabes nos dias de Maomé. Ele não era

um George Washington que liderava guerreiros da liberdade contra a tirania. Meca e Medina eram cidades-estado independentes. Cada cidade era liderada por um consenso entre seus líderes, um tipo de regime democrático, se avaliado pelos padrões da época. Maomé era alguém buscando impor um despotismo declaradamente teocrático sobre uma população perturbada por nada mais que uma violência muito ocasional causada pela rivalidade entre clãs ou por uma taxa de criminalidade que sempre esteve presente em algum grau, mesmo nas sociedades bem governadas.

John L. Esposito, professor de Estudos Islâmicos na Univer sidade de Georgetown, talvez seja o apologista mais erudito do Islã na história. Suas obras são utilizadas como livro-texto em centenas de cursos de nível superior sobre o Islã em muitos lugares dos Estados

Unidos e do mundo de fala inglesa.

7

Ele também é o editor de uma

enciclopédia de Oxford sobre o mundo islâmico moderno. Como ele justifica, então, a violência de Maomé contra o povo de Meca e os judeus? Ele escreve: “o uso por Maomé da belicosidade em geral não era estranha nem para os costumes árabes e nem para os profetas he breus. Ambos criam que Deus sancionava a batalha com os inimigos

do Senhor ”.

Esposito dá seqüência à sua declaração com referências

a Moisés, Josué e outros que lutaram contra os inimigos de Israel. Tais referências buscam nos assegurar que, ao saquear caravanas, estripar profetas e escravizar ou exilar judeus, Maomé estava se colocando firmemente na tradição dos profetas hebreus.

O professor Esposito está forçando um anacronismo incrí vel. Nos dias de Maomé, 1.500 anos tinham se passado desde que qualquer profeta fora descrito no Antigo Testamento usando uma espada a serviço de Deus. Nenhum dos profetas posteriores, como Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Miquéias, Amos ou Malaquias foi descrito usando a espada ou prescrevendo o seu uso. Além disso, os

escritos talmúdicos tendem a afirmar que os judeus dos dias de Mao- mé viviam bem acima dos padrões dos tempos de Josué ou Salomão. Também os escritos do Novo Testamento, especialmente nas épocas em que foi permitido o acesso direto a eles para os cristãos, normal mente levavam os cristãos a um padrão bem superior do que aquele que endossa o saque, o assassinato ou a escravidão. E, politicamente, os judeus que Maomé encontrava na Arábia, há muito tempo tinham deixado para trás os governos da Era do Bronze dos dias de Josué. Ainda assim, mesmo de maneira tão anacrônica, Maomé estava vol tando no tempo para algo muito mais primitivo, e tudo com a apro vação do Professor Esposito! Este estudioso admite, essencialmente, que Maomé lançou o Islã como um retrocesso de 1.600 anos! Espera- se que algo inspirado por Deus nos anos 600 d.C. fosse nos levar um passo acima do padrão ético vigente. Pelo contrário, como Esposito inadvertidamente admite, o Islã já começou como uma descarada reversão ao primitivismo.

Esposito declara que: “Depois de cada grande batalha [que Maomé lutou contra Meca] uma das tribos judias [em Medina] era acusada e punida... A percepção muçulmana de desconfiança, intriga e rejeição por parte dos judeus levava primeiro ao exílio e depois à guerra /

A única evidência que Esposito oferece para apoiar a acusação que os judeus em Medina sofriam é uma citação extremamente vaga do Alcorão. Ele afirma: “O Alcorão acusa as tribos judias de constan tes violações (...) aos pactos [sic. Havia somente um pacto, a assim

chamada Constituição de Medina] ”

10

. E Esposito faz a citação: “Por

que acontece que, cada vez que se comprometem com pactos, um

grupo dentre eles o viola unilateralmente? ” (Alcorão 2:10o).

11

Poderiam ser estas as palavras do próprio Esposito na tradução de 2:100? Não encontro nenhuma outra versão do Alcorão com algo parecido com a adição da palavra “unilateralmente ”. Curiosamente, o pronome singular “o ” da citação de Maomé tem “pactos ”, um subs tantivo plural, como sua referência. E, mais importante, 2:100 acusa “um grupo dentre eles ”, ao invés de todos os sabe-se-lá-quem Maomé

queria indicar com “eles ”, de quebrar pactos (ou seria um pacto?). Esposito, de uma maneira não-acadêmica, amplifica a reclamação de Maomé contra “um grupo dentre ” os judeus para uma acusação contra “as tribos judias ” como um todo. Assim, se era apenas “um grupo dentre ” os judeus que quebrara o pacto, por que Maomé, um homem em que todos confiavam como árbitro, não poderia simples mente negociar com a maioria dos judeus para que eles controlassem os rebeldes e mantivessem a paz?

A verdade nua e crua é que nem Maomé, nem Esposito, nem qualquer outro apologista muçulmano oferece uma única evidência para justificar as ações brutais e arbitrárias de desapropriação, assas sinato e escravização de judeus em Medina. Foi uma atrocidade cri minal. Maomé merecia ser julgado, condenado e até encarcerado ou executado por crimes maníacos.

É possível pensar que um estudioso com a erudição de Es posito fosse capaz de acrescentar pelo menos uma citação dos vários volumes de literatura hadítica para apoiar a única e frágil citação que faz do Alcorão. Infelizmente, ele não reúne nenhuma evidência das fontes hadíticas primitivas para mostrar que Maomé realmente acu sou os judeus de colaborar com Meca, antes de cada um dos três ata ques muçulmanos contra os eles em Medina, se é que os muçulma nos tinham tais evidências, mesmo se aceitemos que essas acusações tenham sido feitas originalmente!

As palavras verdadeiramente reveladoras na frase de Esposi to são: “desconfiança... e rejeição por parte dos judeus ”. Aqui está a parte crucial da questão. Os judeus, por uma série de razões válidas, não confiavam em Maomé. Os judeus, por uma série de razões igual mente válidas, rejeitavam a afirmação de que Maomé era um profeta. E por causa disso ele exilou, assassinou e escravizou todos eles.

Posso imaginar que uma influência pró-muçulmana interna do Professor Esposito queria obscurecer os fatos, mas o acadêmico dentro dele não se deixaria negar e fazer a verdade escapar. Exatamen te no mesmo parágrafo, Esposito dá um outro golpe na tarefa im

possível de livrar Maomé da acusação de assassinato genocídico. Ele afirma: “E importante perceber que a motivação para tais ações [ou seja, exilar, matar e escravizar os judeus em Medina] era política, e

não (...) teológica ”.

12

Isso constitui uma admissão de que, se a motiva

ção de Maomé era teológica, ele poderia ser considerado repreensível. A partir da falta de evidências do professor e de suas próprias palavras citadas, é evidente que a motivação primária de Maomé era a retalia ção contra os judeus pela rejeição de sua reivindicação de profetismo. Portanto, a motivação de Maomé era teológica. Portanto, Maomé é repreensível na perspectiva histórica.

Isso não significa dizer que Maomé não tivesse motivações

secundárias também. A luxúria para com a mulher judia Rayhana e o desejo de pilhar as casas, as terras, os pomares de tamareiras e os negó cios dos judeus adicionaram uma motivação brutal à rusga teológica de Maomé. E nem podemos encarar os judeus como inteiramente inculpáveis. No entanto, mesmo povos que tinham suas próprias fal tas ainda possuíam o direito de se defender contra as escravizações, os assassinatos e as pilhagens que se tornaram as marcas registradas de Maomé.

Pense novamente no caso dos dãs judeus aos quais Maomé explusou de suas próprias casas e negócios em Medina, e no terceiro clã que ele sujeitou ao assassinato e escravidão. Nenhum dos três se opôs à decisão dos árabes de Medina de convidar Maomé para ser o árbitro da cidade nas disputas locais. Na verdade, os judeus de Medi na aceitaram a assim chamada Constituição de Medina, que Maomé estabeleceu inicialmente para facilitar uma maior ordem na cidade. O estudioso muçulmano Ibn Ishaq, citado por Ibn Warraq, descreve esta constituição como um tratado e uma aliança com os judeus, garantindo sua religião e suas posses, e atribuindo a eles direitos e

deveres.

13

E os judeus de Medina mudaram da confiança para a hosti lidade em relação a Maomé logo depois de sua chegada? Aparente mente não, porque senão, certamente, os três grandes clãs se uniriam

contra ele quando da violação da constituição pelo ataque ao primei ro clã. O fracasso de todos os três clãs em explorar a vantagem de lutar contra ele coletivamente mostra que eram um povo que preferia a paz, um grupo que não estava acostumado a tramar ardis militares. Aparentemente, os dois clãs remanescentes ainda tinham esperanças de uma coexistência pacífica com Maomé, mesmo depois de ele ter desapropriado brutalmente a primeira comunidade judaica.

E ainda existe outra questão. Se os judeus estivessem planejan do ou mesmo temendo um conflito com os muçulmanos, certamen te, eles teriam armazenado muita comida e água em suas respectivas fortalezas preparando-se para um logo cerco. Mas, pelo contrário, os registros muçulmanos mostram que a cada vez que havia um ataque, os judeus não tinham recursos para sobreviver ao sítio prolongado e eram forçados a se render em poucos dias! E uma curiosa falta de preparação para um povo com intenções hostis.

E se, posteriormente, os judeus de Medina começaram a es perar, e até mesmo, solicitar a ajuda de Meca para retirar aquele árbi- tro-que-virou-traidor da cidade deles, ainda assim estariam em seus direitos!

Os muçulmanos não têm bases para retratar a traição e a vio lência de Maomé contra aqueles judeus como defesa própria. E nem têm base para insistir em que os 109 versos de guerra do Alcorão (veja apêndice B) autorizavam os muçulmanos a usar violência ape nas nos primórdios do Islã na Arábia, mas em nenhum outro lugar, e certamente, não nos dias de hoje. Já evidenciei, por suas próprias palavras, que Maomé esperava que a violência lançada pessoalmente por ele fosse exemplar para seus seguidores, enquanto o Islã passasse por uma expansão, para se tornar aquela que ele esperava que fosse a única religião mundial.

Temos abaixo dois exemplos de apologistas muçulmanos contemporâneos que se opõem à percepção de que o Islã é religião que não somente nasceu em violência, mas também foi criada para ser violenta.

Dr. Hasan Hathout

Um muçulmano professamente moderado que espalha livre mente afirmações radicais injustificadas em prol do Islã é o Dr. Hasan Hathout, um palestrante do Centro Islâmico do Sul da Califórnia, situado em Los Angeles. Uma entrevista de três horas foi feita com ele pela Dra. Laura Schlessinger e foi transmitida nacionalmente em 5 de outubro de 2001. A conversa revela as estratégias sutis de um habilidoso apologista do Islã.

A Dra. Laura perguntou a Hathout se era verdade que o Islã estava engajado numa “batalha apocalíptica contra o Ocidente para criar um mundo islâmico ”. Hathout sabia que um “sim ” honesto confirmaria as suspeitas e aumentaria o temor quanto aos objetivos do Islã no Ocidente. Sabia também que um “não ” poderia fazer com que ele fosse ridicularizado e chamado de covarde por muçulmanos radicais. Por isso, ele evitou a questão. “Laura ”, ele respondeu, “eu aprendi a não acreditar em tudo o que leio ”.

A Dra. Laura e seus ouvintes podem ter entendido aquilo como um não, mas ele não estava respondendo com uma negação. Estava apenas fugindo do assunto.

Ela precisaria ter dito: “Dr. Hathout, o senhor não respondeu à minha pergunta ”. Mas, como muitas outras personalidades da mí dia ocidental, tentando entrevistar apologistas muçulmanos, deixou- se distrair do seu objetivo por uma resposta evasiva.

Mais tarde, ela perguntou a Hathout se era verdade que os suicidas muçulmanos esperavam ser recompensados por seu sacrifício no paraíso, recebendo um grupo de 72 virgens com as quais pode riam fazer sexo para sempre. Ele deu uma risada e respondeu: “Mas esta é uma lenda exótica! ”

Se a Dra. Laura tivesse feito o seu dever de casa antes de con vidar um muçulmano para ser entrevistado, ela poderia ter mostrado e lido em alta voz para Hathout e sua audiência as cinco passagens no Alcorão que prometem virgens celestiais para o prazer dos homens

muçulmanos no paraíso. E poderia perguntar: “O senhor acredita que o Alcorão contém "lendas exóticas ’? ”

Uma pesquisa como esta poderia também mostrar a ela que o Alcorão não menciona o número 72. Mas como ela incluiu o nú- mero em sua pergunta, deu a Hathout uma oportunidade de objetar com base neste detalhe errôneo específico, deixando a Dra. Laura e sua audiência pensando que ele dizia que toda a idéia de virgens no paraíso era uma lenda exótica. Aquela idéia básica, ele sabia, não era considerada totalmente uma lenda exótica. Ela é encontrada em cin co passagens no Alcorão.

Hathout acrescentou: “Matar a si mesmo é algo proibido no

Islã ”, mesmo apesar do verso 2:207 na tradução de Dawood para o inglês chegar muito perto de descrever o suicídio. A passagem de- clara: “Existem aqueles que entregam suas vidas para obter a com placência de Deus ”. Challita, em português, traduz a frase chave do verso no singular: “há quem venderia a alma para agradar a Deus ”. Existe uma grande diferença entre buscar uma morte violenta para ter méritos, no sentido dos muçulmanos radicais, e desejar entregar a própria vida, quando a obediência a Deus ou o amor a outras pessoas se mostra uma escolha inevitável, que é o conceito do Novo Testa mento.

Quando a Dra. Laura citou uma série de cinco ou seis versos de guerra, ele declarou em resposta a cada um que o chamado à vio lência era “temporário, designado apenas para aquele tempo e aquela situação ”.

É aqui que a Dra. Laura precisava assumir o papel de advo gada e perguntar: “Qual é o aspecto exato daquele tempo e qual situ ação tornava a violência justificável? ” Quando Hathout citasse algu mas crises nas quais os muçulmanos estavam imersos naquela época, ela poderia perguntar: “Isso não significa que qualquer muçulmano de hoje, que se encontre numa situação como aquela, também seria justificado ao buscar resolver a situação com violência? ”.

Se Hathout respondesse “Não, hoje em dia não ”, ela poderia perguntar: “Então cite o verso no Alcorão que garanta a nós, não- muçulmanos de hoje, que os muçulmanos desde aquela época estão proibidos de usar a violência contra o povo do livro ’ da forma como Maomé autorizou os primeiros muçulmanos a fazer ”. Hathout se en contraria, então, numa situação cada vez mais difícil.

Ao invés disso, quando a entrevista continuou, Hathout de clarou que “a Constituição dos Estados Unidos é a essência do ver dadeiro Islã ”. Uma réplica óbvia poderia ser: “Então, por que não há nenhuma única verdadeira democracia entre as 55 nações muçulma nas do mundo? ”

Quando um ouvinte, por telefone, formulou uma questão parecida, Hathout respondeu que o Islã ainda não foi verdadeira mente manifestado em nenhum país muçulmano, porque “eles estão todos sob ditaduras ”. Poderíamos perguntar: “Então o Irã, governado por clérigos muçulmanos, também é uma ditadura? ” Outra pergunta seria: “Se o Islã é uma força espiritual e política tão maravilhosa sobre a Terra, por que não foi bem sucedido em substituir pelo menos uma única ditadura por um governo que garanta os direitos humanos? ”

É triste, mas existe uma certa verdade na declaração de Ha thout de que a Constituição dos Estados Unidos tem algo em comum com o Islã. Uma emenda à constituição garante o direito de voto às mulheres, mas não há nada dentro dela que garanta o direito de uma mulher casada, com exceção da morte ou do divórcio, de ser a única esposa do seu marido. O Islã permite que um homem tenha quatro esposas. Então, neste caso, é verdade que a constituição americana é “a essência do Islã ”. No entanto, numa miríade de outras formas, é a própria antítese do Islã.

E é assim que sempre acontece. Um entrevistador ocidental mal informado permite que um propagandista islâmico promova o Islã ampla e gratuitamente.

Dr. Kaled Abou EI Fadl

Ocasionalmente, um muçulmano moderado se pronuncia contra formas radicais do Islã, mas raramente, se é que isso acontece, até o ponto de negar a integridade intrínseca e a divina inspiração do Alcorão. Por exemplo, o Los Angeles Times de 2 de janeiro de 2002 colocou em sua primeira página um tributo a Kaled Abou El Fadl, um professor muçulmano, não do Islã, mas de Direito, da Universi dade da Califórnia, por repreender seus companheiros muçulmanos

devido ao seu “puritanismo intolerante ”.

15

As críticas duras que Abou El Fadl faz por e-mail, em palestras e em livros estão revoltando muçulmanos radicais desde Los Angeles até a Arábia Saudita. Ele já recebeu tantas ameaças de morte, que providenciou um sistema de segurança para os arredores de sua casa.

Examinando atentamente a reportagem de Teresa Watanabe para o Times, percebo que a estratégia de Abou El Fadl é procurar hadiths obscuros, porém moderados, para contrabalançar a influência dos muito mais conhecidos e comumente citados versos de guerra do Alcorão e dos hadiths radicais. Assim, ele procura persuadir muçul manos a favorecer a tolerância e a moderação.

Claramente, Abou El Fadl não tem ânimo suficiente para procurar dentro do próprio Alcorão os meios de compensar os efeitos dos versos de guerra nem os respingos de sangue correspondentes dos hadiths radicais. O fato de que um homem que conhece o Islã tão bem não citar o Alcorão quando discute com muçulmanos em fa vor da moderação é revelador. E possível fazer algumas citações, com propósitos apologéticos, para não-muçulmanos desavisados, mas ar gumentar em prol da moderação com muçulmanos bem informados requer que se deixe o Alcorão de lado e se busque alguns hadiths obscuros. Muçulmanos informados sabem que o Alcorão não advoga a moderação!

Não existe uma única amostra de evidência no artigo de Wa tanabe de que Abou El Fadl alguma vez desacredite ou rejeite qual quer coisa que Maomé tenha dito no Alcorão. É por isso que não

devemos ficar animados com os seus esforços, ainda que bem intencionados, como sem dúvida o são. Usar racionalizações baseadas em hadiths obscuros para tentar contradizer o Alcorão, mas, ao mesmo tempo, continuar dando crédito ao próprio Alcorão, é como tentar reduzir a velocidade de um furacão pedindo que algumas mariposas batam as suas asas contra o vento.

DEFESA 6

Culpe os judeus e os cristãos, mas não Maomé,

pelas disparidades existentes entre as histórias bíblicas e

as revisões que ele faz delas

Apologistas muçulmanos insistem em que judeus e cristãos adulteraram o texto original das suas respectivas Escrituras, o que fez com que Deus, através de Maomé, restaurasse tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, trazendo-os de volta à sua forma original atra

vés do Alcorão.

16

Este dogma oneroso obriga os mulás a ensinar nas

mesquitas islâmicas que nunca houve, por exemplo, um evento como a Páscoa na história original do Êxodo. Os judeus a acrescentaram intencionalmente. E também nunca houve um Gideão que tenha es colhido 300 guerreiros. Alguém sabia que tinha sido o Rei Saul, mas escreveu o nome de Gideão para fazer uma brincadeira.

Isso é o equivalente a um homem que compra uma casa ao

lado da minha e, então, declara que alguém adulterou as escrituras da minha casa e a do vizinho do outro lado da rua, mas não se preocupe: Ele já corrigiu as adulterações e agora todas as casas lhe pertencem! Quem gostaria de um vizinho assim? No mundo real, um tribunal desmascararia

sua fraude, mas no mundo irreal das teologizações islâ micas não há nada como um tribunal para o que se possa apelar em favor dos dois testamentos bíblicos defraudados. Arrogantemente, o Islã ostenta o seu dogma, ainda que não tenha o menor embasamen to, porque é necessário para limpar a ficha de Maomé e do Alcorão, e é o que serve aos seus interesses.

Pense no fato de que, ao longo dos séculos, nem Jesus, nem os apóstolos, nem os cristãos revisaram uma única palavra do Anti go Testamento. Tudo o que fizeram, e em tempos mais recentes, foi comparar textos antigos recém descobertos. Estudiosos judeus e cris tãos têm consultas freqüentes. Mas os estudiosos muçulmanos não vêm necessidade de comparar textos antigos. Eles já sabem, e nem precisam perguntar.

Pense também que Deus, se realmente estivesse falando com Maomé, poderia - na verdade deveria, se fosse o caso — declarar que não poderia confirmar as Escrituras judaicas e cristãs porque elas esta vam corrompidas. Mas, ao contrário disso, por várias dúzias de vezes Maomé declarou que tais Escrituras estavam sendo confirmadas, e não corrigidas, pelo seu Alcorão. E certo que Alá não confirmaria algo que estivesse corrompido. O fato é simplesmente que o próprio Maomé não considerava o Antigo e o Novo Testamentos corrompi dos. Na verdade, os apologistas muçulmanos estão corrigindo o que entendem ser uma má compreensão de Maomé.

Como já observei, o Alcorão critica judeus por desacreditar ou desobedecer o Antigo Testamento e por copiar porções dele e ven der para árabes pagãos por “um vil preço ” (Alcorão 2:41), mas não por corromper o texto em si.

Se, pelo menos, Maomé tivesse pensado na forma dos apolo

gistas muçulmanos modernos de contornar a desaprovação judia das suas distorções do Antigo Testamento, talvez, não tivesse se sentido compelido a desalojar, assassinar ou escravizar os judeus por criticá- lo. Mas, como os judeus de Medina foram desapropriados, assassi nados, escravizados, convertidos ou reduzidos a um terrível estado de silêncio taciturno, não sobrou ninguém para repreender Maomé por seus relatos equivocados, perdidos e improváveis das histórias do Antigo Testamento.

Foi somente 200 anos mais tarde que, finalmente, os estudio sos muçulmanos começaram a ler o próprio Antigo Testamento em hebraico, na Septuaginta grega e na tradução de Jerônimo para o latim,

a Vulgata. E só então confrontaram uma massiça evidência de que o seu assim chamado profeta canonizou uma miscelânea não-inspirada de empréstimos errôneos do Antigo Testamento, aliada à sua própria imaginação. Forçados a optar por reconhecer a fraude de Maomé ou culpar os judeus de adulterar as Escrituras, os estudiosos muçulmanos, de maneira não muito objetiva, tomaram o segundo caminho.

Em toda a história da crítica textual não há evidências de que os textos do Antigo Testamento tenham coincidido com alguma va riação do Alcorão de Maomé. Se tais evidências fossem encontradas, os apologistas muçulmanos estariam explorando cada uma delas. Mas, o fato é que eles silenciam a respeito do assunto.

Defesa 7

Deus entregou aos descendentes de Isaque, os judeus,

uma revelação em hebraico. Ele não entregaria também aos

descendentes do meio-irmão de Isaque, Ismael,

uma revelação em árabe para os seus descendentes?

Os árabes politeístas do século VII, observando os maiores avanços literários, comerciais e culturais de seus vizinhos monoteís- tas, ou seja, judeus e cristãos no Império Romano, começaram a asso ciar o monoteísmo com o progresso. Tal percepção, combinada com um crescente sentimento de seu próprio atraso, provocou no ethos árabe uma ânsia geral por um salto cultural e religioso do tipo “antes tarde do que nunca ”, para tentar alcançar os refinamentos percebidos nos judeus e cristãos.

Maomé ofereceu habilidosamente aos árabes três coisas: ele mesmo como profeta, seu Alcorão como Escritura e seu monoteísmo centrado em Alá como base para um esforço de grande escala do tipo “vamos nos tornar iguais aos judeus e cristãos ”. Ele enfatizou a ascen dência árabe em Abraão através de Ismael para legitimar sua oferta. Uma vez mais, contudo, ele

alterou a própria revelação do Antigo Testamento, que professava constantemente afirmar.

Em Gênesis 17:18, Abraão se colocou diante de Deus e pe diu: “Permite que Ismael seja o meu herdeiro! ” Deus respondeu: “E no caso de Ismael, levarei em conta o seu pedido. Também o abençoarei... Dele farei um grande povo. Mas a minha aliança, eu a estabelecerei com Isaque, filho que Sara lhe dará no ano que vem. ” (Gn 17:20-21).

Uma vez mais, Deus afirmou que Isaque seria o herdeiro pri mário, dizendo: “serápor meio de Isaque que a sua descendência há de ser considerada. Mas também do filho da escrava [Ismael] farei um povo; pois ele éseu descendente. ” (Gn 21:12/13).

Assim como, mais tarde, Deus daria a Jacó, o irmão mais novo, a preferência sobre Esaú, o primogênito, também nos dias de Abraão, Deus prometeu a Ismael, o meio-irmão mais velho, uma des cendência impressionante, mas escolheu o mais novo, Isaque, como descendente da aliança de Deus com Abraão.

Talvez ignorante a essa decisão divina, registrada aproxima damente 2.600 anos antes, Maomé, reivindicando descendência do meio-irmão de Isaque, Ismael, tentou estabelecer o Islã como uma religião fraterna ao lado do judaísmo (e, em menor extensão, do cris tianismo). Mas, fracassando em evidenciar os sinais de um verdadeiro profeta entre os judeus de Medina, ele acabou enfraquecendo o seu plano A.

Então, assassinando alguns judeus em Medina, desalojando e escravizando outros, ele partiu para um plano B. O Islã não era mais fraterna em relação ao judaísmo. Pelo contrário, tornou-se fraticida.

Cronologicamente, os últimos capítulos do Alcorão (a ordem na qual aparecem no Alcorão não é cronológica), além de numerosos hadiths, mostram Maomé jogando contra o seu igualitarismo frente ao judaísmo e ao cristianismo. Ele imbuiu o Islã de uma forte atitude de supremacia em relação aos outros dois monoteísmos. O verso 61:9 é um bom exemplo: “para que a fizesse prevalecer [o Islã] sobre todas as outras religiões ”. A filosofia de supremacia tornou-se uma política básica ao longo de toda a Idade Média, e tem uma potência renovada

A filosofia de supremacia no Alcorão, lançada em meio a der ramamentos de sangue, traições e escravizações, difere enormemente daquela que poderia ser chamada de uma filosofia de supremacia no Novo Testamento. Jesus nos ordenou que fôssemos “sal da terra ” e “luz do mundo ” (Mt 5:13-14). E acrescentou: “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus ” (Mt 5:16). Também nos ensinou a orar: “Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu ” (Mt 6:9-10).

Se esta for uma filosofia de supremacia, então, podemos dizer que sim, o Novo Testamento é extremamente supremacista!

1

Muhammad Zafulla Khan, trad., The Quran (New York: Olive Branch Press, 1997), n.p.

2

Ibid.

3

New Strongs Exhaustive Concordance of the Bible (Iowa Falis, IA: World Bible Publi- shers), n.p.

4

Ibid.

5

N. J. Dawood, trad., The Koran (New York: Penguin Putnam, 1999), p. 5-

6

(N. do T.) Rei da Inglaterra na época da independência dos Estados Unidos.

7

8

John L. Esposito, Islam: The Straight Path, 3rd ed. (New York: Oxford University Press, 1998), p. X; copyright 1998 pela Oxford University Press, Inc. Utilizado com permissão. Ibid, p. 15.

9

Ibid.

10

Ibid (veja o capítulo 2).

11

Ibid.

12

Ibid.

13

lbn Warraq, Wy/jíra NotaMuslim (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), p. 92.

14

Hasan Hathout, entrevistado por Laura Schlessinger, “Dr. La ura on the Radio, ” 5 de ou tubro de 2001, Premeire Radio Nerworks, citado em Randall Price, Unholy War (Eugene, OR: Harvest House, 2001), pp. 211-214.

15

Teresa Watanabe, “Battling Islamic Puritans, ” Los Angeles Times, 2 de janeiro de 2002, n.p.

16

Esposito, Islam, p. 12.

7

Jeniatiuas

não- muçulmanas de

defender o fddcorão

SOQ5

Em 30 de janeiro de 2002, a rede americana de TV a cabo C-SPAN 2 transmitiu uma palestra dada por Karen Armstrong, uma especialista na história de várias religiões. Ela falava para uma audiên cia na embaixada do Egito, em Washington. O seu tema: “O Islã e as outras religiões mundiais ”.

O RELATO DE UMA HISTORIADORA

Evidentemente impressionados pelo tratamento gentil que Armstrong conferiu a Maomé e ao Alcorão no recente livro Muham-

mad, A Biography of the Propheè, os funcionários da embaixada egíp cia convidaram-na para falar, provavelmente, querendo sua assistên cia no controle de danos ao Islã depois de 11 de setembro de 2001.

Assisti estupefado enquanto Armstrong, sem tocar nos even

tos aterrorizantes que pouco tempo antes aconteceram, desculpou o assassinato e a escravização dos judeus de Medina por Maomé re- latando-o como ‘apenas uma guerra defensiva ’ . Fiquei pensando como uma historiadora de destaque pode demolir tão notoriamente sua reputação de objetividade?

Se Armstrong estivesse presente entre os judeus de Medina, será que os aconselharia a reconhecer Maomé como um profeta que confirmava o Antigo Testamento, quando tanto eles quanto ela mesma podiam ver que não se tratava disso? Não era óbvio, naquele começo, que a recusa de alguém em validá-lo seria transformada num crime ca pital. Assim, conceder a Maomé uma pseudo-afirmação, apenas para sobreviver à sua ira por um tempo, não parecia necessário.

A seguir, a historiadora descreveu Maomé como “tolerante ” porque, depois de desapropriar dois clãs judeus de seus lares, chefiar um bando de homens e escravizar todos os que sobraram do terceiro clã, ele condescendentemente permitiu que um ou dois grupos me nores de judeus continuassem em Medina?

Ela se esqueceu de mencionar o estado mental em que se en

contraria qualquer judeu que ficasse em Medina, depois das horríveis expulsões e assassinatos de seus compatriotas promovidas pelo pre tenso profeta. Estavam traumatizados o bastante para se converter ao Islã ou impedidos pelo terror absoluto de expressar sua profunda descrença em Maomé.

Na lógica distorcida de Armstrong, um grama de condes cendência de Maomé pesa mais que uma tonelada de atrocidades. Armstrong merece tanto uma repreensão quanto uma refutação de cada indivíduo judeu e

organização judaica. Infelizmente, os judeus de hoje parecem bem desinformados a respeito dos assassinatos em massa que Maomé perpetrou contra o seu povo em Medina e, depois, também em outras cidades da Arábia.

Armstrong deu crédito a Maomé pelo seu pluralismo porque, no início, ele ordenava aos muçulmanos que orassem três vezes ao dia voltados em direção a Jerusalém, e não a Meca. Outros estudiosos consideram esta manobra como uma das muitas cenouras pendu radas numa vara que Maomé usou para tentar induzir os judeus a trair o seu próprio bom senso, e dar a ele o crédito de profeta. Logo que ficou claro que não conseguiria subvertê-los, Maomé mostrou o seu desprezo pelos judeus estabelecendo que todos os muçulmanos deviam orar cinco vezes ao dia voltados para Meca.

Tentando explicar o terrorismo islâmico do tipo al-Qaeda de maneira confortável, primeiramente, Armstrong fez uma cone xão deste com o fundamentalismo judeu e cristão, como se estivesse lutando pelo primeiro lugar num concurso de generalizações superfi ciais, declarando que ‘todos os fundamentalistas são motivados pelo

medo ”.

4

Pergunte a qualquer fundamentalista judeu ou cristão se a

sua motivação é o medo, e quase todos responderão: “Não! Cremos em Deus e queremos que sua bondade e justiça prevaleçam através de meios bons e justos ”. Mas, é claro, Armstrong conhece os fun damentalistas melhor do que eles mesmos se conhecem. Somente as pessoas que compartilhem a visão dela são capazes de se motivar por princípios. Conservadores religiosos podem reagir apenas como animais encurralados.

Durante um período de perguntas e respostas, depois de sua

palestra, Armstrong respondeu uma questão a respeito do status da mulher sob o Islã. Ela afirmou sorridente que Maomé era “um ho

mem que verdadeiramente se agradava da presença das mulheres! ”

5

Mas é claro! Ele possuiu dezenas de mulheres, entre elas a menina Aisha, de nove anos de idade, e muitas escravas, mantendo- as todas presas em seu harém. Inclusive a judia Rayhana, forçada a se submeter a Maomé, o assassino de seu esposo. Como ela deve ter detestado o pretenso profeta “se agradando ” dela, no mesmo dia em que seu marido fora assassinado!

Minhas sobrancelhas quase bateram no teto. Armstrong, uma mulher, estava levianamente endossando não somente a limpeza ét nica de Maomé, mas também a sua poligamia e o seu voraz abuso Sexual de numerosas escravas.

E o que dizer do assassinato da poetisa Asma bint Marwan no meio de seus bebês (veja o capítulo 2)? E do apoio de Maomé, regis trado num hadith, ao antigo costume árabe da mutilação da genitália feminina (MGF — trataremos deste assunto ainda neste capítulo) ? Uma ordem sua teria abolido a prática árabe cruel. Ao invés disso, ele deu sua aprovação, e centenas de milhões de mulheres, não apenas árabes, mas também persas, egípcias, sírias, paquistanesas, argelinas, malaias e indonésias tiveram que suportar a desfiguração genital feita pelos árabes ao longo dos últimos 1.400 anos.

Isso é se agradar de mulheres ou é um sadismo antifemini- no?

Quem seria mais apropriada para apoiar um pseudoprofeta do que uma historiadora altamente comprometida? Imagine a embai xada egípcia fazendo uma distribuição em massa do vídeo da palestra de Armstrong aos quatro ventos. Imagine apologistas e organizações muçulmanas explorando-a como uma vendedora ambulante do Islã em salas de aula e refeitórios de universidades por todo o mundo não- muçulmano. Assim, Karen Armstrong fez de si mesma uma agente de desinformação para o Islã. É claro que ela não gostaria de ver o seu mundo dominado pelo Islã. Mesmo assim, involuntariamente, deu fôlego a uma força que, em seu núcleo radical, tiranizaria cada não- muçulmano, se pudesse.

Encontrei uma cópia do Muhammad de Armstrong. Eu esta va ansioso para ver se o livro mostrava mais objetividade do que a sua palestra ministrada em um evento muçulmano. Infelizmente, o livro e a palestra combinam! Também estava ansioso para checar suas fon tes. Seria possível, eu pensei, que um corpo de estudiosos chegassem a conclusões tão drasticamente opostas às das minhas quatro fontes primárias: Muir, Rodinson, Warraq e Bat Yc or?

Admitindo que Armstigng.não^.soubesse nada acerca do Islã até que decidisse escrever livros sobre ele, ela não faz menção a Muir, nem a Warraq nem a Ye or, cujos livros foram publicados depois dos dela, mas antes de sua palestra. Mas afirma que Máxime Rodinson é sua fonte primária.

Bom, eu também tenho uma cópia do trabalho de Rodinson. Depois de procurar por muito tempo e em vão, finalmente encontrei um site que reunia os títulos oferecidos em 70.000 sebos. Apenas um deles — uma loja em Eau Claire, Wisconsin - tinha o tomo de Rodin son. Um rápido telefonema e ele era meu!

Que todo o mundo saiba que Rodinson, assim como Muir, antes dele, e Ibn Warraq e Bat Ye or depois, critica Maomé por assas sinar, escravizar e aterrorizar milhares de pessoas inocentes. Que todo o mundo saiba que Karen Armstrong representa equivocadamente as conclusões de sua fonte primária.

A REPORTAGEM DA NEWSWEEK

sobre a

B íblia e o A lcorão

Armstrong não é a única escritora entre escritores ocidentais que oferece ao Ocidente uma conversa fiada a respeito do Islã, en quanto a ameaça da supremacia islâmica cresce discretamente. Ken- neth L. Woodward (diferentemente de Robert Woodward, famoso pelo jornalismo investigativo que culminou com a exposição do es cândalo do Watergate e a subseqüente saída de Nixon da presidência da década de 1970) traz apenas uma abordagem vagamente inves- tigativa dos problemas inerentes ao Alcorão. Numa reportagem de capa da Newsweek de 11 de fevereiro de 2002, “A Bíblia e o Alcorão", Woodward busca nos tranqüilizar quanto ao Islã. Como escritor so bre religião da revista, ele começa expressando piedade pelos árabes que, até Maomé, “não tinham textos sagrados pelos quais viver, como a Bíblia... Acima de tudo, não tinham um profeta enviado para eles

por Deus, como os judeus e cristãos podiam se orgulhar".

7

Que triste! Para começar, toda a Bíblia esclarece que, apesar de que fora dada aos judeus, não era apenas para eles (veja Gênesis 12:3; 18:18; 22:18; 26:4; 28:14; Isaías 49:6; Lucas 24:47; Atosl:8; Apocalipse 5:9 e outros).

Como evidência de que a Bíblia, como as cinco primeiras referências do parágrafo anterior afirmam, foi dada para 'abençoar [e não aterrorizar] todos os povos da terra ”, e não apenas os judeus que a receberam, lembre-se que os cristãos, que não são um grupo étni co como os judeus e os árabes, receberam a Bíblia toda dos judeus. Cada escritor do Novo Testamento, com, talvez, exceção de Lucas, era judeu.

E se os gregos, latinos, gauleses, germanos e todos os outros grupos étnicos que se tornaram cristãos se recusassem a receber a Bí blia, dizendo: “Não! Primeiro Deus precisa nos dar o nosso próprio profeta e o nosso próprio livro sagrado confirmando a Bíblia em cada uma de nossas línguas, ou não seremos mono teístas! ” (Isso é, inciden talmente parecido com a premissa sem fundamento do mormonismo de que a Bíblia entregue no hemisfério oriental, precisava ser suple mentada pelo Livro de Mórmon para o hemisfério ocidental).

Exigências semelhantes, multiplicadas e espalhadas por todo o planeta, já teriam produzido muitos milhares de Maomés e muitos milhares de Alcorões. Ter um Alcorão para o nosso próprio ethos seria uma marca registrada mundial de se manter fiel às Escrituras judaicas. Será que Woodward realmente pensa que o mundo precisa disso?

Ele admite: “o Alcorão realmente contém chamados esporá

dicos à violência, espalhados por todo o texto ”

8

. Se eles realmente

estão “por todo o texto ”, será que esporádicos ’ e ‘espalhados ’ seriam os melhores qualificativos? Ele continua: “Apesar de serem poucos, esses versos agressivos incendiaram zelotes muçulmanos em todas as épocas ” .

Aparentemente, se esses zelotes muçulmanos tivessem feito uma contagem de versos, eles seriam mais moderados. Woodward talvez não esteja consciente de que o Alcorão apresenta pelo menos 109 versos de guerra, o que dificilmente pode ser considerado “pou

co ”. No entanto, pelo menos, ele reconhece que o impacto dos versos de guerra de Maomé excede em muito a suposta falta de freqüência de suas aparições no Alcorão. Ele afirma que os versos de guerra corâ-

nicos carregam “a força de mandamentos divinos ”

10

.

Mas Woodward nos aconselha a ignorar a potência fora de proporção dos versos de guerra e ficarmos tranqüilos pela sua apa rente falta de freqüência relativa. Aparentemente, veneno numa sopa não é algo perigoso se representar apenas uma pequena parte dos ingredientes.

Por contraste, Woodward reconhece Jesus como genuíno ins pirador da paz, que é o que se deveria esperar do Príncipe da Paz. Woodward escreveu: “Os cruzados lutaram com a cruz em seus es cudos, [mas] não citavam (nem poderia citar) palavras de Jesus para

justificar suas atrocidades ”

11

.

O artigo continua: “Comparados com os poucos e muito ci tados versos que conclamam uma jihad contra os infiéis, o Alcorão dá uma ênfase muito maior aos atos de justiça, misericórdia e com

paixão ”

12

. Como se o Islã garantisse aos muçulmanos a liberdade de

preferir uma parte do Alcorão e desdenhar o restante!

Atos de justiça, misericórdia e compaixão? Em favor de quem?

x

A resposta que o artigo de Woodward nem oferece é que eles se dão em favor de qualquer um que não seja um infiel; ou seja, ape nas em favor de muçulmanos! Quando muçulmanos são amistosos com não-muçulmanos, como muitos realmente são, é por sua pró pria escolha. O Alcorão ordena que eles sejam assim apenas para com seus irmãos muçulmanos. O Alcorão não contém nada parecido com a história de Jesus sobre o bom samaritano demonstrando misericór dia para um estranho, um homem de uma seita diferente.

Woodward reconhece que o Alcorão é cheio de repetições, e oferece a mais clemente de todas as razões: ele afirma que os árabes deveriam memorizar os versos como eram ditados, e a repetição au xilia a memorização. Mas espere um pouco! Se estas repetições tam-

bem precisam ser memorizadas, elas não acrescentam um volume massivo a uma já trabalhosa tarefa de memorização? Não seria de maior ajuda para o processo de memorização a retirada de todas as repetições, deixando apenas algo como um terço do material para ser memorizado?

As pessoas que estão aprendendo alguma coisa acrescentam repetições de um texto para que ele fique mais fácil de ser memori zado? Dificilmente. De qualquer forma, os muçulmanos rejeitarão a opinião de Woodward por entender que ela viola a pretensa inspi ração divina e escarnecerão de sua sugestão de que os muçulmanos simplesmente ignoram os versos de guerra do Alcorão e vivem pelos seus versos pacíficos.

Woodward ainda oferece uma outra opinião chocante: “Na terminologia do evangelho, o Alcorão corresponde ao próprio Cristo, como Logos, ou palavra eterna do Pai. Simplificando, se Cristo é a palavra que se fez carne, o Alcorão é a palavra que se fez livro ” .

Se isso é verdade, o Islã proclama a deificação de um livro! O que representa um problema: tal como o judaísmo e o cristianismo, o Islã odeia a idolatria. Contudo, a essência da idolatria é honrar um mero objeto como uma deidade. Um livro é um objeto. Então, devemos entender que o Islã deu uma volta completa, levando os seus seguidores da idolatria para o monoteísmo, e dali de volta para a idolatria, já que deificam um livro? Mais ainda: um Alcorão deificado não seria uma segunda pessoa de uma divindade islâmica, contradi zendo a sua insistência na absoluta unidade de Deus?

Se Robert Woodward fosse tão indulgente com Nixon como é com Maomé, Nixon concluiria sua presidência com ares de vitorioso. E mais, a Newsweek, como o Los Angeles Times, continua publicando um artigo depois do outro, o que se parece um esforço coordenado de relações públicas em favor do Islã. O Islã nos Estados Unidos já te ria ido à falência se precisasse pagar por tanto espaço de propaganda. Cada artigo se concentra em fazer o Islã parecer tão elogioso e viável quanto a judeu-cristandade.

O judaísmo e o cristianismo proclamam o céu como um lugar no qual os que Deus redimiu deste mundo maligno se reú nem com as pessoas amadas para adorar ao seu Deus, totalmente digno em pureza, paz e gozo eternos. Mas numa outra reportagem da Newsweek, a repórter Lisa Miller discute, neste mesmo nível, a terrível representação do mesmo céu judaico-cristão como um grande bordel celestial. O desejo de Maomé de corromper tudo o que é santo, até mesmo o céu, para acrescentar homens pagãos vulgares entre os seus

seguidores é pateticamente tolerado.

14

A distorção de Maomé sobre o céu tem meros 1.400 anos de idade, e mesmo assim Miller ataca tanto a antiguidade quanto a cla ridade da compreensão judaico-cristã, como se, ao fazê-lo, ela podas se o conceito mais antigo, facilitando a comparação 'pelos mesmos padrões ” com a visão islâmica. E, de maneira extremamente equivo cada, Miller ainda declara que os judeus, até 167 a.C., “tinham uma idéia muito vaga da vida futura [e a partir de então]... Líderes judeus vieram com um poderoso incentivo [para fortalecer a influência dos judeus sobre os pagãos]. 'Muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, alguns para a vida eterna, e alguns para a desgraça e o desprezo eternos ’, diz uma passagem do livro de Daniel, escrito por volta de 165 a.C. [sic]. Esta é a primeira referência com força total a

respeito de ressurreição na Bíblia ”.

15

Jó, muito tempo antes de Daniel, escreveu: “E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne, verei a Deus ” (Jó 19:26). Isso, por acaso, é meia força? Davi, séculos antes de Daniel, escreveu algo semelhante: “mesmo o meu corpo repousará ttanqüilo, porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo [ou seja, o Messias] sofra decomposição. Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da tua presença, eterno prazer à tua direita ” (SI 16:9-11). E concluiu o seu

imortal Salmo 23 com “e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre ” (v. 6). O que está incompleto aqui?

Editores da Newsweek, suas reportagens sobre religião estão se

deteriorando diante de seus próprios olhos!

“I slã : o império da fé ”

A seguir, passo a comentar uma peça massiva de desinforma ção em favor do Islã, transmitida repetidamente para todos os Esta dos Unidos pela rede de televisão PBS. Seu título é "Islã: o império da fé ”.

O próprio título nos alerta para o fato de que o Islã é uma re ligião que rejeita a idéia ocidental de separação entre religião e estado. Mas é claro que nada no conteúdo da apresentação de três horas da PBS deixa os americanos preocupados com este aspecto detestável e anticonstitucional do Islã.

Não responsabilizo o narrador, Ben Kingsley, por seus comen tários ocasionalmente enganosos. Kingsley simplesmente recebeu um texto e foi pago para lê-lo palavra por palavra. Quanto aos estudiosos que contribuíram com suas opinões, sei muito bem como um editor pode apagar algumas frases fundamentais, destruindo o equilíbrio que a pessoa buscava apresentar. Mesmo assim, alguns deles fazem declarações que distorcem drasticamente os fatos acerca do Islã.

O documentário dá créditos ao Islã pelo maravilhoso espírito de pesquisa que floresceu em regiões controladas pelos muçulmanos no Oriente Médio durante a Idade Média. O historiador Ernest Re- nan discorda:

A ciência e a filosofia floresceram [sob o Islã] durante a

primeira metade da Idade Média, mas não foi por causa do

Islã: foi apesar do Islã. Nenhum(...) Filósofo ou estudioso

escapou da perseguição. [Por um tempo] o instinto da pes

quisa livre e da tradição racionalista foi mantido, mas en

tão, a intolerância e o fanatismo viraram o jogo. E verda

de que a Igreja Crista também criou grandes dificuldades

para o caminho da ciência na Idade Média, mas a primeira não estrangulou a segunda tão completamente, como o fez a teologia muçulmana. Dar ao Islã o crédito [por]... Tantos ilustres pensadores que passaram metade de suas vidas na prisão, em retiros forçados, em desgraça, cujos livros foram

queimados e cujos escritos foram quase suprimidos pela autoridade teológica é o mesmo que alguém tentar atribuir à Inquisição... Todo o desenvolvimento científico [que ela

mesma tentou evitar] ”.

16

Claramente, parece que alguém tem uma agenda fortemente influenciada por trás desta produção. Se patrocinadores muçulmanos são os responsáveis, eles merecem que seu tiro saia pela culatra. Aqui está o porquê:

É claro que o documentário se iniciaria com uma perspectiva amena, arrotando o elogio obrigatório de que o Alcorão é uma lite ratura magnífica. Uma voz ao fundo fala que ele é “mais belo do que a mais seleta poesia árabe ”, o que não diz a nós, ocidentais, absoluta

mente nada.

17

Uma perspectiva mais tendenciosa logo se segue, vindo à tona como uma lula gigante e cheia de tentáculos. Maomé recebe o crédito

de proferir “uma forte mensagem de justiça social ”

18

. Um estudioso

até afirma que esta era a base da atração que Maomé exercia sobre os árabes pagãos. Fala-se até de sua “humildade como pessoa ” .

Com isso, podemos ver que o documentário encobre total mente a verdade acerca de Maomé: que ele era um saqueador, rouba va as propriedades de outras pessoas, assassinava um inocente depois do outro, ordenou que várias centenas de judeus fossem decapitados, condenou mulheres cativas a

passar o resto de suas vidas servindo a ele e aos seus seguidores como escravas sexuais e vendeu centenas de garotos judeus como escravos.

“Islã: o império da fé ” engana novamente ao descrever a Ba

talha de Badr como um ataque antimuçulmano, coordenado pelos homens de Meca contra a pequena comunidade muçulmana que lutava para sobreviver. Todas as fontes significativas muçulmanas ad mitem que o próprio Maomé provocou a batalha ao atacar caravanas daquela cidade. Os homens de Meca estavam lá para defender uma caravana em trânsito à qual Maomé se preparava para atacar.

O especial da PBS adite que na Batalha de Badr “irmão lutou contra irmão, filho contra pai ” , mas fracassa ao não mencionar o que já destaquei: que Maomé ensinou seus homens a não hesitar em

matar seus parentes, porque o Islã supera qualquer outra lealdade.

21

Um entrevistado reconhece timidamente o que deveria ser chamado de obsessão de Maomé no Alcorão em disparar ameaças a respeito do inferno sobre quase todo mundo, dizendo que “existem referências quanto aos injustos irem para o fogo ” . Como já observei, 783 ameaças sobre o inferno são mais do que “referências ”. São uma tempestade.

O documentário dá um grande destaque a Maomé poupan do Meca de um banho de sangue, quando, finalmente, conquistou a cidade. Talvez ele tenha sentido uma pontada de culpa por causar o massacre de 49 de seus concidadãos de Meca três anos antes, em Badr, e pela decapitação de centenas de judeus em Medina. Quanto crédito deve ser dado a alguém que poupa a vida das pessoas entre as quais cresceu?

“Islã: o império da fé ” passa a descrever, então, a rápida ex

pansão do Islã através de vitórias militares na Palestina, Síria, Iraque, Norte da África e sul da Espanha. Não faz nenhuma menção aos francos de Carlos Martel derrotando os muçulmanos em Tours nem aos Habsburgos detendo uma segunda grande invasão em Viena. Re latar que o exército islâmico foi derrotado em alguma oportunidade talvez embarace o Islã.

É feita uma afirmação de que os muçulmanos construíram canais de água corrente na Tunísia “centenas de anos antes que qual quer pessoa na Europa pensasse em água corrente ” . Os romanos, muitos séculos antes, não construíram aquedutos para transportar água fresca por centenas de quilômetros?

Por dúzias e mais dúzias de vezes o documentário ironiza a Europa cristã medieval, enquanto elogia a civilização islâmica. O co lapso da era de ouro

do Islã é justificado pela invasão mongol. Mas, a idade das trevas na Europa é mencionada freqüentemente, sem o

reconhecimento de que foi precipitada por uma invasão igualmente massiva de hunos, godos, visigodos e vândalos. Os telespectadores são levados a pensar que a idade das trevas na Europa foi causada pelo fracasso da cristandade em se erguer, enquanto a era de ouro do Islã foi fruto da fé verdadeira.

Afirma-se que, especialmente em Bagdá, os estudiosos sob o Islã absorveram e processaram conceitos filosóficos e matemáticos emprestados da Grécia e da índia. Nenhuma menção é feita à perse guição de estudiosos nem ao fracasso em emprestar o conceito mais importante que a Grécia tinha a oferecer: democracia!

De sua ascensão até sua queda, a civilização muçulmana sem pre esteve fraturada. Nunca teve uma capital, como Roma. Sunitas e xiitas se hostilizavam. Mais tarde, facções sunitas e xiitas lutaram dentro dos seus respectivos domínios. O documentário ignora total mente a pesquisa de Bat Yeor que quebra paradigmas e revela que os impérios islâmicos, um termo mais acurado, estiveram baseados na escravidão e em altas taxas extorquidas de cristãos, judeus, zoroastris- tas e outras minorias. A democracia e os direitos humanos individuais nunca foram uma preocupação para os líderes muçulmanos daquela época nem de agora.

A Europa cristã, recuperando-se da idade das trevas imposta pelos bárbaros, acabou alcançando e ultrapassando as elogiáveis reali zações dos estudiosos do Oriente Médio na matemática e na ciência. Mas, tão importante quanto, ela também assimilou o conceito de democracia. A partir daí, as nações européias promoveram a transfor mação do mundo de maneiras mais significativas do que o Islã po deria alcançar com o seu foco na submissão, submissão e submissão à ditaduras.

“Islã: o império da fé ” relata que os governantes muçulma

nos da fase otomana não conseguiam confiar em seus irmãos muçul manos, que se mostravam repetidamente mais propensos à intriga traiçoeira, do que para a guarda pessoal de um sultão. Assim, como um estudioso muçulmano do documentário explica, “eles recruta

vam crianças cristas ” para que fossem convertidas ao Islã e treina das como guardas especiais, chamados janissários. O especial da PBS mostra crianças entre cinco e oito anos como exemplos. Como al guém pode recrutar crianças tão pequenas? A pesquisa de Bat Yeor revela que não havia recrutamento; havia apenas seqüestro. Sultões roubavam milhares de crianças cristãs de pais angustiados.

Ainda assim, uma entrevistada do programa, Esin Atil, uma muçulmana, sorri concordantemente enquanto descreve essa política muçulmana que arruinava milhares famílias cristãs, deixando-as afli tas. Era o preço a ser pago, porque os governantes muçulmanos não podiam confiar nos próprios muçulmanos. Onde está o motivo para se orgulhar?

O programa afirma que o império muçulmano, apesar de todas as suas fraturas e desunião, foi o maior que já houve. Os pro dutores esqueceram do fato de que todas as nações cooperativas que falam inglês, ligadas econômica e politicamente por tratados (Grã- Bretanha, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Bar bados, Jamaica, Quênia e outras) podem ser vistas como um único “império ” inter-relacionado política e culturalmente. E é muito mais vasto e mais populoso do que o pretenso império Islâmico já foi.

Eu poderia continuar, mas estou certo de que escrevi o bas tante para demonstrar que o “Islã: o império da fé ”, da PBS, é uma peça desgraçada de desinformação islâmica.

Os apologistas muçulmanos reconhecem a academicidade de minhas quatro fontes principais: Muir, Rodinson, Warraq e Ye ’or? Talvez, o apologista muçulmano mais lido de hoje seja Caesar E. Fa- rha, um Ph.D. da Universidade de Minnesota. Em seu livro Islam, ele descreve a obra de Sir William Muir como “detalhada e ampla, a partir de fontes originais ” . Farah também lista o Mohammed de Rodinson como leitura recomendável. Rodinson cita as mesmas fon tes originais de Muir. Ibn Warraq e Bat Ye ’or, publicados depois de 1994, não são mencionados por Farah, mas citam exclusivamente autores de obras publicadas antes de 1994 e aprovados por Farah.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

Karen Armstrong. Muhammad, A Biography of the Prophet. New York: HarperColIins, 1992.

Karen Armstrong, “Speech by Karen Armstrong at the Egyptian Embassy H30: Islam and the Other World Religions"Q'SVM^ 2, 30 de Janeiro de 2002.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Jan Goodwin, Price of Honor (London: Warner Books, 1998), pp. 334-335; Jean Sasson, Daughters ofArabia (London: Bantam Books, 1998), pp. 198-201.

Kenneth L. Woodward, “The Bible and the Quran, ” Newsweek (11 de fevereiro de

2002), p. 52.

Ibid.

Ibid.

Ibid, p. 53.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Lisa Miiler, “Why We Need Heaven: Visions of Heaven and the Centuries-Old Conflicts They Inspire, ” Newsweek (12 de agosto de 2002), pp. 44-51.

Ibid.

Ernest Renan, citado por Ibn Warraq, Why I Am Not a Muslim (Amherst, NY: Prome- theus Books, 1995), p. 274.

“Islam Empire of Faith, ” PBS.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Caesar E. Farah, Islam (Hauppauge, NY: Barron ’s, 1994), p 452.

8

A morai do

Antigo desíamenío e

o Aícorão

Maomé afirmava ser um profeta de acordo com a compreen são bíblica do termo. Assim, judeus e cristãos tinham, e ainda têm, o direito de julgar sua perfomance como profeta de acordo com os padrões bíblicos. Infelizmente, a violência voraz de Maomé fez com que ele parecesse, para judeus e cristãos em seus dias, um passo para trás em direção ao tempo do livro de Juízes e aos dias violentos do rei Davi e seus sucessores.

E a espalhafatosa poligamia de Maomé, assim como a explo ração sexual de escravas, deve fazê-lo se parecer como um aprovador dos caminhos pródigos de Salomão, o rei hebreu que se perdeu da sabedoria dos seus provérbios escritos nos primeiros anos em meio à

poligamia autocomplacente. Mesmo aos olhos de pagãos árabes mais maduros, Maomé devia parecer um retrocesso dos padrões judaicos e cristãos, e não uma confirmação.

Tanto o judaísmo talmúdico quanto a cristandade do Novo Testamento, honrando Davi e Salomão pelos seus salmos e provér bios, sempre esperaram que seus seguidores em épocas subsequentes vivessem bem acima dos padrões morais pessoais de ambos. Como já foi mencionado, nao se sabe de nenhum dos profetas maiores ou menores da Bíblia, de Isaías e Jeremias até Malaquias, que tenham usado a espada, e certamente não há nada em seus escritos que esti mule o seu uso. Uma grande mudança de perspectiva aconteceu (veja 1 Crônicas 22:8-9). Ao invés de homens usando a espada em nome de Deus, pessoas devotas deixaram a espada nas mãos do próprio Deus, para que ele a usasse de acordo com seu caminho e seu tempo. Maomé, contudo, voltou aos padrões ainda mais primitivos que os piores atos de Davi e Salomão. Como já vimos, usou a espada como meio de vingança!

Davi, como se registrou no Salmo 51 , expressou remorso pe

los pecados que cometeu contra Bate-Seba, contra seu marido, Urias, e contra Deus. Claramente, Davi não trata esse comportamento como um exemplo a ser seguido. Por outro lado, Maomé definiu até mesmo seus piores crimes, se avaliados por padrões bíblicos, como normativos para os muçulmanos.

Um padrão mais elevado, tanto do judaísmo talmúdico quanto da cristandade do Novo Testamento, é o nobre ideal de bus car influenciar as pessoas, instituições e a história através do carisma paciente e da disposição cativante. No cristianismo, esta progressão para um conjunto de padrões de nível mais alto é expressada nota velmente em João 1:17: “pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo ”. Apesar de elementos da cristandade constantemente escorregarem de volta para padrões anteriores ao deste texto, pela graça de Deus, um marco de notável progressão foi estabelecido e, graças a Deus, este marco con-

tinua lá.

Esta concepção talmúdica/neotestamentária de um ideal mais elevado nem passou pela mente de Maomé, ou então, foi compreen dida e desprezada por ele. Assim, os seus protegidos, imitando sua regressão para os padrões do livro dos Juízes, começaram a disseminar o Islã pela agressão, mutilação, intriga e conquista militar.

E é exatamente esta filosofia que os muçulmanos radicais, onde quer que consigam apoio suficiente ou maioria significativa, sentem-se justificados a implementar hoje.

Em resumo, realmente o Alcorão, tal como muitas citações em capítulos anteriores revelam, prescreve a luta armada, a poligamia, e a escravidão como normativas para os muçulmanos, até que se faça o Alcorão ‘prevalecer sobre todas as religiões ” (Alcorão 61:9). Con tudo, o judaísmo e o cristianismo, em praticamente todos os cantos do mundo, já purgaram um passado de regressões e de padrões mais baixos, e até selvagens. Ainda assim, apologistas muçulmanos e não- muçulmanos do Islã constante e ilogicamente exploram as cruzadas e inquisições cristãs, descartadas séculos atrás, para justificar o milita rismo ainda presente no Islã.

Sendo mais direto, foi mesmo o cristianismo que lançou as cruzadas e as inquisições? Ou a culpa por tais terrores foi mal aplica da numa censura equivocada que já dura séculos? O meu próximo capítulo aborda esta questão.

9

ül moraí cio

jiouo Üestamenío e

o iüicorão

SOO?

Os ataques de 11 de setembro de 2001, os homens-bomba em Israel e as alarmantes demonstrações de ódio profundo contra os Estados Unidos e o Ocidente pelas nações dominadas pelo Islã fize- ram com que as pessoas parassem, pensassem e analisassem. O que causa tanta violência em nome do Islã? É o sistema de crenças em si? É o povo? É o tempo em que vivemos?

Autoridades, comentaristas e políticos fizeram eco ao senti- mento do presidente George W. Bush de que os terroristas seqüestra- ram uma grande religião que reverencia a paz. Até a senadora Hillary Clinton escreveu que “nós, como sociedade, muito frequentemente nos equivocamos na caracterização do Islã e daqueles que seguem os seus ensinamentos ” . Este padrão não é surpreendente, diante desta

maré de apologética pró-islâmica, na qual a mídia está nos imergin do, e de nossa profunda e enraizada tendência ocidental de querer acreditar na melhor hipótese. Existe um tenebroso lado obscuro anti- cristão neste constante ataque pró-muçulmano da mídia secular.

Uma idéia estranha tem ganhado credibilidade: é impossível elogiar o Islã sem que se acrescente um comentário negativo acerca do cristianismo. O documentário da PBS, “Islã: o império da fé ”, que já foi analisado no capítulo 7, é um bom exemplo. Em outros tantos programas, comentaristas muçulmanos criticam a Bíblia abertamen te, enquanto os apresentadores concordam e sorriem. Mas, se um cristão crítica o Alcorão, os apresentadores reagem imediatamente de maneira que só seria justificável se uma suástica estivesse sendo pintada na porta de uma sinagoga.

Boa parte do bombardeio muçulmano e da mídia ocidental contra o cristianismo faz uma conexão dele com a Inquisição e as cruzadas, como se elas ainda estivessem em progresso. Esta é uma manobra ilógica, mas eficiente, com o fim de afastar a atenção da opinião pública do fato de que ajihad radical islâmica está presente, ativa e em desenvolvimento. É uma coisa “para agora ”. Seguidamen te, ouvimos a declaração “é possível encontrar violência em todas as religiões ”. Mas é muito mais pertinente a pergunta relacionada a esta declaração: qual religião, se é que existe alguma, tende a ser violenta porque o seu texto fundamental autoriza a violência? Qual religião, se é que existe alguma, tem que violar as suas próprias escrituras fun damentais para cair na violência?

Já demonstrei que as cartas magnas do Islã, o Alcorão e os ha-

diths, estabelecem todos os não-muçulmanos como a casa da guerra. E o Alcorão, em mais de 100 versos, promove guerra, decapitações, escravidão e exploração sexual de escravas. Milhões de muçulmanos não praticam o que o Alcorão ordena e nem tampouco o que ele per mite, mas é justo destacar que o chamado para a violência voraz está naquele livro que seguram em suas mãos, o livro que crêem ter sido inspirado por Deus.

As tentativas da mídia de mostrar o cristianismo como tendo violência em seu texto fundamental apontam invariavelmente para

o Antigo Testamento. Numa recente entrevista pela televisão, Jerry Falwell citou um verso de guerra do Alcorão. Robert Novak, prepara do e a postos, emboscou o Rev. Falwell com uma citação do livro de Josué acerca dos israelitas massacrando os cananitas (Dé, será que são “canatitas ” mesmo?). Se eu pudesse, teria enviado um “e-mail men tal ” de um lado do país para o outro com a resposta certa diretamente para o cérebro do Rev. Falwell. Mas não pude! Falwell resmungou uma resposta evasiva, o que deixou Novak com um sorrisinho auto- congratulatório no canto da boca.

No futuro, espero que entrevistados cristãos tenham clareza suficiente para responder a um Novak com “Meu amigo, eu não sou um israelita do tempo de Josué. Cite para mim um verso de guerra do Novo Testamento, se você conseguir, e então, poderei responder ”.

I dentificando pseudo - religiões

Universalmente, os muçulmanos consideram o Islã como ba seado no Alcorão. De maneira semelhante, muitos cristãos afirmam que o cristianismo, especialmente no que se refere a políticas públi cas e comportamento pessoal, deve ser percebido como baseado no Novo Testamento. Cruzadas, inquisições, rituais, pronunciamentos ex cathedra, tradições e politicagens cresceram junto ao Novo Testa mento sim, assim como o musgo cresce junto à pedra. Mas o musgo não faz parte da pedra!

E o que dizer dos desenvolvimentos posteriores ao Novo Tes tamento chamados cristãos, mas que respeitam o Novo Testamento apenas da boca para fora? Se tais coisas estão ligadas do Novo Tes tamento, e, pior ainda, promovem políticas que vão contra o Novo Testamento, será que ainda devemos chamá-las de cristianismo?

A resposta lógica é: “Chame todas elas de pseudo-cristianis-

»»

mo!

Pelo mesmo princípio, o que é chamado de Islã, mas não se

baseia no Alcorão, é pseudo-Islã. Portanto, o cristianismo que usa a

violência é pseudo-cristianismo, mas, pelo contrário, devido à natu reza violenta do Alcorão, o Islã moderado é pseudo-Islã. Por “pseudo ” quero dizer “não autêntico ”; algo que foi alterado tão anti-eticamente que não remete mais ao original.

Distinguindo o cristianismo do pseudo-cristianismo, perce bemos o pseudo-cristianismo, e não o cristianismo, como a fonte de inquisições, cruzadas, do assassinato de judeus na Alemanha do sécu lo XVI e de inocentes na Bósnia do século XX. Se alguém pretende acusar o cristianismo de defender crimes de violência, deve primeiro encontrar versos no Novo Testamento que ensinem violência. E não existe nenhum. Ainda assim, o cristianismo é constantemente culpa do pelos crimes violentos do pseudo-cristianismo.

Kenneth Woodward, em seu artigo para a Newsweek citado no capítulo 7, faz bem em evitar esse jogo injusto de troca de acusa ções. Ele escreveu: “Os cruzados lutaram com a cruz em seus escudos, [mas] não citavam (e nem poderia citar) palavras de Jesus para justi

ficar suas atrocidades ”

2

.

Até mesmo Ibn Warraq, um ex-muçulmano que se tornou ateísta, admira a rejeição que Jesus faz da violência como uma forma válida para que a família de Deus use na Terra. Ele escreveu:

Pensadores ocidentais, tais como [Bertrand] Russell, con

sideram Jesus Cristo menos admirável que Sócrates ou

Buda. Mas o que reprovam nele?... Uma maldição lançada

contra uma figueira, que fez com que ela secasse e morresse

[Mt 21:18-21], enquanto os apologistas do Islã, ocidentais e

muçulmanos, estão tentando desculpar os assassinatos perpe

trados por Maomé [ênfase acrescentada] ?

As palavras de Jesus

Quando Jesus disse “vim trazer fogo à terra" (Lc 12:49), ele não se proclamava um incendiário! Trazer um fogo espiritual à Terra para dar luz, fervor e teste de qualidade espirituais não é o mesmo que incendiar fisicamente o planeta. Jesus também disse “não vim trazer

paz, mas espada ” (Mt 10:34). Com isso, ele quis dizer uma espada ideológica que dividiria as pessoas que teriam opiniões diferentes a respeito dele.

Dois dos discípulos de Jesus, aborrecidos porque um povoa do samaritano recusou hospitalidade ao Cristo e a eles, esbravejaram: “Senhor, queres quefaçamos cairfogo do céu para destruí-los? ” (Lc 9:54). E o que Jesus respondeu? Ele, “voltando-se, os repreendeu [ou seja, aos dois pretensos invocadores de fogo]... eforam para outro povoado ” (Lc 9:55,56).

É interessante imaginar, com as passagens corânicas sobre violência já citadas em mente, como Maomé reagiría.

Numa outra oportunidade, Jesus disse a Pôncio Pilatos, um governador romano: “meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem ” (Jo 18:36).

Um discípulo chamado Pedro certa vez tentou fazer exata mente isso: lutar para defender Jesus. Pedro atacou um suposto ini migo com sua espada. Imediatamente, Jesus curou a ferida que Pedro infligiu. Então, repreendeu seu discípulo, e qualquer um que quisesse seguir o seu exemplo: “todos os que empunham a espada, pela espada morrerão ” (Mt 26:52). O Novo Testamento concorda com o fato de que as forças da lei possam portar a espada para proteger a ordem social nos reinos deste mundo (veja Romanos 13:4). Mas nenhum verso do Novo Testamento autoriza cristãos a utilizar armas físicas no ministério da Igreja. Os “soldados ” cristãos lutam de joelhos.

Jesus disse:

“Vocês ouviram o que foi dito: Ame o seu próximo e odeie o

seu inimigo". Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem

por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser

filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu

sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos ”.

(Mt 5:43-45)

E também:

“O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente ”. (Jo 10:10)

O apóstolo Paulo, elegendo o amor como o ideal que todo cristão deve almejar, descreveu como este ideal deve ser manifestado com estas palavras imortais:

“O amor épaciente, o amor é bondoso... Não se ira facilmen

te, não guarda rancor... Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo

suporta ”. (ICo 13:4-7)

Em consonância com um conceito tao exaltado de amor, e fazendo eco ao Sermão da Montanha de Jesus, Paulo escreveu:

“Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os

amaldiçoem... Não retribuam a ninguém mal por mal... Se

o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe

de beber ”. (Rm 12:14-20)

Vivendo e antecipando

Quando os cristãos vivem de acordo com estes belos princí pios do Novo Testamento, o cristianismo avança por todo o mundo, superando o mal pelo carisma, e não pela conquista física. Aplicando- se estritamente o que diz o Alcorão, o Islã tem sua base na conquista, e não no carisma.

Uma das maiores premissas encontradas tanto na Escritura cristã quando na judaica explica claramente esta base de benevolên cia, em que ambas as religiões professam suas raízes, aplicada a cada ser humano. A ausência desta premissa no Alcorão ajuda a explicar a aparente base de malevolência do Islã em relação a qualquer pessoa que pertença ao que Maomé chamou de casa da guerra, ao invés de estar em sua casa do Islã.

À imagem de Deus

Esta premissa é a crença, baseada em Gênesis 1:26-67, de que cada ser humano é criado à imagem (ou à semelhança) de Deus. Mesmo as pessoas que negam serem criadas à imagem de Deus são

consideradas, por judeus e cristãos devotos, como assim criadas. Consequentemente, elas também devem ser tratadas com dignida de e merecem justiça. Qualquer pessoa que seja criada à imagem de Deus merece respeito, mas também é vista como responsável por se fazer merecedora deste respeito.

Para Tiago, o apóstolo cristão que escreveu a carta do Novo Testamento que leva o seu nome, o credo de que o ser humano é feito à imagem de Deus exige das pessoas que se professam cristãs o respei to também por aqueles que, por sua própria natureza, elas considera riam merecedores de punição, desprezo ou abandono. Tiago escreve severamente que: "com a língua bendizemos o Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus ” (Tg 3:9).

O Alcorão não contém nenhuma evidência de que Maomé acreditasse ou mesmo tenha ouvido a doutrina bíblica do ser humano feito à imagem de Deus. Pode-se apenas imaginar melancolicamente que diferença um conceito tão altamente poderoso teria exercido so bre o texto do Alcorão, se alguém o tivesse ensinado a Maomé, ou se ele o aceitasse cedo o suficiente.

Mas, devido à omissão de Maomé, os muçulmanos tendem a acreditar que a descrição do ser humano como criado à imagem de Deus é um insulto a Deus.

Desrespeito aos direitos humanos

Poucos ocidentais percebem quantos princípios das democra cias do Ocidente e de nossos sistemas de justiça se baseiam em Gêne sis 1:26 e Tiago 3:9. A crença de que uma pessoa acusada é inocente até que se prove o contrário é um deles. A Declaração da Indepen dência dos Estados Unidos proclama que cada ser humano, homem ou mulher, é dotado por seu criador de “certos direitos inalienáveis ”

e, portanto, têm direito “à vida, à liberdade e à busca da felicidade ”.

De maneira correspondente, o fracasso de Maomé em incor porar algo como Tiago 3:9 no Alcorão é uma das maiores razões pelas quais o mundo muçulmano não inventou a liberdade democrática para os indivíduos.

Bassam Tibi, nascido na Síria, professor muçulmano de Es tudos Islâmicos na Universidade de Goettingen, Alemanha, em uma entrevista ao jornal indonésio Jakarta Post, disse: “O conceito de di reitos humanos do indivíduo é ocidental. Se nós [muçulmanos] dis

sermos que não é ocidental, estamos mentindo para nós mesmos ”.

5

A Newsweek fez uma lista de 15 estados muçulmanos (exis tem 55 no mundo) ordenando-os de acordo com o grau em que ga rantem os direitos humanos individuais aos seus cidadãos. A pesquisa descreve que os indivíduos dos cinco piores - Arábia Saudita, Sudão, Líbia, Síria e Iraque — são totalmente desprovidos de seus direitos hu manos. Conclui que em sete outros estados eles têm “poucos ”. As três melhores nações garantem “alguns ” direitos humanos. A Turquia, a nação mais humana, é considerada “não ideal, mas com um alto grau dentro do mundo muçulmano ”. Nenhuma das 55 nações muçulma

nas poderiam ser elevadas ao grau “ideal ”.

6

O mundo muçulmano continua se mostrando incapaz ou não desejoso de garantir liberdades verdadeiramente democráticas, mesmo quando dezenas de nações democráticas não-muçulmanas tentam mostrar como ele deve fazer e, em alguns casos, até pagando- o para que aprenda.

A submissão no **I slã**

Diante da falta da doutrina da imagem de Deus, Maomé enfatizou outra coisa: a submissão. O próprio nome que deu à sua religião - Islã - significa submissão. No Islã, isso significa submissão a Deus, submissão a Maomé como o profeta definitivo de Deus, sub missão ao Alcorão como a revelação definitiva de Deus, submissão das mulheres aos homens e submissão de todos ao califa, sultão, xá ou qualquer outro tipo de governante muçulmano que esteja no poder.

Portanto, os mesmos muçulmanos a quem Maomé ensinou

a lutar ferozmente contra os infiéis da casa da guerra são ensinados a

submeter-se docilmente dentro da casa da submissão. O problema é que este tipo cego e irracional de submissão, submissão e submissão, enfatizada por um período de tempo tão longo, desencoraja um pen samento crítico e livre de preconceitos, sem o qual a democracia não pode ser bem-sucedida.

Num contexto que focaliza a submissão, o que significa vo tar? Dezenas de nações muçulmanas elegem parlamentos, sim, mas até agora sempre existe um homem forte que pode livremente exigir submissão de todo o corpo de oficiais eleitos. Os que se recusam a submeter-se correm o risco de serem assassinados.

O valor de um muçulmano

Coerentemente, a noção que um muçulmano devoto tem do seu valor intrínseco não está baseada no reconhecimento da imagem de Deus em si mesmo. Este valor é medido pela intensidade de sua submissão acrítica a todos os requerimentos do Alcorão. O verso de abertura do primeiro grande capítulo do Alcorão, o capítulo 2, “pro clama-o como livro indubitável ”.

Se não fosse assim, livros tão críticos quanto este teriam sido escritos pelos próprios muçulmanos séculos atrás. Esta tarefa não de veria ser deixada para um estrangeiro como eu. Ou será que é preciso um estrangeiro para ver as coisas mais claramente?

A questão da poligamia

Como é evidente a diferença entre o Novo Testamento e o pesado apoio que Maomé oferece à violência, poligamia, escravidão e exploração da escravidão! Paulo, o apóstolo, escrevendo para seu pro tegido Timóteo em dias em que a poligamia era comum, determinou que o supervisor de cada congregação cristã deveria ser “irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato... Nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro [ou às pilhagens!] ” (lTm 3:2-3).

Obviamente, Maomé não estaria qualificado.

A regra paulina com 2.000 anos de idade de que os supervi sores de congregações cristãs deveriam estabelecer um exemplo com a monogamia começou uma tendência social que a levou a ser assumi da como a única forma legal de casamento em todas as democracias ocidentais de hoje.

O cristianismo sempre se lembrou do conteúdo desta regra para os supervisores, a qual, pelo poder de um bom exemplo, gradu almente, tornou-se uma regra para todos os cristãos.

O problema da escravidão

Freqüentemente, os críticos do cristianismo afirmam que o Novo Testamento, como o Alcorão, não condena a escravidão. Mas ele condena. Em 1 Timóteo 1:8-10, Paulo listou os criminosos que a lei do Antigo Testamento pretendia restringir. A lista inclui, entre outros transgressores, os adúlteros e os “sequestradores de homens ” ou mercadores de escravos.

Paulo buscava contra-atacar a escravidão, ao visar a sua fon

te: o comércio de escravos. Se esse comércio fosse abolido, o fazer escravos também acabaria, privado de seu incentivo pelo ganho fi nanceiro.

Enquanto isso, até que o objetivo de longo prazo fosse alcan çado, como o adultério também fora proscrito, o sexo com as escravas também estaria proibido.

Portanto, Paulo declara o comércio de escravos, e tudo o mais

relacionado com ele nessa lista ignominiosa, como contrário não ape nas à lei do Antigo Testamento, mas também ao “glorioso... evangelho do Deus bendito ” (lTm 1:11).

A ADULTERAÇÃO DAS ESCRITURAS

No Alcorão, Maomé declarou por 15 vezes que Deus dera a ele o Alcorão para confirmar a lei judaica e o evangelho cristão. Ele

atribuiu a seguinte citação a Deus: “Em verdade, revelamos-te o Li vro [o Alcorão] corroborante e preservador dos anteriores [ou seja, o Antigo e o Novo Testamentos] ” (Alcorão 5:52).

Com um “preservador ” como o Alcorão, a Bíblia certamente não precisaria de nenhum atacante! Os hadiths do Islã mencionam um homem que, quando jovem, lutava ao lado de Maomé. Pergun tado sobre quantas vezes ele acompanhou o pretenso profeta em ba

talhas ou incursões, o veterano respondeu: “Dezenove vezes ”.

7

Outras fontes afirmam que Maomé liderou pessoalmente 27 das 65 campanhas que lançou contra judeus, cristãos e outros árabes que se recusaram a reconhecê-lo como profeta.

Nem podemos ter muitas esperanças de que um corpo de escrituras provenientes de um profeta tão violento inspire paz entre muçulmanos e não-muçulmanos. Na verdade, o espírito de belicosi- dade em relação aos não-muçulmanos é inflamado em quase a meta de dos capítulos mais longos do Alcorão.

Certa vez, um muçulmano verbalizou uma reclamação a mim. “Cristãos e judeus ”, ele disse, “livremente reconhecem sua ori gem comum quando falam de raízes judaico-cristãs. O Islã vem da mesma raiz. Por que o Islã não pode ser incluído? Por que não falar sobre uma raiz judaico-cristã-islâmica? ”

Além de escrever este livro, como explicar a ele as muitas ra zões pelas quais eu não poderia concordar? Uma razão bem simples é a seguinte: o cristianismo aceita o Antigo Testamento da forma como ele é! O Islã não. Os cristãos não revisam o Antigo Testamento. Pro movem sua revisão como o original, e depois culpam os judeus por não conseguir fazer com que suas escrituras coincidam com a revisão feita séculos mais tarde!

Eliminar algo tão importante quanto a Páscoa de suas 27 nar

rativas sobre a história do Êxodo, como já destaquei, é apenas uma das centenas de formas pelas quais Maomé profanou o Antigo Testa mento, ao mesmo tempo em que afirmava confirmá-lo.

Além do mais, o Islã nunca permitiria que seu nome ocupas se a terceira posição, seguindo o “judaico-cristã ”. Os muçulmanos afirmam que o Islã começou com Abraão e Ismael, sendo mais anti go que o judaísmo e o cristianismo. Aquele muçulmano, conhecido meu, nem sonhava quão profundamente contrários seriam todos, judeus, cristãos e muçulmanos, à sua sugestão.

O Alcorão e o nascimento virginal

A adulteração que Maomé fez do Novo Testamento não é mais leve. Rejeitando firmemente a deidade de Jesus Cristo, Maomé ainda concordou em confessar o seu nascimento virginal (veja Alco rão 3:44-47; 19:16-21). A maioria dos muçulmanos camufla suas traduções das três passagens, ainda que o Alcorão sempre e apenas chame Jesus de “o filho dé Maria ” (Alcorão 2:87 e outros) e nunca mencione José ou qualquer outro homem como o pai de Jesus. No entanto, até mesmo M. M. Ali, sempre ansioso por exaltar Maomé e degradar Jesus, em inglês, e El Hayek, em português, trazem um anjo assegurando à confusa Maria: “Deus cria o que deseja, posto que quando decreta algo, diz: Seja!, e o é ” (Alcorão 3:47).

Concepção milagrosa! O mesmo milagre é encontrado em 21:91: “daquela que conservou sua virgindade (Maria) e a quem alentamos com o Nosso Espírito, fazendo dela e de seu filho sinais para a humanidade ”.

A concepção milagrosa novamente, dada como “sinal ” a toda humanidade. Ainda assim, o Islã sempre trabalha para obscurecer o maravilhoso significado deste sinal.

Apenas um verso registra que outro homem além do ancião Zacarias (veja Alcorão 3:37) esteve junto a Maria durante todo o tempo em que ela concebia: “e lhe enviamos o Nosso Espírito, que lhe apareceu personificado, como um homem perfeito ” (Alcorão 198:17). Uma vez mais, este não era um homem qualquer, mas o Espírito de Deus.

Tão certamente quanto houve uma concepção, deve ter havi do também dois pais. Como Deus fez com que Jesus fosse concebido milagrosamente, é certo que podemos nos referir a Deus como ó Pai de Jesus e a Jesus como o Filho de Deus, reconhecendo, é claro, que não esteve envolvido um intercurso sexual. Isso é parte do que o cristianismo sempre ensinou, e ainda assim, comumente, os mu çulmanos, mesmo os moderados, acusam os cristãos de ensinar que Deus teve um intercurso com Maria.

Quando um pai gera fisicamente um filho, transmite a ele o seu DNA, sua imagem, sua força. Tão certamente quanto Deus tem a paternidade espiritual de Jesus, pela própria admissão do Alcorão (veja Alcorão 21:91), aspectos da deidade (impecaminosidade, capa cidade de criar vida, de operar milagres humanamente impossíveis, e assim por diante) devem ter sido transmitidos a Jesus. O Alcorão atesta a transmissão de tais capacidades de Deus para Jesus? Certa mente.

Jesus no Alcorão

O Alcorão sugere que Jesus nao tinha pecado. No verso 19:19, na tradução de El Hayek, o Espírito de Deus informa Maria que seu filho seria “imaculado ”. Em contraste, o Alcorão descreve vários outros profetas reconhecendo seus pecados ou orando pelo perdão, inclusive Maomé!

Falando das versões em inglês , temos o tradutor muçulmano Ahmed Ali, que apresenta Deus ordenando a Maomé: “busque o perdão para os seus pecados ” (Alcorão 40:55). A tradução de Da- wood concorda ao dizer: “implora o perdão dos teus pecados ”. Ar- berry e Marmaduke Pickethall dizem ambos: “peça perdão pelo seu pecado ”. Rodwell traz: “busque o perdão por tua falta ”. M. M. Ali, sempre a postos para defender Maomé, mesmo na implausibilidade, muda o sentido para “busca a proteção para teu pecado ”. Por que Deus protegeria o pecado de alguém? M. Z. Khan se perde totalmen te com: “peça o perdão por aqueles que erram contigo ”.

(Talvez o Sr. Khan não tenha percebido que Maomé preferia apenas matar os que erravam com ele.)

O fato é que nenhuma frase ou verso do Alcorão liga Jesus a qualquer tipo de pecado. Dentre todos os profetas que o Alcorão menciona, de forma singular, ele atribui a Jesus a capacidade de dar vida à matéria inanimada. Jesus fez um pássaro de barro e, ao so prar sobre ele, fez com que se tornasse um pássaro vivo (veja Alcorão 5:110). O mesmo verso atesta que Jesus deu vista a um cego, curou leprosos e até trouxe mortos de volta à vida! Características do Pai celestial são realmente visíveis no Filho.

Maomé também atribuiu dois títulos fantásticos a Jesus: “a Palavra de Deus ” (Alcorão 3:39) e “um sopro do seu Espírito ” (Al corão 4:171, Challita). Estes dois títulos singulares implicam que Je sus é muito mais que um homem. Para ser Palavra de Deus e Sopro do seu Espírito, Jesus tinha que existir com Deus antes de se tornar humano, contrariamente ao dogma islâmico.

Mesmo assim, depois de reconhecer tantas coisas em Jesus, Maomé escolheu negar sua morte expiatória e sua ressurreição, arran cando o próprio coração do evangelho do Novo Testamento.

Estas são apenas algumas das muitas razões pelas quais uma expressão como “judaico-cristã-islâmica ” só pode ser considerada uma aberração.

1

Hillary Clinton, “Islam in América/ ’ Chicago Sun-Times, 25 de fevereiro de 1996, n.p.

2

Kenneth L. Woodward, “The Bible and the Qur ’an, ” Newsweek (11 de fevereiro de 2002), p. 53.

3

4

Ibn Warraq, Why I Am NotaMuslim (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), p. 350. Os Treze Estados Unidos da América, Declaração de Independência, 1776.

5

Mochtar Buchori, “Secularization: An Extention of the Idea of the Primacy of Reason, ” Jakarta Postal de dezembro de 1998), p. 5.

6

“Freedom Barely Rings ”, Newsweek (22 de dezembro de 2001), p. 25.

7

Hadiths, n.p.

8

(N. do T.) Esse verso é traduzido para o português por Challita como "implora o perdão dos teus pecados ” e por El Hayek como "implora o perdão das tuas faltas ”.

10

0 profeta e

o seu íegaoo cie guerras

Na mesma medida em que Maomé personificou o militaris mo no princípio do Islã, subseqüentemente, seu exemplo e seu Alco rão o inspiraram ainda mais. Nas décadas que se seguiram à morte de Maomé, em 632 d.C., exércitos muçulmanos arrasaram Jerusalém, Alexandrina, Antioquia e Cartago. Por fim, as forças muçulmanas controlaram todo o norte da África, Síria, Ásia Menor, Espanha e Portugal. Um exército muçulmano invadiu a França, chegando a quase 500 quilômetros da costa sul da Inglaterra. Ali, finalmente, Carlos Martel e seu exército de francos os detiveram na Batalha de Tours, em 732, 100 anos depois da morte de Maomé. Batalhas posteriores possibilitaram que os europeus retomassem a Espanha e Por tugal, mas a Ásia Menor, todo o norte da África e grande parte do Oriente Médio permaneceram cativas.

Séculos mais tarde, uma segunda grande tentativa muçulma na de obter o controle da Europa levou um exército turco por todos os Bálcãs para um cerco a Viena, na Áustria. O ano era 1863. Os tur cos foram derrotados e se retiraram em 11 de setembro! Ainda assim, os turcos mantiveram regiões dos Bálcãs sob domínio muçulmano.

A primeira invasão islâmica da Europa, à qual chamo o holo causto centenário inicial islâmico, não pode ser interpretada simples mente como uma reação muçulmana às cruzadas. Estas reações im prudentes e horríveis, como foram, vieram muito mais tarde. Foram tentativas européias, adiadas por muito tempo, de tentar garantir a Terra Santa como um destino seguro para peregrinos cristãos.

Os avanços iniciais do Islã a partir da Arábia não sofreram re sistência, e ainda assim exércitos muçulmanos massacraram milhares de judeus, cristãos e pagãos que, apesar de não resistirem militarmen te, simplesmente se recusavam a converterem-se ao Islã. O historia dor Bat Yc'or descreve os horrores que ocorriam:

A conquista árabe foi acompanhada de uma tremenda des

truição. Fontes cristãs descrevem, e as crônicas muçulma

nas o fazem ainda mais detalhadamente, cidades inteiras

e inúmeros povoados entregues à pilhagem e ao fogo, a massacres, à escravidão e à deportação de populações. Até mesmo cidades que firmavam tratados de proteção em tro ca de se renderem não escapavam às pilhagens das tribos

árabes fascinadas pela imensidão do tesouro.

1

E tudo isso em nome de uma religião que afirmava ser uma melhoria em relação a todas as outras que a precederam.

Quando os assassinos e saqueadores muçulmanos ficaram sa tisfeitos e começaram a se fartar de atrocidades, um método mais or deiro àejihad foi formulado, mas não menos déspota. Yeor descreve como o próprio Alcorão ditou inteiramente a sua formulação:

De acordo com o Alcorão, os princípios gerais eram os

seguintes: a preeminência do Islã sobre todas as outras re-

ligiões (9:33); o Islã é a verdadeira religião de Alá (3:17) e deve reinar sobre toda a humanidade (34:27); a umma [co munidade muçulmana] forma o partido de Alá e é perfeita (3:106); tendo sido escolhida de todos os povos da Terra, é a única qualificada para governar e, portanto, foi eleita por Alá para guiar o mundo (35:37). A busca Aa.jihad até que tal objetivo seja cumprido, é uma obrigação (8:40). As religiões da Bíblia e do zoroastrismo são consideradas inferiores, já que seus seguidores falsificaram a verdadeira Revelação que seus respectivos profetas lhes transmitiram antes da chegada de Maomé. Considerava-se que esta re velação era o Islã... A estes povos, beneficiários da revela ção [primitiva], é oferecida uma escolha entre a guerra e a submissão à umma, ao passo que os idólatras são forçados a se converter ao Islã ou serem mortos... Tanto o indivíduo quanto a tribo deveriam se converter ao Islã... Ou a con

versão era substituída pelo pagamento de um tributo.

2

Por tributo, o tradutor do francês de Bat Ye or não queria dizer um pagamento único, mas uma jizya, ou seja, um imposto co letável perpetuamente.

Em outras palavras, os muçulmanos se lembraram de uma opção que Maomé adotou ao conquistar uma tribo de judeus num assentamento chamado Kaybar. Era a opção de matar (apenas alguns) infiéis, o suficiente para obter o controle, mas poupar outros para que fossem pesadamente taxados (veja Alcorão 9:29).

As pessoas mortas não podem pagar impostos. Então, o as sassinato cedeu lugar à taxação opressiva. Cada vez menos judeus e cristãos eram forçados a se converter ao Islã, porque aqueles que eram deixados não-convertidos poderíam estar sujeitos a extorsões inescru- pulosas, como BatYeor descreve:

A jizya era um imposto estabelecido em três faixas: 12,

24 ou 48 dirhams, dependendo da situação econômica do

contribuinte... Para os shafitas: “nossa religião ordena que o imposto seja pago pelos moribundos, mesmo num esta-

do de incapacidade, pelos cegos, monges, trabalhadores e

pelos pobres, incapazes de praticar o comércio ”.

Qualquer pessoa [ou seja, qualquer não-muçulmano] que

deixasse sua casa sem o recibo da jizya, ou que o perdes

se, colocava-se num grande risco. No império otomano,

o recibo deveria ser apresentado sob ameaça de aprisiona

mento imediato pela ordem dos coletores de impostos que detinham os dhimmis [não-muçulmanos] nas ruas, identi ficáveis por suas roupas distintivas?

A jizya não era o único tributo básico arrecadado dos dhim mis. Bat Yeor continua:

Geralmente, todos os impostos pagos no comércio ou nos

transportes por muçulmanos eram dobrados para os dhim

mis. Além disso, a população, particularmente as comu nidades de dhimmis, estavam sujeitas a terríveis extorsões destinadas a financiar as guerras incessantes... A opressão fiscal... Foi uma causa primária para o desaparecimento de grandes quantidades de populações de dhimmis pela con

versão ao Islã ou pelas lutas.

4

Alguém pode perguntar por que todos os judeus, cristãos e zoroastristas que, por um enorme período de tempo, estiveram sob a discriminação intolerável do Islã, simplesmente não se converteram ao Islã para que ficassem livres daquilo? Por que fugir, se a fuga só permitia que se levasse o que o fugitivo pudesse carregar? Por que fugir, quando a fuga significava

nada mais que pular da frigideira da opressão muçulmana em uma área para o fogo de uma opressão mu çulmana ainda pior em outra? Só pode haver uma resposta para isso. Aqueles dhimmis que se recusaram a se converter fizeram-no porque desprezavam Maomé, desprezavam o Alcorão e desprezavam o Islã ainda mais do que temiam e sofriam a opressão de todos os três.

Dizem que certo tipo de formiga mantém pulgões cativos bem no fundo de seus formigueiros para alimentá-los. Os muçul manos, como essas formigas, adotaram a estratégia de alimentar ju

deus e cristãos como “pulgões do dinheiro ”. Mas existe uma grande diferença: provavelmente, os pulgões estão satisfeitos sob o controle das formigas, enquanto que os dhimmis sofreram sob opressão mu çulmana!

Ainda assim, para alguns estrangeiros no Ocidente, na verda de, o Islã estava sendo tolerante com os judeus e cristãos. Apologistas muçulmanos foram ágeis em alimentar este engano, esperando man tê-lo vivo. Por muitas décadas, aceitando sem questionar os relatos dos apologistas muçulmanos, os historiadores ocidentais atribuíram ao Islã a tolerância com os judeus e cristãos. Apenas em décadas re centes a pesquisa independente, conduzida especialmente por Bat Yeor e Bernard Lewis, revelou a multiforme crueldade e a opressão econômica contínua que os muçulmanos infligiram aos judeus e cris tãos em áreas sob seu controle dos anos 700 em diante.

Pesquisando extensivamente um outro tratado de Bat Yeor

e

seis livros diferentes de Bernard Lewis sobre este assunto, o ex-muçulmano Ibn Warraq descreve como séculos de opressão islâmica funcionaram. As seguintes citações do livro de Warraq são verdadeiramente rompedoras de estereótipos:

O tratamento que Maomé deu aos judeus no oásis de Kay-

bar serviu “como modelo para os tratados estabelecidos

pelos conquistadores árabes com os povos conquistados

em territórios além da Arábia ”.

Maomé atacou o oásis em 628 e torturou um dos líde

res [dos judeus] para encontrar os tesouros escondidos da

tribo. Quando os judeus se> renderam, ele concordou em

deixá-los continuar a cultivar o seu oásis, desde que lhe dessem metade do que produzissem. Maomé também se reservou o direito de cancelar o tratado e expulsar os judeus quando quisesse. Este tratado foi chamado de “dhimma ”, e os que o aceitaram ficaram conhecidos como “dhimmis ”. Posteriormente, todos os não-muçulmanos que aceitaram a supremacia muçulmana e concordaram em pagar o tri

buto também ficaram conhecidos como “dhimmis ”.

O pagamento do tributo não era a única ignomínia.

Em todos os litígios entre um muçulmano e um dhimmi, a validade do juramento ou testemunho de um dhimmi não era reconhecida... Como um dhimmi não podia apresentar evidências contra um muçulmano, o muçulmano sempre ficava completamente livre de qualquer pena. O dhimmi era forçado a pagar propinas para conseguir sair [de um julgamento]... Qualquer multa imposta a um muçulmano era diminuída pela metade, se a vítima fosse um dhimmi... Acusações de blasfêmia contra dhimmis eram frequentes e a sentença era a pena capital... Na prática, ainda que não o fosse pela lei, um dhimmi sempre era sentenciado à mor te, se ousasse levantar sua mão contra um muçulmano, mesmo que em legítima defesa. Mesmo a morte acidental de um muçulmano poderia condenar uma comunidade

[inteira de dhimmis} à morte ou ao exílio.

7

Um califa muçulmano, Umar ben Abd al-Aziz, que governou entre 717 e 720 d.C., criou uma lista de regras que ele e seus sucesso res obrigaram os dhimmis a obedecer. A lista, conhecida como Pacto de Umar, forçava os dhimmis a honrar regulamentos tais:

Não construiremos... Novos monastérios, igrejas, eremi-

tários ou celas de monges. Não restauraremos... Nenhum

destes que tenha caído em ruínas ou esteja localizado num

bairro muçulmano. Ofereceremos três dias de comida e

acomodações para qualquer muçulmano que passar por

nós. Nao celebraremos cerimônias religiosas públicas. Nao

faremos proselitismo. Não impediremos nenhum dos nos

sos parentes de abraçar o Islã, se assim desejarem... Ofere ceremos nossos assentos quando [muçulmanos] quiserem se sentar.

Não cavalgaremos em selas. Não usaremos espadas nem carregaremos armas de nenhum tipo... Não construiremos casas mais altas [que as de muçulmanos] .

8

Os dhimmis estavam sob o constante perigo de serem escravi zados. Ibn Warraq explica:

Quando Amr conquistou Trípoli, em 643, forçou judeus

e cristãos a entregar suas mulheres e crianças para que fossem escravas do exército árabe... Foi-lhes dito que po deriam deduzir esta “entrega ” do seu imposto devido, a

pavorosa “jyzia ”.

9

Não sabemos quão grande ou pequena era a dedução que um homem poderia fazer pela perda de sua esposa ou filho. Warraq continua:

Entre 652 e 1276, a Núbia [hoje chamada de Sudão] foi

forçada a enviar um contingente anual de escravos ao Cai

ro. Os tratados concluídos sob os Umayyads e Abbasids

[duas diferentes dinastias de governantes muçulmanos]

com as cidades da Trans-oxiana, Sijistão, Armênia e Fezzan

(no atual norte da África) estipulavam um tributo anual de

escravos de ambos os sexos... Em 781, na pilhagem de Éfe-

so, 7.000 gregos foram deportados em cativeiro. Depois

da captura da Armórica, em 838, havia tantos cativos, que

o califa al-Mutasim ordenou que fossem leiloados em lotes

de 5 e 10. Na pilhagem de Tessalônica, em 903, 22.000 cristãos foram divididos entre os comandantes árabes ou vendidos como escravos. Em

1064, o sultão de Seljuk, Alp Arslan, devastou a Geórgia e a Armênia. Os que não foram

levados cativos acabaram executados.

10

Outra opressão esmagadora que o Islã impôs sobre os cristãos começou no meio da década de 1300, sob o domínio do sultão oto mano Orkhan e foi chamada devshirme. Ela consistia em:

Uma tomada periódica de um quinto de todas as crianças

cristãs nos territórios conquistados. Convertidas ao Islã, es

tas crianças [quando chegavam à idade de] 14 anos, eram

treinadas para serem janissários ou homens de infantaria.

Tais abduções periódicas chegaram até a se tornar anuais...

O sistema estava aberto a todos os tipos de abuso. Fre quentemente, agentes [coletores] tomavam mais do que o número requerido, e o “superavit ” de crianças era vendido de volta aos seus pais... Este [sistema] foi abolido em 1656, [mas foi substituído por um acordo alternativo], no qual ' crianças entre 6 e 10 anos eram levadas para serem treina das no seraglio [harém] do sultão... [e isso] continuou até

o século XVIII.

11

A seguir, Warraq aborda a questão das massiças conversões forçadas às fileiras do Islã:

A história islâmica está cheia de referências às conversões

forçadas de cristãos, [de judeus, mencionados anterior

mente,] de zoroastristas e de pagãos.

12

Warraq oferece exemplos muito numerosos para serem cita dos, e talvez, muito terríveis para que sejam lidos sem provocarem choro.

Sim, os cruzados infligiram suas atrocidades também, duran

te um período mais curto na história, e também em retaliação às atrocidades islâmicas tais como algumas descritas acima. Atrocidades que foram muito lembradas naqueles dias, mas que acabaram esque cidas pela maioria dos cristãos, séculos mais tarde. A grande diferença é a seguinte: as atrocidades dos cruzados contradiziam o Novo Testa mento, enquanto as atrocidades dos muçulmanos estavam de acordo com o Alcorão.

Deixo para os leitores o exame mais profundo das obras de Bat Ye or, Bernard Lewis e Ibn Warraq, nas quais podem ser encon tradas pilhas de evidências ainda mais históricas, que abalam o mito de que os governos islâmicos eram admiravelmente tolerantes com minorias judaicas, cristãs,

zoroastristas e pagãs. Outros tiranos, opri mindo uma geração ou duas, foram apagados das páginas da história, deixando que os oprimidos se recuperassem. A supremacia islâmica sustentou estas terríveis opressões por mais de um milênio.

Por exemplo, apologistas muçulmanos fazem alarde do fato de que alguns judeus, diante de calamidades como a repugnante Inquisição pseudo-cristã na Europa, fugiram para o norte da África muçulmano buscando ajuda. Eles preferiram pagar os altos e extor sivos impostos ao Islã a serem mortos. E verdade. Mas os tempos de loucura pseudo-cristã aconteceram apenas por uma década ou duas de cada vez, separados sempre por um século ou dois de coexistência pacífica com os judeus. A opressão islâmica aos judeus através de impostos extorsivos era constante. O roubo de crianças judias de suas famílias foi quase tão constante, e continuou por séculos. Além do mais, como Bat Yc ’or verifica, raramente, os judeus europeus fugiam para o sul, em direção ao norte da África islâmico. Era muito mais comum que judeus norte-africanos fugissem para o norte, em direção à Europa cristã.

A seguir, quero focalizar como os muçulmanos modernos buscam restaurar a supremacia islâmica no mundo de hoje.

1

Bar Yeor, Islam andDhimmitude: Where Civilizations Collide (Cranbury, NJ: Associated University Presses, 2002), p. 48.

2

Ibid, p. 41.

3

Ibid, p. 69.

4

Ibid, p. 71.

5

Bat Yeor, The Dhimmi: Jews and Cbristians Under Islam.

6

7

Ibn Warraq, Why IAm Not a Muslim (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), p. 217. Ibid, p. 229.

8

Ibid, p. 230.

9

Ibid, p. 231.

10

Ibid.

11

Ibid.

12

Ibid, p. 231.

11

Os pianos do 9síã para a dominação mundial

Maomé podia não saber o tamanho do mundo, mas várias passagens no Alcorão mostram que ele tinha planos de que o Islã o dominasse totalmente, seja qual fosse seu tamanho: “Ele foi Quem enviou Seu Mensageiro com a Orientação e a verdadeira religião, para faze-la prevalecer sobre todas as outras ” (Alcorão 9:33; veja também 48:28 e 61:9). M. M. Ali designa estas três passagens como “a profecia do triunfo final do Islã no mundo todo ”?

Os sucessores de Maomé, os califàs, citavam passagens como estas para inspirar os exércitos muçulmanos, enquanto avançavam desde a Arábia, impondo o Islã pela espada sobre um Oriente Médio e o norte da África pacificamente desprevenidos, como descrevi no capítulo anterior.

Os exércitos islâmicos, imbuídos com o que Maomé afirmava ser uma autorização divina, impunham o Islã pela força sobre áreas

enormes, sempre extorquindo riquezas dos judeus e cristãos subju gados para financiar suas crescentes conquistas. Como já observei, as grandes derrotas de 732 d.C. em Tours, na França, e de 1683 d.C. em Viena, na Áustria, detiveram as tentativas islâmicas de tomar toda a Europa pela força. Gradualmente, as forças islâmicas foram força das a fazer sua retirada da Europa, exceto da região dos Bálcãs. Mas o Islã ergueu seus olhos novamente para uma conquista da Europa e da civilização européia, onde quer que ela tenha se espalhado, nas Amé ricas do Norte e do Sul e em outras regiões. Os estrategistas muçul manos perguntam aos seus seguidores: “Por que descobrimos, nestes tempos modernos, que Alá confiou a maioria das reservas mundiais de petróleo primariamente às nações muçulmanas? ”.

A sua resposta: “Alá previu a necessidade do Islã por fundos para financiar uma- vitória político-religiosa sobre aquela a quem o Islã vê como o inimigo final: a civilização euro-americana cristianiza da. Assim, o Islã segue o caminho do nazismo, do fascismo e do co munismo como o último aspirante a uma tomada hostil do mundo.

Nazistas, fascistas e comunistas fracassaram. O Islã tem uma chance melhor de ser bem-sucedido? Creio que ele vai fracassar, se tomarmos consciência desta ameaça a tempo. No entanto, se não houver uma resistência adequadamente planejada, o Islã realmen te possui uma chance melhor de sucesso. A tentativa de tomada do mundo pelo comunismo estava fadada a fracassar porque sua política econômica era totalmente contrária à natureza humana. Defendendo o ideal de que “o que é meu é teu, e o que é teu é meu ”, o comunismo não conseguiu enxergar que a natureza humana nunca conseguirá manter ambas as proposições equilibradas. Como uma aranha viúva negra, que devora seu parceiro, a última parte da fórmula faz da pri- meira a sua refeição, levando ao colapso de qualquer sistema que se baseie nela.

Em contrate, os sistemas políticos se mostram mais eficazes se conseguem persuadir as pessoas a aderir às máximas “o que é meu é meu ” e “o que é teu é teu ”.

Se apenas um ingrediente religioso é acrescentado, uma fór mula tão idealista tem alguma chance a longo prazo. Mesmo assim, o sucesso será parcial. Mas o comunismo (e, neste aspecto, também o nazismo) excluiu a religião. E este erro foi o último prego na tampa do caixão do comunismo. Numa escala histórica, o comunismo pe receu enquanto ainda estava na infância.

O Islã não está repetindo o erro do comunismo. Combinan do a astúcia política a uma incrível riqueza com o zelo religioso, o Islã realmente tem uma chance de ser bem-sucedido. E assim o será, a menos que grandes partes do mundo ocidental se unam para to mar medidas apropriadas de contenção. No entanto, muitos líderes ocidentais, incapazes de crer que uma mera religião possa ser uma ameaça política séria, continuam se proclamando amigáveis ao Islã, raciocinando que todas as religiões são boas. Não são mesmo?

Um estrategista muçulmano em Beverly Hills, Califórnia, de clarou, muitos anos atrás, de acordo com a citação de um amigo meu: “Agora que o conflito entre as democracias ocidentais e o comunismo internacional está sendo resolvido, é tempo de começar o conflito

real e final, e vamos vencer! ”

2

Quando é que as pessoas vão perceber que, assim como exis tem bons médicos e charlatães, bons policiais e policiais corruptos, também podem existir boas religiões e más religiões?

P rincipais estratégicas islâmicas

Aqui estão algumas das estratégias islâmicas primárias:

Explorar a imigração massiça, legal e ilegal,

de muçulmanos para as nações ocidentais

Uma facção de líderes muçulmanos na Grã-Bretanha esperou até que cerca de um milhão de muçulmanos imigrassem ou conse guissem se infiltrar de qualquer maneira no país. Então, anunciaram

abertamente o estabelecimento de um parlamento islâmico. Os bri tânicos pediram insistentemente que os muçulmanos o chamassem de associação, fundação, sociedade, ou qualquer coisa, menos de par lamento? Mas os líderes muçulmanos permaneceram irredutíveis. O seu parlamento já está aprovando leis às quais os muçulmanos na Grã-Bretanha são intimados a obedecer. Ninguém duvida que existam muçulmanos nas Ilhas Britânicas que pretendam que o seu parlamento, em algum momento, substitua a antiga e honrada insti tuição britânica. Ibn Warraq comenta:

Sem dúvida nenhuma, o defensor mais articulado de uma ordem mundial teocrática islâmica é o Dr. Kalim Siddiqui... Ele foi um dos membros fundadores do chamado Parlamento Muçulmano da Grã-Bretanha, cujo objetivo é “definir, defender e promover os interesses muçulmanos na Bretanha ”. Escreveu uma enorme quantidade de livros e artigos sobre o Islã. É sua missão no Ocidente e no mundo. Temas constantemente recorrentes são a vinda de um domínio global islâmico, a grandeza do Ayatolá Khomeini, a necessidade de um conflito armado... E a indivisível unidade entre religião e política... Siddiqui diz:: “Com uma população de quase um bilhão de pessoas [agora já passou de um bilhão] e fontes infinitas de riquezas, é possível derrotar quaisquer poderes ”?

Ibn Warraq também explica que o Dr. Kalim Siddiqui, dire

tor do Instituto Muçulmano em Londres na época em que os muçul manos estavam bufando de ódio contra os Versos Satânicos de Salman Rushdie por toda a Europa, com “passeatas, demonstrações e queima de livros ”, instigou uma multidão muçulmana num encontro públi co a “não obedecer às leis britânicas se elas fossem contra a sharia, a lei islâmica ” . Sob a sharia, é claro que Rushdie deveria ser assassinado. Warraq acrescenta:

Muitos muçulmanos deixaram claro que não têm intenção

de ser assimilados na sociedade [britânica] que os recebe.

Pelo contrário, esperam que essa sociedade se modifique para conceder a eles direitos e privilégios separados. Alguns dos seus mais articulados palestrantes discursaram sobre o que pretendem conseguir. O Dr. Zaki Badawi, antigo diretor do Centro Cultural Islâmico de Londres, escreveu: “O Islã pretende se expandir na Grã Bretanha. O Islã é uma religião universal. Tem como aspiração levar a sua mensagem para todos os cantos da Terra. Espera que um dia, toda a humanidade seja uma única comunidade mu

çulmana, a Umma ”.

6

Esta total autoconfiança dos muçulmanos na Grã Bretanha tem sido encorajada pela indesculpável timidez por parte da polícia e de um declínio moral generalizado entre os britânicos. Ibn Warraq protesta: “É escandaloso, mas a polícia britânica não deu nenhum passo sequer para prender os muçulmanos que defendem publica

mente o assassinato de Rushdie [um cidadão britânico] ”.

7

Na França, em contraste, “um iman [sacerdote do Islã] turco, que afirmou que a sharia tinha precedência sobre as leis francesas, foi

deportado num período de apenas 48 horas! ”

8

Uma tomada pelos bastidores

Não pensemos, contudo, que uma ausência de impetuosida de pública dos muçulmanos corresponda à docilidade. Em outras na ções, os muçulmanos podem estar tão fanaticamente ligados aos ob jetivos de um Siddiqui e um Badawi, buscando maneiras mais sutis e de bastidores para alcançar os mesmos fins. O cenário que se segue explica como penso que é mais

provável que o Islã progrida, se lhe for permitido, em direção ao seu objetivo final: a tomada do mundo.

É apenas uma questão de tempo. Com a continuação da en xurrada de imigrantes muçulmanos vindo para nações ocidentais, alguns deles vão se candidatar e, eventualmente, ganhar mais e mais assentos em parlamentos que escolheram um estilo de governo de mocrático parlamentarista. No final, um muçulmano legalmente

eleito será empossado primeiro-ministro de uma democracia parla-mentarista ocidental. Se este primeiro-ministro muçulmano for um islâmico suprematista disfarçado, muito delicadamente, a democra cia na nação em questão terá colocado sua cabeça na guilhotina.

Observando que uma massa crítica dentre os bons cidadãos do Canadá sustenta uma visão ultraliberal, temo que esta seja a pri meira nação ocidental que se verá presa numa armadilha suprematis ta islâmica. (E escrevo como alguém que tem cidadania canadense, além da americana.)

Existe uma razão pela qual é mais provável que um muçul mano se torne primeiro-ministro numa democracia parlamentaris ta ocidental, antes que um muçulmano se torne presidente numa república ocidental, como os Estados Unidos. Sob o regime parla mentarista, os eleitores votam no partido que preferem, mais que no líder. A verdadeira escolha de um líder é primariamente um privilégio deste partido. Numa república, a seleção do líder é assunto para uma eleição separada. Um candidato presidencial pode ser rejeitado pelos eleitores, mesmo quando eles preferem o partido que ele lidera. Esta diferença sujeita um candidato presidencial numa república a um escrutínio público muito mais intenso que um candidato para um cargo de primeiro-ministro normalmente enfrenta.

Uma vez que um suprematista muçulmano se torne primei ro-ministro numa nação ocidental, os interesses dos ricos produtores de petróleo muçulmanos se tornarão um ministério fantasma ao seu lado. O dinheiro externo do petróleo, suplementando a arrecadação interna, garantirá o sucesso de seus programas sociais. No momento certo, ele se oferecerá para arbitrar as convulsões políticas no Oriente Médio e, então, surpresa! Seus esforços serão maravilhosamente bem- sucedidos, apenas por um breve período estratégico, no campo em que um George Bush ou um Colin Powell fracassaram. Esta armação sugerirá ao mundo ocidental que a forma de aliviar as tensões entre o Ocidente e o mundo islâmico é ter mais muçulmanos como líderes de seus governos, pois os outros muçulmanos os ouvirão.

É claro que ouvirão! Cada sucesso que o novo primeiro-mi nistro muçulmano conseguir em casa ou no exterior se somará à sua reputação e favorecerá a religião que ele representa. Subornos propi ciados por petrodólares estrangeiros podem não estar fora de questão.

Sob seu governo, vão aparecer no currículo das escolas pú blicas lições exaltando o Islã e denegrindo outras religiões. Sob sua liderança, as políticas de imigração favorecerão ondas ainda maiores de muçulmanos, garantindo votos islâmicos em bloco numa grande quantidade para ele e para outros muçulmanos candidatos a cargos públicos. Talvez, num segundo mandato, ele possa acabar indicando muçulmanos como chefes de ministérios, até mesmo das forças ar madas.

O parlamento que ele lidera começará a modificar as leis existentes e criar novas, todas com uma visão de mobilizar a nação que chefia sempre para uma posição mais próxima de uma possível imposição do ultra-severo código islâmico da sharia. Provavelmen te, classificar a mutilação genital feminina (MGF) como um tipo de operação que médicos ocidentais possam realizar legalmente em mulheres muçulmanas fosse a primeira. Alguns médicos receberão bem a entrada de um dinheiro extra por uma cirurgia tão fácil, assim como alguns deles têm seus rendimentos recheados pela realização de abortos desnecessários hoje em dia.

Depois de um forte apelo público contra a MGF, a próxima mudança proposta será legalizar o que até lá pode ser chamado de quadrigamia (ou seria quadrigenia?). O Islã permite que um homem se case com até quatro mulheres, portanto, quadrigamia! No entanto, tão certamente quanto as novas regras serão aplicáveis apenas para homens muçulmanos, alguns milhões de homens ocidentais que, de qualquer forma, são pouco mais do que pagãos selvagens, se aprova da a nova lei, vão se alinhar e se converter ao Islã simplesmente para desfrutar de mais sexo sob este regime.

Desta maneira, a mentira de Maomé no século VII, de usar o impulso sexual masculino como um estratagema para atrair os ho

mens pagãos ao seu rebanho, servirá aos radicais muçulmanos no- vamente num contexto do século XXI. Simultaneamente, uma-en xurrada de artigos especiais em revistas assegurará ilusoriamente às mulheres ocidentais que a quadrigamia pode acabar sendo boa para elas também.

Em algum momento, a sexta-feira do Islã substituirá o domin go cristão como o dia especial de observância religiosa ao longo da se mana, ainda que o Islã em si mesmo não tenha um dia de descanso.

Outra medida, permitindo que o Islã endureça suas próprias punições religiosas para os apóstatas, será baixada, uma outra pro gressão na inserção da lei ultra-severa da sharia islâmica numa nação que já estará parasitada.

Talvez fique por último, mas o que é agora universalmente condenado como escravidão branca, não que ela seja de alguma for ma melhor ou pior que a escravidão negra, será sutilmente redefinida como uma solução provisória para a pobreza.

O argumento vai se desenvolver: o que é melhor para alguém sub-educado e desprivilegiado? Servir sem pagamento, mas com rou pas, comidas e abrigo, ou que vague sem esperanças pelas ruas como um sem-teto? Desta maneira, o apoio de Maomé no século VII à escravidão ressuscitará para assombrar o mundo moderno como a justificação pontual primária para se re-introduzir uma escravidão que se ampliará mais tarde.

Em algum momento deste cenário, nações muçulmanas ricas pelo petróleo começarão a fazer ofertas tentadoras a alguns bancos, especialmente para os bancos da primeira nação ocidental liderada por um muçulmano. Potentados cheios de petrodólares se oferecerão para depositar um milhão de dólares em depósitos a juros baixos para cada 5 ou 10 empregados muçulmanos que o banco prove que tenha contratado nacionalmente. Prometerão acrescentar outro milhão em depósitos para cada muçulmano que seja promovido a uma posição gerencial. E acrescentarão outro milhão para cada muçulmano quali ficado que seja promovido a um cargo de alto nível.

Qual banco recusaria uma oferta destas, especialmente quan do estes arranjos estão dentro da lei? Como resultado, os bancos na nação deste cenário prosperam. As taxas de juros baixam e a econo mia decola. E o primeiro-ministro muçulmano suprematista reclama o crédito por tudo isso, enquanto seu ministério fantasma sorri. E o mundo observa, impressionado.

Uma comissão parlamentar encontraria este esquema se ele já estiver ocorrendo nos Estados Unidos? Se algo assim ocorre ou não, deve ser declarado ilegal agora! Cada governo se guarda contra inter ferências estrangeiras em sua política. Que tal guardarmo-nos contra a interferência de intrusos estrangeiros sobre políticas costumeiras de contratações? Bancos ávidos por depósitos, indústrias ávidas por vendas, hospitais e colégios ávidos por doações, todos poderiam ser influenciados a favor do Islã.

Como qualquer outra pessoa, um empreendedor muçulma no busca melhorar de vida dentro da nossa economia. Mas deixemos que eles façam isso apenas num jogo aberto. Grupos atentos asso pram seus apitos contra influências raciais em contratações. E o que fazer com uma política de contratações que é secretamente influen ciada pela religião?

Se, na economia em geral, muçulmanos começarem a apare

cer com freqüência não-usual como presidentes de bancos, de empre sas de mídia, de hospitais e de uma miríade de outras instituições; e se a maioria dos executivos muçulmanos, uma vez instalados, come çarem a dar preferência a muçulmanos nas contratações, a conversão ao Islã será rapidamente reconhecida como propulsora de carreiras. Finalmente, quando for muito tarde, as violentas negações de direitos humanos dos supremacistas islâmicos começarão a emergir sob os céus carregados.

Parte deste cenário hipotético já é detectável nos Estados Uni

dos. Um exemplo: na Pensilvânia, uma enfermeira cristã me disse que o chefe da equipe de um hospital no qual ela trabalhava se aposentou e foi substituído por um médico muçulmano. Rapidamente, ele a

demitiu, juntamente com duas outras enfermeiras conhecidas por serem cristãs. Suas substitutas eram enfermeiras muçulmanas. Então, o médico muçulmano começou gradualmente a dispensar outras en fermeiras e substituí-las também por muçulmanas.

Parte deste cenário (e coisas piores) já estão acontecendo in

ternacionalmente, em especial com minorias cristãs em nações mu- çulmanas. Na Indonésia, cristãos bataques trabalhando no governo ou em outras instituições em Medan, a maior cidade na ilha de Su- matra, são demitidos de seus empregos e ouvem que: “Se você quiser ser contratado novamente, volte como um muçulmano ”.

Turbas de muçulmanos incendeiam igrejas indonésias. Quan do os cristãos reúnem ofertas para reconstruí-las, os muçulmanos no escritório local de urbanização anunciam que as leis de zoneamento mudaram, portanto uma igreja não pode mais ser construída naquele local. Então, os cristãos alugam um espaço comercial no qual podem adorar, mas a polícia pode invadi-lo, exigindo a apresentação da per missão do uso de um espaço comercial com propósitos religiosos, uma permissão que as autoridades muçulmanas podem reter mesmo quan do requisitada. Sem a permissão, os bancos, bíblias e hinários são joga dos na rua e queimados. Na noite de Natal de 2000, bombas caseiras

muçulmanas mataram dezenas de adoradores em cultos indonésios.

9

E como se encerra o cenário acima? E provável que acabe com partes da população dos Estados Unidos, o último bastião, sentindo o toque da sirene islâmica que, naquele momento, já teria seduzido muitos dos aliados dos EUA do mundo ocidental. Um candidato su- prematista islâmico concorreria à presidência. Petrodólares estrangei ros saturariam a mídia com seus comerciais políticos. Se ele ganhasse, o mundo estaria modificado para sempre, a menos que houvesse a intervenção de uma divindade muito mais digna de ser adorada do que o Alá do Alcorão.

Cada leitor do cenário acima, protestante, católico, judeus, hindu, budista ou humanista, deve perguntar a si mesmo: “eu quero deixar o mundo em que vivo ser transformado de maneira tão gro-

tesca pelo Islã? ”. Mesmo os que duvidam que algo como o cenário acima possa acontecer devem se perguntar: e o que eu poderia fazer agora, só por via das dúvidas?

Portanto, uma grande estratégia suprematista muçulmana

é trazer, primeiramente, um grande número de muçulmanos como imigrantes, incluindo aqueles que não estão conscientes do esquema de infiltração, e ajudá-los a adquirir vantagens de maneira como for possível na sociedade original da nação a ser parasitada.

Ampliando a influência islâmica

Existem outras sutilezas. Uma vez mais, vamos para a Ingla

terra.

Uma organização muçulmana queria construir um enorme centro de estudos islâmicos praticamente em frente à prestigiosa Uni versidade de Oxford. Os empreendedores muçulmanos pediram a Oxford que vendesse um lote que estava reservado para uma expan são futura. Oxford se recusou a vender.

Imperturbáveis, os muçulmanos pediram a um prestigioso clube de cavalheiros muçulmanos que convidasse o Príncipe Charles para fazer parte de sua membresia. Ele aceitou a “honra ”, mas acabou por descobrir que esperava-se que o membro mais novo do clube que demonstrasse sua lealdade e magnanimidade ao usar sua influência como o Príncipe de Gales para persuadir Oxford a vender o lote. O Príncipe Charles consentiu. Ele pressionou Oxford. Oxford vendeu a terra. O novo centro de estudos islâmicos já deve estar construído.

De milhares de maneiras diferentes, tolos europeus, que pen sam estar demonstrando uma nobre tolerância com uma mera religião, na verdade, estão convidando invasores políticos às suas sociedades. Funcionários indiferentes da imigração estão desfazendo a vitória que Carlos Martel e os francos tão bravamente conquistaram para nós em Tours, e que os Habsburgos conquistaram uma vez mais em Viena.

A tolice pode ser a traidora mais devastadora de todas.

Um programa multibilionário de

construção de mesquitas e de tradução do Alcorão

O sucesso crescente que as missões cristãs alcançaram ao ro dear o mundo muçulmano e centenas de milhões de cristãos do Ter ceiro Mundo adorando em milhares de igrejas atraiu a atenção dos estrategistas muçulmanos. Lançando uma tentativa massiça de “imi tar ” a sabedoria missionária, nações muçulmanas ricas por causa do petróleo gastam agora bilhões de dólares com a construção de mes quitas em centenas de cidades do mundo não-muçulmano, cidades sobre as quais não demonstravam interesse até as últimas décadas.

A construção de mesquitas em cidades da região subsaariana e sul da África está em andamento há anos. E, agora, isso acontece tam bém em quase todos os lugares da América Latina e da Austrália.

A maior das muitas magníficas mesquitas construídas recen temente na América do Sul fica em Caracas, Venezuela. Já pude ver mesquitas até mesmo em cidades menores do Brasil, como João Pes soa, Natal, Recife, sem mencionar as grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Cada mesquita é equipada com mulas que se oferecem para ensinar a respeito do Islã em escolas, refeitórios ou qualquer outro evento na comunidade circunvizinha. Visitas guiadas pela mesquita são organizadas para fazer com que os curiosos voltem para instru ções regulares, e, talvez, para serem levados à conversão. E uma base de operações. E o Alcorão, é claro, é oferecido na língua local. Mas isso não teria um efeito negativo?

Os estrategistas muçulmanos estão agora emprestando uma folha do manual de metodologia missionária cristã. Ao longo dos séculos, os missionários cristãos traduziram pelo menos o Novo Tes tamento em centenas de línguas. Tradutores muçulmanos também estão traduzindo o Alcorão em dezenas de línguas importantes do mundo não-muçulmano.

Como já demonstrei, o Alcorão, diferentemente do Novo Testamento, é o pior delator de si mesmo, mas apenas quando é lido

por pessoas que nâo foram predispostas por uma intensa lavagem cerebral para aceitá-lo como inspirado por Deus.

Muçulmanos que falam árabe se recusaram, por séculos, a permitir que o Alcorão fosse traduzido. Disseram que era porque nenhuma língua poderia transmitir o sentido tão sublimemente ex presso em árabe. Mas qualquer pessoa que tenha lido o Alcorão com uma mente livre pode facilmente imaginar a verdadeira razão. Os muçulmanos árabes temiam o risco de deixar que seus irmãos falan tes de outras línguas descobrissem por si mesmo quão incrivelmente chato, tediosamente repetitivo, chocantemente violento e imoral o Alcorão realmente é.

Ainda assim, os muçulmanos persas continuaram insistindo que deveriam ter sua própria tradução e, então, finalmente, o livro foi traduzido para o farsi e depois para o urdo dos paquistaneses. É claro que todos foram avisados para não esperar que qualquer tradu ção tivesse o mesmo efeito esmagador que o Alcorão original tem em árabe.

Os muçulmanos árabes devem ter ficado apavorados com a possibilidade de ouvir um coro de vozes perguntando: “O que é isso? Por que devemos chamar este livro de maravilhoso ’ e sagrado ’, quando não é nenhuma coisa nem outra? ” E por que este coro não apareceu?

Com poucas exceções, o total aborrecimento que as pessoas sentiam enquanto lidavam com os versos repetitivos, vazios de subs tantivos e fartos de pronomes do Alcorão acabaram protegendo-o ao anestesiar as mentes dos leitores estrangeiros antes que avançassem o bastante na leitura para perceber quão pobre o texto realmente é! Em outras palavras, o aborrecimento que qualquer tradução do Alcorão provoca tende a protegê-lo das críticas, assim como o casco prote ge a tartaruga. O tédio distrai bastante um leitor depois de algumas poucas páginas, tentando-o a passar para uma leitura mais rápida e menos atenta. E mais fácil acreditar na ‘grandeza ” do Alcorão do que enfrentar o tédio tentando experimentá-la.

Já que línguas como o farsi e o urdu “enfraquecem ” a força do árabe, por que perder tempo lendo nestas línguas? Por que não deixar o mula fazer a leitura em árabe numa mesquita e imaginar o arrebatamento que poderia ser sentido se a pessoa pudesse entendê- la? E, ao mesmo tempo, é muito agradável poder dizer “Nós ‘temos o Alcorão em nossa língua ”.

Assim, a náusea que os árabes tinham com relação à tradução do Alcorão deu lugar a um interesse crescente em oferecê-lo, mesmo em línguas européias. E, novamente, a maioria dos europeus não o leu ou, simplesmente, dispensou-o como inconseqüente.

Atualmente, cada vez mais traduções são oferecidas. Ainda assim, em todos os lugares, em mesquitas e madrasas, o Alcorão é lido em árabe. Apenas o sermão que segue a leitura é oferecido em farsi, urdu, indonésio ou inglês. No entanto, o fato de que tantas traduções estão disponíveis é promovido como uma evidência do alcance “com passivo ” do Islã sobre o mundo.

Infiltração em escolas e igrejas cristãs

para seduzir mulheres cristãs

Um amigo cristão paquistanês conheceu um jovem e atraen te muçulmano em Londres. Tomando meu amigo por muçulmano (ele conhece o Alcorão e os hadiths bem melhor que a maioria dos muçulmanos), o jovem começou a alardear um modo de vida ne fasto. Afirmando ser membro de uma sociedade radical sediada em Cairo, chamada Fraternidade Muçulmana, ele disse ter sido treinado e financiado para se misturar com cristãos e forjar uma sincera con versão ao cristianismo como forma de ganhar aceitação numa igreja. Memorizou os versos da Bíblia que sabia que os cristãos esperariam que ele conhecesse. Aprendeu a orar “no nome de Jesus ”. Mas, por que um muçulmano se incomodaria em fazer tudo isso?

Ele explicou: alguns dos cristãos ansiosos por ajudar um jo vem convertido do Islã a se fundamentar em sua recém-descoberta fé cristã poderiam ser garotas bem-intencionadas e bonitas. Escolhendo

uma como “alvo ”, preferivelmente uma filha de pastor, o “converti do ” simularia um interesse romântico e usaria o seu charme. Se ela correspondesse, pacientemente, ele tentaria seduzi-la, talvez até engravidá-la, casar-se com ela e dizer: “Decidi voltar para o Islã. Venha comigo! ” Se a moça se recusasse, ele a abandonaria, deixando a garo ta, a sua família, seus amigos e todas as pessoas da igreja em choque.

Se não pudesse seduzi-la extraconjugalmente, ele pretendia noivar, casar, engravidá-la e mesmo assim deixá-la.

Um dos objetivos deste esquema infame é desencorajar os cristãos a confiar num convertido genuíno do Islã que possa cruzar o caminho deles. Outro é enfraquecer a confiança na capacidade do cristianismo de ganhar até mesmo um convertido ocasional do Islã.

A carreira deste membro confesso da Fraternidade Muçul mana começou em Cingapura e passou pela Suécia, antes de chegar em Londres. Precipitadamente, alguém o matriculou num instituto bíblico em Cingapura. Ele seduziu uma colega, que confessou o que fizeram. O arrependimento dela foi genuíno, e ele conseguiu simular um arrependimento de maneira tal que alguém decidiu dar-lhe uma segunda chance, providenciando uma passagem para a Suécia, a fim de que pudesse entrar num outro instituto por lá. Ele seduziu outra estudante ali, e foi, por fim, expulso sumariamente. Por isso viajou até Londres, onde encontrou meu amigo paquistanês.

Meu amigo lhe disse: “Você realmente não deveria estar con tando tudo isso para mim. Sou cristão ”. O jovem pensou que meu amigo estava simplesmente demonstrando que também sabia fingir uma conversão ao cristianismo.

“Uau, você é bom! ”, o muçulmano exclamou, “Você realmen

te engana muito bem! Que tal entrar para a minha Fraternidade? ” Al guns momentos depois, o muçulmano percebeu que meu amigo não estava fingindo. Ele ficou vermelho. Tinha confessado um segredo da estratégia muçulmana para um membro da casa da guerra.

Uma estratégia muçulmana ainda mais sutil para a conquista mundial merece um capítulo para si mesma, o próximo.

1

Maulana Muhammad Ali, Quran (Columbus, OH: Lahore, Inc., USA, 1998), comentá rio 1054.

2

Donald McCurry, comunicação pessoal ao autor.

3

4

Ibn Warraq, My IAm Not a Muslim (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), p. 355. Ibid.

5

Ibid, p. 351.

6

Ibid, p. 352.

7

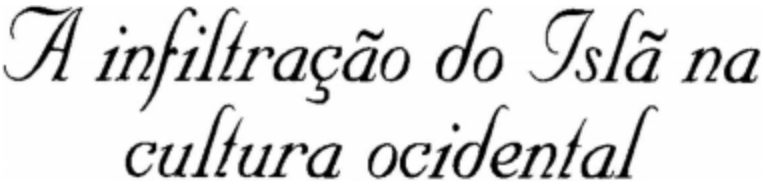
Ibid, p. 351.

8

Ibid.

9

“Indonésia ”, ABC News, abcnews.com (acessado em 25 de dezembro de 2000).



12

Em 27 de junho de 2002, o canal de TV a cabo Fox News relatou que muçulmanos estrangeiros estão injetando anualmente 13 bilhões de dólares em faculdades e universidades americanas. Eviden temente, uma grande parte disso vem de pais que pagam os estudos superiores de seus filhos. Mas o dinheiro não vem todo desses pais. Existe um outro fator.

U ma presença nos campi ocidentais

Pelo menos nas últimas décadas, estrategistas islâmicos têm buscado influenciar o mundo acadêmico ocidental secular. Bancados pelos petrodólares, começaram a abordar diretores e juntas diretivas de universidades e faculdades ocidentais com uma pergunta inicial:

“Vocês têm um departamento de estudos islâmicos em seu campus? ”, querendo dizer que, é claro, deveria haver. Ouvindo a resposta: “Não, nós não temos ”, eles passavam para a próxima pergunta: “Vocês não gostariam de ter um de primeira classe? ”. Um diálogo parecido com o seguinte acontece:

Ouvindo a resposta “Sim, é claro, mas não temos o dinhei ro para financiá-lo ”, o agente muçulmano declara: “Dinheiro não é problema. Se a sua instituição providenciar um terreno no campus, nossa organização financiará totalmente a construção de um exce lente departamento de estudos islâmicos ”, acrescentando logo a se guir: “Existe apenas uma condição. Se financiarmos o departamento, naturalmente queremos ter certeza de que o Islã será representado nele imparcialmente. Assim, vocês devem permitir que indiquemos os professores para o novo departamento. Garantimos que serão estu diosos qualificados. Podemos até garantir os seus salários inicialmen te, pelo menos até que os fundos levantados pelo novo departamento permitam que vocês incluam seus salários no orçamento regular. Cer tamente, os professores que indicaremos estarão qualificados para en sinar outras matérias em alguma parte do seu campus, e não cobrarão de vocês nada por isso. Esta não é mesmo uma oferta irrecusável? ”

Se uma universidade ou faculdade ocidental secular estabele ce seu próprio departamento de estudos islâmicos, e o faz escolhen do seus próprios professores que se mostrem instruídos e objetivos, a iniciativa é boa. No entanto, algumas universidades e faculdades ocidentais seculares já têm aceitando ofertas de departamentos finan ciados externamente, compostos por professores escolhidos por estas fontes e vindos de lugares como Arábia Saudita ou Kuwait. Com certeza, os professores muçulmanos indicados por tais fontes podem ser tão instruídos quanto o sol é brilhante, mas a possibilidade de que ensinem objetivamente sobre o Islã fica comprometida.

Dos professores muçulmanos que vêm com a oferta, espe- ra-se que ensinem como apologistas do Islã e detratores de outras religiões. Um de meus filhos matriculou-se em um curso de história ensinado por um desses professores na Califórnia. O professor lança-

va calúnias freqüentes contra o cristianismo em suas preleções. Cada calúnia vinha acompanhada de um elogio incontestado ao Islã. Num capítulo mais à frente, falarei da refutação que meu filho apresentou com respeito ao assunto, para a grande surpresa do professor e do resto de sua classe.

Receber um departamento de orientação muçulmana forma do por professores muçulmanos constitui uma validação acadêmica do Islã como uma religião digna, do Alcorão como um livro digno, e de Maomé como um profeta digno. Especialistas não-muçulmanos em Islã tendem a não ser contratados, caso os muçulmanos preen cham cada posição no departamento. Sabendo que as universidades ocidentais consideram um departamento de estudos islâmicos uma necessidade, os estrategistas muçulmanos acham que vale a pena as segurar que professores muçulmanos controlem o que é ensinado a respeito do Islã.

Efeitos sobre a escola toda

É possível a um professor não-muçulmano de outros depar tamentos do campus, presumindo que ele ou ela conheçam os fatos perturbadores, falar criticamente sobre o Islã, o Alcorão e Maomé, quando a instituição que paga o seu salário endossa o que está sendo criticado? E claro que todas as universidades e faculdades protesta rão, dizendo que a objetividade no campus nunca é comprometida por razão nenhuma. A objetividade, afinal de contas, é o próprio sangue da reputação acadêmica. Ainda assim, hoje em dia, é quase impossível para qualquer um encontrar professores muçulmanos em qualquer campus secular que digam ou escrevam qualquer crítica a Maomé ou ao Alcorão.

É claro, eles condenarão o islamismo radical, dizendo que este tem apenas uma ligação aparente com Maomé ou o Alcorão. Como seria bom poder acreditar nisso! O fato é que o islamismo radical tem muito mais do que uma ligação aparente com Maomé e o Alcorão. Como demonstrei a partir do próprio livro-texto do Islã, o Alco-

rão, o islamismo radical é o verdadeiro Islã do Alcorão. O islamismo moderado é um pseudo-Islã. Mesmo os considerados moderados se recusam a falar criticamente do Alcorão, por isso podemos ter certeza de que eles vivem num mundo de sonhos. São equivalentes a alemães que, na década de 1930, diriam algo como: “Acreditamos que Hitler é um bom líder e confiamos em cada palavra de seu Kampfi mas não somos nazistas! ”

Os muçulmanos moderados não controlam as dezenas de milhares de madrasas. E essas madrasas muçulmanas são o equivalen te islâmico da Juventude Hitlerista, só que numa escala muito mais ampla!

Por que, então, quando apresento os elementos deste livro em minhas palestras, as pessoas que participam de cursos universitários sobre o Islã perguntam invariavelmente: “Por que não me ensinaram esses fatos tão importantes num curso pelo qual paguei tão caro? ”

A resposta: porque a objetividade acadêmica foi comprome tida. Ibn Warraq repreende a academia ocidental por se enterrar até o pescoço nesta areia movediça de ingenuidade a respeito de Maomé e do Alcorão. Na verdade, esta tendência merece um exame minucioso.

Enquanto aumentarem as indicações de estudiosos muçul manos do Oriente Médio que se fundem à academia ocidental, a sucção da areia movediça continuará crescendo.

O Islã nas aulas de Ciências Sociais

Não devemos desconsiderar o fato de que professores huma nistas de ciências sociais na academia ocidental, desde Moscou até Melbourne, há décadas, têm estado mais propensos não só a sorrir in dulgentemente diante do Islã, como também a atacar o cristianismo.

Leia a obra de Vincent Carroll e David Shiftlett

2

ou o meu capítulo

“Eruditos com teorias estranhas ”, do livro O fator Melqiüsedequr ’, para um estudo do antagonismo anticristão na academia e de suas bases teóricas.

Um estudante da Universidade Estadual de Washington me disse que seu professor humanista de antropologia avisou:

— Meu jovem, vou fazer tudo o que puder neste semestre para destruir sua fé no cristianismo!

E agora, estranhamente, a mentalidade que não tolerava o cristianismo se mostra tão aberta para o Islã!

— O que eu poderia ter dito? - perguntou-me o jovem cris tão assustado. Eu respondi:

— Existem estudantes em sua classe que seguem outras reli giões?

— Sim. Para dizer a verdade, um hindu, um muçulmano e um budista também assistem essa aula.

— E ele avisou que tentaria atacar também as suas crenças? — Não, ele não fez isso.

— Então, você deveria questionar a objetividade de seu pro fessor ao escolher atacar apenas o cristianismo, quando, na verdade, como humanista secularizado, ele desconsidera todas as religiões, a nao ser como objeto de estudo antropológico, é claro.

Neste ponto, quero oferecer uma generalização. Por defini ção, toda generalização tem exceções. E válido fazê-las, desde que se reconheça que haverá exceções. Aqui está a minha generalização: por mais de um século, os departamentos de ciências sociais em quase todas as faculdades e universidades seculares no mundo ocidental fo ram, pelo menos parcialmente, exploradas como madrasas anticristãs para o humanismo secular financiadas por impostos.

E onde se enquadra a separação entre religião e estado?

Uma parábola para os tempos modernos

Diante da minha generalização, ofereço uma parábola: numa

terra distante, um fazendeiro tinha um mangusto, algumas galinhas e umas poucas cabras. As galinhas lhe ofereciam ovos, e as cabras lhe davam algum leite.

— Mas, esse mangusto — ele disse em certo dia — o que faz por mim? Algumas vezes, ele sobe no telhado durante a noite, e me acorda. De vez em quando, come um ovo do ninho das galinhas. Além disso, sou alérgico à sua pele!

Finalmente, o fazendeiro decidiu que não gostava do man gusto e o matou.

Depois de um certo tempo, ele percebeu que não faltava ape nas um ovo de vez em quando, mas sumia também uma galinha, e depois até uma cabra! Por fim, o fazendeiro descobriu o problema: o mangusto mantinha as serpentes longe da fazenda. Sem ele, as ser pentes se aproximavam e se alimentavam dos ovos. Crescendo com essa alimentação, logo começaram a comer as galinhas. E depois, já conseguiam comer as cabras.

— Mangusto, meu mangusto! — o fazendeiro gemia. Se eu pudesse tê-lo de volta, eu não gritaria com você quando subisse no te lhado. Você não precisaria pegar um ovo ocasional por seus serviços. Eu lhe daria um ovo por dia! Eu ainda seria alérgico à sua pele, mas é melhor um espirro do que estas serpentes!

— Eu fui um tolo e matei o meu mangusto para salvar alguns ovos, e agora estou perdendo os ovos, as galinhas e as cabras para as serpentes!

A moral da história: os humanistas secularizados, agnósticos e ateístas sempre presumiram que, se pudessem eliminar do seu mun do esse estorvo chamado cristianismo, nenhuma outra religião corre ria para tomar o seu lugar. Pressuposição equivocada! A humanidade, como espécie, vem com um instinto pela religião. Os humanistas secularizados, agnósticos e ateístas podem conseguir anestesiar seus instintos religiosos inatos, mas a maioria da humanidade ainda es colhe a religião. Se as pessoas não podem ter uma religião, a maioria acaba se voltando para outra.

Acadêmicos incansáveis e anti-religiosos das ciências sociais, explorando o seu status como professores de uma geração após a ou tra, têm ridicularizado, desacreditado e enfraquecido o cristianismo,

especialmente na Europa, no Canadá e na Austrália. As catedrais es tão cada vez mais vazias. Não que a construção de maravilhas arqui tetônicas seja um destino sábio para o dinheiro cristão!

Os cultos nas igrejas estão causando eco devido à falta de ado radores.

Mas o que os educadores secularistas conseguiram é uma vi tória de Pirro. Deram tiros em seus próprios pés; a dor é que ainda não chegou aos seus cérebros. Eles ofereceram uma oportunidade ao Islã para correr e começar a substituir o cristianismo nas áreas em que o enfraqueceram. Vivemos agora dias nos quais os petrodóla- res compram milhares de igrejas européias, canadenses e americanas, convertendo-as em mesquitas. O cristianismo cheio de vida poderia exercer um efeito mangusto, se tivesse uma boa chance. Mas agora, a serpente suprematista muçulmana está no galinheiro e já está de olho no curral das cabras da anti-religiosidade secularista e de suas liberdades acadêmicas.

Um conselho aos secularistas

Tenho um bom conselho para os secularistas que afirmam ser alérgicos ao cristianismo: é melhor tolerar uma religião que lembra um mangusto, ocasionalmente irritante, do que matá-lo e, ao fazê- lo, abrir caminho involuntariamente para a serpente, ou seja, uma religião extremista que esmagará a sua liberdade de ser um humanista secularista, agnóstico ou ateísta! Num mundo dominado pelo Islã, tente ridicularizar a religião em sua sala de aula da mesma forma como você ridiculariza o cristianismo. Sob a sharia, sua cabeça roda ria rapidamente! Para dizer de outra maneira, não apenas os ovos da sua granja, mas também suas galinhas e cabras: sua liberdade acadê mica e seus direitos descerão pela garganta desta outra religião.

Qual é a tolerância do Islã ao humanismo secularista, o ag- nosticismo ou o ateísmo? A resposta: “E ainda menor do que a re servada para a apostasia! E a apostasia sempre foi considerada um

crime capital no Alcorão e nos hadiths. A apostasia resulta em pena de morte em nações muçulmanas mais fechadas como a Arábia Saudita e o Paquistão.

Como a humanidade continua a ser a humanidade, sempre haverá religião perto de vocês. Como professores, vocês têm alguma influência na decisão de que religião continuará por aí. O cristianis mo, que, pelo menos nesta era, reconhece plenamente a sua liberdade de oposição a ele, sempre esteve por aí, mas vocês enfraqueceram sua capacidade de proteger o seu direito de se opor a ele e a outras religiões.

Dentre as religiões mundiais, o cristianismo, não o pseudo-

cristianismo, nem mesmo o budismo, com sua prática louvável de não-violência, mostra-se mais oposto ao Islã e, como uma religião evangelizadora, é a que tem o ânimo mais aguçado para desenvol ver um pacífico conflito ideológico com ele, num bem-vindo dis tanciamento das cruzadas e inquisições pseudo-cristãs do passado. O cristianismo é, portanto, mais capaz de oferecer um efeito mangusto diante do Islamismo para vocês, secularistas, se lhe derem uma boa chance.

Sei que humanistas, agnósticos e ateístas que lerem estas pa

lavras podem discordar. Mas você pode pagar para ver se estou equi-vocado? É tempo para que pessoas como você e eu, lembrando de nossas diferenças, reunamo-nos para uma preservação mútua.

Uma afronta elementar

O Islã não está apenas buscando sua segurança em institui ções ocidentais de educação superior. Ele já está invadindo a acade mia ocidental nas escolas de nível elementar. O Dr. James Garlow avisa que:

Em Byron, na Califórnia, estudantes da sétima série são obrigados a vestir-se como muçulmanos, ler o Alcorão e disputar uma “guerra santa ”, ou jihad, usando um jogo

de tabuleiros, num currículo oferecido pelo governo, que

não concede os mesmos direitos à fé cristã. Agora, a admi nistração das escolas públicas da cidade de Nova Iorque permite que jovens muçulmanos sejam dispensados das aulas para ir a uma classe, mantida com dinheiro público, para suas orações diárias. Jovens cristãos são proibidos de orar ou dirigir estudos bíblicos nas mesmas escolas. Em Massachusetts, o ex-governador expressou interesse em introduzir ensinos muçulmanos no currículo das escolas estaduais.

Em Byron, é importante perceber, a escola afirma que suas pavorosas atividades pró-islâmicas em salas de aula seguem as diretri zes do estado, uma declaração que não oferece nenhuma tranqüilida- de! Ela também afirma que as atividades em questão são voluntárias, mas alguns pais irritados não concordam e já abriram um processo.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, educadores euro peus ingênuos que pensaram poder assimilar os muçulmanos em sua cultura descobrem que o Islã está determinado a assimilar os euro peus. Os muçulmanos na Europa estão exigindo que o Islã seja ensi nado em escolas públicas como superior a todas as outras religiões.

UM ATAQUE DE DENTRO DA PRÓPRIA IGREJA

Os acadêmicos das ciências sociais não estão sozinhos nos ata ques incessantes ao cristianismo bíblico. Teólogos liberais dentro da Igreja contribuem para a “pseudização ” do cristianismo, desta vez do

lado protestante, ao ensinar as teorias enganosas da alta crítica alemã.

5

Apologistas muçulmanos estão se apropriando avidamente dos ata ques liberais ao Novo Testamento e explorando-os como propaganda islâmica.

Isso poupa muito trabalho aos muçulmanos! Eles não pre cisam cavar para encontrar argumentos contra o Novo Testamento. Por exemplo, o Seminário

de Jesus, um grupo de teólogos liberais que

investigam as afirmações de Jesus, publicou um relatório que ofere ce involuntariamente aos muçulmanos estratagemas contra o Novo Testamento prontos para serem requentados e servidos, ainda que sejam enganosos.

Ao enfraquecer a fé dos cristãos luteranos, a alta crítica alemã diminuiu a capacidade do luteranismo de exercer um efeito mangus- to contra o nazismo na década de 1930. Agora, estão fazendo com que várias grandes denominações, especialmente na Europa, tornem- se impotentes diante do Islã

O I slã e H ollywood

E os planos de longo prazo do Islã para Hollywood?

O cinema e a televisão ocidentais produzem algumas descri ções imparciais do cristianismo. Carruagens de Fogo, A Noviça Rebelde e Terra das Sombras são alguns bons exemplos. Ainda assim, a maioria dos filmes e programas de televisão é grosseiramente violenta, vulgar e tem um misticismo revoltante. Muçulmanos, hindus e budistas do mundo todo tendem a reagir veementemente contra tais produções, mesmo que se sentem e assistam a todas elas. Muçulmanos radicais culpam o cristianismo pela sedutividade da mídia ocidental, dizendo de várias formas algo como: “Veja como a América cristã está nos corrompendo! ”

Um dos grandes objetivos do Islã é reverter o que vê como o fracasso do cristianismo e do judaísmo em evitar as produções lasci vas da mídia cristã. O Islã não compreende a paciência judaico-cristã de buscar superar o mal pelo carisma e pelo exemplo. A preferência do Islã radical será de lançar uma destruição imediata, de mãos pesa das, e até mesmo brutal, da mídia corruptora.

Pessoal da mídia, preste atenção. Vocês também deveriam pensar em como planejarão evitar uma censura excessiva num mun do dominado pelo Islã, um mundo que poderia existir daqui a algu-

mas décadas. Primeiro, lavem os seus atos, porque o Islã odeia o seu produto. Segundo, pensem no cristianismo, a religião que muitos de vocês preferem desdenhar, mas que é o oposto do Islã, como algo que, com uma pequena ajuda, é sua melhor esperança para um bom efeito mangusto, oferecendo a vocês alguma guarida.

E vocês nem precisam dizer “muito obrigado ”!

R ápida assimilação

Dick Morris, antigo conselheiro do Presidente Clinton, em discursos e escritos recentes, afirma que a porcentagem de imigrantes muçulmanos em várias nações européias varia entre 10 e 20 por cen to, e ela está aumentando! Ele avisa que os governos europeus hesitam em apoiar a guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo, especial mente em solo árabe, por temerem a destruição que os muçulmanos radicais lançarão em suas próprias sociedades como retaliação.

Morris ainda avisa que os Estados Unidos ficarão sozinhos nesta batalha , com o passar do tempo.

Mas as porcentagens de muçulmanos imigrantes estão cres cendo aqui também. Como os borgs de Jornada nas Estrelas, em bus ca do domínio completo, o Islã suprematista diz para todos os não- muçulmanos: “Vocês serão assimilados ”.

A serpente já está rastejando do galinheiro para o curral. Um tipo diferente de guerra acontece aqui, em nosso solo. Ela acontece em nossos subúrbios, escolas, faculdades, em nossos ne gócios. Medidas de contenção apropriadas devem ser tomadas. Devemos determinar quais são elas. Qualquer definição de plura lismo que negue alguma ou todas as medidas deve ser abandonada. Durante a Guerra Fria, estávamos interessados em acomodações pluralistas para o comunismo? E claro que não. Mas o Islã é uma ameaça ideológica e política até maior às nossas liberdades do que o comunismo foi.

1

Ibn Warraq, Why IAm Not a Muslim (Amherst, NY: Prometheus Books, 1995), pp. 236- 237.

2

Vincent Carroll and David Shifletr, Christianity on Trial: ArgumentoAgainst Anti-Religious Bigotry (San Francisco, CA: Encounter Books, 2002).

3

4

Don Richardson, O fator Melquisedeque (São Paulo: Vida Nova, 1986), pp. 108-121. James Garlow, A Christians Response to Islam (Tuísa, OK: River Oak Publishing, 2002), n.p.

5

Para mais informações sobre esse assunto, veja o meu livro O fator Metyuisedeque (São Paulo: Vida Nova, 1986).

6

Dick Morris faz aparições frequentes nos canais Fox News e C-SPAN e escreveu vários livros que ficaram na lista dos mais vendidos.

13

Qlma praga de

qafanhoíos no século

XXI?

8OG&

Imagine se os governos ocidentais dos Estados Unidos, Cana dá, Inglaterra, Alemanha e outros permitissem que um culto muito mais sinistro e bem financiado do que a Ku Klux Klan ou a Nação Ariana colocasse dezenas de milhões de garotos em milhares de es colas particulares. Os corpos docentes dessas escolas seriam forma dos por professores que pretendessem realizar uma lavagem cerebral nos estudantes, forçando-os a memorizar centenas de versos centrais de um livro pretensamente santo, e também trechos de comentários sobre ele. Imagine que muitos desses versos e comentários citados ensinassem os estudantes a odiar os muçulmanos e preparar-se para morrer a serviço de Deus enquanto matam muçulmanos.

Imagine que esses ensinos continuassem ano após ano.

Imagine essas dezenas de milhões de garotos, enquanto se tor navam homens, sendo avisados incessantemente que, se desertarem, recusarem-se a lutar ou a apoiar os que lutam por Deus, serão puni dos com o sofrimento terrível do fogo do inferno para sempre.

Imagine milhões desses jovens aprendizes entrando na puber dade. Seus hormônios sexuais plenamente ativados, mas eles quase não têm permissão de ver, quanto mais de se misturar com pessoas do sexo oposto. Pelo contrário, devem memorizar versos daquele preten so livro santo, suplementados uma vez mais com comentários, pro metendo que, se lutarem na guerra santa de Deus, e especialmente se morrerem como mártires nessa guerra, um prêmio muito especial lhes espera. Ao invés de esperar sabe-se lá quanto tempo para saber se Deus aceitará recebê-los no paraíso, eles serão conduzidos diretamen te para lá! E quem os encontrará quando chegarem lá? Parentes que partiram antes deles? Esse livro supostamente santo que eles conhe cem tão bem descreve o paraíso repetidamente, mas não menciona entes queridos reunidos no céu nenhuma vez.

Não! O segundo conjunto de versos e comentários tão di ligentemente memorizados promete a essas dezenas de milhões de garotos em plena puberdade que Deus lhes oferece algo totalmen te oposto ao tormento eterno no inferno. Pelo contrário, ele lhes dará uma hoste de belíssimas jovens virgens com as quais poderão ter sexo por toda a eternidade. Que estímulo poderia ser mais cruel para jovens adolescentes, especialmente quando, em contraste com a alternativa antitética: o tormento no inferno? Claramente, esse corpo internacional de estudantes com milhões de membros seria treinado apenas para uma coisa: o terrorismo suicida incansável. Seria o equi valente ao exército infernal de ores famintos pela guerra que Tolkien descreveu em O Senhor dos Anéis.

Durante todo o estudo, pouco tempo seria gasto em leituras, redação ou aritmética, e nenhum tempo com o desenvolvimento de habilidades com o computador. Pelo próprio projeto, os formandos

estariam desqualificados para os trabalhos preferidos das pessoas. Ninguém esperaria que eles estivessem qualificados para tais atividades, exceto, talvez, pelos próprios estudantes ou seus pais ludibriados.

Isso significa que os melhores formandos estariam desempre gados? Não se preocupe! Imagine quem está esperando para garantir- lhes não um salário, mas comida, abrigo, amizade e uma oportunida de para servir a Deus? Os recrutadores de terroristas.

Tenho certeza que nem mesmo Edgar Allan Poe ou Stephen King poderia maquinar na ficção uma indústria de lavagem cerebral tão calculadamente maligna. Neste momento os leitores devem estar implorando: “Por favor, garanta-me que nada parecido com este pe sadelo existe em nenhum lugar do mundo e que nunca existirá! ”

Mas existe! O que os governos democráticos ocidentais nunca permitiriam contra os muçulmanos, dezenas de governos islâmicos estão permitindo, fazendo vistas grossas, ou até mesmo promoven do contra não-muçulmanos. O movimento da Juventude Hitlerista ficava longe de ser tão nefasto, e influenciou um milésimo da quanti dade de jovens que está sendo treinada nas madrasas muçulmanas. O Islã suprematista está preparando um novo holocausto para o mundo não-muçulmano na forma de dezenas de milhões de formandos das madrasas que passaram pela lavagem cerebral. Eles estão sendo pre parados para arruinar nossa Terra como uma nuvem de gafanhotos de proporções bíblicas.

E como estamos nos preparando?

O PAPEL PROMOCIONAL DA MÍDIA PALESTINA

Às vezes, o que está sendo ensinado por trás dos muros das madrasas vaza através da mídia muçulmana. O IMRA relatou que em 27 de junho de 2002, a Corporação de Difusão Palestina Yaser Arafat transmitiu um vídeo que retratava a visão islâmica da recompensa que aguarda um mártir muçulmano imediatamente depois da morte.

No vídeo, um muçulmano caminhando com sua esposa cerra suas sobrancelhas ao passar por um grupo de soldados israelitas. No que parece ser uma visão, visualiza um grupo de garotas formida velmente lindas, acenando para ele emergindo de um nevoeiro. Ele entende o convite e toma uma atitude que faz com que os soldados israelenses o matem. Sua esposa, retratada na casa dos 30 anos, cho ra amargamente sobre o corpo de seu marido. Ele, no entanto, não sente a falta dela. O vídeo mostra o homem radiante de felicidade enquanto as adoráveis garotas, mais jovens e bonitas que sua esposa, levam-no para um encontro amoroso infinito em meio à neblina. A tela escurece.

Nenhum Hitler, nem Mussolini, nem Stálin pensou nesta maneira de motivar suas tropas.

E de se supor que muçulmanos com melhor formação es tejam se organizando para impedir a loucura suprematista de uma produção como esta em tantas madrasas. No entanto, em 28 de ju nho de 2002, uma análise de Harold Evans, ex-presidente da editora Random Ho use, ex-diretor da revista Atlantic Monthly e autor do livro The American Century (O século americano), fez citações de vários intelectuais muçulmanos apoiando tal loucura. Evans citou o Dr. Adel Sadeq, presidente da Associação de Psiquiatras Árabes e pro fessor de psiquiatria na Universidade Ein Shams, no Cairo, dizendo:

“Como psiquiatra, digo que o ápice da felicidade [para

um homem-bomba] vem ao final da contagem regressi

va... Quatro, três, dois, um. Quando o mártir chega a um soldado e se explode, ele tem a sensação de estar voando, porque sabe com certeza que não está morto. E uma tran sição para um mundo diferente, mais belo. Ninguém no mundo ocidental sacrifica sua vida por sua terra natal. Se a terra natal está afundando, a pessoa é a primeira a saltar do navio. Em nossa cultura é diferente... Essa é a única arma árabe... Qualquer pessoa que diga outra coisa é um

conspirador.

Evans responde: “O próximo paciente, por favor! ”

Ele também declara que a Comunidade Européia está dando milhões de dólares para a Autoridade Palestina de Arafat. Parte deste tesouro sem dono financia o tipo de instrução fanática das madrasas que ensina jovens palestinos a se explodirem, matando tantos israeli tas quanto possível no processo.

E as hostilidades serão apenas contra os israelitas? Eles se defendem da melhor forma possível, mas como nos defenderemos contra os futuros fanáticos que competem uns com os outros por oportunidades de nos matar; todos com a firme esperança de serem mortos por nós como uma forma de pagar o bilhete de entrada para o grande bordel celestial de Alá?

1

(N. do T.) Sigla que significa Resenhas e Análises Independentes da Mídia.

2

Harold Evans, “The Anti-Semidc Lies Thac Threaten All of Us ”, Times ofLondon (28 de junho de 2002), condensado de uma palestra oferecida por Evans na conferência índex on Censorship.

14

Cjurona: um continente

*auto*aenockfa*

Dick Morris, ex-conselheiro do presidente Bill Clincon, que agora aconselha os Estados Unidos em discursos e no livro Power Plays: Win or Lose — How Historys Great Political Leaders Play the Game\ afirma que a infiltração do Islã e sua presença ameaçadora na Europa Ocidental intimidam muitos aliados dos Estados Unidos a não apoiar completamente» por exemplo, um ataque americano a na ções muçulmanas. Num programa do canal C-SPAN2, transmitido em 9 de junho de 2002, Morris afirmou que cidades como Londres e Paris estão livres de grandes ataques porque muitos terroristas im

portantes vivem ali.

2

Isso poderia mudar, entretanto, se Inglaterra,

França e Alemanha encorajassem os EUA a intensificar sua guerra contra o terrorismo, especialmente no Oriente Médio.

O colunista Patrick Buchanan, redator de discursos para o ex-presidente Ronald Reagan e duas vezes candidato à presidência,

explica porque as imigrações muçulmanas para a Europa Ocidental só tendem a aumentar no futuro próximo. Buchanan escreve o que encontrou numa recente investigação:

Não há uma única nação européia, exceto a Albânia mu

çulmana, cuja taxa de natalidade possibilite à nação sobre

viver da mesma maneira até a metade do século. As Nações Unidas estimam que a Europa perderá 124 milhões de pessoas até 2050... Algumas nações européias já registram mais falecimentos que nascimentos. Desde a Peste Negra, a Europa não vê um colapso populacional como este.. Para conseguir manter a atual taxa de 4,8 para 1 da população economicamente ativa, ou seja, entre 15 e 64 anos, em relação aos aposentados, pessoas com mais de 65 anos, a

Europa deverá importar 1,4 bilhões de pessoas até 2050.

3

Será que a aceleração do colapso populacional europeu se deve apenas à grande quantidade de abortos ou porque uma massa crítica de europeus encara a paternidade como impraticável, já que ambos os cônjuges são obrigados a trabalhar para manter as altas ta xas européias de rendimentos? O artigo de Buchanan não explica. Ele passa ao seu próximo argumento:

De onde virão [os 1,4 bilhões de imigrantes]? Do norte

da África, do Oriente Médio e das ex-colônias dos antigos

impérios... Marroquinos... Estão retornando às cidades es

panholas das quais seus ancestrais mouros foram expulsos

em 1492. O Islã começou a reconquistar a Europa...

Enquanto as igrejas cristãs na Europa se esvaziam, as mes

quitas ficam cada vez mais cheias. Existem 2.000 mesqui
tas na Alemanha e 5 milhões de muçulmanos na França.
[Além disso, a cada ano] algo em torno de meio milhão de
imigrantes ilegais [entram na Europa].

4

Buchanan menciona presságios de um futuro tenebroso para a Europa:

Tumultos raciais eclodiram nas cidades britânicas de Bra-
dford, Burnley, Oldham e Leeds. Em Paris, desordeiros ar-

gelinos invadiram um campo de futebol durante um jogo contra a França cantando o nome de Osama bin Laden, enquanto parisienses aterrorizados se trancavam em seus

camarotes.

5

Dick Morris verbalizou outro aviso em seu discurso na C- SPAN2: ele afirma que a crescente força do Islã na Europa Ocidental

está contribuindo para uma renovação do anti-semitismo europeu.

6

Não seria de se admirar se Morris tivesse em mente o artigo de Jeff Jacoby, publicado no jornal Boston Globe em 28 de abril de 2002, no qual o autor escreveu:

As pedras foram levantadas por toda a Europa, e as serpen

tes do ódio aos judeus estão rastejando livremente. Na Bél

gica, vândalos espancaram um importante rabi, chutando

o seu rosto... Duas sinagogas em Bruxelas foram atingidas

por bombas incendiárias; uma terceira, em Charleroi, foi

metralhada... Um estudante judeu yeshiva, lendo os Sal

mos [num ônibus em Londres], foi apunhalado 27 vezes...

Na Alemanha, milhares de neonazistas marcharam perto

de uma sinagoga num sabbath. Mas em nenhum lugar as

chamas do anti-semitismo queimam mais furiosamente

que na França. Em Lyon, um carro [em chamas] foi lança

do contra uma sinagoga. Em Montpellier, um centro reli

gioso judeu foi incendiado; e também o foram sinagogas

em Estrasburgo e Marselha; da mesma forma, uma escola

judaica em Creteil. Um clube esportivo judeu emToulou-

se foi atacado com coquetéis molotov.

7

Depois de descrever pelo menos uma dúzia de crimes ainda mais irracionais, Jacoby concluiu:

O anti-semitismo... Faz parte da sociedade européia desde

tempos imemoriais, [exceto] no entretempo posterior ao Holocausto... [Uma vez mais,] a Europa está caindo no problema. Com certeza, alguns europeus estão chocados. No entanto, a reação mais comum é a complacência, um

erro nefasto. A violência [hoje voltada] contra os judeus,

amanhã estará voltada contra... Cristãos.

8

Jacoby não menciona que muçulmanos violentos estejam perpetrando os ataques acima. Se neonazistas e skinheads querem fazer o trabalho sujo, porque os muçulmanos violentos precisariam manchar suas mãos? Mas o ódio aos judeus e a Israel que os neonazis tas, skinheads e muçulmanos compartilham certamente faz da pos sibilidade de uma coalizão entre eles um perigo para o qual as forças policiais devem estar preparadas.

O anti-semitismo repousa sob a superfície da Europa como um veio de carvão; é mais fino aqui, mais grosso ali; mais profundo aqui, superficial ali. Os nazistas exploraram massiçamente este veio na Alemanha da década de 1930. Os comunistas escavaram-no por todo o Leste Europeu ao longo de quase um século. Certamente, hoje, os muçulmanos radicais ficarão tentados a atear neste veio um fogo subterrâneo.

A Europa Ocidental é um Titanic teimoso que navega em direção a um imenso iceberg: o Islã suprematista. Nem Morris nem Buchanan sugere que os Estados Unidos devem alterar o seu curso para uma tentativa de resgate de alguma maneira. Como um país tão jovem pode ajudar a alterar o curso de uma sociedade mais antiga, que se acha a pedra fundamental da pirâmide da sabedoria? Para ser aceita pela Europa, a ajuda dos Estados Unidos precisaria ser de uma enorme sutileza. Talvez essa finesse necessária esteja além da nossa ca pacidade. Mas, se encontrarmos uma forma de oferecer ajuda de ma neira que a Europa aceite, vamos ajudar. O problema é o seguinte: o mesmo iceberg está perfurando o casco do nosso próprio navio.

1

Dick Morris, Power Plays: Win or Lose - How Historys Great Political Leaders Play the Game (Regan Books, 2002).

2

Dick Morris, “Booknores: Power Plays ”, C-Span 2, 9 de junho de 2002.

3

Patrick Buchanan, “Forum, ” USA Today, 5 de março de 2002, n.p.

4

Ibid.

5

Ibid.

6

Dick Morris, “Booknotes: Power Plays ”, C-Span 2, 9 de junho de 2002.

7

8

Jeff Jacoby, “The Canary In Europe ’s Mine ”, Boston Globe, 28de abril de 2002, n.p. Ibid.

15

Alguns anos atrás, em seu programa na CNN, Larry King entrevistou Louis Farrakhan, líder da Nação do Islã, um afluente americano e herético do Islã. King perguntou a Farrakhan por que ele aconselhava afro-americanos a voltar suas costas ao cristianismo e abraçar o Islã.

Farrakhan disse que o cristianismo é a religião dos que escra vizaram os africanos negros. Por outro lado, como a religião que há muito tempo defende os direitos da raça negra, o Islã merece a devo

ção dos negros afro-americanos.

1

Larry King não tinha feito seu dever de casa adequadamente para uma entrevista com Farrakhan. Ele não conseguiu avaliá-lo com perguntas que poderiam ter tornado sua entrevista mais quente, sem mencionar que ela poderia ter sido mais relevante.

Farrakhan, que muitos dizem ser financiado com petrodólares da Líbia e do Sudão, oferece a líderes muçulmanos de todo o mundo esperanças de que o Islã triunfará sobre o cristianismo e o secularismo

nos EUA.

2

Manchetes no mundo árabe anunciam que um grande

número de negros americanos já se converteu ao Islã, enquanto mi lhões de outros estão pensando em tomar a mesma decisão. Eles asse guram que descendentes dos mesmos africanos que os escravizadores cristãos levaram para os Estados Unidos têm se tornado os meios pelos quais este país será levado ao Islã, pela misericórdia de Alá.

O rei da Arábia Saudita, se é que ele pode ser considerado o portador da definição corânica de um muçulmano, não pode dar a Farrakhan nada mais que o título de herege. Ainda assim, ele o apoia. Convidando Farrakhan para o seu palácio no coração desértico do Islã, o rei saudita honrou-o com uma recompensa financeira substan cial por sua utilidade em oferecer uma ponta de lança para o Islã nos Estados Unidos.

Se algum dia o Islã dominar os Estados Unidos, tipos como Louis Farrakhan serão colocados de lado. Podem até ser rotulados de hereges por adulterar a doutrina muçulmana. Por exemplo, o Islã rejeita a definição oferecida pela Nação do Islã de que Satã é a raça branca em geral.

O FATOR ESCRAVIDÃO

Na época da entrevista de Larry King, um de meus filhos estava fazendo um curso de história africana numa universidade no sul da Califórnia. O professor, um muçulmano do Quênia, usou a sala de aula para lançar a mesma acusação que Farrakhan fizera no programa de rede nacional, degradando o cristianismo por apoiar a escravidão e elogiando o Islã por supostamente opor-se a ela.

O professor também ouvira a entrevista? Será que a incapa cidade de King de contestar a afirmação de Farrakhan deu a dica ao queniano para caminhar nesta direção? Talvez.

Meu filho me perguntou: “Como único cristão na sala de aula, fiquei embaraçado. Não sabia o que dizer. Ele estava certo? ”

O fato é que alguns pastores negros por rodos os Estados Uni dos também são colocados numa sinuca quando um jovem negro deixa a igreja para seguir Farrakhan. Favorecido pelos petrodólares, várias vezes, o Nação do Islã supera os esforços de cristãos em pro jetos de desenvolvimento de regiões empobrecidas nas cidades e da recuperação de presidiários negros. O Nação do Islã contratou um advogado muçulmano e pagou as despesas legais dos jovens negros acusados de espancar Reginald Denny quase até a morte, durante os tumultos em Los Angeles que se seguiram ao veredicto do julgamen to de Rodney King.

Milhões de afro-americanos negros consideram Abraham Lincoln, um cristão, um libertador (ainda que imperfeito) de seus antepassados escravizados, quase um santo! Farrakhan não está satis feito com isso. Falando na Marcha de Um Milhão de Homens em Washington, sempre sorrindo e espremido entre seus guarda-costas carrancudos, Farrakhan considerou Lincoln “o homem que talvez nos tenha libertado ” . Como os cristãos devem responder, especial mente os pastores negros?

A verdade sobre as raízes da escravidão

Logo de início, orientei meu filho a procurar “escravidão

- história da ” em qualquer enciclopédia. Lá, podemos aprender que

a palavra slãve, escravo em inglês, tem a mesma raiz que eslavo.

4

Os

romanos, numa época em que a escravidão era prática comum no mundo todo, capturavam eslavos no Leste Europeu e os vendiam como escravos por todo o Império. Ninguém havia provado a viabili dade de atravessar a

imensidão do Saara numa caravana para capturar escravos negros em massa numa África misteriosa.

No entanto, depois que o Islã se espalhou pelo norte da Áfri ca, escravizado res muçulmanos testaram rotas de caravanas cruzando o Saara. Eram os anos 700. Chegaram a áreas que hoje chamamos de

Camarões, Nigéria, Benin, Togo, Gana e Burkina Fasso. Ali, encon traram tribos africanas que já atacavam umas às outras em busca de escravos. A única coisa que os escravizadores muçulmanos tiveram que fazer foi armar e equipar as tribos mais ao norte - hausas, fiilanis, kolofs e outras - com espadas, bestas, algemas e correntes, dando a elas uma vantagem militar e escravagista sobre as tribos mais ao sul.

E claro que os muçulmanos treinaram seus protegidos para tomar escravos apenas das tribos do sul, e não umas das outras. Os muçulmanos adicionaram a motivação do lucro a um costume já cruel. Ao invés de tomar menos escravos apenas para sua conveniên cia, as tribos subsaarianas do norte começaram a capturar uma quan tidade enorme de seus vizinhos ao sul para que fossem vendidos ao distante norte da África.

Por tentativa e erro, os escravizadores muçulmanos desco briram que, se um número grande de escravos fossem forçados a marchar em direção ao norte pelos 2.000 quilômetros de areia do Saara, uma quantidade suficiente sobreviveria para garantir um bom lucro, quando fosse vendida nos mercados de escravos norte-afri canos. Escravizadores das regiões muçulmanas da Líbia, Marrocos, Argélia, Tunísia e Egito começaram a promover milhares de carava nas trans-saarianas. A escravização por atacado da raça negra estava começando.

Os europeus não entrariam em ação até o século XVII, quan do, finalmente, seguiram o exemplo do que seus vizinhos muçulma nos do norte da África os provocavam havia 900 anos.

Outros escravizadores muçulmanos evitaram as árduas jor nadas trans-saarianas. Navegando confortavelmente pela costa leste da África, construíram uma base coletora de escravos na ilha de Zan- zibar. De forma semelhante, armaram e treinaram tribos de negros próximas a Zanzibar e treinaram-nos para atacar as tribos infelizes do interior em busca de escravos, e não umas à outras.

Os escravizadores muçulmanos logo trouxeram mulás para ensinar o Islã. Mas os mulás cumpriram sua missão apenas entre as

tribos mancomunadas com os muçulmanos no empreendimento escravagista. As áreas devastadas pelas incursões em busca de escravos incentivadas pelos muçulmanos eram uma zona de guerra, onde os missionários muçulmanos não ousavam morar. Assim, o Islã fez convertidos negros apenas ao longo dos 6.500 quilômetros da orla ao sul do Saara desde o Senegal até a Somália (a parte mais ampla da África) e numa linha na forma crescente pela costa continental diante de Zanzibar.

Os anos de vantagem do Islã

Nesse meio tempo, carecendo do zelo que marcou seu come ço na era apostólica, e enclausurado na Europa, involuntariamente, o cristianismo ofereceu ao Islã uma folga de 1.000 anos na África sub- saariana. Isso teria dado ao Islã uma vantagem na região que nenhum trabalho missionário seria capaz de superar. Ainda assim, os mulás muçulmanos, ao se alinharem com os escravizadores muçulmanos ao invés das vítimas africanas negras, deixaram passar a vantagem dos 1.000 anos de folga.

Se os mulas tivessem feito oposição à escravidão, ao invés de aceitá-la, poderiam ter alcançado livremente desde Timbuktu até a Cidade do Cabo, abrindo mesquitas e estabelecendo escolas islâmi cas na região. Em pouco tempo teriam islamizado toda a África, e não apenas a franja abaixo do Saara e acima de Zanzibar. Chegando atrasados no início dos anos 1800, os missionários cristãos teriam achado a implantação de igrejas no Zimbábue e em Zululand tão difícil quanto na Argélia de hoje.

Infelizmente, os mulas do Islã na África negra tinham um problema: o Alcorão não lhes dava autorização para que se opuses sem à escravidão. Como poderiam fazer oposição ao que o Alcorão endossava?

O Alcorão estava do lado dos escravizadores porque o próprio Maomé era um escravizador! Este era um problema que os missio-

nários cristãos guiados pelo Novo Testamento não teriam, se alguns deles tivessem aparecido por lá! Quando uma pequena porção final mente chegou, logo foi seguida por outros e, ao fim, por uma verda deira multidão.

Durante aquele milênio de comércio escravagista, os muçul manos não imaginavam que, um século mais tarde, um novo ramo emergente do cristianismo europeu redescobriria o Novo Testamento como uma mensagem de Deus que deveria ser espalhada por todo o mundo. Esta nova força redescobriria também a forma neotesta- mentária de comunicar a verdade, uma maneira que rejeita o auxílio político e até mesmo a proteção militar do governo secular em favor do carisma gentil, do exemplo consistente e da persuasão bem fun damentada.

Quando falo de um novo ramo, não faço referência à Refor ma Protestante como um todo. Refiro-me apenas à linha anabatista da Reforma, organizada em Augsburgo, na Alemanha, em 1527. Ela começou imediatamente a enviar missionários pela Europa Central, mas planejava alcançar o mundo.

Uma breve história da missão cristã

Apesar de algumas atividades missionárias esporádicas aqui e ali, uma grande parte da Reforma nasceu sem missão, como um bebê que não tem um braço, das mentes de homens como Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zwínglio. Além disso, os protestantes majoritários perseguiram e até mataram os únicos protestantes que faziam o trabalho missionário: seus irmãos e irmãs anabatistas.

Alguns protestantes majoritários até mataram cruelmente ju deus que se recusavam à conversão. Eles são culpados do que se pode chamar de inquisição protestante. Os anabatistas que sobreviveram a estas violências eram muito poucos para prosseguir com o chamado missionário que consideravam seu destino. Foi só a partir do meio do século XIX que, finalmente, os anabatistas ficaram livres para esten

der suas asas por todo o mundo. Neste ponto, em geral, os anabatis- tas eram chamados de menonitas.

Os protestantes majoritários escolheram desperdiçar os pri meiros dois séculos da era pós-Reforma antes de aceitar que os ana- batistas estavam certos a respeito de pelo menos uma coisa: missão! No entanto, antes que o brilho desta era surgisse, um segundo mo vimento semelhante ao anabatista nasceu e se espalhou sob o abrigo duvidoso de um protestantismo ainda hostil à missões.

Era o movimento morávio, nascido perto de Dresden, na Alemanha, em 1722. Este era o movimento que traçaria uma rota cristã até a África subsaariana. Finalmente, alguém traria o amor li bertador de Jesus a dezenas de milhões de africanos afligidos por mil anos de escravidão muçulmana. Finalmente, alguém enxergava todas

as pessoas como

criadas à imagem de Deus ” estaria ali. Os morávios

foram na frente!

Evangelismo a partir da cadeia

Onde quer que os morávios chegassem, eles se identifica vam primeiro com os escravos que existissem. Quando, numa ilha caribenha chamada Saint Thomas, os senhores de escravos europeus aprisionaram morávios por confraternizar com seus escravos, a cada domingo havia centenas de escravos que esperavam até que seus do nos tomassem suas carruagens e fossem para as igrejas. Então, eles corriam até a prisão para ouvir os morávios pregando de trás das gra des da prisão. Cerca de 800 escravos em Saint Thomas se tornaram cristãos devotos e adoradores.

Onde estava a igreja ideal em Saint Thomas? Debaixo dos campanários ou junto à prisão?

Quanto mais o exemplo dos morávios era discutido, mais as outras pessoas eram auxiliadas a encarar a propriedade de escravos como vergonhosa, um grande passo em direção à abolição.

Os morávios também foram o primeiro grupo desde os dias do Novo Testamento a declarar categoricamente que os cristãos não

deveriam guardar ressentimento, e muito menos ódio, dos judeus por se recusarem a reconhecer Jesus como o Messias. A conversão forçada não é conversão verdadeira.

O testemunho amoroso acompanhado pela persuasão cati vante é a única abordagem para se levar as pessoas a Jesus, e nao importa se este método possa parecer falhar melancólica ou freqüen- temente.

Estendendo o impulso missionário

Os missionários morávios aprenderam línguas nativas desde a Groenlândia até a Cidade do Cabo. Ensinavam os escravos a ler, sustentavam viúvas e órfãos, cuidavam dos doentes e traduziam as Es crituras que amavam intensamente e pela qual aspiravam viver para os outros.

O historiador Paul E. Pierson comenta: “[Os morávios] não buscavam glória para si mesmos. O missionário devia ficar contente

em sofrer, morrer e ser esquecido ”.

5

Tão importante quanto o seu próprio trabalho foi a inspi ração que os morávios foram para outros. Por sua influência, John e Charles Wesley descobriram o sentido da verdadeira conversão, e o movimento metodista foi lançado por todo o mundo. Nos anos 1790, fazendo referência ao exemplo morávio, um batista inglês, William Carey, viu dezenas de pastores se tornando mantenedores fervorosos de sua missão na índia.

Com o zelo por missões tomando a Europa continental, mes mo as igrejas protestantes majoritárias que perseguiam missionários anabatistas no começo e os morávios num grau menor posteriormen te, começaram a formar suas agências missionárias também. O braço que faltava no bebê quando ele nasceu estava crescendo!

Expansão para a África subsaariana

E então eles chegaram! Finalmente os missionários começa vam a chegar à África subsaariana, terrivelmente atrasados, mas com

muito zelo! Provavelmente, o primeiro foi o morávio Georg Schmidt, que começou seu trabalho no extremo sul da África, em 1738. Em 1787, em Londres, cristãos anti-escravagistas fizeram arranjos para que 411 escravos fossem libertos, educados e enviados de volta para a África Ocidental para estabelecer um abrigo e uma escola para mi lhares de outros escravos prestes a ser libertados em Freetown, onde hoje se encontra Serra Leoa.

Seguindo o exemplo de Freetown, outras comunidades para escravos libertados foram fundadas em Abeokuta e Badagri, ambas na Nigéria. Quando os navios de guerra britânicos resgatavam os africanos cativos à força dos navios negreiros portugueses e espanhóis no Adânti- co, entregaram-nos a estes três abrigos africanos mantidos por cristãos.

Além disso, Robert Moffat se opôs à escravidão desde a África do Sul até Botsuana, a partir de 1816. Outros missionários alcança ram a Etiópia em 1830. Mary Slessor se opôs à escravidão na déca da de 1850. Em pouco tempo os missionários cristãos estavam se opondo ativamente ao comércio escravagista tanto europeu quanto muçulmano, em todos os cantos da África subsaariana. E não apenas isso: eles não aceitabam doações para o sustento da sua obra que vies sem de qualquer pessoa de seu país que possuísse escravos!

Por volta de 1900, aproximadamente 4 milhões de africanos subsaarianos eram cristãos. Naquela época, o comércio escravagista europeu já fazia parte do passado. O comércio escravagista muçul mano recuou gradualmente em direção ao norte, mas ainda persiste teimosamente até hoje, principalmente entre pagãos e muçulmanos de etnias hausas, fulanis, árabes, líbias e somalis.

E ainda tem mais: os 4 milhões de africanos cristãos em 1900 se tornaram mais de 300 milhões no ano 2000.

Imagine que, provavelmente, todos os 300 milhões de cris tãos na África subsaariana seriam muçulmanos hoje, se o próprio Al corão aprovasse que os mulas fossem contra o comércio escravagista muçulmano na África. Foi assim que o Islã perdeu sua folga de 1.000 anos, concedida pelo cristianismo na África negra.

A **ESCRAVIDÃO NOS DIAS DE HOJE**

A escravidão não foi declarada ilegal na Arábia Saudita, a pedra angular da pureza muçulmana, até 1965, e apenas porque os sauditas se cansaram de ser chamados de bárbaros por uma série de nações democráticas. O Sudão muçulmano manteve a escravidão le gal até 1991, mas até hoje ainda a permite. Relatórios da mídia con firmam que escravos negros do sul do Sudão ainda são comprados e vendidos no norte muçulmano do Sudão, passando pela Líbia. A edição americana da revista Seleções, em março de 1996, publicou um artigo tratando do "vergonhoso retorno da escravidão na Áfri ca ". Na verdade, a escravidão nunca deixou o norte muçulmano da África. Um tema mais apropriado para o artigo seria "a vergonhosa perpetuação islâmica da escravidão na África ".

Segue abaixo uma citação de um artigo do jornal The Econo- misP.

A entidade cristã Solidariedade Internacional, baseada em

Londres [sic; ela tem sua base em Zurique, na Suíça] pa

gou pelo resgate de 20 escravos sudaneses. [Mesmo assim]

o governo sudanês nega veementemente que a escravidão

exista ali. Isso é uma mentira. As evidências colhidas por organizações de direitos humanos, exilados, negociantes e antigos escravos é impressionante. Louis Farrakhan, con vidado ocasional dos governos líbio e sudanês, rejeitou as acusações de escravidão no Sudão como um artifício sio nista... Ele desafiou jornalistas a irem ao Sudão para verem se a encontravam. Dois repórteres do jornal *Bartimore Sun fizeram exatamente isso e publicaram suas descobertas... Incitando um debate caloroso entre... Os muçulmanos negros, pois como responderiam a essa situação de escravi zação de negros africanos?*

E qual é a razão deste debate? A primeira e melhor resposta é que ele serve para isentar o Islã! Se dois ou três homens muçulmanos negros bem

proeminentes, observando estes fatos vergonhosos, su mária e publicamente renunciassem ao Islã, ainda mais se fosse exclu

sivamente pela questão da escravidão, certamente, milhões de outros homens muçulmanos que fossem conscientes fariam o mesmo. E se algum tipo de protesto pudesse dar ao Islã um incentivo suficiente para expurgar a escravidão atual de uma parte pequena ou grande de nações islâmicas, eles realmente deveriam fazer isso!

Falei sobre homens muçulmanos porque os protestos das mulheres muçulmanas seriam desconsiderados. Se o marido dessas mulheres que verbalizassem seus protestos discordasse delas, ele te ria a opção de seguir o conselho de Maomé no verso 4:34: “batei nelas ” (Alcorão, Challita). M. M. Ali e M. Z. Khan, em inglês, e El Hayek, em português, preferem obscurecer o aspecto de abuso físico aos olhos modernos com “ castigai-as ”.

Mulheres protestando?

Se um muçulmano ficar irritado com uma esposa que pro teste contra o que o Alcorão permite, tudo o que ele tem que fazer é divorciar-se dela dizendo três vezes: “Eu me divorcio de você ”. Então, ele pode se casar com outra mulher no lugar desta/

Mas é evidente, e de maneira bem embaraçosa, que mesmo se todas as nações islâmicas acabarem com a escravidão, respondendo a não se sabe que tipo de incentivo, a escravidão ainda seria endossada para sempre no imutável Alcorão.

Se nenhum muçulmano proeminente, observando as evidên cias abundantes que ligam o Islã à escravidão atual, tiver coragem para fazer o que deve ser feito, o que isso revelaria a respeito do efeito do Islã sobre a consciência humana?

Muitos muçulmanos rotularão os dissidentes de apóstatas. No entanto, aos olhos de cada escravo que possa ser liberto pelo seu protesto, e aos olhos daqueles que podem ser poupados da escravi dão, seriam considerados quase apóstolos. A história os colocaria ao lado de gigantes abolicionistas como William Wilberforce e Abraham Lincoln. Mas onde está a nova geração de abolicionistas no campo do Islã?

Os descendentes dos escravos

Aqui está mais uma perspectiva sobre a escravidão que talvez o Sr. Farrakhan gostaria que continuasse escondida. A cada africano trazido como escravo para os Estádios Unidos, muitos outros foram levados de volta para o norte muçulmano da África, Arábia e Oriente Médio. Seria possível esperar, então, que fossem encontrados muito mais descendentes de escravos africanos residindo no norte da África, na Arábia e no Oriente Médio do que a quantidade encontrada nos Estados Unidos.

Aproximadamente 30 milhões de descendentes de escravos moram hoje nos Estados Unidos. Então, onde podemos encontrar os prováveis 300 milhões de descendentes de escravos africanos que de- veriam estar morando por todo o norte da África, a Arábia e o Orien te Médio? Por que eles não podem ser vistos em lugar nenhum?

É aqui que as enciclopédias, a revista National Geographic e outros meios de comunicação falham ou simplesmente escondem uma verdade muito bem conhecida pelos anciãos negros da África subsaariana.

O fato tenebroso é que, costumeiramente, os escravizadores muçulmanos castravam os homens negros que capturavam. Por quê? Em primeiro lugar, para que os negros não fossem uma ameaça se xual às mulheres muçulmanas nos lares norte-africanos. Em segundo lugar, os senhores muçulmanos de escravos queriam ser os únicos a manter relações sexuais com as mulheres e meninas negras cativas, já que Maomé tinha tornado essa prática legítima para eles (veja Alco rão 23:5 e 70:30). Os senhores muçulmanos de escravos não queriam que os negros competissem com eles pelos lençóis das escravas. Por isso os negros tinham que ser emasculados.

Os escravizadores muçulmanos não viam necessidade de ge rar escravos a partir de escravos. Os suprimentos eram abundantes, os preços razoáveis. Assim, acrescentando cinismo à depravação, os escravizadores muçulmanos negaram aos escravos africanos do sexo

masculino não somente a liberdade e os salários, mas ainda pior, ne garam os privilégios humanos sagrados do casamento, do sexo e da paternidade.

Existem evidências de que os senhores muçulmanos de escra vos realmente partiram para o que os negros emasculados não podiam fazer. Dezenas de milhões de haratins, descendentes da relação entre homens árabes e mulheres negras, de pele morena, são encontrados por todo o norte da África e, sob diferentes designações no Oriente Médio. Afirma-se que somente a Mauritânia tem cerca de um milhão de haratins.

Nos Estados Unidos, a insistência sulista em perpetuar a es cravidão e a oposição nortista a ela contribuiram para uma guerra civil sangrenta em que 600.000 homens morreram e dois milhões fi caram feridos. A Guerra do Vietnã, que durou dez anos, tirou 58.000 vidas americanas, sem contar que somente a batalha de três dias em Gettysburg matou 51.000!

Em qual nação muçulmana aconteceu um pequeno distúrbio civil, quanto mais uma guerra, contra a escravidão alguma vez? Em nenhuma! Mesmo assim Farrakhan, sem a menor vontade de con ceder um grama de crédito aos estados nortistas dos EUA por um posicionamento tão custoso, exalta o Islã como um defensor da raça negra, embora o islamismo continue a ser a mais hedionda força pró- escravagista. Que grande ironia!

1

Louis Farrakhan, entrevista por Larry King, Larry KingLive, CNN, 3 de julho de 1997.

2

3

O líder líbio Muammar al-Qadhdhafi prometeu a Farrakhan pelo menos 1 bilhão de dólares. Daniel Pipes, “The New Anti-Semitism ”, Daniel Pipes.org , 16 de outubro de 1997, http://www.danielpipes.org/article/288 (acessado em 27 de setembro de 2002). Louis Farrakhan, “Minister Farrakhan Challenges Black Men: Transcript from Minisrer Louis

Farrakhan ’$ Remarks at the Million Man March ”, CNN, 17 de outubro de 1995,

ndex.html (acessado em

http://www3.cnn.com/US/9510/megamarch/10-16/rranscript/i 28 de outubro de 2002).

4

Por exemplo, Merriam-Websters Collegiate Dictionary, 10 ed., s.v.

5

Paul E. Pierson, fonte desconhecida.

6

“The Flourishing Business of Slavery, ” The Economist, 21 de setembro de 1996, n.p.

7

Daniel Pipes, Militant Islam ReachesAmérica (New York: W. W. Norton and Company, 2002), p. 224.

8

“Kerry Angers Viecnamese Amerícans ”, Daily Hampshire Gazette, http://www.gazettenet . com/08192002/news/644489htm (acessado em 28 de outubro de 2002); “The Turning Point of the Civil War ”, Gettysburg Pennsylvania Welcome Center, http://www.gettysbg . com/battle.html (acessado em 28 de outubro de 2002).

16

Qlma Íeiíura

inoispensáueí

O Dr. Daniel Pipes escreveu advertência memorável aos Es tados Unidos. Algumas citações de seu livro deveriam ser inscritas em pedra e colocadas num salão comemorativo em Washington. O título da obra é Militant Islam Reaches América [O Islã militante che

ga aos Estados Unidos].

1

O Dr. Pipes é um ex-instrutor das Universidades de Chicago e Harvard. Também trabalhou com os Departamentos de Estado e de Defesa dos Estados Unidos. Autor de dez outros livros, é agora o diretor de um fórum sobre o Oriente Médio sediado na Filadélfia. Também é colunista dos jornais Washington Poste Jerusalem Post.

Primeiro, permitam-me explicar o que o Dr. Pipes não tenta

fazer em seu livro. Ele não faz nenhuma crítica ao Alcorão como as que eu faço. Em todas as suas 309 páginas, encontrei apenas três

citações de frases do Alcorão. Ele não examina os atos de Maomé e os motivos evidentes por trás deles, com uma exceção. O Dr. Pipes descreve um estratagema dúbio relacionado à quebra de um pacto, em 630 d.C., que Maomé ratificara 22 meses antes com o povo de Meca: o Tratado de Hudaybiya.

Parece que o Dr. Pipes não viu a importância do mundo

ocidental confrontar o Islã radical, expondo Maomé publicamente como um profeta que desacredita a si mesmo, e o Alcorão como um livro que desacredita a si mesmo. Seria vergonhoso se o calcanhar de Aquiles do Islã radical, o bizarro descrédito que Maomé e o Alcorão lançam sobre si mesmos, fosse perdido como um meio de defesa pró pria para o mundo que eles ameaçam.

Ele também não menciona em lugar nenhum as dezenas de milhares de madrasas muçulmanas que oferecem aos líderes muçul manos militantes uma rica mão-de-obra, que os moderados não pos suem e nem parecem interessados em procurar.

Parece que o Dr. Pipes não leu Bat Ye^r, pois exalta as rea

lizações da civilização islâmica nos últimos séculos como se ela fosse um Eden unificado e bem governado. Parece estar inconsciente da violência, dos seqüestros, da imensa indústria escravagista e da terrí vel opressão através da taxação extorsiva dos judeus e cristãos cativos durante estas eras infernais. Ele imagina que o Islã se tornou violen tamente radicalizado apenas neste século.

O Dr. Pipes observa que:

“Um estado islâmico militante é quase por definição um

estado cruel, que não joga por quaisquer regras, exceto as

da utilidade e do poder, uma instituição implacável, que

provoca a miséria interna e em outros locais. Ter islâmicos

no poder significa ver conflitos proliferando, a sociedade se militarizando, os arsenais crescendo, e o terrorismo se tornando um instrumento do estado... Os islâmicos repri mem os muçulmanos moderados e ameaçam todos os nao-muçulmanos, considerando-os uma espécie inferior ”.

3

Claramente, o estudioso não percebe que aquilo por ele des

crito como um estado moderno islâmico retrata inúmeros califados e sultanatos muçulmanos ao longo dos séculos! Quando o Dr. Pipes escreve sobre “ganhar a guerra pela alma do Islã ” , alguém deveria perguntar: “Por favor, professor, diga-nos exatamente quando e aon de esta ‘alma do Islã ’ se expressou na forma de manifestação política? Precisamos saber para que possamos reconhecê-la e aplaudi-la se por acaso acontecer de novo ”.

Se por “alma do Islã ” o Dr. Pipes quer dizer um nobre caráter idealista em indivíduos muçulmanos, o que parece ser o caso, não é uma realização política que alguém possa tentar duplicar. A triste verdade é que nunca houve um governo muçulmano duradouro que pudesse ser citado como modelo para um estado benigno do tipo “alma do Islã ”; certamente, não sob Maomé, nem sob os califados, sultanatos ou qualquer outro governo das 55 nações muçulmanas existentes hoje.

Infelizmente, a boa visão do professor de uma alma islâmica

etérea, e ainda de alguma forma recuperável, é apenas um sonho dis tante.

Ainda assim, apesar de todas as omissões acima, o Dr. Pipes aciona uma sirene bem barulhenta. Ele documenta a ameaça islâmi ca pairando sobre os Estados Unidos com citações surpreendentes e comentários lúcidos, que mostram as nuvens escuras formando uma verdadeira tempestade. No capítulo 10, citei as referências que Ibn Warraq faz de Kalim Siddiqui, diretor do Instituto Muçulmano de Londres. Aqui estão alguns comentários do Dr. Pipes sobre os ensinos de um ativista muçulmano americano com um sobrenome que soa parecido, mas quê se escreve diferentemente: Shamim A. Siddiqi:

Sidiqqi [através de escritos que Pipes encontra em pági

nas muçulmanas na Internet] argumenta que a tomada

de controle dos Estados Unidos pelos muçulmanos é mais importante do que alguns objetivos, como o sustento da revolução iraniana ou a destruição

de Israel, já que teria

um impacto mais profundo sobre o futuro do Islã.

5

Outras opiniões de Sidiqqi parafraseadas por Pipes são:

‘Permitir que o Islã atinja o seu lugar de direito requer que “a ideologia do Islã prevaleça sobre o horizonte mental do povo americano ”...

Estabelecer um Islã militante nos Estados Unidos seria um sinal do seu triunfo... Sobre seu único rival, a mescla de cristianismo e liberalismo que constitui a civilização oci-

dental/

6

Perceba que Sidiqqi não leva o hinduísmo, o budismo, o tao- ísmo, etc., tão a sério como o cristianismo e o liberalismo ocidental, quando relaciona os rivais que o Islã deve superar:

Os muçulmanos americanos... Têm a responsabilidade su

prema de levar o Islã ao poder em seu país.

7

Sidiqqi espera que os muçulmanos cheguem ao poder em

Washington antes de 2020.

8

O Dr. Pipes menciona as três maiores estratégias com as quais os muçulmanos estão contando para alcançar o seu sonho de ver os

Estados Unidos islamizado: “imigração, reprodução e conversão ”.

9

Quando o Juiz Harry Blackum, da Suprema Corte dos Esta dos Unidos, seus colegas juristas e suas contrapartes em outras nações ocidentais

começaram a tomar decisões como as do caso Roe versus

Wade

10

, nos anos de 1960 e 1970, certamente, não se viam favore

cendo um rápido declínio populacional das nações ocidentais. Certa mente, se tentassem prever quaisquer conseqüências de uma decisão tão radical, teriam se assegurado de que não mais que uma pequena porcentagem de mulheres fosse precisar ou desejar o aborto voluntá rio. Sem dúvida, sua crença era de que um instinto feminino natural de amar os bebês e preferir a maternidade à falta de filhos prevaleceria entre a maioria suficientemente grande de mulheres ocidentais, ga rantindo um crescimento continuado da população no Ocidente.

Mas os juízes estavam profundamente enganados! Enquanto milhões de mulheres ainda escolhem o casamento e a maternidade,

dezenas de milhões escolhem abortar uma, duas, três, quatro ou mais gestações! Nações com uma maioria caucasiana desde a Finlândia até a Rússia, dos Estados Unidos à Austrália, mergulharam em declínios populacionais comparáveis apenas aos ocorridos nos dias da Peste Negra na Europa. Acrescentemos maiores declínios devido à popula rização que a mídia faz da homossexualidade, cujos partidários não se destacam por ter um forte interesse em reprodução, e encontramos dezenas de nações ocidentais cometendo um auto-genocídio. Cai xões são mais vendidos do que berços.

Para compensar o número decrescente de nascimentos, as nações ocidentais são obrigadas a aceitar centenas de milhões de imi grantes do Oriente Médio e de outras regiões do Terceiro Mundo. Uma grande porcentagem de imigrantes inundando o Ocidente é composta por muçulmanos, cujas taxas de nascimento são substan cialmente mais altas. Portanto, os estrategistas suprematistas muçul manos sabem que precisam apenas esperar algumas décadas, e todo o Ocidente entregará suas atuais maiorias não-muçulmanas ao Islã. O Juiz Blackum e companhia não ajudariam o Islã suprematista mais eficientemente se detonassem armas de destruição em massa em uma centena de cidades ocidentais. Uma tomada islâmica do mundo pode estar sendo garantida assim.

É assim que a reprodução, aliada à falta dela entre os ociden tais, talvez seja uma arma suprematista islâmica muito mais perigosa que qualquer coisa que Saddam Hussein e outros pudessem conceber sob as areias desérticas do Oriente Médio. O caso Roe versus Wade e as filosofias feministas associadas devem ser totalmente revistas, ou até mesmo revertidas. Obviamente, a existência de um pretenso ins tinto feminino em favor da maternidade é menos instintivo do que se imaginava. Está ficando muito claro que a cultura tem mais a ver com a inspiração da maternidade do que as mensagens codificadas no DNA. O Ocidente precisa passar por um retorno maciço às normas

culturais anteriores, ou encarar a destruição.

O Dr. Pipes menciona que Siraj Wahhaj, um influente negro convertido ao Islã, disse a uma audiência muçulmana em Nova Jer-

sey, no final de 1992: “Se fôssemos unidos e fortes, elegeríamos nos so próprio emir [líder] e lhe ofereceríamos nossa lealdade... Aceitem a minha palavra: se seis a oito milhões de muçulmanos se unissem nos Estados Unidos, o país viria a nós ”. Se os muçulmanos fossem politicamente mais espertos, poderiam tomar os Estados Unidos e

substituir o governo democrático por um califado.

12

E isso é o que

ouvimos do primeiro muçulmano convidado a fazer uma oração invocatória na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos! Dezenas de citações similares de muçulmanos norte-americanos ecoam por todos os capítulos de Pipes.

Ao introduzir um capítulo chamado “O governo dos Estados Unidos: um patrono do Islã? ”, o Dr. Pipes escreve:

Uma coisa era ouvir declarações isoladas [pró-islâmicas] de altos funcionários do governo ao longo da última década, e outra foi coletá-las, organizá-las e ponderar sobre elas. Esta última tarefa suge riu uma mensagem mais coerente e poderosa do que a evidenciada

por observações ocasionais.

13

Na introdução ao livro, o Dr. Pipes acrescenta que ele e Mimi Stillman, co-autora do capítulo, concluíram que:

“Ao dispensar quaisquer conexões entre o Islã e o terro

rismo, reclamar acerca de distorções da mídia e afirmar

que os Estados Unidos precisavam do Islã, os porta-vozes

oficiais transformaram o governo americano num missio

nário discreto da fé [islâmica]. Presumindo que esta não

era a sua intenção, a mensagem [do capítulo mencionado]

é que os funcionários do governo precisam ser muito mais cuidadosos quando falam sobre o Islã. ”

Ele ainda comentou em outra oportunidade:

“Não faz muito tempo, era possível aos ocidentais con

versar livremente sobre Maomé, o Islã, os muçulmanos e

o Islã militante, assim como ainda podem fazer quanto

à questões paralelas do cristianismo. Isso não acontece

mais... A violência e a intimidação calaram a discussão

aberta [sobre o Islã]. Chegamos a um ponto estranho em

que, num país secularizado e com uma maioria cristã como

os Estados Unidos, um biógrafo de Jesus tem a liberdade

de abraçar as blasfêmias mais ultrajantes, enquanto que

seu colega trabalhando sobre Maomé se sente constran

gido em aceitar a piedosa versão muçulmana da vida do

profeta. Entendo que este silenciamento seja... Um passo

em potencial em direção à imposição da lei islâmica [nos Estados Unidos].
”

Então, aparece a confiança infundada do Dr. Pipes de que os muçulmanos moderados sejam os cavaleiros que, de alguma maneira, promoveriam um embate ideológico com os muçulmanos radicais pela mítica “alma do Islã ”. Ele admite que: “ainda que os moderados pareçam, e de fato estejam, fracos, eles têm um papel fundamental a desempenhar, pois são os únicos que podem reconciliar o Islã com a

modernidade ”.

16

Mais a frente, ele reconhece: “A Internet tem centenas de pá ginas de militantes islâmicos, mas poucas tradicionalmente piedo sas ” . Páginas operadas por muçulmano moderados, distintas das militantes ou tradicionais, nem são mencionadas! E existe alguma?

Ao final de sua obra, o Dr. Pipes recomenda que as demo cracias ocidentais devam concentrar suas esperanças em ajudar a Turquia, o mais democrático de todos os governos muçulmanos, a lançar uma blitz de propagandas, oferecendo-se como modelo para o estabelecimento de governos democráticos em todos os cantos do mundo islâmico. Mas reconhece que a Turquia está bem longe de pedir este papel e pode até recusá-lo.

No entanto, mesmo que a Turquia aceitasse, mesmo se os radicais muçulmanos de todos os lugares deixassem suas agendas militantes e aceitassem a proposta de Pipes, liderada pelos Estados Unidos, o Alcorão ainda estaria ali para gerar uma hostilidade contra os infiéis na próxima geração. O exemplo de atrocidades traiçoeiras de Maomé acabaria inspirando o surgimento de futuros líderes como Osama bin Laden.

Não temos alternativa. Devemos aceitar a solução que o pró prio Maomé involuntariamente deixou cair em nossos colos: usar

suas próprias palavras, seu próprio registro histórico para mostrar que ele desacreditou a si mesmo. Devemos aprender a usar citações do Alcorão para enfraquecer a confiança muçulmana nele e em seus escritos. Devemos mostrar a eles que se afastar de Maomé os deixa livres para que possam se aproximar de Deus verdadeiramente. Isso traz um chamado para um esforço concentrado em torno de debates cativantes promovidos por milhões de não-muçulmanos internacio nalmente. Em nossos milhões, nós devemos ajudar os milhões de muçulmanos a ver que aqueles que o Islã despreza como a casa da guerra são simplesmente a família humana da qual eles também são parte integrante!

Maomé os alienou de nós. Vamos desfazer esta alienação. Va mos ganhar os muçulmanos de volta para a família humana sob a bênção de Deus.

1

Daniel Pipes, Militant Islam Reaches América (New York: W.W. Norton and Company, 2002).

2

Ibid, pp. 4,74.

3

Ibid, p. 13.

4

Ibid, n.p.

5

Ibid, p. 114.

6

Ibid.

7

Ibid, p. 115.

8

Ibid, p. 122.

9

Ibid, p. 118.

10

(N. do T.) O veredicto do caso Roe versus Wade, estabelecido pela Suprema Corte dos Estados Unidos em 1973, foi que uma lei do estado do Texas que criminalizava o abono

violava o direito que a 14

a

Emenda oferecia à mulher de escolher continuar ou não uma

gravidez. No sistema legal americano, uma decisão como essa estabelece um precedente para outros casos semelhantes.

11

PatrickJ. Buchanan, TheDeatb oftbe West (New York: Thomas Dunne Books, 2002) pp. 1-49.

12

Pipes, Militant Islam, p. 112.

13

Ibid, p. xv.

14

Ibid, pp. xv-xvi.

15

Ibid, pp. xvii-xviii.

16

Ibid., p. xix.

17

Ibid, p. 15.

17

0 aue devemos fazer?

Vivemos dias em que cada presidente, cada congressista, cada primeiro-ministro, cada governador, até mesmo cada prefeito, dire tor de colégios e faculdades, editor, entrevistador, pastor e rabino no mundo Ocidental deve ter um conhecimento objetivo de Maomé, do Alcorão dos hadiths e dos objetivos suprematistas do Islã. Os lei tores podem objetar: quando fomos ameaçados pelo fascismo e de pois pelo comunismo, ninguém disse que os líderes aliados deveriam estudar o Mein Kampfàc Hitler nem O Capital de Karl Marx. E por que os líderes de hoje precisam se importar com o que há no Alcorão e nos hadithsi

O fato é que Mein Kampfe O Capital nunca foram deificados por 1,3 bilhão de pessoas. Nem os poderes do Eixo nem do comunis mo alcançaram a micro-infiltração que o Islã politizado já alcançou através de imigrações maciças em todas as nações ocidentais.

Dispersos entre os milhões de muçulmanos imigrantes pací

ficos e não-ideologizados, estão alguns outros milhões fanaticamente leais ao objetivo de Maomé de uma supremacia islâmica total. Esses muçulmanos são mais que religiosos. Eles são político-religiosos.

M ás notícias acerca da falta de informação

A não ser que possuam armas de destruição em massa, os homens-bomba entre os muçulmanos radicais são paradoxalmente menos perigosos. Eles se explodem junto de um número limitado de outras pessoas e se vão, ou se atrapalham e são presos antes de causa rem algum mal. Quase sempre, os homens-bomba são jovens que so freram lavagem cerebral ou adultos não muito brilhantes. Os radicais muçulmanos mais perigosos são os que fazem a lavagem cerebral. Eles podem ser os mulás ensinando em mesquitas ou madrasas, os cabeças de organizações islâmicas de caridade, redatores de boletins islâmicos, o pessoal das embaixadas ou professores que subvertem nossos filhos e filhas com propaganda islâmica em algum campus ocidental.

Eles são os muçulmanos inteligentes.

Pessoas do Ocidente que ocupem posições de liderança, se mal-informadas, ficarão impressionadas e serão ingenuamente leva das por eles uma vez após a outra. O resultado: leis serão aprovadas, precedentes legais, estabelecidos, e as escolas verão a introdução de matérias influenciadas em favor do Islã. Leis tendenciosas, preceden tes legais e educação, a longo prazo, podem causar um dano muito mais crucial que bombas explodindo.

O Islã não construiu a civilização ocidental. Se muitas insti tuições que realmente contribuíram para a construção da nossa socie dade não merecem favores especiais, por que o Islã deveria?

A minha página na Internet, apresentada mais adiante neste livro, oferece livros sobre o Islã, alguns dos quais são citados nes ta obra. Leitores cuidadosos deste livro e de outros serão capazes de

intrigar seus amigos ao fazer perguntas que não podem responder, deixando-os conscientes do muito que precisam aprender.

Este livro é apenas um estudo de pouco mais de 250 páginas. Recomendo enfaticamente o volume de 400 páginas de Ibn Warraq, apesar de passagens anti-judaico-cristãs que me fazem torcer o na riz. Ele reúne fatos a partir de Muir, Rodinson, Bat Yeor e centenas de fontes muçulmanas. Também considero muito valoroso o livro

de David Pryce-Jones

1

(veja a bibliografia completa no final deste

livro).

A ingenuidade em destaque

O Presidente Bush é um bom presidente e um homem po pular. Mas não é bem informado a respeito do Islã, como parece que são todos os outros chefes de estado ocidentais. O fato de que, logo depois do 11 de setembro, ele chamou a guerra norte-americana con

tra o terrorismo de “uma cruzada ” revelou toda a sua ingenuidade.

2

O

fato de que nenhum de seus conselheiros evitou o uso desta palavra revela a ingenuidade deles também. Portanto, aqui vai minha pri meira recomendação: devemos todos tentar fazer com que os líderes de cada categoria de nossa sociedade voltem para a escola e busquem objetividade com respeito ao Islã.

O Presidente Bush deveria assumir a liderança ao afirmar pu blicamente que, ao final das contas, o Islã é uma religião com obje tivos práticos

supremacistas e que, como nosso líder, está devotando tempo para aprender por que isso acontece. Mas, ao invés disso, o Presidente Bush se refere ao Islã como uma grande religião e uma religião de paz. Posso compreender sua pregação. Ele não deve falar palavras que possam incitar alguns americanos a fazer justiça com as próprias mãos. Ao mesmo tempo, ele deveria tentar evitar exageros otimistas. Nós realmente temos um problema: como nos defender mos contra o lobo supremacista muçulmano que está em nossa porta, sem acordar o cão justiceiro?

Para muitos americanos de mente liberal, o mero fato de que 1,3 bilhão de muçulmanos acreditarem no Alcorão transfor ma a mensagem deste livro tão boa quanto a verdade. Eles pensam que devemos considerá-lo bom em respeito às pessoas simples, cujas mentes estão umbilicalmente ligadas a ele. Como toneladas de rochas pressionando as vegetações subterrâneas até que se tornam carvão, petróleo ou mesmo um valioso diamante, da mesma forma a fé de 1,3 bilhão de muçulmanos transforma o veneno de Maomé em algo socialmente útil, como um azeite de oliva. Na verdade, da mesma forma como cresce o número de pessoas que ouvem o Deus muçul mano falando através de cada verso de guerra no Alcorão, assim tam bém cresce a ameaça. O veneno de Maomé continua sendo veneno, mas pessoas simples suficientemente envenenadas por ele podem se tornar fanáticas astutas, e até terroristas enlouquecidas.

O compromisso de obedecer à Constituição

Além disso, existe um outro aspecto do nosso problema: cada imigrante que busca se naturalizar e viver como cidadão america no deve jurar obedecer à Constituição dos Estados Unidos. Cristãos guiados pelo Novo Testamento, assim como judeus, não têm proble ma em assumir este compromisso. Muçulmanos que fazem este jura mento, mas também acreditam que Deus feia através de cada verso de guerra no Alcorão, estão cometendo um perjúrio muito sério!

A Constituição evita que a religião controle o estado. O Alco rão, através da sharia e da sumia (uma coleção de regras que os muçul manos devem obedecer), exige o controle islâmico sobre a autoridade civil. E também afirma o direito de substituir uma ou todas as leis de uma nação pela sharia. Leis consistentes com a nossa Constituição proíbem o assassinato, a escravidão e a prostituição, atos aprovados pelo Alcorão. Nossa Constituição garante direitos iguais diante da lei para ambos os sexos. O Alcorão equipara o testemunho de um homem ao de duas mulheres (veja Alcorão 2:282).

Se pretendemos que o compromisso que garante a um imi grante a sua cidadania nesta grande nação seja significativo, e não uma farsa, o Serviço de Imigração e Naturalização (INS) deve con frontar o fato de que talvez alguns milhões de muçulmanos comete ram um verdadeiro perjúrio ao se naturalizarem. Outros milhões que se consideram igualmente devotados ao Alcorão também cometerão o mesmo perjúrio para conseguir a naturalização, se uma fronteira legal não for delineada.

Na verdade, alguns muçulmanos podem não estar conscien tes de que o Islã é radicalmente oposto a algo tãó grande como a separação entre o estado e o controle religioso. Mesmo assim, o INS deveria ser obrigado, através de um ato do Congresso, a tornar cons ciente desta contradição inata entre o Alcorão e a Constituição dos Estados Unidos cada muçulmano, e exigir que cada candidato mu çulmano à naturalização declare sob juramento que ele ou ela aceita a Constituição, e não o Alcorão, numa questão desta magnitude.

Nosso governo mal-informado nos colocou nesta situação ao designar funcionários igualmente mal-informados para o INS, os quais presumem que cada religião é como qualquer outra. O argu mento em suas mentes deve ser algo assim: os cristãos e judeus acei tam a nossa Constituição e se misturam à sociedade; portanto, é cla ro, os muçulmanos farão o mesmo. É claro que muitos o fazem, mas alguns muçulmanos já naturalizados abrigam outras idéias. Maomé ensinou que o compromisso de um muçulmano supera qualquer ou tro laço. Assim, o fato de que um muçulmano possa ser um concida dão não garante que ele considere os nossos interesses nacionais mais importantes que os objetivos internacionais do Islã.

As pessoas que elaboram as políticas, cuja grande parte não consegue se imaginar fervorosa com respeito a questões de fé, têm dificuldades em imaginar quão profundamente fervorosas acerca da religião outras pessoas podem ser. O pouco conhecimento que nos sos articuladores de políticas têm a respeito do Islã é mitologizado e trivial.

Os cinco pilares

Alguns americanos em papéis de liderança pensam que são suficientemente informados sobre o Islã se, por exemplo, podem mencionar os chamados cinco pilares do Islã (fé, oração, purifica ção, jejum e peregrinação). Mas, se não sabem que o Islã radical tem apenas um único pilar genuíno - ajihad- e que tem a dominação política mundial como seu objetivo, então, permanecem muito mal- informados. Os tais cinco pilares do Islã, em comparação \jihad do Islã radical, são meramente cinco velas tremeluzindo no topo do pilar primário do Islã, o político. As cinco velinhas acrescentam uma sim pática e distrativa decoração religiosa, e nada mais que isso.

A atuação do Serviço de Imigração

Como o INS pode proteger a integridade do juramento da naturalização quando um muçulmano requer a cidadania americana? Uma dica pode ser retirada de um procedimento que já existe neste órgão.

O INS sabe, por exemplo, que algumas pessoas são opositoras conscientes, tais como cristãos que entendem que o Novo Testamen to as proíbe de tomar armas até para preservar a própria vida, quanto mais para a defesa nacional. Coerentemente, quando eu entrei com o processo para obter a cidadania americana, meu entrevistador per guntou: “Se o governo requisitasse, você tomaria armas para defender os Estados Unidos da América? ” Com Romanos 13:1-4 em mente, disse sem hesitação e com sinceridade que “sim ”.

O que aconteceria se eu dissesse “não ”? Meu processo seria rejeitado? Não faço a menor idéia. O meu ponto é o seguinte: se aquela questão podia ser feita pelo INS sem objeções, certamente ou tras questões similares, que avaliem a influência das crenças pessoais de um indivíduo sobre o seu relacionamento com a Constituição, também poderiam ser formuladas.

Poderia haver um conjunto de questões adequadas, como a que já mencionei, para os que declassem o cristianismo como sua

religião, outro para quem declarasse o judaísmo e, é claro, um para os que seguem o Islã. Uma questão adequada para muçulmanos poderia ser: “Você crê que os Estados Unidos da América seriam beneficiados se fossem submetidos à shariàt ” Uma resposta positiva viola a exigên cia constitucional de separação entre o estado e o controle religioso.

Questionando também os hindus

Por uma questão de justiça, os hindus deveriam ser questio nados. Alguns hindus na índia estão pressionando o governo dali para reinstalar uma antiga exigência do hinduísmo chamada sati, uma crença segundo a qual uma viúva hindu deveria ser queimada viva na pira em que o corpo de seu marido for cremado, ou ao lado dela. Não importa se ela seja uma mãe com crianças dependentes ou que seja décadas mais jovem que o seu marido. Se ela vive mais que seu cônjuge, traz desgraça a ele, a si mesma e às famílias de ambos.

O sati foi abolido sob o controle colonial britânico por volta do fim do século XVIII. Logo que a índia se tornou independente, em 1947, alguns hindus, não todos, começaram a pedir que o costu me fosse reinstalado.

Certamente, qualquer hindu que gostasse que sua viúva ou qualquer outra mulher fosse queimada viva não deveria receber uma transferência de cidadania para qualquer nação. E melhor deixar que ele permaneça na terra de seu nascimento e seja um problema lá.

Respondendo a idéias equivocadas

Quando idéias baseadas na religião contradizem a lei ociden

tal, mesmo antes de atos concretos que possam resultar delas, existe um fundamento válido para negar vistos e cidadanias para pessoas que desejam entrar em nações livres ocidentais.

Com certeza, ninguém pode ser colocado num julgamento por sustentar uma idéia equivocada. Para que isso aconteça, uma idéia dessas deve primeiramente resultar num ato criminoso. Mas ne

gar um visto, um green card ou uma cidadania não significa colocar alguém em julgamento. Em tais questões, temos o direito de selecio nar as pessoas de acordo com suas opiniões, assim como advogados selecionam jurados para compor um júri.

Escolher outro caminho é colocar o pluralismo cultural aci ma do regime da lei. Portanto, recomendo que os cidadãos conscien tes pressionem os funcionários do INS para que elaborem questões para aqueles que requerem vistos, green cards ou cidadania, como se fossem advogados selecionando jurados para compor um júri.

Q uando estamos frente a frente

NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Uma outra questão: cristãos convidados para representar o cristianismo em debates com muçulmanos devem estudar para nos representar efetivamente. Isso é especialmente verdadeiro na presença de entrevistadores seculares, alguns dos quais tendem a se alinhar aos entrevistados muçulmanos, encarando-os como pobres coitados que provavelmente não podem se virar sozinhos.

Quando um muçulmano ou um apresentador simpatizante dos muçulmanos vem com um “Mas você é contra o Islã! ”, uma boa esquiva pode ser: “Agora que sei que a maior parte do Islã tem obje tivos ditatoriais, sim. Como uma pessoa livre, eu me oponho ao Islã suprematista tão honrosamente quanto meus pais se opuseram ao fascismo e ao comunismo em sua geração ”.

Tenha a postos uma citação de Siddiqi ou Badawi (veja o ca pítulo 9). O livro de David Price também tem excelentes citações.

Se um muçulmano contra-ataca com “O Islã não se opõe à democracia ”, pergunte: “Então por que não existe uma única demo cracia verdadeira em todo o mundo muçulmano? ” Cite o artigo da Newsweek mostrando que mesmo a mais liberal das 55 nações mu çulmanas, a Turquia, ainda está muito longe do ideal de garantir os direitos humanos individuais.

Quando um muçulmano ou um apresentador disparar o pre visível “Você difama os muçulmanos! ”, responda: “E o Islã mesmo quem difama os muçulmanos, porque nega liberdades básicas para o seu próprio povo, especialmente para as mulheres muçulmanas. Eu nunca tive o menor desejo de difamar 1,3 bilhão de pessoas que merecem tanta simpatia pela perda de suas liberdades ”.

Ou você ainda poderia dizer: “Um difamador de muçulma nos é alguém com uma vendetta pessoal contra eles. Você provoca uma distorção quando aplica um rótulo tão horrível a alguém que está criticando o Islã como um sistema de pensamento ”.

Quando confrontado, diante de uma audiência secular, com a questão “Você, como cristão, acredita que Deus não ouça as orações de judeus ou muçulmanos? ”, eu recomendo: “Deus não é surdo. Ele ouvia cada oração no universo 10 milhões de anos antes dela ser for mulada. A questão de como ele oferecerá ou negará uma resposta a qualquer oração pessoal específica é muito teológica e profunda para esta entrevista ”.

A questão anterior provavelmente será seguida por um “Você acredita que os muçulmanos irão para o inferno? ” Evidentemente, a pergunta é uma isca num anzol hostil. O questionador percebe que qualquer cristão que dizer “sim ” parecerá intolerante diante de uma audiência geral. Se disser “não ”, parecerá fraco e comprometedor diante dos olhos de cristãos conservadores. Mas existe uma forma de responder: “A questão mais pertinente é: o próprio Alcorão ameaça que nós, como infiéis, e até mesmo muitos muçulmanos irão para o inferno? ’ Sim, em 783 versos! E não apenas os infiéis como nós, mas também os muçulmanos que se recusam a guerrear contra nós quei marão no inferno para sempre. Então, se o Alcorão for levado a sério, muitos muçulmanos estarão no inferno.

“Vários hadiths relatam que existem muito mais mulheres muçulmanas queimando no inferno do que homens muçulmanos. Por quê? A lógica hadítica afirma que elas não foram gratas à bonda de de seus maridos.

“Com uma ameaça tão perniciosa pairando sobre suas cabe ças, temos mais uma razão pela qual as mulheres muçulmanas mere cem especialmente a simpatia do mundo todo. ”

Uma resposta mais longa, apesar de muito mais satisfatória para espectadores cristãos, é quase sempre interrompida e, portanto, não indicada. Mas, se ela for realmente possível, pode-se acrescentar: “A Bíblia também fala do inferno, mas proclama Jesus como o reden tor e mediador da humanidade: o Deus encarnado que se sacrificou pelos pecados do mundo no Calvário. Jesus é aquele que salva do julgamento qualquer pessoa que confesse as suas faltas e peça perdão através dele.

“Por outro lado, o Islã não tem redentor, não tem mediador, e não tem ninguém que garanta o perdão. Sob o Islã, cada réu humano que se coloca diante do tribunal divino deve encarar seu julgamento final sem a ajuda de um advogado. Portanto, sob o Islã, não pode haver uma garantia com respeito ao destino eterno das pessoas. ”

De acordo com o Alcorão, o prognóstico de qualquer pessoa é obscuro, na melhor das hipóteses. Mesmo Maomé duvidava de sua chance de entrar no paraíso. Num volume dos hadiths chamado de Os 40 hadiths de Na-Nawawi, Maomé é citado dizendo:

Em verdade, um de vocês pode se comportar como as pes

soas no Paraíso até que esteja à distância de um braço de

lá. [Então,] o que foi escrito [há muito tempo atrás, como

vontade pré-determinada de Deus] toma conta dele e ele

se comporta como as pessoas que estão no fogo do In

ferno, e é este o seu destino final. E um de vocês pode se

comportar como as pessoas que estão no fogo do Inferno

até que esteja à distância de um braço de lá. [Então,] o

que foi escrito toma conta dele e ele se comporta como as

pessoas no Paraíso, e assim pode entrar ali.

3

Não contente em simplesmente abalar a confiança de qual quer muçulmano de ganhar acesso ao paraíso, Maomé deu um outro

passo para destruir a segurança de que alguém ainda poderia conti nuar no paraíso depois de admitido ali! No verso 11:108, Maomé ditou:

Os venturosos, porém, morarão eternamente no Paraíso, enquanto perdurarem os céus e a terra, a menos que teu Senhor disponha doutra sorte. Esta é uma graça ininter rupta. (Alcorão, ênfase acrescentada)

Claramente, qualquer muçulmano deve enfrentar a possibili dade de que essa "graça ininterrupta " possa começar no paraíso, mas acabar sendo a única outra residência que o Alcorão menciona: o inferno!

Jesus apresentou o Deus Pai à humanidade como uma deida de atual e eternamente fiel. Deus, tal como apresentado por Maomé, é pior que volúvel ou arbitrário. Ele poderia ser diagnosticado como esquizofrênico!

Já que nem mesmo um muçulmano moral e honesto pode

saber, até os segundos finais, qual é o destino que Deus lhe reservou na eternidade, ele ou ela encara uma perspectiva realmente inquie- tante. A extravagante predeterminação divina pode incitar uma boa pessoa a ter alguns segundos finais de maldade que anulam uma vida inteira de busca pela bondade.

Mas, a questão de quem vai ou não para o inferno precisa de um tratamento mais detalhado, que oferecerei no Apêndice A.

Os NOMES DE A lá

Considerando o que aprendemos do conceito maometano de Alá aqui e em capítulos anteriores, o nome Alá é apropriado como uma designação válida para Deus? As passagens corânicas e hadíticas como as deste capítulo levam muitos cristãos e, talvez, alguns judeus também a protestarem que o Deus muçulmano é uma outra pseu-

do-deidade diferente do Deus judaico-cristão. A partir desta base, algumas pessoas pedem que os judeus e cristãos rejeitem todos os usos de Alá como um nome alternativo para o Deus da Bíblia. Ainda assim, os muçulmanos afirmam que ele é o criador incriado dos céus e da Terra.

As afirmações de que Maomé derivou o nome Alá do nome da deidade pagã Ilá parecem mal-fundamentadas. Os moradores de Meca, ao invés de fazer Maomé fugir, teriam simplesmente rido dele por toda a cidade, se tentasse promover uma mudança tão grande no sentido de um nome muito conhecido.

Um cenário mais provável percebe a semelhança entre os cog natos lingüísticos “Allah ” e “Eloh ”, ou seja, o nome hebraico Elohim sem o sufixo plural “im ”. Se esta for a origem do nome Alá, ele seria válido como um cognome, um “popularmente conhecido como ”, para Elohim. Mas, o que dizer da deliberada infusão de uma má ca racterização que Maomé realiza sobre o nome Alá?

Suponha que saibamos que um homem chamado José da Sil va é uma pessoa honesta, moral e justa. Se algumas pessoas denigrem o seu bom nome, jogando-o na lama, ele deveria mudá-lo? Se o fizer, os detratores podem vilipendiar o outro nome também.

Com certeza, o melhor conselho para José da Silva é que ele continue a ser conhecido pelo seu próprio nome e que deixe os igno rantes serem responsabilizados pelo abuso deste nome digno. E claro que os amigos de José da Silva, quando usam o seu nome, procuram qualificar cuidadosamente para os ignorantes o que querem ou não dizer ao usar o seu nome.

Um pouco mais sobre o revisionismo islâmico

Deus não é o único cujo caráter continua a ser difamado pelas redefinições de Maomé através do Alcorão e dos hadiths, 1.400 anos depois.

Mesmo reconhecendo que Jesus teve um nascimento virginal, não pecou e operou milagres, Maomé ainda omitiu o fator mais im

portante: a morte e ressurreição do Senhor, como já observei. Vários hadiths mostram Maomé curiosamente afirmando uma outra idéia do Novo Testamento, mas, novamente, com assustadoras revisões.

É a segunda vinda de Jesus.

Os hadiths concordam que Jesus está voltando para julgar a humanidade, mas que julgamento anti-bíblico será este! Maomé de clarou que Jesus vai destruir a Cruz, ou seja, o cristianismo. Ele orde nará a todos os judeus e cristãos que se convertam ao Islã e ordenará aos muçulmanos de todos os lugares que exterminem cada cristão e cada judeu que recuse a conversão.

Os cristãos e judeus que recusarem a conversão fugirão e se esconderão atrás de rochas e árvores, mas será em vão. Alá fará surgir bocas nas rochas e árvores, que gritarão para os muçulmanos: “Há um cristão (ou um judeu) se escondendo atrás de mim! Venha, mu çulmano, venha e tire a sua vida! ”

O desprezo absoluto que Maomé tinha pelos cristãos e judeus continua forte no Islã ainda hoje.

Quando visitei a Arábia Saudita, há alguns anos, fiquei saben do que, certa vez, o governo saudita fez objeções a um jato da Swissair que fazia sua aterrissagem no reino porque tinha uma cruz pintada em sua cauda. Disseram-me que a muttawa, a polícia religiosa saudita, arrancava correntes com cruzes do pescoço de visitantes estrangeiros nas ruas. Faixas e anúncios oferecem recompensas financeiras para os sauditas que informem sobre conterrâneos que freqüentem reuniões cristãs ou que guardem uma Bíblia. Trabalhadores estrangeiros que se convertem ao Islã recebem uma recompensa financeira. Sauditas que se convertem ao cristianismo são espancados, aprisionados e, às vezes, decapitados.

Que todo o mundo fique avisado de que a tolerância que o Islã exige quando é uma minoria não é recíproca quando ele assume o controle.

David Pryce-Jones, The Closed Circle: An Interpretation ofthe Arabs (New York: Harper- Collins, 1991).

2

Sally Buzbee, “Bush ’s Use of the Word ‘Crusade ’ a Red Flag, ” Seattle Post-Intelligencer, 18

39266_crusadel8.shtmi

de setembro de 2001. http://seattiepi.nwsource.com/national/ (acessado em 28 de outubro de 2002).

3

Imam An-Nawawi, “An-Nawawfs Forty Hadidis (number 4) ”, Intemational Islamic

University Malaysia.

http://www.iiu.edu.my/deed/hadith/odier/

hadithnawawi.html

(acessado em 28 de outubro de 2002).

A pêndice A

01 antiga controvérsia

cristã sobre exclusivismo e

incíusivismo

Entrevistadores que questionam palestrantes cristãos, des de os membros da família Billy Graham até Pat Robertson ou Jerry Falwell, têm o hábito de perguntar: “Você crê que todos os muçul manos vão para o inferno? ” A maioria das respostas oferecidas afirma explícita ou implicitamente que sim. A questão de quem os cristãos acham que vai ou não para o inferno se tornou uma controvérsia ligada aos eventos de 11 de setembro de 2001. Como este assunto, a partir da perspectiva cristã, depende do Novo Testamento, o que este realmente diz a respeito?

A maioria dos cristãos que respeitam o Novo Testamento abraça uma das duas visões sobre a questão de quem será salvo e

quem estará perdido. A primeira é chamada de exclusivismo, e a ou tra, inclusivismo. Ambas as visões creditam o sacrifício redentor de Cristo como a única base a partir da qual o santo Criador do universo pode perdoar o pecado, sem comprometer sua integridade por não puni-lo. Um juiz não desonra a lei, o governo, o povo e a si mesmo se não respeitar a lei?

A ignorância da lei, o arrependimento pelos erros ou as boas ações subseqüentes podem oferecer a um juiz a base necessária para se moderar a pena, mas não para inocentar um infrator!

A lei deve ser cumprida. Esperar que Deus feche os olhos para o pecado à custa de violar sua própria natureza santa já é um pecado! O perdão é possível somente se o próprio juiz pagar a fiança, suportar a dor e assumir as perdas. E isso que o Novo Testamento mostra Jesus, o nosso juiz, fazendo por nós, tornando-se o nosso salvador! O Novo Testamento traz a proclamação inédita da redenção para o pecado da humanidade através do auto-sacrifício de Jesus, o Messias.

O Novo Testamento também traz a proclamação inédita de que o ato de Jesus aconteceu num explícito cumprimento da pro fecia do Antigo Testamento, fazendo com que o seu sacrifício seja judaico-cristão, e não apenas cristão. Dificilmente existe algo mais importante na fé judaico-cristã do que a redenção divina, e, ainda assim, tal conceito foi negado e desprezado por Maomé, tornando o Islã extremamente antitético em relação ao judeu-cristianismo.

No entanto, uma outra questão permanece para ser resolvi da por um estudo do Novo Testamento: o que um indivíduo deve fazer para receber o perdão através do sacrifício que Jesus, o juiz que também é salvador oferece? Esta é a questão que divide os cristãos exclusivistas de seus irmãos e irmãs inclusivistas.

O bservando os pontos de concordância

Em palavras neotestamentárias, ambos os grupos concordam com João 14:6. E aqui que Jesus declarou: “Eu sou o caminho, a ver

dade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim ”. E onde mais os dois campos concordam? A maioria dos defensores das duas visões concorda que todos os que morrem como bebês ou crianças peque- nas desfrutam de uma cobertura de redenção automática através do auto-sacrifício redentor de Jesus (veja Romanos 7:9). Mas ambos os grupos tendem a não prestar atenção à contribuição significativa que os médicos na história fizeram com respeito à queda nas taxas mun diais de mortalidade infantil.

Sempre me recordarei de um relatório que li duas décadas atrás. Um grupo de cientistas estimou que 66 por cento de todos os seres humanos concebidos no ventre não sobreviveram até o seu quinto ano de vida. Isso significa que dois terços da humanidade morreu dentro do ventre por abortos naturais ou induzidos, foram bebês natimortos ou não sobreviveram durante sua primeira infância a doenças, crimes, guerras, acidentes ou desastres naturais. Assim, a grande maioria de todas as pessoas que Deus criou à sua imagem desde o começo da humanidade foi redimida por este aspecto de co bertura automática da infância oferecida pela redenção.

Pense no seguinte: se a maioria das pessoas criadas à imagem de Deus fosse perdida, Deus teria perdido uma enorme parcela de um artigo muito importante: a sua imagem! Assim, Deus teria apenas a vitória moral sobre o mal. O mal teria a vitória quantitativa sobre Deus por fazer muito mais pessoas serem perdidas do que redimidas. Na verdade, a cláusula de cobertura automática de redenção na in fância garante que muito mais pessoas sejam redimidas do que perdi das (veja Isaías 57:1).

Tomemos a estimativa médica de 66 por cento de mortalidade infantil por todas as eras como uma mera referência. Acrescentemos centenas de milhões que, através do tempo, perderam sua redenção por pecar quando saíram da infância, mas a encontraram novamente ao responder à revelação de Deus. Estimativas do total combinado apon tam para algo em torno de 77 por cento da humanidade redimida! Deus tem não apenas a vitória moral, mas a quantitativa também!

Um outro ponto de concordância diz respeito ao tempo limi te para o arrependimento por parte dos perdidos! Ele deve acontecer antes da morte, e não depois. O Novo Testamento avisa: “o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo... De acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más ” (Hebreus 9:27; 2 Coríntios 5:10).

D efinindo os problemas e diferenças

No entanto, a partir deste ponto, o desacordo entre exclusi vistas^ inclusivistasromeça a se agravar. E aqui está o porquê: a Bíblia não afirma apenas uma, mas duas categorias de revelação que Deus concedeu à humanidade. Os exclusivistas crêem que Jesus emprega apenas uma das duas categorias de revelação para re-rediníir as pesso as que perderam a redenção ao sair da infância. Eles são chamados de exdusivistas porque excluem a possibilidade de que Jesus possa em pregar a-outra categoria para atrair, através do arrependimento e pela fé, as pessoas perdidas desde que emergiram da inocência infantil, as quais, desta maneira, teriam a redenção restaurada.

Pelo contrário, os inclusivistas são chamados assim porque incluem as duas categorias de revelação como instrumentos que Jesus utiliza para atrair as pessoas perdidas ao arrependimento e à fé, para que tenham, assim, a redenção restaurada.

O papel da revelação

Quais são as duas categorias da revelação?

Uma é chamada revelação geral: o testemunho dos céus e da terra, descrito, por exemplo,' no Salmo 19:1-4 e em Romanos 1:19-20. A própria criação nos comunica um conhecimento geral a respeito de Deus como criador e mantenedor, daí o nome revelação geral. Também recebe este nome por uma segunda razão: todas as pessoas que vivem neste mundo podem encontrá-la. Também neste sentido ela é geral.

Os exclusivistas entendem que o conhecimento que a revela ção geral comunica a todas as pessoas perdidas as capacita a sentir cul pa e condenação pelo seu pecado, e nada mais. Para os exclusivistas, o conhecimento em si não é suficiente para levar as pessoas perdidas além destes sentimentos para um verdadeiro arrependimento em fé e daí à redenção. Portanto, eles excluem a revelação geral como condu tora da salvação nas mãos do Jesus de João 14:6.

Os exclusivistas crêem que Jesus, além da cobertura sobre as crianças, oferece o benefício salvífico de sua morte redentora para redimir apenas as pessoas que, aprendendo o nome revelado histori camente “Jesus ” através do outro tipo de revelação — a revelação espe cial do Novo Testamento — orem especificamente a ele através deste nome, pedindo para serem redimidas pela sua morte expiatória.

O nome de Jesus

Esta perspectiva deriva de Atos 4:12: “debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos ” (ên fase acrescentada).

Os inclusivistas, assim chamados porque incluem a revelação geral como um dos instrumentos redentivos do Jesus de João 14:6, respondem da seguinte maneira: Pedro, que falou as palavras citadas em Atos 4:12, era hebreu, e naquela época, freqüentemente, os he breus usavam o substantivo “nome ” de maneira idiomática. Este era simplesmente o sinônimo hebraico de Pedro para “pessoa ”. Ele queria dizer que a Pessoa, Jesus, é o único salvador da humanidade. E ficaria muito surpreso, dizem os inclusivistas, ao ver alguém pensando que ele queria dizer que o nome de Jesus e a pessoa de Jesus são duas en tidades distintas, sendo que ambas precisariam estar envolvidas antes que a salvação de qualquer ser humano fosse efetivada.

É claro que os exclusivistas ligam a sua compreensão de Atos 4:12 ao próprio texto de João 14:6. Os inclusivistas respondem que João 14:6 apenas explica o que Jesus oferece, mas não explica o que um suplicante precisa fazer para desfrutar disso. A pessoa deve orar

a Jesus usando este nome para chegar ao Pai? Ou, se esta pessoa ape nas orar com fé ao Deus criador da revelação geral, Jesus, incógnito, prontamente a levaria ao Pai? Os inclusivistas dizem sim! O Jesus incógnito é tão salvador quanto o Jesus conhecido.

Os exclusivistas também encontram base para sua visão em Romanos 10:9, que diz: “Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo ”, Os inclusivistas creem que este texto descreve como as pessoas encontram a salvação através de Cristo quando a revelação especial do Novo Testamento lhes é proclamada. Em outras palavras, é a principal maneira, a maneira preferida, pela qual se pode acessar a redenção encontrada apenas em Jesus. Os inclusivistas afirmam que o fato de que as pessoas que não têm conhecimento do Novo Testa mento possam ser redimidas com a mesma certeza pelo Jesus incóg nito é sustentado pela citação que Paulo faz de Joel 2:32, escrito antes que o nome de Jesus fosse conhecido, apenas quatro versos antes em Romanos 10:13: “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo ” (ênfase acrescentada).

Se um suplicante pela salvação não precisa clamar pelo nome próprio de Jesus no contexto do evangelho cristão, então, a que ele precisa responder? A proposta inclusivista é que responda pelo menos ao testemunho de Deus através de todos os maravilhosos aspectos dos céus e da terra, comumente chamados de revelação geral.

Os inclusivistas crêem que Jesus utiliza a revelação geral para redimir todos os que a revelação do Novo Testamento, por quaisquer razões, não o faz? De maneira nenhuma! Se os inclusivistas pensassem assim, não seriam inclusivistas, mas universalistas, ou seja, pessoas ex tremamente liberais que de alguma forma crêem que Deus pode ser Deus sem punir o mal. Numa perspectiva universalista, até mesmo Hitler ou Stalin seria bem-vindo ao paraíso. Em outras palavras, Deus não teria problemas em violar sua santidade para salvar os maus, ou talvez, nem haja santidade para ser quebrada!

Os inclusivistas acreditam que algumas pessoas rejeitam o testemunho da criação, assim como outros rejeitam o testemunho

da criação e também o do evangelho. Coerentemente, tais pessoas perdem a redenção e estão perdidas para sempre.

Os exclusivistas afirmam que, se a visão inclusivista prevale cer, a motivação cristã para se espalhar o evangelho ao redor do mun do também estará perdida! Os inclusivistas respondem que muitos dos que rejeitam o testemunho da criação na ausência do evangelho sao levados ao arrependimento e à fé quando o evangelho confirma o testemunho anterior. Portanto, a proclamação humana do evangelho ainda é absolutamente necessária.

Mesmo os que já foram redimidos pelo Cristo incógnito atra vés da revelação geral precisam urgentemente de nosso testemunho humano, afirmam os inclusivistas, para ter a base de sua salvação elu cidada e para serem equipados com o pleno conselho de Deus para um serviço mais efetivo ao Reino. Assim, os inclusivistas crêem que Jesus realmente salva as pessoas de todos os lugares que respondem a todas as maravilhas ao seu redor, rogando ao criador de todas as coisas que seja misericordioso com elas a partir de qualquer fundamento que este Deus tenha para perdoar o culpado. Citam Hebreus 11:6: “quem dele [de Deus] se aproxima precisa crer que ele existe e que recom pensa aqueles que o buscam ”.

Realmente é uma fórmula bem clara!

Os inclusivistas também destacam Romanos 2:7: “Ele [Deus] dará vida eterna aos que, persistindo em fazer o bem, buscam glória, honra e imortalidade ”. Este verso não faz menção a orar a Jesus pelo seu nome próprio. Atos 17:26 e 27 concorda com a compreensão inclusivista das duas passagens acima.

Para contestar esta perspectiva, os exclusivistas ainda citam Romanos 10:17: “a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo ”. Os inclusivistas respondem que Paulo, quando cita a referência do Salmo 19:4 ao testemunho da criação no verso seguinte, o 18°, concebe a revelação geral na criação como parte e parcela da palavra de Cristo a partir da qual a fé surge, levando à salvação.

Os exclusivistas citam Atos 11:14 para mostrar, pelo teste munho de um anjo, que mesmo um pagão tão nobre como Corne- lio, um centurião romano, não foi redimido até que Pedro pregou o nome de Jesus a ele. Os inclusivistas mostram os três testemunhos an teriores, citados em Atos 10:4-6, 10:22 e 10:30-32, que confirmam que o anjo não disse realmente a Cornélio tudo o que Pedro afirmou posteriormente ao comitê que ele dissera.

Constrangido com o criticismo de seus parceiros em Jerusa lém, Pedro parece ter enfeitado um pouquinho a sua narrativa, espe rando acalmar os ânimos.

Esta perspectiva admite que a pregação de Pedro possa ter levado à salvação dos membros da residência de Cornélio, mas para o próprio centurião, a pregação de Pedro trouxe apenas confirmação e elucidação, o que era uma grande contribuição ao bem-estar espi ritual de Cornélio.

Refletindo sobre o julgamento divino

Conheço um inclusivista que se baseia no texto veterotesta- mentário do Salmo 50:1-6, no qual uma multidão de pessoas con vocadas “do nascente ao poente ” é sujeita ao julgamento divino. A testemunha de que Deus os convoca para julgá-los imparcialmente não é a Lei nem os profetas da revelação bíblica, à qual não tiveram acesso. Ao invés disso, Deus “convoca os altos céus [que no verso 6 “proclamam a sua justiça ”] e a terra, para o julgamento ” dos que ali se reúnem. Assim, Deus os julga de acordo com a forma como respon deram ao testemunho da revelação geral, porque era a única revelação de que dispunham.

A próxima questão é: quando Deus julga esta categoria de pessoas neste tipo de tribunal, alguma delas é salva ou todas são con denadas? O verso 5 nos garante que algumas são inocentadas. Depois que a convocação é feita, Deus solicita que: “Ajuntem os que me são fiéis, que, mediante sacrifício, fizeram aliança comigo ”.

Muitas pessoas são redimidas pela crença nas alianças que Deus constituiu com os patriarcas do Antigo Testamento. Outras encontram a salvação através da nova e elucidativa aliança que Deus firmou através de Jesus, o Messias. Mas o Salmo 50:5 fala de pessoas que, respondendo ao testemunho menos elucidativo da revelação ge ral, fazem suas próprias alianças individuais com Deus pelo sacrifício. Quem, então, é o salvador destas pessoas? Os inclusivistas afirmam que não é outra pessoa senão o logos eterno, o Jesus incógnito.

Os inclusivistas também podem apontar para João 3:21, que fala de quem “pratica a verdade ” t o faz “por intermédio de Deus ”, an tes mesmo que ele ou ela venha “para a luzX Claramente, qualquer verdade que a pessoa que viva antes de chegar a esta luz, a luz da revelação especial, é devida à luz da revelação geral.

Os inclusivistas continuam com João 10:16, a passagem na qual Jesus afirma ter “outras ovelhas" que ele pretende “conduzir", fa zendo com que os dois rebanhos existentes se transformem em ape nas um! Teríamos aqui uma referência aos fiéis dispersos da revelação geral para os quais ele pretende oferecer elucidação através de nós? Os inclusivistas crêem que sim.

Os exclusivistas reconhecem que pessoas eram remidas sem o nome de Jesus na época do Antigo Testamento, mas, agora que ele se revelou para este mundo, todos devem orar a ele pelo seu nome para que sejam redimidas. Os inclusivistas respondem: “Desta ma neira, Deus se parece com um juiz de futebol que muda as regras do jogo no intervalo do primeiro para o segundo tempo, mas só avisa um dos times ”. Então, quando um exclusivista e um muçulmano se enfrentam em público, cada um descreve o outro como destinado ao inferno. Um público que não acredite em Deus, ou que não acredite num Deus que puna o mal, pode se sentir inclinado a murmurar: “Os dois estão malucos ”.

No entanto, um inclusivista pode olhar um muçulmano, hindu ou budista nos olhos e dizer: “Se você é uma pessoa redimida, isso se deve ao fato de que Jesus o redimiu, mesmo que você não sai-

ba que foi ele. E a sua redenção não deve ser creditada a Maomé, ao Alcorão, nem a Krishna, nem a Buda, mas a Jesus. Deus o levou, em algum momento, à fé verdadeira nele através do testemunho do An tigo Testamento e/ou do testemunho da criação que está ao seu redor; e, a partir desta fé Jesus o redimiu. Mas agora ele quer que você saiba quem ele realmente é e como obteve a redenção para você, através da elucidação dos evangelhos do Novo Testamento. Por outro lado, se você ainda não foi redimido pelo Jesus incógnito, o Jesus conhecido se coloca diante de você para redimi-lo aqui e agora, a partir da sua súplica sincera a ele ”.

Caro leitor cristão, decida qual perspectiva você entende ser biblicamente válida. Sua decisão influenciará a forma como você tes temunhará de Cristo a não-cristãos.

Contudo, quero avisar que o ódio extremo que o Alcorão fomenta contra o verdadeiro Jesus do Novo Testamento e contra cris tãos e judeus não oferece um bom presságio para o “Jesus incógnito ” do inclusivismo redimir os radicais islâmicos. Um coração cheio de ódio não responde facilmente à revelação geral, e muito menos à es pecial. E, a não ser que haja uma resposta sincera a Deus, a Bíblia não promete salvação.

Como uma entrevista na televisão

pode expressar um antagonismo não-verbal

contra um entrevistado

Um entrevistador de televisão convidou um pastor protes tante a participar de seu programa para comentar o Islã. O pastor escolheu insistir num ponto: Maomé se casou com uma garota de seis anos de idade chamada Aisha e consumou o casamento quando ela tinha nove anos. Portanto, Maomé era um pedófilo.

O abismado entrevistador, sem demonstrar o menor conhe cimento sobre o assunto, sorriu defensivamente, tentando encarar a declaração como uma piada. Desatento, o pastor também deu um

sorriso, diminuindo a seriedade de sua acusação. De repente a câme ra, que sempre vinha mantendo uma distância respeitosa do apresen tador e dos outros convidados, de maneira desrespeitosa deu um close tão fechado no pastor que os espectadores quase puderam ver dentro dos poros de seu queixo. Esta tomada intrusiva em close fez com que a face do pastor parecesse grande e disforme, até fora de proporção, deixando-o com um ar estranho.

A desagradável aparência do pastor, como estaria a de qual quer pessoa num close tão fechado, foi deliberadamente distorcida por um câmera ou, talvez, pelo editor do programa para distrair a audiência do que ele estava dizendo.

Nunca fiquei sabendo de uma câmera de televisão que desse um close tão fechado num entrevistado muçulmano. Uma tomada destas é um sinal certo de que alguém no programa, ou por trás dele, despreza qualquer pessoa que tenha a péssima sorte de estar diante de suas lentes.

Claramente, o entrevistador e o câmera não estavam nem um pouco ansiosos por adquirir uma percepção importante acerca do Islã vinda daquele pastor. Queriam apenas ridicularizá-lo, e aos cris tãos conservadores por ele representados. No futuro, o pastor deve ria exigir por escrito que o câmera, sempre que o focalizasse, deveria mostrá-lo educadamente do topo de sua cabeça até o meio de sua gravata.

Se um entrevistado muçulmano estivesse presente, sem dúvi da, reagiria dizendo que o pai de Aisha a entregou voluntariamente para que Maomé se casasse com ela, então, como esse pastor pode ousar chamar Maomé de pedófilo? “Pedófilo ” descreve alguém que molesta uma criança às escondidas.

O pastor teria uma resposta? Na certa ele poderia dizer: “Um verdadeiro profeta teria o controle próprio necessário para rejeitar uma oferta tão insensata de qualquer pai! ”

Rompendo definitivamente com o Islã

Alguns autores seculares, até mesmo Rodinson, depois de ex por os assassinatos, traições, escravizações, decapitações, pilhagens e fraudes de Maomé, ainda terminam ós seus livros sem romper definiti vamente com o Islã, comprometendo-se com o próprio mal que expu seram à luz da opinião pública. Eles se comprometem ao recomendar Maomé apenas porque conseguiu “influenciar ” mais de um bilhão de pessoas. Desta forma, ilogicamente, tais autores aceitam uma filosofia do tipo: “se tantas pessoas acreditam, então, deve ser verdade ”.

Alguém pode dizer que eles temem uma retaliação física, caso a exposição da maldade de um profeta tão fraudulento deixe os mu çulmanos radicais irritados.

Não creio nisso. De uma maneira que respeite os muçulma nos como pessoas, devemos confrontá-los com os fatos. E então, dei xemos que os próprios fatos pesem na consciência dos muçulmanos. Talvez possamos perguntar a eles: como é possível, em sã consciência, tomar um assassino tão desprezível como exemplo? Como podem recomendar um completo mentiroso como exemplo para nós e um porta-voz de Deus?

Os muçulmanos que vêm morar em nossas sociedades oci dentais devem aprender como adquirimos nossas liberdades. Elas existem porque, desde muito tempo atrás, e cada vez mais intensa mente ao longo do tempo, cansamos de tolerar a fraude, o assassinato e a injustiça na política e também na religião. Maomé e o Alcorão são sacrossantos em Meca, mas não em Madri nem em Mineápolis. Che gou o tempo em que as pessoas de todos os lugares devem deixar os muçulmanos saberem o que pensamos sobre o seu livro implausível e o seu profeta miserável.

Confronte muçulmanos falando francamente. Mostre-lhes claramente os fatos. Se um número suficiente de pessoas se mantiver fazendo isso por um tempo, não com discursos bombásticos, mas no contexto da conversa respeitosa do dia-a-dia, muçulmanos ingênuos acabarão percebendo que devem a si mesmos uma leitura mais atenta

do Alcorão. Então, poderão ver por si o que nós já vemos. E, com cer teza, passarão a pensar por si mesmos. Alguns experimentarão uma revolução natural na consciência.

E se eles não sentirem repulsa? E se preferirem o Alcorão, mesmo apesar de sua violência e pseudo-moralidade? Neste caso, pelo menos, saberão porque não concordamos com eles, porque lhes honramos, mas não à sua religião, e porque não votamos em seus líderes para cargos públicos.

Se ouvir o seu livro pretensamente santo ser “descanonizado ” é muito estressante para alguns muçulmanos, talvez, eles decidam que não devem viver entre pessoas que se recusam a se submeter ce gamente, e se submeter, e se submeter. Nenhuma sociedade livre será um ambiente confortável para submissos que não questionam.

Então, argumente fervorosamente. Debata pacientemente. Receba bem os muçulmanos em sua vizinhança e em sua casa. Ale- gre-se com os que rejeitaram o Islã. Nunca os ameace nem insulte, por mais grosseiramente que possam responder.

Se você for rejeitado, lembre-se do antigo ditado: é difícil con vencer alguém de um erro, se outro já lhe deu parabéns pelo acerto.

Um amigo disse: “o Islã está declarando guerra contra nós. Vamos declarar paz sobre o Islã ”. Prefiro dizer: “Vamos declarar a verdade ao Islã, porque a verdade é a porta de entrada da paz. Uma paz que não esteja fundamentada na verdade não pode durar ”.

Leitores que queiram responder com comentários, perguntas

e/ou sugestões para o nosso futuro como ocidentais que comparti lham um mundo com os muçulmanos, mandem-me um e-mail em inglês para:

TheKoranExaminer@AOL.com

Suas opiniões serão relacionadas. Estatísticas a respeito de opiniões expressadas serão publicadas periodicamente em minha pá gina na Internet:

www.donrichardsonbooksale.com

Opiniões que evidenciem que a pessoa não está familiarizada com o conteúdo deste livro não serão relacionadas. As mensagens devem incluir o seu nome, cidade, estado e não devem ocupar um espaço maior do que uma tela de computador.

Os leitores também podem conhecer e comprar livros sobre o Islã, incluindo muitos dos citados neste livro em minha página, com descontos.

Deus nos abençoe com sua paz baseada nos princípios dele. Que ele livre o mundo todo de uma pseudo-paz jihádica que venha pela submissão a Maomé.

Como já escreveu Sir William Muir: * a espada de Maomé e do Alcorão são os inimigos mais obstinados da civilização, da liberda de e da verdade que o mundo já conheceu ” .

O filólogo francês Ernest Renan usa o mesmo tom: “Os mu çulmanos são ás primeiras vítimas do Islã... Libertar um muçulmano

de sua religião é o melhor serviço que alguém lhe pode fazer ”

2

.

Triunfar sobre um inimigo sem se tornar como ele no proces so é, certamente, o grande desafio da humanidade.

1

William Muir, *The Life of Muhammad* (Edinburgh, Uniced Kingdom: T. & T. Clark, 1923), n.p

2

I Am Not a Muslim (Amherst, NY: Prome-

Ernest Renan, citado em Ibn Warraq, theus Books, 1995), n.p.

A pêndice B

Os 109 uersos cie

auerra cfo Olícorão

£003

A seguir, relacionamos os 109 versos encontrados na tradução do Alcorão por El Hayek. Versos que mencionem batalhas enquanto contam histórias (por exemplo, “Davi matou Golias ”, em 2:251) não foram incluídos. Nem os versos em que “Deus ” aflige os infiéis, a menos que muçulmanos estejam ajudando!

Os 109 **VERSOS DE**

GUERRA DO ALCORÃO

2:178 4:71 16 26 69 179 72 17 29 33:7

190 74 39 36 18 191 75 42 38 20

193 76 45 39 25

216 77 59 41 26 217 84 65 44 47:20 218 89 67 52 48:16

244 91 69 73 22 3:121 94 71 81 59:2

122 95 72

83

5

123 100 74 86 6 124 102 75 88 7 125 104 9:5 92 8 140 5:33 12 111 14 155 35 13 120 60:9 165 38 14 122 61:4 166 8:5 16 123 63:4

167 7 19 16:110 64:14

169 9 20 22:39 66:9

173 12 24 78 73:20 195 15 25 29:6

HORIZONTES

AMÉRICA LATINA

7V osa 4 *H* istória

A HORIZONTES é uma missão global e interdenominacional, criada em 1970, na cidade de LLANELLI, no País de Gales, Reino Unido, fruto das orações de um homem, o galês Rowland Evans, que começou a rreinar jovens para que fossem a outras regiões do mundo. O alvo era ver os cristãos britânicos ativos nas fronteiras da evangelização mundial.

Contudo, remos entendido que nossas raízes remontam às orações em prol da evangelização mundial feitas durante o Reavivamento Galês de 1904. Llanelli, cidade natal da HORIZONTES, foi um dos centros deste reavivamento. Nos últimos 20 anos, outros que compartilham desta oração têm se juntado a nós para ver pessoas colocadas na linha de frente do mundo não alcançado. O que começou numa sala-de-estar cheia de gente em um pequeno sobrado galês, agora tem mais de 500 obreiros em tempo integral em mais de 40 países, tornando-se a cada dia multinacional e multiétnica.

A HORIZONTES está no Brasil desde 1991. Fundada por DAVID BOTELHO, hoje liderada por Cleonice Dantas Botelho, antes missionários na Bolívia, a princípio entre os índios aioreos e, posteriormente, na cidade de Puerto Suárez, onde fundaram o Colégio Batista. Com sede em MONTE VERDE, distrito de Camanducaia, região sul do Estado de Minas Gerais, na Serra da Mantiqueira, a HORIZONTES tem a visão de levar o Evangelho aos POVOS NÃO ALCANÇADOS. Em julho de 1991, a Horizontes recebeu um terreno doado pela família Grinberg, fundadora de Monte Verde, e iniciou a construção do CENTRO PARA AS NAÇÕES.

A Horizontes América Latina conta com parcerias estratégicas de treinamento em diversas regiões do mundo, o que ajuda tremendamente na

área de logística, acompanhamento dos resultados, reciclagem, restauração de obreiros e cuidado pastoral dos missionários. A filosofia de trabalho é que cada base seja autônoma e auto-sustentável. Cada missionário deve buscar seu próprio sustento. A visão principal é alcançar os povos não alcançados da terra. Existimos porque mais de 1/3 (um terço) do mundo ainda não conhece Jesus.

Em 1992, enviamos a primeira equipe com 12 jovens à Espanha, para um projeto de um ano, aproveitando eventos da época, como as Olimpíadas 92 e a celebração dos 500 anos da expulsão dos mouros (árabes) e judeus da Península Ibérica. Em 2000, permaneciam a metade deles ali. De 1997 a 1999 desenvolvemos, em parceira com o Betei Brasileiro, Missão Betânia, Missão Getsêmani e Operação Mobilização, o Projeto África Sahel, com 16 participantes que continuam envolvidos em missões, mesmo após o término do Projeto.

Em 1999 demos início à Missão Radical, projeto voltado para a Janela 10-40 e além, com 96 jovens de 16 denominações e 4 nações diferentes, entre 19 e 54 anos, depois de um treinamento de 18 meses no Brasil e Paraguai. Em setembro de 2000, eles seguiram para a Europa para aprenderem as línguas básicas, o francês e o inglês, e rumaram para 13 países da Janela 10-40. A cada ano no mês de março inicia-se uma nova turma Radical.

Produzimos o I

o

artigo da Janela 10-40 do Movimento AD2000 e Além

em português, e temos procurado produzir literatura missionária, vídeos, ministrar cursos missionários e palestras, trabalhar na área de pesquisa, mobilização missionária, treinamento, etc. Como Horizonres América Latina, hoje temos base na Argentina, Bolívia, Uruguai e Venezuela, que servem como “ponte ” para um rreinamento intermediário. Recebemos por doação uma propriedade em Paragominas, no Estado do Pará, e agora temos nossa segunda base de treinamento no Brasil. Em São Paulo, no bairro da Liberdade, está instalada a Base Asiática, que trabalha para alcançar os japoneses, chineses e demais povos orientais.

N ossa V isão

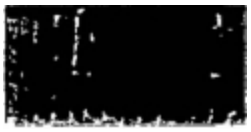
Levantar uma geração latina comprometida e preparada para a evangelização dos povos não alcançados da Janela 10-40 e além. Ver fiéis adoradores de Jesus Cristo em cada um destes povos, e, então, celebrar a sua volta em nossa geração.

N ossa M issão

Cumprir com ousadia, na dependência do Espírito Santo, o propósito eterno de Deus de alcançar os não alcançados com o Evangelho de Jesus Cristo, atuando nas áreas espiritual, social, educacional, da saúde e de negócios. Despertar, inspirar, encorajar e capacitar os cristãos latinos, visando terminar a tarefà da evangelização mundial.

Nossos V alores

ÉTICA CRISTÃ.* Conduta baseada em princípios Bíblicos. INTEGRIDADE: Honestidade, imparcialidade, retidão, inteireza moral, firmeza de caráter. RELACIONAMENTO: Amizade, trabalho em equipe, interação, envolvimento, respeito, interesse mútuo, empatia, flexibilidade, humildade, serviço. ORAÇÃO/ INTERCESSÃO - ADORAÇÃO: Prioridade das prioridades, primeira reação diante dos problemas e das alegrias. EXCELÊNCIA: Fazer o melhor e cada vez melhor, ser pró-ativo, superar os limites. FLEXIBILIDADE MINISTERIAL: Estar pronto para responder à vontade de Deus para mudar os próprios planos.



Concretizando uma visão de formação integral dada por Deus, oferecemos um treinamento que desenvolve a formação prática de candidatos a fim de pregar o Evangelho de forma eficaz onde Cristo ainda não foi anunciado. Além da aprendizagem nas matérias teológicas e missiológicas, o candidato é preparado simultaneamente nas áreas intelectual, emocional, sentimental e espiritual para enfrentar as dificuldades que surgem no campo; caráter cristão; trabalho em equipe; formação bi-vocacional como professor de língua estrangeira: (espanhol, francês, inglês e outras) visão global e prática transcultural. Atualmente, com um salário mínimo vigente mensal, os estudantes cobrem 50% dos custos básicos. A parte restante vem de recursos levantados por meio de literatura, vídeos e doações de alimentos, tudo isto é promovido em parceria com estudantes, voluntários e obreiros da Horizontes.

D uração :

O Seminário Teológico Missionário Intensivo é dividido em quatro períodos:

I A no :

M onte V erde — MG ou P aragominas - PA;

Sistema Semestral e Intensivo.

2 A no :

PAÍS DE LÍNGUA HISPANA EM UMA DAS NOSSAS BASES

Experiência transcultural, vida em equipe, cultura, linguística, trabalhos sociais,

trabalhos com igrejas locais e aprendizado do espanhol

3

o

A no :

PAÍS DE LÍNGUA INGLESA, FRANCESA OU NA ESPANHA

Preparação para o trabalho na Janela 10-40 e Além.

4° A no :

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EQUIPE DENTRO DE UM PAIS DA JANELA 10-40 E ALÉM

C usto do treinamento no primeiro ano :

MATRÍCULA: U3 do salário mínimo vigente.

CURSO: Um salário mínimo vigente, mensal, cobrindo os custos individuais do curso em si, hospedagem e alimentação.

Para maiores informações: TEU FAX: (35) 3438-1546

e-mail: seminario^ mhorizontes.org . br

End.:

P reencha a ficha a seguir e

ENVIE SEUS DADOS PARA O ENDEREÇO ABAIXO:

STMI - C entro para as N ações

Caixa Postal 420 - Monte Verde - 37653-000 Camanducaia - MG

Outras informações: TEL/FAX: (35) 3438-1546

e-mail: seminano@mhorizontes.org . br

S im , eu quero fazer parte do S emin A rio T eológico M issionário I ntensivo da H orizontes A mérica L atina .

Nome:

Bairro:

Cidade:UF:

CEP:E-mail:

Tel:Data de Nasc.: / / Estado civil:

Igreja/Entidade:

Cargo que ocupa:

Formação:

9

I

o

Grau completo ( ) Sim ( ) Não

• *2° Grau completo ( ) Sim ( ) Não*

• *Superior ( ) Sim ( ) Não • Outros:*

0

E stude em sua própria casa com

P atrick J ohnstone , B ruce O lson , L uís B ush , E dison Q ueiroz , G lenn M yers , N orm L ewis ,

A ndrew M urray , e outros ...

C urso de E specialização em M issões T ransculturais a D istância

São 20 módulos que tratam de assuntos diversos como base bíblica de missões, contextualização missionária, regiões menos alcançadas pelo Evangelho, Janela 10-40, Janela 35-45 (Rota da Seda) índia, Península Arábica, Nômades, Igreja Perseguida, Evangelismo Cronológico, estratégias e métodos de missões transculturais, etc...

Cada módulo é acompanhado de um ou mais livros ou vídeos missionários, com

perguntas indutivas que o levará a ler, refletir, estudar e captar as lições, métodos e estratégias missionárias transculturais a fim de terminar a tarefa de evangelização

mundial em nossa geração.

A visão éprepará-lo para ser um conhecedor de missões transculturais e um mobilizador de missões que possa representar a Horizontes América Latina na sua igreja, em conferências missionárias, etc..

Além de oferecermos o melhor de missões transculturais disponíveis em língua

portuguesa, ao final do décimo módulo você ganhará uma estadia de uma semana em

uma das bases da Horizontes no Brasil, e no final do curso receberá um certificado de conclusão, e uma estadia de uma semana em uma de nossas

bases na América Latina.

Matérias reconhecidas no Seminário Teológico Missionário Intensivo da Horizontes América Latina.

Tempo de duração: 1 a 2 anos.

Horizontes América Latina

Cx. Postal 420 - Monte Verde

Camanducaia - MG - CEP: 37653-000

Tel: (35) 3438-2717- Fax: (35) 3438-1750

cemtd@mhorizontes. org. br

www. mhorizontes. org. br

Horizontes América Latina — Centro Para as Nações

Cx. Postal 420 - Monte Verde — Camanducaia - MG - CEP: 37653-000
Telfax: (35) 3438-1546- contato@mhorizontes.org.br

u/ww. mhorizontes.org . br

COMPROMISSO DE FÉ (por favor , use letra de forma)

HORIZONTES

AMÉRICA LATINA

End:

Caixa Postal: Bairro:

Cidade: UF: Cep:

Data de Nascimento: / / Fone:

E-mail:

Igreja:----------

Função na Igreja:Fone:

Profissão: Fone Comercial:

FIRMO COMPROMISSO DE ME COMPROMETER NA EVANGELIZAÇÃO DOS NÃO ALCANÇADOS E NEGLIGENCIADOS PELA IGREJA.

Contribuindo mensalmente com 5% dos meus rendimentos para o "FUNDO MISSIONÁRIO JANELA 10-40 E ALÉM"
Contribuindo com uma oferta ÜNICAJMENSAL de R$ para o •'FUNDO MISSIONÁRIO /ANELA 10-40 EALÉM"
Orando por aqueles que estão envolvidos com a "JANELA 10-40 E ALÉM".
Participando de uma equipe que entrarã na "JANELA 10-40 EALÉM"
Tomando-me um Mobilizador da Missão, fazendo campanhas de alimentos não perecíveis.
Participando do Curso de Especialização em Missões Transculturais à Distância.
Adotando um Missionário Mobilizador da Missão.
Adotando um seminarista que está preparando-se para Missões Transculturais.
Investindo na construção de Centros de Treinamento no Brasil, ou em outro lugar a critério da Missão.

Não envie dinheiro, deposite sua oferta para:

MISSÃO HORIZONTES - CNPJ: 059.958.983/0001-16

BANCO BRADESCO

AGÊNCIA 1020-0 - CONTA1CORRENTE3474-6

Operação Nômade
UMA MISSÃO RADICAL

“Somos peregrinos e forasteiros neste mundo ” (1 Pe 2:11)

Muitos homens e mulheres de Deus acabam não usando todo o seu potencial para servir a Deus por falta de apoio e incentivo da igreja e de sua liderança. A tendência geral é se acomodar e depois de algum tempo transformar a vida cristã em uma rotina.

Mas a exortação de Jesus é que coloquemos, de faro, a mão “no arado ” (Lc 9:62). Pensando nisso decidimos lançar um desafio que poderá mudar a sua vida também a de muitas outras pessoas que ainda não conhecem o Evangelho de Jesus Cristo.

O projeto NÔMADE surgiu do desejo que ver pessoas comprometidas com o Reino de Deus, que estão dispostas a largar tudo por amor a Deus e serem usadas de maneira especial neste dias. A idéia *é* simples e desafiadora. Tudo o que é necessário é disposição de pregar o Evangelho e submeter-se à vontade de Deus.

O pastor Martin Luther King Jr., vencedor do prêmio Nobel da Paz, sempre defendeu a causa que acredita e deu sua própria vida por ela. Uma de suas frases mais conhecidas é “Porque não podemos esperar ”. Gostaria de fazer destas as minhas palavras diante do grande desafio que temos de alcançar os povos ainda não alcançados, freqüentemente esquecidos e negligenciados pela igreja evangélica.

A Igreja latino-americana é a que mais cresce no mundo, com destaque para o Brasil. Vejamos alguns fatos:

• O Brasil tem a primeira maior igreja evangélica no mundo, 37.000.000, e na América Latina são 75-000.000.

• Estima-se que somente no Brasil há 6500 conversões diárias e quase 2.000.000 anualmente.

• Há mais de 180.000 igrejas no Brasil e o dobro na América Latina.

Mesmo assim o número de obreiros transculturais não é proporcional. A Igreja latino-americana precisa contemplar o grande desafio destes povos. Basta lembrar que:

• Dos 24.000 povos no mundo, 8.000 AINDA não foram alcançados com o Evangelho.

• Dos 251 povos indígenas brasileiros, 92 AINDA não têm missionários.

• Das 7.148 línguas do mundo, a Bíblia AINDA não foi traduzida para 4.215 delas.

• AINDA há países que não tem sequer um crente nacional conhecido, como: Arábia Saudita, Saara Ocidental, Ilhas Maldivas e Catar.

• Das 600.000 cidades e vilas na índia, em 500.000 AINDA não tem obreiros cristãos.

• Na China AINDA existem 500.000.000 de pessoas que nunca ouviram falar de Jesus.

• AINDA morrem 85.000 diariamente sem nunca terem ouvido falar da salvação em Jesus.

V ocê pode fazer com que esses dados mudem .

AINDA há tempo !

Cabe também pergunta quanto nós estamos investindo em missões transculturais?

• A média de investimento do crente brasileiro é de R$ 1,30 por ano.

• Menos de 300 igrejas das 180.000 existentes no Brasil têm um missionário trabalhando com esses povos não alcançados da Janela 10-40 e tribos indígenas brasileiras.

• Menos de 1% dos recursos são investidos na obra transcultural.

• O mesmo quadro ocorre no restante da igreja latino-americana.

Estas informações já são conhecidas da maioria dos líderes denominacionais

brasileiros e latinos, pois temos compartilhado isto pessoalmente e através de literatura, vídeos, cds, etc.

Temos apresentado um projeto de uma “igreja modelo ” a diversos líderes para que possamos dobrar e triplicar o número de obreiros entre os povos não alcançados, mas AINDA não há um comprometimento geral para alcançar os perdidos que estão longe de nós.

Diante deste quadro, temos feito campanhas de oração por obreiros, pedindo ao Senhor da seara que envie homens, filhos de pastores e empresários para serem treinados, pois não lhes faltaria sustento. Temos visto que nossas orações são respondidas, mas a grande maioria que responde a esse desafio de chegar até os lugares mais difíceis e inóspitos da terra não têm sustento integral e a maioria deles é mulher.

Todos os dias pessoas nos procuram querendo ir aos campos não alcançados, mas o maior desafio AINDA é o apoio financeiro de seus pastores e líderes. O que fazer diante disto? As palavras de Martin Luther King Jr ecoam novamenre. Ele disse. “Esperar que Deus foça tudo enquanto nós não fazemos nada isto não é fé, é superstição ”.

Existe, portanto duas situações extremas; de um lado, os milhares que morrem

a cada dia sem nunca terem ouvido falar de Cristo. Do outro lado milhares de pessoas querem folar deste amor, mas não são enviados.

Por isso decidimos fazer uma convocação não apenas nacional, mas também continental.

Nosso desejo é saber quantos candidatos estariam dispostos a viver uma vida muito simples como um nômade, mórar em tendas num sítio, vivendo como soldados, experimentando comidas diferentes, .aprendendo costumes diferentes tais como, usar roupas diferentes, enfim, aprender a viver como as pessoas que desejam alcançar.

Alem disso, propomos a criação de um fundo comum, onde as necessidades são decididas em equipe e as prioridades são a alimentação c o treinamento missionário.

Se você esrá comprometido com a causa missionária entre os não alcançados e está disposto a viver num projeto como este, trabalhando em equipe e disposto a ajudar no levantamento de recursos junte-se a nós.

Se você tem algum sustento da igreja ou de amigos, mesmo que seja uma pequena parte ou mesmo se não possui nada e sua igreja não esteja disposta a investir essa pode ser a sua oportunidade. Estamos dispostos a ajudá-lo a receber treinamento e chegar até o campo.

Gostaria mais uma vez de lembrar as palavras de Martin Luther King Jr: “Eu tenho um sonho ”. Esse sonho é ver a tarefa da evangelização mundial rerminada nesta geração e juntos nos encontrarmos com o Mestre e ouvir suas palavras: “Servo bom e fiel, venha e desfrute do gozo do Senhor ”.

Estamos fazendo um cadastramento prévio. Baste preencher os dados abaixo, desde que preencha os requisitos básicos:

• ser membro atuante de uma igreja evangélica

• ser batizado e ter no mínimo ano de convertido

• ser solteiro ou casado sem filhos

• ter boa saúde e escolaridade mínima do ensino fundamental

Por aqueles que estão esperando a Paz em Jesus,

David Botelho

Operação Nômade — Uma Missão Radical

Cx. Postal 420 - Monte Verde — Camanducaia - MG - CEP: 37653-000

Telefaz: (35) 3438-1546 — nomade@mhorizontes.org.br

www. mhorizontes. org. br

PUBLICAÇÕES

HORIZONTES

AMÉRICA LATINA

Danyun

Mínuai do Mobiliza

Don Richardson, autor de O Totem da Paz e Senhores da Terra, estuda o mundo

muçulmano há mais de trinta anos. Ele c sua esposa Carol, passaram trinta anos entre os s

uma tribo de canibais em Irian Java. Don desenvolveu um alfabeto para a língua sawi, **e**

cartilhas c ensinou os homens da tribo a ler em sua própria língua. Ele também traduziu ti

o Novo Testamento para o sawi. Mais da metade do povo *sauri* aceitou a Jesus como Senh- Salvador. Desde 1977, Don serve como embaixador para a World Team, uma organização missionária. Don é pastor e doutor em Literatura pela Biola University em La Mirada, Califórnia, e fala a mais de 40 conferências a cada ano.

/ Segredos do Alcarfio

Richardson, Don

Camanduçala - Mçnte Verd$ - Minas

wwwjnh orizontçsprg.br] 9 P7ém9PYÕ5676> |

0^X3 Postal 420 ’ C6.P 37.653-000 1000246703924 WaxH35) 3439-1546